

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
DOUTORADO

MARISTEL PEREIRA NOGUEIRA

**O ANTICOMUNISMO NOS JORNAIS:  
CORREIO DO POVO, DIÁRIO DE NOTÍCIAS E ÚLTIMA HORA,  
UMA PERSPECTIVA DE ANÁLISE.**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Claudia Musa Fay

Orientadora

Porto Alegre, RS  
Agosto de 2009

**MARISTEL PEREIRA NOGUEIRA**

**O ANTICOMUNISMO NOS JORNAIS:  
CORREIO DO POVO, DIÁRIO DE NOTÍCIAS E ÚLTIMA HORA,  
UMA PERSPECTIVA DE ANÁLISE.**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Sociedades Ibéricas e Americanas, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e último para obtenção do título de Doutor em História.

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudia Musa Fay**

**Porto Alegre, RS  
Agosto de 2009**

## **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

N778a Nogueira, Maristel Pereira

O anticomunismo nos jornais: correio do povo, diário de notícias e última hora, uma perspectiva de análise / Maristel Pereira Nogueira. – Porto Alegre, 2009.

304 f.

Tese (Doutorado) – Faculdade de História, Pós-Graduação em História das Sociedades Ibéricas e Americanas, PUCRS.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Claudia Musa Fay.

1. Imprensa - História. 2. Anticomunismo. 3. Invasão da Baía dos Porcos - História. 4. Legalidade. 5. Notícias (jornalismo) I. Fay, Claudia. Musa II Título.

CDD 079.81

**Bibliotecário Responsável**  
Ginamara Lima Jacques Pinto  
CRB 10/1204

MARISTEL PEREIRA NOGUEIRA

**O ANTICOMUNISMO NOS JORNAIS:  
CORREIO DO POVO, DIÁRIO DE NOTÍCIAS E ÚLTIMA HORA,  
UMA PERSPECTIVA DE ANÁLISE.**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Sociedades Ibéricas e Americanas, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e último para obtenção do título de Doutor em História.

Porto Alegre, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

DR<sup>a</sup> Claudia Musa Fay (Orientadora – PUCRS)

---

Doutor (a)

---

Doutor (a)

---

Doutor (a)

---

Doutor (a)

Este trabalho é dedicado ao meu marido Adalberto e a minha filha Carolina por sempre acreditarem na minha capacidade e pelo amor e dedicação que me deram ao longo desta jornada.

## AGRADECIMENTOS

*Para que o sonho viva da certeza  
Para que o tempo da paixão não mude  
Para que se una o verbo à natureza.  
(Vinícius de Moraes, Rio, 1944)*

Neste momento vamos tentar lembrar todos os que, ao longo de quatro anos, contribuíram de alguma maneira para o sucesso deste trabalho. É bem possível que a memória falhe e, desde agora, peço desculpas a todos aqueles que, pelo cansaço da mente, não foram mencionados. Serei sempre grata a quem tenha me auxiliado.

Devo iniciar informando que o último semestre não foi nada fácil. Fui chamada para assumir uma vaga de professora na Prefeitura de Campo Bom e tive que aceitar por não poder prorrogar o prazo que já havia sido prorrogado. Sendo assim, os últimos seis meses foram para trabalhar e escrever a tese.

Na vida temos duas famílias: a família a que pertencemos e a família que escolhemos, vou iniciar falando da família a que pertenço. Agradeço imensamente ao meu marido Adalberto, ser humano inigualável, companheiro, amigo, que sempre acreditou que eu seria capaz. Esta pessoa a quem devo muito contribuiu comigo desde a busca de bibliografia até a leitura crítica dos capítulos e correção de português. Tirou férias para poder ajudar mais nos últimos dias, cuidou da casa e me ajudou a corrigir as provas da escola onde leciono, coisa que muito marido não faria. A ti agradeço de coração, emocionada e envaidecida por merecer tão grande dedicação e amor. Agradeço a minha filha, Carolina, outra que abraçou a causa e acreditou que eu conseguiria e que tantas vezes me ajudou com auxílios no português e nas questões de informática. Nos últimos dias, deixando a própria vida de lado, ela se “internou” em casa para colaborar na leitura e correção dos textos. Também te agradeço filha, com um beijo no coração.

Agradeço a compreensão da minha preciosa e grande família que sempre me apoiou e incentivou cada passo que dei. Começo agradecendo minha mãe e companheira Ana Maria, a minha tia e madrinha Cloé e a amiga Francisca Lacerda de Oliveira por entenderem meu afastamento, principalmente nestes seis meses finais e pelo apoio irrestrito ao meu trabalho. Vocês nunca duvidaram de mim. Agradeço de uma forma muito carinhosa a parte da família que é composta por irmãos (as), cunhados (as) e sobrinhos (as) das famílias Pereira e

Nogueira, que sempre me incentivaram e acreditaram em mim. Sem o apoio dessas queridas pessoas, que enriquecem nossa vida, eu não seria ninguém. Como em todo processo de transformação, e fazer uma tese de doutorado nos leva a uma grande transformação, passei por momentos de muita tensão e ansiedade inerentes ao processo. Neste período minha cunhada, Simone Nogueira, tentou me ajudar oferecendo seus serviços de Personal Trainer, cheguei a usufruir por algum tempo depois desisti. Simone obrigada! Eu pretendo voltar e fazer valer a pena teus esforços. Uma família que não pode ser esquecida é a família Scislewski, começando pela Aline Scislewski e Giovani Pedruzzi por serem tão amigos, parceiros, irmãos de jornada; Francisca uma boa ouvinte e conselheira; Gilberto (pai), pela contribuição nas leituras e correção de português; e Gilberto filho pela ajuda no inglês.

Após agradecer àquelas pessoas que me são extremamente preciosas e que, sem elas, eu não estaria escrevendo estes agradecimentos, por não ter concluído a Tese, devo agradecer às demais pessoas que amo e que são a família de amigos que escolhemos, a família do coração. Estes, de algum modo, contribuíram com esse trabalho.

O amigo Rodrigo Santos Oliveira merece um agradecimento especial porque foi a primeira pessoa que acreditou e praticamente me obrigou a fazer a seleção para o doutorado, emprestando livros e sendo um grande amigo. Também sou grata a uma irmã de alma, Thelma C. Oliveira. É uma amiga que me acompanha há mais de trinta anos, mestre em história, nesta reta final foi outra pessoa que contribuiu com questionamentos muito pertinentes sobre o meu trabalho. Também não posso esquecer dos amigos e irmãos Clair e Neusa Mantovani grandes parceiros e apoiadores.

Agradeço aos amigos que conquistei nesta jornada acadêmica e que sempre estiveram de algum modo envolvidos comigo, ajudando e incentivando: Elaine Sodré, Patrícia A. Martins e Vladimir, Gerson Fraga e Vanderlise Barão, Taís Campelo Lucas, Cristina Wolf, Waleska Garbinato, Charles Scherer, Júlia Mattos, Cristian Karam, Bruno Biazetto, Tiago Bernardon e Manuela Pedrozo. Danthe Vartha, Jean Baptiste, Rodrigo Weimer, Angélica Boff, Charles Sidarta, Nara Simone Roehe.

Nessa caminhada alguns amigos foram importantes por me ajudarem me recebendo em sua casa quando viajei, descontraindo nos momentos em que mais precisava, ou simplesmente me ouvindo, seria injusto não lembrar deles: Paulo Martins e Leni Serra, Derli e Wilma Soares e seu filho Douglas, Ricardo Scislewski, Clarice Maurer e sua filhota Marina, Paulo e Laureci Bonfiglio, Jorge e Rosa Pimentel, Seger Azevedo, Zilda Genro, Diva Fraga, Adolfinha Quaresma.

Em março deste ano conheci um grupo de pessoas que passaram a orar por mim. Elas fazem parte do meu grupo de estudos no Centro Espírita Bezerra de Menezes. Lá aprendi sobre o poder da oração e sou imensamente grata a todos que oraram por mim, pedindo a Deus que eu tivesse o necessário para poder concluir este trabalho. São elas: Flavio Rosa, Flavia Terra Lima, Conceição de Fátima Villanova de Oliveira, Graziela Westphalen, Henrique Menezes, Márcia Acosta, Marciani Weiler, Sirlane Pozza, Maria Cecília, Iris, Luis Fernando e Maria Helena.

Faço um agradecimento especial a dois jovens que me socorreram nos últimos dias com traduções, muito obrigado a Elias Costa Marobin e Getúlio Flores Heitling. Também agradeço a amiga Sonia Tons pelo apoio e correção deste trabalho de acordo com a reforma ortográfica.

Aos mestres que encontrei e que são uma referência para mim: Prof. Esp. Luiz Dario, Prof. Dr. Enrique Padrós, Prof<sup>a</sup> Dra. Sandra Maria Lubisco Brancato, Prof. Dr. Helder Silveira, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Núncia Santoro de Constantino. A estes mestres, que foram mais que professores, foram amigos e me ensinaram a olhar o mundo acadêmico e a vida com sabedoria.

Aos funcionários e professores do Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS, em especial a Carla, um beijo no coração. É devido à dedicação e ao esforço de cada um que este Pós recebeu a qualificação de nível 6 da Capes, sendo um curso de excelência internacional.

Por fim, e não menos importante, à minha orientadora, por auxiliar de todas formas possíveis. Aproveito para ressaltar que os possíveis erros devem ser creditados a autora e não à sua orientadora.



## RESUMO

O presente estudo analisa o anticomunismo difundido pela imprensa escrita, em Porto Alegre, durante o início da década de sessenta. Busca identificar e avaliar os mecanismos utilizados no combate ao “inimigo vermelho”. Utiliza como base os jornais *Correio do Povo* (pertencente ao Grupo Caldas Júnior, por ser o mais antigo, o de maior circulação e por liderar as pesquisas de opinião pública entre os jornais mais lidos), o *Diário de Notícias* (pertencente ao Grupo Diários Associados, devido a sua expressividade, pois, na década de sessenta, foi o segundo jornal mais lido entre os matutinos) e o *Última Hora* (o único com tendência mais a esquerda, caracterizando-se por buscar sempre uma postura menos radical, e também porque atingia o terceiro lugar na pesquisa do IBOPE). Esse trabalho mostra como os jornais diários se posicionaram frente ao comunismo e, como o apresentaram para a sociedade porto alegreense. Foi através do estudo do conjunto de mecanismos utilizados no combate ao comunismo que se compreende como o tema foi trabalhado nesse período. Nem todos os jornais se mostraram anticomunistas, neste sentido, sendo necessário perceber os silêncios e as omissões.

O foco do trabalho é o estudo da mensagem e visa identificar o pensamento do emissor, sua intencionalidade e quais as significações que as mensagens fornecem ao leitor. O trabalho usa a análise textual discursiva como forma de tentar entender o universo midiático e suas performances textuais através das quais manifestam suas ideias e ideologias.

Palavras-chave: Imprensa. Anticomunismo. História e imprensa. Relações Internacionais. Invasão da Baía dos Porcos. Crise dos Mísseis. Legalidade.

## ABSTRACT

The present study analyzes the anticommunism spread out by the written press, in Porto Alegre, during the beginning of the Sixties. Seeks to identify and evaluate the mechanisms used in the combat to the "red enemy". It uses as basis the newspapers: Correo do Povo (belonging to the Caldas Júnior Group, being the oldest, with the biggest spread and leading the public opinion pools among the most widely read newspapers), the Diário de Notícias (belonging to the Diário Associados Group, due to its expressivity, because, in the Sixties, it was the second most read newspaper among the morning ones) and the Última Hora (the only one with a more left-wing tendencies, characterized by always find a less radical stance, and also because it was the third place on pools of IBOPE). This paper shows how the daily newspapers positioned themselves front of the communism and, how they had presented it to the porto alegre society. It was through the study of mechanisms used in the fight against communism that we understand how the subject has been worked in that period. Not all the newspapers showed themselves as anti-communists, in this way, being necessary to understand the silences and the omissions.

The focus of this paper is the study of the message and aims to identify the thought of the sender, its intention and which meaning the messages supply to the reader. The paper uses the textual discursive analysis as a way to understand the media universe and its textual performances through which they express their ideias and ideologies.

Key-words: The press. Anti-communism. History and the press. International relations. Invasion of the Bay of the Pigs. Crisis of the missiles. Legality.

# SUMÁRIO

|  |            |
|--|------------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>12</b>  |
| <b>1 REFERENCIAL TEÓRICO, METODOLOGIA E FONTES .....</b>                 | <b>17</b>  |
| 1.1 - REFERENCIAL TEÓRICO: HISTÓRIA E IMPRENSA.....                      | 17         |
| 1.2 - METODOLOGIA.....   | 19         |
| 1.3 - TEORIAS DA COMUNICAÇÃO.....  | 24         |
| 1.4 - CONCEITO DE IMAGINÁRIO SOCIAL.....                                 | 30         |
| 1.5 - REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....   | 36         |
| 1.6 - O COMUNISMO .....  | 38         |
| 1.7 - ANTICOMUNISMO.....   | 41         |
| 1.8 - AS AGÊNCIAS NOTICIOSAS E SUA IMPORTÂNCIA .....                     | 45         |
| 1.9 - A IMPRENSA NO RIO GRANDE DO SUL E A ELITE ALFABETIZADA. ....       | 47         |
| 1.9.1 - <i>A imprensa</i> .....  | 49         |
| 1.9.2 - <i>Breve Histórico das fontes escolhidas</i> .....               | 51         |
| 1.9.3 - <i>As Fontes</i> .....   | 55         |
| <b>2 - QUESTÕES INTERNACIONAIS .....</b>                                 | <b>57</b>  |
| 2.1 - GUERRA FRIA E O DEBATE INTERNACIONAL, CONCEITUAÇÕES TEÓRICAS ..... | 57         |
| 2.2 - HISTÓRICO DE CUBA. ....  | 73         |
| <b>3 A INVASÃO DA BAÍA DOS PORCOS .....</b>                              | <b>76</b>  |
| 3.1.1 - <i>Correio do Povo</i> .....                                     | 77         |
| 3.1.2 - <i>Diário de Notícias</i> .....                                  | 99         |
| 3.1.3 - <i>Última Hora</i> .....   | 131        |
| <b>4 - CRISE DOS MÍSSEIS .....</b>                                       | <b>145</b> |
| 4.1.1 <i>Histórico</i> .....   | 145        |
| 4.1.2 <i>Correio do Povo</i> .....                                       | 147        |
| 4.1.3 <i>Diário de Notícias</i> .....                                    | 175        |
| 4.1.4 <i>Última Hora</i> .....   | 191        |
| <b>5 - O ANTICOMUNISMO NA CONJUNTURA NACIONAL .....</b>                  | <b>212</b> |
| 5.1 - CONTEXTO HISTÓRICO E A TRAJETÓRIA POLÍTICA DE JOÃO GOULART .....   | 212        |
| 5.2 PORTO ALEGRE NA DÉCADA DE SESSENTA. ....                             | 225        |
| 5.3 A RENÚNCIA E A LEGALIDADE.....                                       | 227        |
| 5.4 - MOVIMENTO DA LEGALIDADE VISTO PELOS JORNAIS .....                  | 231        |
| 5.4.1 - <i>Correio do Povo</i> .....                                     | 231        |
| 5.4.2 - <i>Diário de Notícias</i> . ....                                 | 244        |
| 5.4.3 - <i>Última Hora</i> .....   | 264        |
| <b>6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                    | <b>280</b> |
| <b>BIBLIOGRAFIA.....</b>   | <b>287</b> |

# INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

Quando pesquisamos os jornais *Correio do Povo*, *Diário de Notícias* e *Última Hora* para nossa dissertação de mestrado, entre 2002 e 2004, percebemos que havia diferenças entre eles. Neste trabalho de pesquisa nosso objeto eram os jornais fazendo a cobertura de um importante evento esportivo. As diferenças percebidas só apareceram de forma mais explícita quando aplicamos o método de Viollet Morin. Este método de análise decodifica os textos em Unidades de Informação- UI, tonalizando cada unidade em negativa, positiva ou neutra. Após a identificação das Unidades de Informação elas são balanceadas e, por exemplo, é possível afirmar com certeza se um jornal tem tendência à esquerda ou é anticomunista. Este método deve ser aplicado em eventos curtos, em eventos longos ele se torna exaustivo, quase inviável em função do volume de fontes. Como os eventos esportivos não devem ser políticos, somente com este método foi possível perceber as inclinações de cada jornal que emergiram quando o levantamento das Unidades de Informação ficou concluído.

Entretanto, como pesquisadores curiosos que somos, quando nos deparamos com as fontes, não ficamos restritos ao evento a ser pesquisado e fizemos o que Bardin (1977) chama de *Leitura Flutuante*<sup>2</sup>, em todo o corpo dos jornais pesquisados. Neste processo, percebemos que havia diferenças envolvendo questões políticas, sendo que alguns jornais publicavam determinadas matérias e outros não. Também percebemos que o significado da informação de um jornal era diferente em outro jornal. Assim, ficamos bastante curiosos em saber se o que percebemos durante esta pesquisa se confirmaria, se trabalhássemos pesquisando sobre eventos políticos em diferentes momentos da história. Foi desta forma que nasceu o desejo de verificar o anticomunismo nos jornais de Porto Alegre. Trabalharemos com os Jornais *Correio do Povo*, *Diário de Notícias* e *Última Hora*, procurando evidenciar quais as estratégias usadas por cada jornal para defender suas ideias. Percebemos também haver uma diferença entre o

---

<sup>1</sup> As citações estão na grafia original.

<sup>2</sup> A primeira atividade consiste em estabelecer contacto com os documentos a analisar e em conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações. Esta fase é chamada de leitura "flutuante", por analogia com a atitude do psicanalista. Pouco a pouco a leitura vai se tornando mais precisa, em função de hipóteses emergentes, da projeção de teorias adaptadas sobre o material e da possível aplicação de técnicas utilizadas sobre materiais análogos. (BARDIN, 1977, P. 96)

Última Hora e os outros dois jornais escolhidos. Assim, pretendemos identificar como esta diferença se coloca nas questões do anticomunismo e nos eventos escolhidos.

Ao iniciarmos nosso trabalho, devemos sempre ter em mente que tudo que é produzido tem a subjetividade de quem o produz, neste caso, do jornalista que escreveu o texto e do historiador que o interpreta. A metodologia escolhida procurou dar conta de um arsenal maior do que simplesmente deter-se aos textos, mas procuramos também dar atenção às configurações dos jornais, sua diagramação, os detalhes que não seriam percebidos se nós ficássemos presos ao texto. Por exemplo: notícias que se referem a Fidel castro como o grande mal, sendo criticado por diversos países estavam estampadas na capa do jornal; as notícias de apoio a Fidel Castro foram colocadas, estrategicamente, no interior do jornal, de forma discreta. Este tipo de postura do jornal já é um indicativo a ser observado que, somado a outros, nos mostrará a real postura política deste periódico. A escolha dos documentos deu-se durante a pré-análise<sup>3</sup>, também nesse momento fizemos a limitação do universo a ser trabalhado.

Esta é uma pesquisa que se insere em História e imprensa e, para poder desenvolvermos nossa proposta de trabalho, faremos uso de teorias de outras disciplinas objetivando melhorar a qualidade da pesquisa. Trabalharemos com o conceito de imaginário social, não só já amplamente trabalhado na História, mas, também, na sociologia e utilizaremos a Teoria de Agendamento tomada emprestada da Comunicação Social

Para este trabalho de pesquisa, optamos por limitar nosso período de investigação a partir do início dos anos sessenta em função de ter acontecido três grandes eventos políticos neste período. São eles: A invasão da Baía dos Porcos em abril de 1961, o Movimento pela Legalidade em agosto do mesmo ano e a Crise dos Mísseis em outubro de 1962. Escolhemos estes eventos em função da sua importância política para o Brasil e dois destes eventos também foram importantes para o mundo, a Invasão da Baía dos Porcos e a Crise dos Mísseis. A seguir, explicamos e justificamos cada evento escolhido.

O mundo, na década de 50, em especial no final deste período, vivia sob a perspectiva do holocausto no planeta. Quando, apesar das duas potências (EUA e URSS) tentarem afrouxar as tensões da guerra fria<sup>4</sup>, a revolução Cubana surgiu como um novo foco de tensão. Em 1959, após dois anos de guerrilha, Fidel Castro e seus companheiros conseguiram

---

<sup>3</sup> Fase de organização propriamente dita. Corresponde a um período de intuições, mas, tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise. (BARDIN, 1977, p.95)

<sup>4</sup> O afrouxamento da tensão entre os EUA e a URSS ficou conhecido como *détente*

conquistar o poder em Cuba, obrigando o presidente Fulgêncio Batista a fugir do país. Fidel e seus camaradas assumem, então, o poder e passam a adotar medidas governamentais que desagradam os EUA. Os norteamericanos, que tinham muitos investimentos na ilha sentiram-se prejudicados. Entre as principais medidas que desagradaram estão a nacionalização de todas as empresas, usinas, indústrias e refinarias. Em janeiro de 1961, quando assume o presidente John Kennedy, os EUA romperam relações diplomáticas com Cuba. Em abril do mesmo ano a ilha sofre um ataque de uma força contrarrevolucionária anticastrista treinada pela CIA (Agência Central de Inteligência Norteamericana). A invasão teve início no litoral sul, na baía dos Porcos. O objetivo da invasão era derrubar o governo de Fidel Castro e estabelecer um novo governo liderado por José Miró Cardona, professor universitário em Havana, após exilar-se nos EUA, foi escolhido como o novo presidente pelos contrarrevolucionários, estes, pretendiam instalar-se em Cuba por meios militares. O episódio foi noticiado em todo o mundo e envolveu as duas maiores potências da época EUA e URSS. A invasão da Baía dos Porcos é importante porque acontece dois anos após Fidel Castro tomar o poder em Cuba e os países da América Latina foram envolvidos e chamados a se posicionarem politicamente. Além do enfrentamento das duas maiores potências aumentando as tensões em torno da possibilidade de uso de armas nucleares. Neste episódio temos o enfrentamento do capitalismo em oposição ao comunismo, assim é de se supor que os jornais tenham deixado transparecer suas posições políticas sobre o evento e se aproveitaram para transmitir mensagens anticomunistas aos seus leitores.

A crise dos Mísseis foi um evento de grande envergadura política, envolveu debates acirrados na Organização das Nações Unidas - ONU, na Organização dos Estados Americanos – OEA. O mundo inteiro participou do debate político envolvendo a instalação de uma base de mísseis nucleares em Cuba. Novamente o embate capitalismo (EUA) em oposição ao comunismo (URSS) acontece. Este evento pode ser considerado como o evento em que a população do planeta realmente esteve muito próximo do uso de armas nucleares, a corrida armamentista estava no seu grau máximo. Em 1962 a União Soviética passou a fornecer armas para a defesa de Cuba, as razões para este envio de armas, ainda não estão totalmente esclarecidas pelos historiadores. Alguns afirmam que foi em função da Invasão da Bahia dos Porcos visando apoiar Fidel Castro, já outros autores discutem que Cuba tornou-se uma espécie de álibi internacional para Moscou. A revolução Chinesa (1949) ocorre num momento em que a União Soviética negocia um acordo com o ocidente e, os chineses são uma ameaça ao equilíbrio político mundial. Em 1960 após alguns atritos com Mao e sua política de

“comunização radical”, a União Soviética retira seu apoio tecnológico da China. Para não ser chamado de revisionista pelos chineses Kruchev se dispôs a ajudar Fidel Castro fornecendo armas e foguetes, além de comprar as cotas de açúcar que os Estados Unidos deixaram de comprar. Em outubro de 1962, os norte-americanos descobrem as bases de foguetes russos em solo cubano e impõe um bloqueio a Ilha, impedindo a chegada de novas armas. Esta atitude leva novamente ao confronto entre as duas potências que ameaçam o uso de armas atômicas, caso tenham que se enfrentar no caso de guerra. A União Soviética defendia o direito de Cuba se proteger estando tão perto de um país que já a havia invadido antes. Já os Estados Unidos não aceitavam armas nucleares tão próximas de seu território. Praticamente todos os países do mundo se envolveram nesta questão. A ONU teve que se envolver, A OEA foi convocada a tomar uma providência, a América Latina como um todo foi envolvida nesta questão. Além disso, a China invade a Índia provocando inúmeras discussões sobre a agressividade dos comunistas chineses. O que só contribuiu para aumentar o clima de desconfiança entre as potências. Observando o nível de oposição a que chegaram EUA e URSS, levando o mundo a pensar em holocausto da raça humana, é possível supor que os jornais tenham um vasto material sobre as questões a respeito de comunismo e anticomunismo produzidas durante a cobertura do evento. Notícias opinativas, editoriais, etc., são alguns elementos que pretendemos analisar ao longo da pesquisa.

Já nos referimos aos eventos internacionais que paralisaram o mundo e envolveram o Brasil, agora trataremos do grande evento Brasileiro que surpreendeu o mundo. Em 1961 Jânio Quadros é eleito Presidente da República tendo como vice-presidente João Goulart (Jango). Durante os sete meses e meio em que exerceu a presidência, Jânio demonstrou ser um presidente mais autônomo que os demais presidentes nas questões políticas. Uma decisão que levou muitos a se questionarem foi a de condecorar Che Guevara com a ordem máxima do Brasil. Outra decisão que estava desagradando muitos anticomunistas era a política externa que aproximava comercialmente o Brasil da União Soviética e da China Comunista. Em agosto de 1961 Jânio Quadros renuncia a presidência do Brasil, seu vice-presidente está viajando em missão visando acordos comerciais com a República Popular da China. Então assume o poder o Sr. Rainieri Mazilli que termina sendo pressionado pelos Ministros militares para não dar posse ao vice-presidente. Neste momento histórico do Brasil, tem início no Rio Grande do Sul um movimento conhecido como Movimento da Legalidade, liderado pelo governador do Estado Leonel Brizola. Este Movimento se espalha pelo país e os Ministros militares são obrigados a recuar e a aceitar uma proposta conciliatória que prevê uma

alteração na constituição e o Brasil passa a ter um regime parlamentarista, do tipo alemão<sup>5</sup>, tendo como Presidente o Sr. João Goulart e como Primeiro Ministro o Sr. Tancredo Neves. Durante todo o processo desde a renúncia de Jânio Quadros até que João Goulart assumisse a presidência, os jornais porto-alegrenses fizeram uma ampla cobertura. Pretendemos extrair destes jornais o que sobre o comunismo ou o anticomunismo transpareceu nas matérias. Este evento mobilizou o Brasil inteiro, todos queriam informações e os jornais eram um excelente meio de se obter informações sobre o que estava ocorrendo. Assim, podemos pensar que estes também aproveitaram para deixar se manifestar suas tendências ideológicas.

O nosso primeiro capítulo será dedicado às questões teóricas, começando com o nosso referencial teórico, explicar a metodologia, as fontes, revisão bibliográfica, teorias da comunicação, conceito de imaginário social, explanaremos sobre o comunismo e anticomunismo e também sobre as agências noticiosas e a imprensa.

No capítulo dois trataremos das questões internacionais, para isto abordaremos a Guerra Fria e um pouco da História de Cuba. Na seqüência trataremos da Invasão da Baía dos Porcos, apresentando um breve histórico inicial para depois analisar cada jornal separadamente. Posteriormente abordaremos a Crise dos Mísseis, também iniciando com um breve histórico sobre o tema e na seqüência a análise de cada jornal.

No capítulo três trataremos da questão nacional, iniciaremos apresentando um contexto histórico do Brasil onde buscamos relacionar as questões que tanto acompanharam a imagem de João Goulart ao longo de sua carreira política. Abordaremos a questão dos sindicatos e a sua aproximação com os comunistas e anarquistas. Discorreremos sobre a atuação de Jango no governo Vargas como Ministro do Trabalho, sua passagem pelo governo de Juscelino Kubitschek como Vice-presidente, bem como a reação dos militares já demonstrando resistência a João Goulart. Até chegarmos às eleições em que Goulart vence para Vice-presidente juntamente com Jânio Quadros como Presidente da República. Também situaremos o leitor sobre a cidade de Porto Alegre, uma vez que o Movimento da Legalidade se inicia na cidade. E finalmente abordaremos a renúncia e o processo que envolveu este evento político tão importante para a cidade.

Nosso capítulo quatro finalmente é dedicado às considerações finais a respeito desta pesquisa, são as nossas conclusões e observações.

---

<sup>5</sup> O presidente e o primeiro ministro são nomeados pelo Congresso Nacional, e as atribuições, que antes eram pertinentes ao regime presidencial, passam a ser de responsabilidade do executivo.



# 1 Referencial teórico, Metodologia e Fontes

## 1.1 - REFERENCIAL TEÓRICO: História e Imprensa.

Este trabalho está contido no estudo de História e Imprensa e Nova História. Acreditamos que o historiador deve pensar nas formas de atuação da imprensa comercial<sup>6</sup> como um elemento pertencente e atuante dentro da sociedade e que precisa ser cuidadosamente estudado. Os textos produzidos pelos jornalistas, na sua prática social, não deixam de ser discursos<sup>7</sup> determinados pelo contexto sócio-histórico no qual estão inseridos. Isso nos leva a indagar sobre as construções simbólicas que estes jornalistas e os jornais criaram: que concepções eram frequentemente passadas à sociedade? Assim, para desenvolvermos nosso trabalho faremos uso de teorias de outras disciplinas, tais como as teorias da comunicação social e sociologia, objetivando ampliar as condições de análise do material obtido.

Cabe neste momento discutir que notícias são relevantes a ponto de se tornarem publicáveis. Pierre Nora (1976) nos mostra que um acontecimento só se torna histórico se reconhecido pelo público quando este vem à tona através das mídias<sup>8</sup>. “Não basta ter acontecido para se tornar histórico. Para que haja acontecimento é necessário que seja conhecido”(Nora, 1976, p. 181) De acordo com Nora, as mídias são a condição da existência dos acontecimentos. Trabalhar com História Contemporânea tendo como fonte a imprensa é, para o historiador, algo extraordinário desde que possamos balizar as práticas sociais do jornalismo como pesquisadores. A compreensão do contexto onde o jornal está inserido, sua atuação, tendências e práticas ao longo do período são indícios importantes a serem considerados.

---

<sup>6</sup> Não inclui neste estudo a imprensa partidária ou vinculada à igreja, folhetos, revistas, etc.

<sup>7</sup> A palavra discurso está sendo usada no sentido de ser uma exposição metódica sobre determinado assunto.

<sup>8</sup> Mídia é o nome usado em Comunicação Social para designar as empresas de comunicação e seus profissionais.

Ainda Segundo Nora, se antes quem elevava o acontecimento ao patamar de fato histórico era o historiador e o passar do tempo, hoje ele se oferece através das mídias que impõem “o vivido como história, e que o presente nos impõem em maior grau o vivido”. Sobre acontecimento e fato Nora (1976, p. 184-185) diz o seguinte:

A diferença entre os dois fenômenos é teoricamente bastante nítida. O acontecimento pertence por natureza a uma categoria bem catalogada da razão histórica: acontecimento político ou social, literário ou científico, local ou nacional, seu lugar se inscreve nas rubricas dos jornais. Mas no interior de sua categoria bem marcada, o acontecimento se faz assinalar por sua importância, a novidade da mensagem, tanto menos indiscreto quanto menos banal. O fato cotidiano ocupa um lugar simetricamente inverso: afogado no que se encontra espalhado, fora de categoria, consagrado ao inclassificável e ao que não é importante, remete, por outro lado, a um conteúdo estranho a um contexto de convenções sociais, pela lógica de uma causalidade seja corrompida (do tipo: uma mãe assassina seus quatro filhos) seja trocada (do tipo: Um homem morde seu cão). É essa relação teórica que se esfuma. Não que não haja mais diferença entre o fato cotidiano e o acontecimento; mas sobre qualquer acontecimento no sentido moderno do termo, o imaginário de massa quer poder enxertar qualquer coisa do fato cotidiano: seu drama, sua magia, seu mistério, sua estranheza, sua poesia, sua tragicomicidade, seu poder de compensação e de identificação, o sentimento da fatalidade que o acompanha, seu luxo e sua gratuidade. O imaginário pode, dessa forma, apropriar-se de qualquer fato cotidiano – o caso Dreyfus como maio de 68 – e fazê-lo atravessar, pelas mudanças de acontecimentos sucessivos, o cabo do acontecimento mais maciço, no momento em que a história faz sentir sua degradação em fatos cotidianos.

Nora, ao falar da lógica trocada, está fazendo referência ao pensamento de “Amus Cummings, ex-editor do New York Sun, segundo o qual ‘ se um cachorro morde um homem, não é notícia, mas, se um homem morde um cachorro, é notícia.’ A frase quer indicar a anormalidade, a excepcionalidade como valor notícia básico.” (MOTTA, 2002, p. 307) Para o editor do New York Sun notícia seria tudo que fugisse do normal, aquilo que fosse excepcional, diferente, “teria que representar um rompimento com a ordem natural das coisas” (MOTTA, 2002, p. 307) e o autor questiona este pensamento afirmando que “ a noticiabilidade é constituída pelo conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos para adquirirem a existência pública de notícia.” (MOTTA, 2002, p. 308) Este conjunto de requisitos elevaria o fato ao estatuto de notícia. Sendo ela a versão do fato, nosso foco está centrado. Na forma como são apresentadas, que conceitos são trabalhados, porque alguns fatos são publicados em um jornal e não em outro.

## 1.2 - *Metodologia*

Optamos pela análise textual discursiva como forma de tentar entender o universo midiático e suas performances textuais através das quais manifestam suas ideias e ideologias. Segundo Moraes (2007, p. 94):

Produto final de uma análise textual discursiva é um metatexto (Navarro; Diaz, 1994), expressão por meio da linguagem das principais ideias emergentes das análises e apresentação dos argumentos construídos pelo pesquisador em sua investigação, capaz de comunicar a outros as novas compreensões atingidas.

Essa produção escrita, concretizada a partir das análises e interpretações de uma investigação, não constitui expressão objetiva dos conteúdos de um “corpus” de análise, mas representa construções e interpretações pessoais do pesquisador, tendo sempre como referência uma fidelidade e respeito às informações obtidas com os sujeitos da pesquisa.

As produções textuais, elaboradas pelo pesquisador a partir de suas análises, incluem inferências dos textos analisados aos seus contextos. Seja a partir de processos indutivos ou intuitivos, o pesquisador, mediante a inferência, ousa ir além do que é evidenciado diretamente, movimento de abstração que garante relevância teórica ao trabalho realizado. Nesse exercício de produção de novos significados é importante levar em conta os contextos históricos e as situações concretas em que os dados analisados foram produzidos.

Quando analisamos o jornal estamos trabalhando sobre o discurso que o mesmo faz. Entendemos o discurso como o campo da linguagem onde encontramos os enunciados<sup>9</sup>, a produção do texto jornalístico e a diagramação das páginas dos jornais. O discurso, para nós, a partir deste momento, deixa de ser apenas o que está escrito nas notícias e passa a ser o corpo do jornal como um todo. Este é um método qualitativo, onde a escolha dos textos é por amostragem. Nosso trabalho procurará deter-se na lógica interna dos textos jornalísticos, na diagramação dos jornais, no uso da imagem, em suma, no corpo todo da página do jornal estudado, ou em partes deste, visando identificar possíveis construções que possam conduzir o leitor a uma interpretação específica.

Para este trabalho, adaptaremos a metodologia proposta por Moraes (2007), onde os textos escolhidos passam por um processo de unitarização, ou desmontagem, que implica em examinar seus detalhes, buscando atingir unidades constituintes. Isso significa fazer uma

---

<sup>9</sup> Enunciado no sentido de título das notícias, aquele que exprime, faz uma proposição.

leitura buscando o significado do texto, quais os sentidos que o mesmo permite construir. Sobre a leitura e significação, Moraes (2007, p. 13) afirma o seguinte:

Ao iniciar uma discussão de análise qualitativa, precisamos ter presente a relação entre leitura e interpretação. Se um texto pode ser considerado objetivo em seus significantes, não o é nunca em seus significados. Todo texto possibilita uma multiplicidade de leituras, leituras essas relacionadas com as intenções dos autores, com os referenciais teóricos dos leitores e com os campos semânticos em que se inserem.

Segundo este autor, a análise textual opera com significados construídos a partir de um conjunto de textos. Também afirma que “toda leitura já é uma interpretação e que não existe uma leitura única e objetiva”. Nossa leitura tem a interpretação que compreendemos como pesquisadores, assim como, também o leitor do jornal no período estudado tem sua própria leitura, conforme o contexto em que está inserido. O próximo passo é o estabelecimento de relações. É nesta etapa que podemos estabelecer as categorizações, ou seja, reunir elementos próximos resultando daí as categorias de análise.

Para podermos captar os elementos de uma mensagem jornalística, sabemos que ela não se identifica apenas com o código lingüístico, há todo um conjunto que precisa ser observado. Medina (1988), ao tratar dos elementos de composição de uma mensagem, nos oferece uma possibilidade de análise da linguagem jornalística bastante enriquecedora. Podemos dizer que os jornais orientam, constroem significados em torno das suas matérias. Essas, ao passarem a informação ao público, lidam com valores que, inseridos no conjunto diagramado do jornal, são absorvidos pelo leitor. Segundo Medina (1988, p. 91):

Se os jornais impressos têm uma tradição histórica predominantemente lingüística, a mensagem não se formula apenas pelos recursos verbais. Na realidade, os signos lingüísticos representam um espaço muito significativo na página impressa, mas ao lado, ou melhor, inter-relacionados com eles estão outros signos (fotografias e ilustração). Esse acréscimo, indispensável, ainda não completa o quadro possível de formulação da mensagem: palavra e imagem se articulam num espaço gráfico composto com destaques de cor, preto e branco, relevo de blocos densos e áreas livres, dimensões físicas de tipos (das famílias tipográficas), ordenação hierárquica por áreas físicas de valor visual. Tudo isso, que simplesmente se chama diagramação ou planejamento gráfico, compõe mais um ângulo de análise da linguagem jornalística. Nesta perspectiva, ela é composta de elementos verbais, de imagens e de relações de espaço gráfico entre uns e outros.

Medina propõe olharmos essa forma de compor a mensagem. O jornalista pode apropriar-se de qualquer fato do cotidiano e transformá-lo em acontecimento. Contudo a noticiabilidade deve ser constituída de diversos fatores, tais como: as pessoas envolvidas, o tema, o impacto, a significância. Sobre o tema, Motta (2002, p. 316) afirma:

Ao relatar o acontecimento, diz Rodrigues, a mídia produz ao mesmo tempo um novo acontecimento que vem integrar o mundo. Os meta-acontecimentos discursivos pressupõe um ponto de vista particular, o do enunciador, impregnado de dimensões avaliativas, prescritivas e valorativas. Não há assim, objetividade possível. Há antes dispositivos objetivantes operados pelo instrumental técnico da mídia. Os valores de credibilidade, de sinceridade, de clareza, de justeza, de coerência, de correção, de satisfação e de aceitação são atos inerentes ao discurso inseparáveis. A escolha dos termos, a ordem de apresentação, a seleção dos fatos pressupõem inevitavelmente a existência de juízos de valor. Tudo isso portanto recria o real e se transforma num novo real.

Motta (2002) concordando com Medina, afirma que, desta forma, as notícias assim estabelecidas vão oferecer aos seus leitores novas mensagens contendo os valores ideológicos das empresas de comunicação estudadas: as mídias, suas compreensões de mundo e suas criações simbólicas.

Os mecanismos de comunicação são constituídos por emissor (jornal, jornalista, locutor) que pode ser um grupo de pessoas ou um indivíduo apenas. Bardin (1977) afirma que se pode pensar a hipótese de que a mensagem exprime e representa o emissor. O estudo da mensagem é o foco de nosso trabalho, que visa identificar o pensamento do emissor, sua intencionalidade e quais significações as mensagens fornecem ao leitor. Pensando e analisando quais as significações que as mensagens fornecem ao leitor poderemos extrair os valores das mesmas através dessas análises.

Neste trabalho de pesquisa, ao fazermos a leitura flutuante, observamos diversas categorias de análise<sup>10</sup>, para isto trabalharemos com o que Moraes (2007, p. 24) chama de método intuitivo:

Entendemos que se pode descrever ainda um terceiro método de produção de categorias, denominado intuitivo. Chegar a um conjunto de

---

<sup>10</sup> No sentido de estabelecer um conjunto de ideias e concepções sobre o comunismo.

categorias por meio de intuição exige integrar-se num processo de auto-organização em que, a partir de um conjunto complexo de elementos de partida, emerge uma nova ordem. O processo intuitivo pretende superar a racionalidade linear que está implícita tanto no método dedutivo como no método indutivo e defende que as categorias tenham sentido a partir do fenômeno focalizado como um todo. As categorias produzidas por intuição originam-se de inspirações repentinas, “insights” que se apresentam ao pesquisador a partir de uma intensa impregnação nos dados relacionados aos fenômenos. Representam aprendizagens auto-organizadas que são possibilitadas ao pesquisador com base em seu envolvimento intenso com o fenômeno que investiga.

Para que possamos avaliar e compreender melhor o processo desenvolvido pelos jornais, também poderemos fazer uso dos métodos dedutivos (partindo do geral para o particular) e do método indutivo (partindo do particular para o geral) combinados, o que nos possibilitaria a melhor utilização do método intuitivo.

Como cada categoria de análise não aparece apenas em uma notícia isoladamente, mas duas ou três categorias na mesma notícia, decidimos apresentar o trabalho distribuído por evento e por jornais. Assim, o processo de apreciação ocorrerá sem a necessidade de se repetir diversas vezes a mesma notícia em função de conter mais de uma categoria de análise, neste caso nos deteremos em apenas algumas que são as mais significativas.

Vamos dividir o trabalho em momentos históricos que ponderamos serem importantes e onde confiamos que estas categorias de análise possam surgir com maior intensidade.

No âmbito internacional selecionamos a Invasão da Baía dos Porcos e a Crise dos Mísseis em função de ocorrerem na América Central e estar muito próximo do Brasil.

No contexto nacional escolhemos o Movimento da Legalidade por ser um movimento que envolveu todo o país numa discussão política intensa.

As categorias de análise eleitas serão apenas quatro para melhor encaminhar o trabalho.

Comunismo x Família: Neste segmento os anticomunistas vão afirmar que o comunismo divide as famílias, colocando pais e filhos em oposição e em situação de delação de uns para com os outros. Aqui as questões de ética e moralidade são sempre levantadas e as consideraremos como uma subcategoria desta.

Comunismo x Democracia: Preocupa-se em demonstrar a ação do estado totalitário que julga e mata aqueles que se opõe a ele, associa o comunismo ao totalitarismo na sua pior acepção. Enquadram-se nesta categoria outras subcategorias, tais como as questões de opressão e crueldade; também temos o comunismo em oposição à questão da liberdade, do direito de ir e vir.

Comunismo x Bem: Nesta categoria o trabalho dos anticomunistas é o de demonstrar a oposição do comunismo como o mal em geral, tudo de ruim está com os comunistas, são traiçoeiros, odeiam, estando sempre prontos a atacar em oposição ao bem, o amor, à amizade, à fidelidade, à confiança na ética, às coisas corretas e que seriam elementos da sociedade democrática. Também podemos colocar nessa categoria uma subcategoria que estabelece o comunismo como pagão, demonizado em oposição à religião. Por não acreditarem em Deus são o mal e associados ao diabo. Segundo Sá Motta (2002), o anticomunismo ligado às questões religiosas constituiu-se uma base forte na sociedade brasileira.

Comunismo x Propriedade Privada: O comunismo tiraria das pessoas o direito à propriedade privada, todos os bens seriam confiscados para pertencerem ao Estado, este determinaria onde e como as pessoas vão habitar, como vão trabalhar sem poder amealhar bens através de processos capitalistas já conhecidos como os da livre concorrência, direito de crescer e progredir.

Para demonstrar como estas categorias aparecem no contexto dos jornais, procurarei destacar, sempre que possível, onde se encontram e qual elemento da categoria se destaca, mesmo correndo o risco de ser repetitiva.

A escolha das matérias se opera de acordo com a forma como forem sendo apresentadas pelo jornal sendo que as notícias opinativas<sup>11</sup> são a primeira opção, seguidas daquelas que, apesar de não parecerem opinativas, apresentam alguma composição que demonstre opinião definida.

---

<sup>11</sup> O jornalista não é um mero informante. Nos setores da reportagem político-administrativa, econômico-sindical, desportiva e até mesmo social, em páginas ou colunas especializadas, como na redação de artigos e editoriais e na sustentação de campanhas e polêmicas, reclama-se do profissional a transmissão tanto da informação como do comentário; que narre o fato, mas opine sobre ele. (BELTRÃO, 1980, P. 43). Assim a notícia opinativa será aquela que aparece a opinião do jornal ou do jornalista.

### **1.3 - Teorias da comunicação**

Como a imprensa (jornais) foi escolhida como fonte de pesquisa, devemos sempre lembrar que, concordando com a afirmação de Bourdieu (1977) sobre o campo jornalístico, os meios de comunicação estão sujeitos às variações do mercado, ao jogo de interesses dos grupos que os sustentam, conhecidos como grupos de pressão e da classe que representam. Em suma, não devemos tomar a fonte *per si, pois é* importante que, como pesquisadores, possamos balizar as práticas sociais do jornalismo. Dessa forma a compreensão do contexto onde o jornal está inserido, sua atuação, tendências e práticas ao longo do período, são indícios importantes para a nossa análise, como veremos a seguir.

O jornalista é um profissional que deve sempre informar os fatos com objetividade, todavia neste procedimento ele seleciona o que será informado, como será dito e a angulação que será dada à notícia. Todo discurso traz dentro de si uma ideologia pré-concebida. Mesmo que este processo seja inconsciente por parte do profissional, a subjetividade das suas escolhas já denota um sentido à matéria a ser publicada, pois a subjetividade é inerente ao ser humano. Quando se refere a imprensa, Motter (1990, p. 55) afirma o seguinte:

A imprensa é uma das fontes de que se serve. Fonte sujeita a múltiplos comprometimentos pela ambivalência de se situar como espaço privado, ou seja, pela sua característica de constituir-se em empresa inserida no sistema capitalista – já que é esse tipo de imprensa que nos preocupa com todas as conseqüências que isso pode acarretar, por um lado; e por outro, propondo ser um espaço de liberdade, estabelecer a intermediação entre governantes e governados, porta-voz desses últimos e defensora de seus interesses.

Consideraremos o fato de o jornal estar sujeito aos grupos de pressão que o sustentam (acionistas e anunciantes). Estes têm uma ideologia e esta deve ser respeitada o máximo possível pelo veículo de comunicação. Assim, uma notícia que vá de encontro às suas crenças não será publicada, ou sofrerá censura prévia. Arbex Júnior (2002, p.103) demonstra como isto pode transparecer:

Qualquer crítica séria da mídia deve ter como pressuposto, necessariamente, a ‘desnaturalização’ dos fatos e das notícias apresentadas enquanto tais pela mídia. ‘Fatos’ e ‘notícias’ não existem por si só, como entidades ‘naturais’. Ao contrário, são assim designados por alguém (por



exemplo, por um editor), por motivos (culturais, sociais, econômicos, políticos) que nem sempre são óbvios. Mas essa operação fica oculta sob o manto mistificador da suposta 'objetividade jornalística'.

Como podemos perceber o fato só se torna notícia porque alguém assim determinou, quando não há interesse em que um fato se torne notícia, este não é publicado, ou o jornal procura minimizar ou subdimensionar sua importância quando não pode se omitir devido a sua gravidade. Podemos chamar esta ação de manipulação de informação.

Também devemos levar em conta a política editorial de cada jornal. O editor de um jornal representa o grupo mantenedor do mesmo e é sobre ele que recai a responsabilidade de controlar a opinião do jornal. Segundo Beltrão (1980) o editor é ao mesmo tempo um agente cultural e um empresário. Cabe ao editor o papel de equilibrar a função pública de divulgação de notícias de um jornal com a publicidade e os interesses econômicos do mesmo. Assim, cabe a ele traçar a política editorial do jornal que deve conter os princípios éticos da profissão equilibrados com as necessidades do mercado.

Pierre Nora (1976, p. 181) sobre a produção do acontecimento diz o seguinte:

É aos mass média que se deve o reaparecimento da história. De agora em diante esse monopólio lhes pertence. Nas nossas sociedades contemporâneas é por intermédio deles e somente por eles que o acontecimento marca a sua presença e não nos pode evitar.

Mas não é suficiente dizer que se colam ao real a ponto de se tornarem sua parte integrante e que nos restituem sua presença imediata, quando abraçam os contornos e peripécias, quando fazem parte do cortejo inseparável. Imprensa, rádio, imagens não agem apenas como meios dos quais os acontecimentos seriam relativamente independentes, mas como a própria condição de sua existência. A publicidade dá forma à sua própria produção. Acontecimentos capitais podem ter lugar sem que se fale deles. É o fato de apreendê-los retrospectivamente, como a perda do poder por Mao-Tse-Tung após o grande passa adiante, que constitui o acontecimento. O fato de terem acontecido não os torna históricos. Para que haja acontecimento é necessário que seja conhecido.

Nora nos chama a atenção para o fato de que o acontecimento só existe se for conhecido, publicado e divulgado às massas populares. Destaca também o silêncio da imprensa negando o acontecimento e demonstrando com isso um posicionamento político. O autor destaca a importância da imprensa no desvendar dos fatos. Ao trazer a público fatos que estavam escondidos, descortinando tramas políticas, corrupção, transforma-os em

acontecimentos, como por exemplo, o caso Watergate que deve à imprensa escrita sua divulgação e posteriormente, na fase judiciária, à televisão. O que determina a escolha do que será publicado são precisamente os interesses envolvidos. Neste sentido Abreu (2000, p. 21) discorre um pouco sobre os primeiros interesses envolvendo a imprensa, como segue:

Ideologia e discurso jornalístico seguem juntos em linhas paralelas que se encontram no infinito. Desde o aparecimento dos primeiros jornais, os *Avvisi*, em fins da Idade Média, a imprensa serve aos interesses de um grupo ideológico, que pode ser hegemônico ou não, dependendo do momento histórico. Mesmo antes dos *Avvisi*, os trovadores – precursores dos repórteres – orientavam seus relatórios épicos ou críticos de acordo com quem os financiasse.

Não há discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia, donde se pode concluir que não há discurso jornalístico sem ideologia.

Abreu é esclarecedor ao lembrar que o discurso é fruto do sujeito e que este tem ideologia. A ideologia é um sistema de representações que está presente no cotidiano dos indivíduos, permeando tudo que é produzido por eles no seu viver social. O discurso também atende aos interesses de quem o financia, no caso dos jornais, os anunciantes e acionistas.

Marilena Chauí (2001, p. 108-109) faz um resumo que acreditamos definir com precisão a nossa compreensão de ideologia para este trabalho:

A ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (ideias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Ela é portanto, um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras, preceitos) de um caráter prescritivo, normativo, regulador, cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuir tais diferenças à divisão da sociedade em classes a partir da esfera da produção. Pelo contrário a função da ideologia é a de apagar as diferenças como de classes e fornecer aos membros da sociedade o sentimento da identidade social, encontrando certos referenciais identificadores de todos e para todos, como, por exemplo, a humanidade, a liberdade, a igualdade, a nação, ou o Estado.

Para que a ideologia possa cumprir a sua função de fornecer aos membros da sociedade o sentimento de identidade social e de pertencimento, os meios de comunicação de

massa devem cumprir seu papel de reprodutores da ideologia dominante na sociedade na qual estão inseridos.

Acreditamos que os jornais de Porto Alegre possam ter cumprido seu papel de reprodutores da ideologia dominante. Assim, podemos inferir que, estando o jornal na posição de defesa dos seus interesses econômicos, ideológicos, etc., os mesmos possam ter trabalhado suas notícias no sentido desejado. Neste processo o jornal seleciona o que será publicado e o que será ignorado, numa clara manipulação de informação.

Da mesma forma como os jornais selecionam o que os leitores irão ler, eles também podem definir a agenda do público a partir de suas ações. Essa hipótese é conhecida como *agenda-setting*. Segundo Traquina, (2001, p. 18):

A hipótese da existência de uma relação casual entre agenda midiática e a agenda pública já tinha sido sugerida nos anos 20 no livro de Walter Lippmann (1922). O primeiro capítulo do livro tinha como título “the world outside and the pictures in our heads”. Lippmann argumentou que os mass mídia são a principal ligação entre os acontecimentos em nossa mente. Sem usar a expressão *agenda-setting*, Lippmann escreveu acerca daquilo que hoje chamamos de processo de *agenda-setting* da agenda pública.

Este conceito foi mais bem explicado por Cohen (1963), afirmando que a imprensa:

‘pode, na maior parte das vezes, não conseguir dizer às pessoas como pensar, mas tem, no entanto, uma capacidade espantosa para dizer aos seus próprios leitores sobre o que pensar. O mundo parece diferente a pessoas diferentes, dependendo do mapa que lhes é desenhado pelos redactores, editores e directores do jornal que lêem’ (apud, Traquina, 2001, p. 18.).

Segundo estes estudos, o jornalismo teria o poder de influenciar o público leitor orientando-lhe sobre que temas devem ser discutidos. Seria um tipo de efeito social da mídia. De acordo com esta hipótese, a mídia, pela seleção, disposição e incidência de suas notícias, determina os temas sobre os quais o público falará e discutirá, quais assuntos são relevantes e quais devem ser ignorados. É exatamente esse tipo de ação que pretendemos evidenciar ao longo deste trabalho, alcançar quando o jornal dá ênfase a determinado tema e quando silencia ou omite determinado fato. Para verificar se realmente os jornais atingiram seu objetivo e em

que grau o fizeram, seria necessária uma outra pesquisa trabalhando a teoria da recepção, que não faz parte da finalidade deste trabalho.

Já há bastante tempo busca-se identificar e compreender a intervenção dos meios de comunicação na sociedade. Têm sido estudados seus efeitos (o mais recente é a hipótese de agenda setting), funções (desejáveis e indesejáveis). Os meios deixaram de ser vistos como uma instância neutra a serviço da sociedade e passaram a ser tomados na sua natureza ideológica e de classe, instrumento de poder político e econômico, esfera de dominação. (França, 2002, p. 485).

Concordamos com França, os estudos sobre a mídia<sup>12</sup> têm nos mostrado que a imprensa pode não determinar o que as pessoas devem pensar, mas, com certeza, ela determina sobre o que vão pensar. Portanto, neste sentido, nosso objetivo é procurar identificar como se manifestou o anticomunismo nos jornais, quais foram as construções e simbologias feitas. No processo diário de publicação, o conjunto de jornais vai formando a agenda do público. Se todos os jornais publicam matérias sobre determinado tema, este tema será pensado e falado por boa parte da população. Se este tema também ocorre nas rádios, a possibilidade da agenda do dia estar sendo determinada aumenta consideravelmente. Um exemplo atual para o que estamos nos referindo seria a gripe “Influenza A H1N1”, todos os meios de comunicação do país e do mundo estão tratando deste assunto diariamente, alguns com mais ênfase na prevenção, outros destacando a falta de condições nos hospitais, mas, todos tratam do assunto. O que leva a população a discutir o assunto em diversos ambientes e com as mais variadas opiniões. Nos dias atuais, em função do seu alcance, os meios de comunicação passaram a determinar a agenda de discussão pública. Também na década de sessenta é possível pensar que ocorresse da mesma forma.

Sobre a cotidianidade e continuidade do jornal, Motter (1990, p. 56) afirma que:

Do jornal, destaca-se, (...) o aspecto da cotidianidade, ou seja, aquele que, restrito a um espaço de vinte e quatro horas, envolve a escolha dos acontecimentos que merecem ser elevados à categoria de notícias, dentro da multiplicidade do acontecer na vida dos homens na complexa malha das relações sociais. A importância da escolha, freqüentemente aleatória, do ponto de vista do leitor (não do ponto de vista do jornal), está na atribuição de status ao acontecimento pela sua divulgação e inscrição como registro impresso num documento histórico que é o jornal.

---

<sup>12</sup> Cohen (1963) apud, Traquina, 2001

Como já ficou nítido, o meio jornalístico não é imparcial, reflete o meio em que está inserido e está sujeito a variações do mercado, logo, é importante entender o que está por trás do texto jornalístico, ou melhor, da ação da imprensa escrita e falada. Como destaca Motter (1990, p. 57):

Avaliar, pois, o tipo de subjetividade que pode estar presente na imprensa escrita diária mostra ser um caminho para a compreensão de sua relação com o leitor, com a sociedade e com a história.

A intenção do jornalista na década de 60 é obter um maior grau possível de objetividade na notícia, contudo sabemos que a subjetividade é inerente ao homem, as suas crenças, pensamentos, ideologias, culturas, enfim, são elementos que perpassam através do texto e vão compor a notícia. É este mesmo texto que será lido nas rádios, reproduzindo a intenção da instituição a qual pertencem jornal e rádio. Desta forma, a tendência política é do grupo empresarial e não apenas do veículo de comunicação.

O jornalismo é uma prática profissional que, através da sua atuação, pode ser formador de opinião. Assim sendo, através deste estudo queremos verificar como os jornais compreenderam o evento, quais suas preocupações, procurando inferir sobre quais eram os interesses envolvidos. Neste caso, sem dúvida, é importante ter em mente a afirmação de Bourdieu (1997, p. 102-103) sobre o campo jornalístico que diz:

O grau de autonomia de um órgão de difusão se mede sem dúvida pela parcela de suas receitas que provém da publicidade e da ajuda do estado (sob a forma de publicidade ou de subvenção) e também pelo grau de concentração dos anunciantes.

É claro que quanto maior o número de anunciantes maior será a responsabilidade do jornal em relação àquilo que divulga. A censura ou autocensura será feita também no sentido de não ferir interesses econômicos sob o risco de não tendo anunciantes o jornal não se sustentar.

Os jornais utilizam todo tipo de apelos verbais para atrair o público. O primeiro deles é o título que muitas vezes não condiz com a matéria contida no corpo do texto, mas procura

induzir uma ideia, trazer um conceito à discussão ou associá-lo a outro conceito. Outro apelo verbal também muito importante é o que se conhece por “Lead<sup>13</sup>”, este pode possuir um subtítulo ou apenas conter as informações que o jornalista julgar importante. Sobre o tema Medina (1988, p. 120) afirma o seguinte:

Na realidade, o título sempre deixa transparecer a posição opinativa do grupo empresarial, mesmo aqueles que se dizem imparciais. Qualquer título de aparência denotativa pode ser conotado no contexto da informação.

Como podemos observar o título de uma notícia pode ser opinativo. Se o Lead também for opinativo, temos a confirmação da tendência e da angulação do jornal.

#### **1.4 - Conceito de imaginário social**

Para tratarmos do tema anticomunismo importa que também possamos dar conta do conceito de imaginário social. A razão disto se deve ao fato de os jornais darem sentidos diversos aos fatos que “objetivamente” publicam. O discurso jornalístico é carregado de imaginação, de simbologias, ideologias, etc., através das quais a imprensa vai reforçar as ideias que já circulam nas mentes da população e tentar indicar novas ideias, pois é através dos jornais que advém as novas informações. Assim, é fundamental o texto de Bronislaw Baczko (1985, p. 309-310), onde ele trata dos diversos usos que se dá à imaginação social. Segundo Baczko:

O imaginário social é, deste modo, uma das forças reguladoras da vida coletiva. As referências simbólicas não se limitam a indicar os indivíduos que pertencem à mesma sociedade, mas definem também de forma mais ou menos precisa os meios inteligíveis das suas relações com ela, com as divisões internas e as instituições sociais, etc. (cf. Gauchet 1977). O imaginário social é, pois, uma peça efectiva e eficaz do dispositivo de controlo da vida colectiva e, em especial, do exercício da autoridade e do poder. Ao mesmo tempo, ele torna-se o lugar e o objeto dos conflitos sociais

---

<sup>13</sup> Um parágrafo inicial que deve conter as principais informações da notícia, sendo elas: quem, o que, como, quando e porque.

Tomando por base a afirmação de Baczko é possível concluir-se que as questões culturais que permeiam uma sociedade passam pelo imaginário social e são trabalhadas por ele. Os meios de comunicação sendo detentores da informação atuam diretamente neste processo. É através do imaginário social que os membros de uma sociedade se percebem e compreendem os demais. É a forma de se identificar como fazendo parte de uma coletividade com seus conceitos, medos, a sua cultura, etc., ou seja, pertencentes a uma sociedade cujo universo simbólico é construído e reconstruído cotidianamente. O Homem, objeto final a quem é dirigida a informação, está inserido socialmente e culturalmente no seu cotidiano nesta sociedade, que é rica em mitos e construções simbólicas desenvolvidas ao longo de sua existência. Conforme Guareschi (2000, p. 44), os meios de comunicação atuam neste cotidiano disponibilizando um grande fluxo de “conteúdo simbólico” a um grande número de pessoas e esclarece:

De certa maneira, controlar o fluxo de informações que circula por dada sociedade significa, em grande medida, controlar a produção do “imaginário social”, ou seja, atuar diretamente sobre a forma como os indivíduos representam para si mesmos, e em seu grupo social, as relações e as condições de vida a que estão submetidos.

Guareschi é objetivo quando afirma que controlar o fluxo de informação é controlar a produção do imaginário social. Concordamos com o autor assim como Dimbleby e Burton (1990, p. 167), que garantem que *a mídia é parte da realidade do nosso mundo. Ela também ajuda a criar essa realidade*. Segundo os mesmos autores, a mídia tem poder e influencia na sociedade devido à extensão de suas operações de comunicação. Para eles *a comunicação de massa faz parte do nosso mundo, mas ao mesmo tempo, ela ajuda a definir como nós vemos e entendemos esse mundo*.<sup>14</sup> Pretendemos provar que houve uma obra de difusão de ideias dentro do processo de atuação da mídia.

---

<sup>14</sup> op. Cit. P. 169



Figura 22 — Este modelo demonstra o processo da comunicação de massas.

### Quadro 1

Ao analisarmos a figura acima podemos identificar que, no processo de comunicação, as crenças e os valores dos produtores da informação fazem parte da construção da mesma. Na elaboração de um jornal (escrito ou falado), este processo ocorre a todo o momento, iniciando com as notícias que chegam das agências noticiosas ou o repórter que colhe a informação e faz a sua matéria, passando pelo editor, etc. É neste momento que as estratégias de construções simbólicas são aplicadas. As operações ideológicas ocorrem a partir deste primeiro momento. Sobre isto Pierre Nora (1976, p. 183) diz o seguinte:

Os *mass média*, dessa forma, fizeram da história uma agressão e tornaram o acontecimento monstruoso. Não porque sai, por definição, do ordinário, mas porque a redundância intrínseca ao sistema tende a produzir o sensacional, fabrica permanentemente o novo, alimenta uma fome de acontecimentos. Não que os crie artificialmente, como desejariam fazer crer os poderes quando têm interesse em suprimir o acontecimento, ou como poderiam fazer crer certas performances de uma informação ébria com seus novos poderes, tal como a célebre emissão de Orson Welles sobre o desembarque de marcianos. A própria informação segrega seus anticorpos, e a imprensa escrita ou falada, no seu conjunto, teria como efeito, antes de tudo, limitar o desencadeamento uma opinião selvagem.

Neste sentido as mídias constroem e reconstroem a realidade vista por eles, interpretada e transmitida ao público. Neste processo de interpretação eles produzem um



sentido ao seu texto que alimenta o imaginário do seu público leitor. Berger (1978, p. 140) tratando do universo simbólico da sociedade afirma o seguinte:

O universo simbólico também ordena a história. Localiza todos os acontecimentos coletivos numa unidade coerente, que inclui o passado, o presente e o futuro. Com relação ao passado, estabelece uma “memória” que é compartilhada por todos os indivíduos socializados na coletividade. Em relação ao futuro, estabelece um quadro de referência comum para a projeção das ações individuais.

É através do universo simbólico que a sociedade se insere historicamente, se constrói e reconstrói através da contínua atividade humana. Neste fazer social, as mídias sabem que, trabalhando suas matérias dentro deste universo simbólico, conseguirão uma melhor aceitação da sociedade para suas ideias, ou ainda poderão alterar significativamente o pensamento social.

Para manter os mecanismos conceituais construídos na sociedade, o universo simbólico pode ser modificado. Como afirma Berger (1978, p. 142) “para que uma ordem institucional seja aceita como certa em sua totalidade na medida em que forma um todo dotado de sentido, precisa ser legitimada pela “localização” em um universo simbólico.”

No entanto, a influência da imprensa na sociedade a que pertence não se dá de forma direta. Os jornais e rádios transmitem seus noticiários de forma a parecerem neutros, contudo não o são. A forma como as notícias são transmitidas, a estrutura de localização das matérias nos jornais, o tom da voz do locutor no rádio, tudo leva a uma construção que destaca apenas aquilo que interessa que o leitor ou ouvinte perceba. A este processo dá-se o nome de propaganda ideológica que Nelson J. Garcia (1989, p. 11) define assim:

Não é mais tão fácil perceber que se trata de propaganda e que há pessoas tentando convencer outras a se comportarem de determinada maneira. As ideias difundidas nem sempre deixam transparecer sua origem nem os objetivos a que se destinam. Por trás delas, contudo, existem sempre certos grupos que precisam do apoio e participação de outros para a realização de seus intentos e, com esse objetivo, procuram persuadi-los a agir numa certa direção. E eles conseguem, muitas vezes, controlar todos os meios e formas de comunicação, manipulando o conteúdo das mensagens, deixando passar algumas informações e censurando outras, de tal forma que só é possível ver e ouvir aquilo que lhes interessa.

Durante o Stalinismo na União Soviética, Stálin exerceu fortemente a ação de propaganda ideológica do Estado para esconder do povo os horrores a que eram submetidos os inimigos do sistema. Os teatrais julgamentos eram constituídos para garantir a submissão da população e a imprensa em geral estava subjugada ao Estado, fazendo com que chegasse ao conhecimento da população apenas o que era interessante do ponto de vista do Estado. No Brasil, pós golpe de 1964 ocorreu a mesma coisa, através do estabelecimento do Ato Institucional nº 5 que determinou a censura plena no País, fazendo com que toda e qualquer publicação estivesse sujeita a uma censura prévia. Em se tratando de ideologia, é possível falar de uma forma mais sutil de propaganda, ou seja, aquela que não é imposta por um governo, mas defende interesses de poucos. Sobre este tema podemos falar que os meios de comunicação inseridos numa sociedade capitalista tendem a ser mais favoráveis ao capitalismo do que ao socialismo por razões óbvias.

Apesar do esforço que alguns meios de comunicação fazem na propaganda ideológica, estudos sobre opinião pública<sup>15</sup> mostraram que nem sempre o que o jornal publica é o pensamento do leitor. Neste trabalho sobre opinião pública os autores verificaram que os leitores do jornal que procuravam informação sobre a campanha eleitoral já tinham opinião formada e que o jornal apenas lhes fornecia informações, não afetando suas opiniões.

Steiberg e Hovland (1970, p. 566) nos mostram que em outra pesquisa anterior a esta realizada por Annis e Méier descobriu-se o seguinte:

“Introduziram-se” histórias, no jornal da universidade, sobre um primeiro ministro australiano pouco conhecido. Para assegurar a ação do jornal sobre os alunos, incluíram-se os artigos introduzidos entre outros materiais lidos pelos estudantes durante as aulas. Alguns estudantes foram submetidos à ação de um material favorável ao primeiro ministro, o Sr. Hughes, ao passo que a outros foram ministradas declarações que lhes eram desfavoráveis. O material lido influenciou poderosamente nas atitudes dos estudantes. 98 por cento dos que leram os editoriais favoráveis mostraram-se propensos a uma atitude benévola e 86 por cento dos que leram os editoriais desfavoráveis se mostraram hostis ao Sr. Hughes.

A que conclusão pode-se chegar com base nestes estudos? A nossa conclusão atua no sentido de que, se uma pessoa já tem uma opinião formada sobre determinado assunto, os jornais não têm grande influência sobre sua opinião. Entretanto, se o tema lhe é desconhecido,

---

<sup>15</sup> Para saber mais sobre estudos de opinião pública ver Lazarsfeld, Berelson e Gaudet, *The peoples' choice*. New York: Duell, Sloan and Pearce, 1944.

aquilo que o jornal diz passa a influir muito nas suas conclusões. Também aquele sujeito que não lê, mas ouve falar, passa a ter a opinião formada a partir das informações que colhe na sociedade. A mídia pode influenciar algumas opiniões, mas não pode determiná-las.

De Fleur (1971, p. 181) nos fala do ocorrido durante uma pesquisa eleitoral, nos Estados Unidos que abrangeu o interior. Durante a pesquisa, no Distrito de Erie, interior dos EUA, os pesquisadores perceberam que havia uma troca de ideias informais entre eleitores e sobre isso deduziram o seguinte:

O resultado final dessa ocorrência mais ou menos imprevista foi o reconhecimento de que as relações sociais informais tinham uma função importante na modificação da maneira pela qual um indivíduo age diante de uma mensagem, que chega à sua atenção pelos veículos de massa. Com efeito, os entrevistadores descobriram que havia muitas pessoas cujas exposições de primeira mão aos veículos eram muito limitadas. Na maior parte, esses eleitores obtinham suas informações sobre a campanha eleitoral de outras pessoas que as haviam recebido de primeira mão. Assim, a pesquisa começou a sugerir que havia uma espécie de movimento de informações através de duas etapas básicas. Primeira, a informação ia dos veículos para os indivíduos relativamente bem informados que recebiam as comunicações de massa em primeira mão. Segundo, ela se dirigia dessas pessoas através de canais interpessoais aos indivíduos que tinham menos acesso direto aos veículos e que dependiam dos outros para suas informações. Esse tipo de processo de comunicação foi denominado o *fluxo de comunicação em duas etapas*.

Os indivíduos que estavam em contato mais direto com os veículos foram chamados líderes de opinião; isso porque eles representavam um papel importante contribuindo para a formação das intenções de voto daqueles para quem passavam as informações. Naturalmente, eles não passavam apenas as informações, mas transmitiam também suas interpretações do conteúdo das comunicações a que tinham sido expostos. Essa espécie de influência pessoal foi imediatamente reconhecida como importante mecanismo atuante que operava entre a mensagem de comunicação de massa (campanha) e os tipos de respostas (comportamento do voto) decorrentes dessa mensagem.

Ora, se o indivíduo não lê o jornal, mas ouve falar, ouve no rádio, por exemplo, ele será muito mais influenciado pelo meio de comunicação que outro. Se o que ouve no rádio é reforçado por figuras importantes, tais como o vigário, vereadores, grandes fazendeiros, o patrão, etc., com muito maior facilidade a ideia será introjetada.

Sendo assim ousamos pensar que os jornais *Correio do Povo*, *Diário de Notícias* e *Última Hora*, no seu trabalho cotidiano junto ao leitor tenham trabalhado o imaginário de acordo com os preceitos da sua organização.

## **1.5 - Revisão Bibliográfica**

Realizaremos um levantamento sobre alguns trabalhos que abordam o tema anticomunismo. No Brasil, os estudos sobre o anticomunismo são recentes provavelmente devido ao fato de termos permanecido sob a égide de uma Ditadura Militar entre 1964 e 1985. No período em questão, nenhum pesquisador poderia, ou melhor, se arriscaria a questionar o regime vigente apresentando estudos, pois estavam sujeitos a todo o tipo de censura - desde a direta até a autocensura devido ao ambiente antidemocrático em que se vivia.

Após este tempo, os pesquisadores sentiram-se pouco a pouco mais à vontade para realizar suas pesquisas sobre o tema e, desde então, novas pesquisas surgiram periodicamente. Entre estes trabalhos atuais, podemos destacar alguns que consideramos mais significativos. Arrolaremos os livros de acordo com a data de publicação e os trabalhos pela data de defesa, em função de ainda não ter sido publicado:

Eliana Dutra (1997) - é uma autora que desenvolve um excelente trabalho sobre o anticomunismo, *O Ardil Totalitário- Imaginário político no Brasil dos anos 30*. Sua obra demonstra como o imaginário político se organiza nos anos 30. É um trabalho interessante, pois a autora se utiliza de conceitos da psicanálise para trabalhar questões do imaginário. Segundo Dutra, apesar de já existirem tensões anteriores a trinta e cinco, é a partir de um comício organizado pela Aliança Nacional Libertadora, realizado em 5 de julho de 1935, “que o país se vê mergulhado num crescente clima de apreensão” (1997, p. 36). Para a autora este comício é o fator fundamental para todas as ações que vieram posteriormente contra o comunismo. O problema central do estudo, como apontado por seus críticos é o fato de colocar o anticomunismo como uma resposta à intentona Comunista.

Carla S. Rodeghero (1998) - É uma autora que trabalha sobre o anticomunismo, em seu livro *Diabo é Vermelho imaginário anticomunista e a igreja católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)*, nesta obra, que é fruto de sua dissertação de mestrado, a autora afirma que houve a construção de um imaginário anticomunista com a contribuição da igreja católica. Rodeghero detém-se na ação da igreja católica para esta construção durante o período de 1945 a 1964. Sua tese de doutorado é defendida em 1999 - *Memórias e avaliações: norteamericanos, católicos e a recepção do anticomunismo brasileiro entre 1945-1964*. Neste trabalho Rodeghero nos traz uma análise muito rica utilizando a ação da igreja católica no

combate ao comunismo, ação esta que não se limitou aos sermões das igrejas. Seu trabalho, apesar de rico, não abrange os meios de comunicação comerciais e leigos. Neste sentido acreditamos que a nossa proposta possa preencher, em parte, esta lacuna.

Carla Luciana Silva (2001) - Com seu trabalho *Onda Vermelha – imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934)* demonstra a construção do anticomunismo antes mesmo do advento da intentona em meados de 1935, permeando os diversos setores da sociedade. Para este trabalho Silva fez uso dos jornais, livros, folhetos, etc., que circulavam no período de 1930 -1935, derrubando a tese de que o anticomunismo foi gestado durante a “Intentona Comunista”. Silva assegura que o anticomunismo é anterior à intentona e cita autores que em seus estudos encontraram referências ao comunismo em datas muito anteriores ao advento da Revolução de 1917. Um de seus embasamentos está nos autores que Silva (2001, p. 26) faz referência como segue:

Os historiadores Moniz Bandeira, Clóvis Melo e A.T. Andrade estudaram a Revolução Soviética e seus reflexos no Brasil. Eles apontam também para a amplitude do termo “comunista”, estudando a “pré-história” dos movimentos sociais no Brasil, desde a inconfidência Baiana, em 1709, ao que se poderia acrescentar as revoltas e rebeliões de escravos no Brasil Colônia e Império.

Para Silva (2001), estas referências tão antigas servem para mostrar que a palavra comunismo era usada para indicar qualquer oposição ao sistema.

Rodrigo Patto Sá Motta (2002) *“Em guarda contra o ‘perigo Vermelho’ – O anticomunismo no Brasil (1917-1964)”*. Neste trabalho o autor percorre ao longo destes anos, jornais, panfletos, revistas, livros e arquivos diversos sobre o anticomunismo. Fornece uma ampla visão de como se desenvolveu no Brasil o medo dos comunistas. Este autor nos apresenta as matrizes do anticomunismo, disserta sobre o imaginário anticomunista, sua iconografia e apresenta as organizações brasileiras anticomunistas. Para ele o anticomunismo surgiu no Brasil a partir da Revolução de 1917, “o fenômeno teve dimensão internacional, provocado pela reação ao advento mundial do bolchevismo e às crises revolucionárias emergentes no pós-Primeira Grande Guerra.” (p. 1) Sá Motta (2002) destaca duas grandes ondas anticomunistas, a primeira entre 1935 e 1937 e a segunda entre 1961 e 1964. É sobre esta segunda grande onda anticomunista que nos deteremos procurando atentamente identificar a ação dos jornais em Porto Alegre.

Rodrigo Santos Oliveira (2004) - “Perante o tribunal da História”: O anticomunismo da ação integralista brasileira (1932-1937), dissertação de mestrado. Procurando fazer um estudo sobre o anticomunismo propagado pela Ação integralista, desenvolve um trabalho sobre a imprensa integralista brasileira. Oliveira detém-se no estudo das estratégias de ação dos integralistas através do estudo das publicações, visando identificar como se dava o processo de unificação ideológica, doutrinação etc.

Estes autores trabalharam sob a ótica do imaginário anticomunista, construído, reforçado e alimentado na sociedade brasileira, sob os mais diferentes enfoques, ao longo do século XX. Pretendemos, também, apresentar a nossa contribuição ao desenvolvermos um trabalho sobre o imaginário anticomunista nos jornais comerciais de Porto Alegre. Ao debater o tema, ambicionamos cooperar com mais um elemento na construção do universo que abrange este tema.

## **1.6 - O comunismo**

O comunismo é uma temática utilizada em diferentes áreas do conhecimento, como a História, a Sociologia, a Economia, sendo bastante difícil de ser definido devido à abrangência e complexidade dos temas de estudo. Não desejamos entrar na discussão sobre as origens do comunismo, pois, para isto, excelentes intelectuais têm dedicado suas pesquisas e contribuído com o desenvolvimento teórico deste tema.

Tentaremos, com o apoio dos trabalhos destes pesquisadores, definir o que consideramos o princípio do comunismo no Brasil. Neste sentido pretendemos inicialmente empregar o trabalho de Spindel (1981). Para o autor, o comunismo surgiu no Brasil a partir dos anarquistas sindicalistas, no início do século vinte. Apesar de já existir no país uma corrente socialista ela não irá representar uma grande importância efetiva. Spindel (1981,p. 57-58) afirma o seguinte sobre o tema:

As ideias anarquistas predominaram de maneira clara no meio proletário brasileiro, principalmente entre 1910 e 1920, determinando as formas de organização e de comportamento político da ainda incipiente classe operária nacional. Assim, o Capitalismo, a Religião e o Estado eram identificados como seus maiores inimigos, e suas formas de organização não admitiam a necessidade do partido político do operariado. As lutas do

proletariado deveriam, segundo eles, ser resolvidas pela ação direta, pelas batalhas sindicalistas e pelas greves revolucionárias.

Sem discordar de Spidel, Dulles (1977, p. 20-21.) aponta o início, ainda que incipiente, das ideias anarquistas no Brasil com a fundação do semanário *La Bataglia* em 1904 por Oreste Ristori, imigrante italiano. Este autor demonstra que as ideias vindas da Europa chegaram com os imigrantes.

No fim do século XIX também da Espanha vieram imigrantes que contribuíram para as primeiras batalhas dos anarquistas brasileiros contra a burguesia. Entre eles Everardo Dias e Florentino de Carvalho, ambos ainda crianças quando chegaram. Como Ristori e Damiani, foram até expulsos do Brasil como ‘perigosos’ anarquistas. Mas voltaram à sua terra adotiva.(...)

Portugal também forneceu vários anarquistas ao Brasil. O principal escritor anarquista de Portugal durante a primeira década do século XX foi Neno Vasco (Gregório Nazianzeno Moreira de Queirós Vasconcelos). Logo ao chegar a São Paulo juntou-se ao grupo de anarquistas italianos, em 1901. Em 1902 dirigiu uma segunda fase de o *Amigo do Povo*, quase todo redigido em português, com uma página em italiano para a qual Gigi Damiani enviava do Paraná a sua colaboração.

Na leitura dos dois autores constatamos que existia no Brasil um movimento operário bastante atuante antes de 1917, com publicações voltadas para o direito dos trabalhadores. A Confederação Operária Brasileira foi organizada em maio de 1908. Teve uma atuação fraca até 1913, quando uma comissão reorganizadora da Confederação reativou vigorosamente suas atividades. De fato, os imigrantes trouxeram para o Brasil ideias novas sobre política que até então eram inexistentes. Chilcote (1982, p. 44) vai afirmar que:

No período anterior ao surgimento de um partido comunista no Brasil, duas ideologias dominaram o pensamento radical e conquistaram a imaginação de intelectuais e artesãos progressistas: a do socialismo, que criou as raízes primitivas do radicalismo contemporâneo, especialmente na intelectualidade; e a do anarquismo e do anarco-sindicalismo, que foi particularmente significativa no período de 1906 até cerca de 1920. Estas ideologias eram propagadas pela atividade organizatória e pelos grupos de intelectuais e trabalhadores que buscavam alternativas para o regime oligárquico.

Concordando com Chilcote (1982) sobre as ideologias que precederam ao comunismo, Oliveira (2004, p. 50) nos diz o seguinte:

Inicialmente o anarquismo e o anarco-sindicalismo tiveram maior importância na organização do movimento operário no país. Contudo, mesmo tendo liderado a greve geral em julho de 1917 e as principais agitações operárias até 1920, a ideologia anarquista começou a demonstrar sinais de declínio ao mesmo tempo em que as ideias marxistas-leninistas começavam a assumir um papel de destaque entre os operários e os intelectuais de esquerda.

Para Spindel (1981, p. 59-60) a vitória dos comunistas na Revolução de outubro de 1917 na Rússia, reflete no movimento operário introduzindo gradativamente alterações fundamentais.

Nesta fase de passagem do anarquismo ao comunismo, o que se pode notar é que os acontecimentos da Rússia geram certa confusão no meio dos militantes anarquistas brasileiros (...)

Colocados frente a este dilema, muitos militantes anarquistas, dado o sucesso do marxismo-leninismo na Revolução Russa, passaram a achar que o anarquismo era incapaz, seja do ponto de vista teórico, seja do organizacional, de oferecer uma alternativa concreta à sociedade burguesa de então. Com isto abriu-se a brecha por onde iria penetrar, no movimento operário de nosso país, a doutrina comunista na forma concebida por Marx e Lênin, e que levaria ao aparecimento do Partido Comunista no Brasil.

Nota-se que os autores concordam que o anarquismo deu lugar ao comunismo no movimento operário no Brasil. Segundo Oliveira (2004), antes da fundação do Partido Comunista houve várias tentativas de formação de um partido comunista no Brasil.

Segundo a página oficial do PCB na internet<sup>16</sup>, o Partido foi fundado em 25 de março de 1922.

Contudo, quando surge o Partido Comunista no Brasil, já circulava no meio da sociedade o anticomunismo. Sobre o tema Sá Motta (2002, p1) assegura que:

No Brasil, pode-se dizer, o anticomunismo surgiu logo após a Revolução de 1917. O fenômeno teve dimensão internacional, provocado

---

<sup>16</sup><http://www.PCB.org.br/> - Acesso em fevereiro de 2007



pela reação ao advento mundial do bolchevismo e às crises revolucionárias emergentes no pós primeira Grande guerra. Temerosos com o poder de atração que o exemplo russo poderia exercer sobre as massas proletárias, num quadro de instabilidade ligado às dificuldades do pós-guerra, os governos dos países capitalistas dominantes empenharam-se na repressão e na propaganda anticomunista. Seus esforços não foram isolados, pois, complementando a ação estatal, grupos da sociedade civil (empresários, Intelectuais, religiosos) também se lançaram ao campo de batalha, dedicando-se principalmente à esfera propagandística.

Como podemos concluir, o comunismo no Brasil surge pouco antes de 1917 com os anarquistas e operários e, após a Revolução Russa. Já o movimento anticomunista, é reforçado após 1917. De acordo com Silva (2001) o Anticomunismo é muito anterior a 1917, sendo tachado de comunista tudo que fizesse oposição ao sistema vigente. Com o advento da Revolução Russa os temores contra o comunismo se acirraram como veremos a seguir.

## **1.7 - Anticomunismo**

Nosso objetivo é tentar estabelecer uma definição razoável para o anticomunismo ocorrido no Brasil no início da década de sessenta para que o leitor possa acompanhar ao longo do texto as inferências que faremos com respeito ao tema. Contudo, para podermos chegar a esta definição, devemos ter em mente que, na origem, o anticomunismo deveria ser a oposição ao comunismo, as suas ideias e práticas e também aos seus representantes. Entretanto não é somente isto que ocorre na sociedade.

Luciano Bonet (2000), na sua definição de anticomunismo, afirma que o anticomunismo deveria ser entendido como oposição à ideologia e aos objetivos comunistas. Contudo admite que no caso do Anticomunismo existe outros fatores que levam este conceito a ser mais amplo.

Para o autor, após a revolução de outubro de 1917, o comunismo passou concretamente a fazer parte da cena mundial como uma alternativa real em relação aos regimes políticos tradicionais. Segundo Bonet (2000, p. 34), para os comunistas o anticomunismo foi definido:

Como 'ideologia negativa' (chamado, em termos polêmicos, anticomunismo visceral, ou seja, baseado numa oposição global ao comunismo e não na adesão positiva a valores autonomamente escolhidos);

foi definido por outros como ‘ideologia da burguesia em crise’ (isto é, como fórmula política de saída, quando as fórmulas tradicionais se revelam ineficazes no controle das tensões sociais).

Este articulista faz referência a vários tipos de anticomunismo, tais como o anticomunismo de tipo clerical, fascista, nazista-hitleriano e americano. Segundo o mesmo, este último é o mais recente. Também há o de tipo social e de tipo democrático.

Bonet, (2000, p. 34) lembra que o anticomunismo pode ser tanto de direita quanto de esquerda afirmando que pode haver o que se inspira em “princípios liberais ou, sendo de esquerda, nos princípios da social-democracia”

O anticomunismo que se dá nas relações externas entre Estados e o anticomunismo interno ao Estado estão intimamente ligados, contudo Bonet (2000, p. 34-35) os distingue para que fique mais claro didaticamente ao leitor.

No plano interno, o anticomunismo externo é, como é óbvio, o de tipo fascista e reacionário em geral, que se traduz na sistemática repressão da oposição comunista, e tem por norma tachar de comunismo qualquer oposição de base popular.

Ainda neste verbete ele acrescenta que nos regimes democráticos há países onde não existe oposição comunista relevante e há outros onde há forte oposição.

Em relação ao plano internacional Bonet (2000, p. 35) afirma que:

O anticomunismo é o critério inspirador de uma política de alcance planetário, cujos objetivos são simultaneamente:

- 1) Contenção do influxo dos estados socialistas;
- 2) Interferência nos negócios internos de cada um dos países, a fim de prevenir e/ou reprimir os movimentos de inspiração comunista (ou tida como tal).

Ambas as diretrizes de ação se interligam e definem o anticomunismo com relação ao anti-sovietismo. Por outras palavras, uma política externa anti-soviética não será necessariamente inspirada pelo anticomunismo, ao mesmo tempo que um regime substancial e propensamente anticomunista não praticará necessariamente o anticomunismo nas relações internacionais. a china popular, por exemplo, é indiscutivelmente anti-soviética.

Este autor conseguiu nos traçar uma ampla definição dos diversos tipos de anticomunismo e como suas nuances permeiam as sociedades.

Outro autor que trabalhou sobre o tema é Sá Motta (2002, p. 1), que tem uma definição interessante sobre o comunismo e anticomunismo brasileiro:

Em grande parte, as visões sobre o que seria o comunismo a ameaça que ele significava à ordem social foram decalcadas de modelos estrangeiros. As representações anticomunistas elaboradas e divulgadas no Brasil a partir de 1917 refletem uma influência externa marcante.

Para Sá Motta (2002) as elites brasileiras eram acostumadas a importar tudo, inclusive ideias. Contudo ele acrescenta que algumas construções discursivas e imagéticas anticomunistas se faziam de forma seletiva, ou seja, nem todas as ideias eram aceitas com o mesmo entusiasmo que no seu país de origem. Nos EUA, os argumentos de inspiração liberal têm acolhida entusiasmada, enquanto que no Brasil estes argumentos são relegados a um segundo plano. Contudo os valores religiosos católicos se constituíram na base principal da mobilização anticomunista brasileira.

Já a autora Carla S. Rodeghero (1998, p. 22) afirma que houve a construção de um imaginário anticomunista com a contribuição da igreja católica, ou seja, o mesmo que Bonet (2000, p.34) expõe ao referir-se ao anticomunismo clerical.

Um conjunto de representações construídas e utilizadas por diversos setores da igreja católica para interpretar a realidade e os problemas vividos pela sociedade como um todo, ou pelas instituições, no período de 1945-1964.

Devemos estabelecer uma conexão entre o que Rodeghero (1998) estabelece como imaginário anticomunista e o que Baczkó (1985), já citado, nos indica, mas que pela sua relevância vale à pena lembrar. Baczkó diz que o imaginário social é uma das forças reguladoras da vida coletiva e, sendo assim, o conjunto de representações construídas sobre o comunismo teria uma importância muito grande na vida coletiva. Rodeghero refere-se às representações da igreja católica e nós podemos acrescentar as representações também das classes dominantes e conservadoras da sociedade.

O anticomunismo percorre um longo caminho na história brasileira, desde muito antes da revolução de 1917 como corrobora Silva (2001). Como já afirmamos a autora assegura que o anticomunismo é anterior à Intentona e cita autores que em seus estudos encontraram referências ao comunismo em datas muito anteriores ao advento da Revolução de 1917. Para a autora, o “anticomunismo” foi utilizado para legitimar uma reação conservadora.

A autora segue na sua análise apontando um trabalho de Mário Maestri onde o historiador afirma que, em 1871 um projeto de emancipação de filhos de cativas foi apontado pelos escravistas como “inspiração da terrível internacional comunista” (Silva, 2001, p. 27). Assim tudo que se opusesse ao sistema ou aos interesses das classes conservadoras tem sido apontado como caso de comunista. Silva (2001, p. 33) ainda afirma o seguinte:

Ampliar na análise o conceito de comunismo para os seus enunciadores (os anticomunistas) possibilita perceber que não é possível fazer a dissociação entre prática e discurso anticomunista. Isso porque não faz diferença fundamental para os seus forjadores e divulgadores se há um referente concreto constituído em um partido comunista. Se ele não existe no partido, os mecanismos utilizados são muitos para tentar configurá-lo.

Silva (2001) destaca bem, que os anticomunistas possuem métodos particulares para estabelecerem as conexões necessárias para desenvolver o imaginário anticomunista.

O anticomunismo percorre um longo caminho na história brasileira, desde muito antes da revolução de 1917 como corrobora Silva (2001). Para a autora, o “anticomunismo” foi utilizado para legitimar uma reação conservadora, que o utilizava sempre que houvesse oposição.

Ainda sobre as nuances do anticomunismo, Oliveira (2004, p. 56), no seu trabalho sobre o anticomunismo da imprensa integralista brasileira, afirma que “o anticomunismo não segue uma lógica proporcional em relação à oposição ao comunismo”. Este autor afirma que, no período pesquisado por ele, a ação dos comunistas era mínima se comparada com a imagem apresentada por seus inimigos.

Oliveira (2004, p. 47-48) adverte, entretanto, que:

Também devemos ter cuidado ao caracterizar essa “reação” ao fantasma do comunismo. À primeira vista, poderíamos colocá-la como uma reação conservadora de grupos dominantes em momentos em que sentem

que seu poder e sua influência estão ameaçados, frente a grupos sociais de esquerda, de orientação comunista ou não. Embora esse “padrão” possa ser aplicado na grande maioria das situações, ele não é uma regra. No caso do trabalho que estamos desenvolvendo ele não se aplica, pois como caracterizar a Ação Integralista Brasileira como conservadora, se levarmos em conta que uma das principais propostas do movimento era uma ruptura completa com a estrutura liberal e a criação de uma nova sociedade? Ou seja, mesmo a AIB sendo um movimento de extrema direita, sua intervenção social é muito mais radical do que conservadora. Se levarmos em conta, não apenas propostas como a defesa da propriedade privada e ideais religiosos e familiares (que o caracterizam como conservador), mas os métodos de obtenção do poder: a via revolucionária, a utilização violenta da imprensa como arma de difusão ideológica e a estrutura corporativa de estado.

Este conceito é assaz adequado, pois nos possibilita acrescentar que, além dos conceitos até aqui descritos, poderemos contribuir com uma definição sucinta de anticomunismo. Nesse sentido, definiremos que o anticomunismo é um conjunto de representações muito amplo que serve de pretexto para justificar as práticas contra tudo e contra todos que se oponham às categorias conservadoras ou radicais, de direita ou de esquerda, ao seu modo de agir e pensar sobre a sociedade. Independente de ser de esquerda ou não, tudo que possa atingir os interesses e os ideais da propriedade privada, liberdade, questões religiosas e familiares, serão tachados de comunista. Neste conjunto de representações temos o movimento sindical e o movimento estudantil por exemplo.

## **1.8 - As agências noticiosas e sua importância**

As agências noticiosas possuem um importante papel na mídia mundial na década de sessenta, pois é primeiramente por ela que as notícias passarão. A forma como as notícias chegarão até o leitor terá sempre o contorno dado pela agência e pela cultura a que pertence. Por exemplo: a Associated Press (AP), fundada durante a Guerra civil norteamericana, manteve o monopólio das informações por mais de meio século até que surgiu a United Press (UP), fundada em 1907. Dois anos depois, criou-se a International News Service. Esta se fundiu, em 1958, com a UP para criar a United Press International (UPI), existente até hoje. São empresas norteamericanas e, conseqüentemente, as notícias fornecidas por elas terão sempre a noção cultural americana. Já a Tass terá o olhar soviético como viés de suas informações. Assim, cabe-nos perceber também esta nuance em nossa análise dos jornais. Sobre as demais agências noticiosas, Silva (2006, p. 4-5) nos informa:

No nascimento desta actividade está Charles-Louis Havas. Em Paris, no ano de 1835, este poliglota e perspicaz ex-banqueiro e ex-negociante arruinado em consequência da derrota de Napoleão Bonaparte na Batalha de Waterloo, partindo do pressuposto de que nenhum jornal tem, *per si*, possibilidades financeiras para manter uma rede de correspondentes em todos os locais estrategicamente importantes sob o ponto de vista informativo, transforma o estabelecimento de tradução de correspondência estrangeira – a *Correspondence Garnier* – que havia adquirido em 1832, e cria um serviço de difusão de informações, a *agence des feuilles politiques* – *Correspondence générale*, mais conhecida por *Agence Havas*.(...) É assim que, com a ideia visionária de um homem, Charles Havas, e a criação de um pequeno negócio de venda de notícias – que inicialmente muitas dúvidas terá suscitado sobre se conseguiria sobreviver financeiramente, mas que mais tarde viria a dar origem a uma das mais importantes agências de notícias internacionais, a *France Presse*, - começa a história das agências noticiosas.

A autora nos informa que as primeiras agências noticiosas são: *Havas ou France Presse* (França -1835), *Associated Press* (EUA-1848), *Wolf* (Alemanha-1849), *Reuter* (Inglaterra-1851), Tass (União Soviética – aproximadamente em 1925). Ainda segundo Silva (2006, p. 6),

Em 1870, as agências Havas, Reuter e Wolf dividem entre si o mundo e o direito de exclusividade de distribuição noticiosa. O exclusivo de distribuição informativa em Portugal, Espanha e Itália, além da França, e das suas colônias é atribuído a agência Havas. A Grã-Bretanha e a Holanda, juntamente com seus domínios e colônias, ficam sob a dependência da Reuter. Por sua vez, a agência alemã de B. Wolf fica com a Alemanha, a Rússia e os países escandinavos.

Esta divisão não durou muito tempo, pois de acordo com Silva (2006, p. 7) “a Reuter começou a vender seu serviço noticioso em Portugal em 1943”. Além disso, a Associated Press não fazia parte desta divisão e logicamente poderia oferecer seus serviços em qualquer lugar.

#### Quadro 2

| Origem         | Agência noticiosa                | Jornal  |
|----------------|----------------------------------|---|
| Norteamericana | Associated Press – AP            | <i>Correio do Povo</i><br><i>Folha da Tarde</i>   |
| Norteamericana | United Press Internacional – UPI | <i>Diário de Notícias</i><br><i>Jornal A Hora</i> |
| Francesa       | France Presse - FP               | <i>Última Hora</i>                                |

Nesta tabela podemos visualizar melhor a origem das notícias internacionais que chegam aos jornais de Porto Alegre. Apenas o jornal *Última Hora* recebe notícias da Europa, os demais estão recebendo notícias dos norte-americanos. Neste trabalho devemos ter bem claro a influência destas agências. As notícias enviadas aos jornais brasileiros traziam em seu corpo muito das concepções culturais e ideológicas de seus autores porque todo texto é carregado de ideologia e dos conceitos de quem escreve.

### **1.9 - A imprensa no Rio Grande do Sul e a elite alfabetizada.**

Falar de jornais e de público leitor no Brasil da década de 60, é falar de uma elite. O Brasil é um país que cresceu muito rapidamente, contudo, ainda tinha um índice de analfabetismo bastante elevado. Para se ter uma ideia, de acordo com o Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas, o analfabetismo no Rio Grande do Sul em 1960 era de 24,91%. Se compararmos com os demais estados, o Rio Grande do Sul era um dos que possuíam o menor índice de analfabetismo, contudo era quase um quarto da população que não sabia ler nem escrever.

Portanto, quando nos referimos aos leitores de jornais estamos falando daqueles que sabem ler. E que além disso têm poder aquisitivo para adquirir um jornal. Assim, temos uma base do que pode ser o nosso universo, o mundo onde os jornais penetram diretamente. Contudo, sabemos que esta elite letrada influencia o resto da população, pois eles são os empresários, pequenos comerciantes, professores, profissionais liberais, tais como: advogados, engenheiros, médicos, bancários, etc. São as relações entre estes letrados e os demais membros da sociedade que ocorrem no dia-a-dia que vão colaborar para compor o imaginário social.

Todavia, podemos observar no gráfico abaixo que: entre a população do Rio Grande do Sul, os homens entre 20 e 49 anos são mais alfabetizados que as mulheres. Aliás, essa é uma diferença pequena, indicando que, neste momento as mulheres se igualam aos homens em grau de instrução. Nesse período, o número de mulheres que ingressa no mercado de trabalho já é considerável. O público feminino participa mais efetivamente do mundo do trabalho, das decisões políticas, do aumento de consumo, etc..

Quadro 3

II — POPULAÇÃO RECENSEADA

1. CONFRONTO DOS RESULTADOS DOS RECENSEAMENTOS GERAIS

d) Taxa de alfabetização, por grupos de idade — 1940 / 60

| GRUPOS DE IDADE                      | PESSOAS PRESENTES QUE SABEM LER E ESCREVER (%) |            |              |           |            |              |           |            |              |
|--------------------------------------|--|------------|--------------|-----------|------------|--------------|-----------|------------|--------------|
|                                      | 1 940  |            |              | 1 950     |            |              | 1 960     |            |              |
|                                      | Tota<br>l                                      | Homen<br>s | Mulhere<br>s | Tota<br>l | Homen<br>s | Mulhere<br>s | Tota<br>l | Homen<br>s | Mulhere<br>s |
| 5 anos e mais.....                   | 38,20  | 42,31      | 34,11        | 42,66     | 46,04      | 39,33        | 53,57     | 56,14      | 51,03        |
| 10 anos e mais.....                  | 43,04  | 48,15      | 37,99        | 48,35     | 52,62      | 44,17        | 60,63     | 64,03      | 57,30        |
| 15 anos e mais.....                  | 43,78  | 50,18      | 37,48        | 49,31     | 54,70      | 44,06        | 60,52     | 64,90      | 56,24        |
| 5 a 10 anos.....                     | 13,80  | 13,47      | 14,13        | 13,02     | 12,60      | 13,15        | 19,71     | 19,26      | 20,17        |
| 10 a 15 anos.....                    | 39,75  | 39,26      | 40,26        | 43,73     | 42,78      | 44,68        | 61,13     | 59,97      | 62,28        |
| 15 a 20 anos.....                    | 45,32  | 46,17      | 44,51        | 52,71     | 52,65      | 52,77        | 66,59     | 65,83      | 67,29        |
| 20 a 30 anos.....                    | 46,17  | 51,59      | 41,04        | 53,24     | 57,38      | 49,30        | 66,10     | 69,18      | 63,24        |
| 30 a 40 anos.....                    | 45,39  | 53,97      | 36,70        | 50,23     | 57,10      | 43,36        | 62,41     | 67,87      | 57,06        |
| 40 a 50 anos.....                    | 41,64  | 50,77      | 31,76        | 46,30     | 54,75      | 37,35        | 55,69     | 62,40      | 48,64        |
| 50 anos e mais e idade ignorada..... | 37,25  | 46,60      | 28,11        | 39,83     | 49,04      | 30,71        | 47,47     | 56,28      | 38,39        |

**FONTES** — Serviço Nacional de Recenseamento. Tabela extraída de: Anuário estatístico do Brasil 1965. Rio de Janeiro: IBGE, v. 26, 1965.

**NOTA:** — Os resultados referentes ao censo de 1960, foram obtidos por estimativa, com base numa amostra de 1,27% da população.

Nota-se que, no ano de 1950, aproximadamente sessenta por cento da população masculina na faixa etária acima dos 10 anos já era alfabetizada, em desequilíbrio com a população feminina na mesma faixa etária que contava com aproximadamente quarenta e quatro por cento alfabetizada. Analisando a planilha acima se percebe que, no ano de 1960, ocorre um acréscimo da população alfabetizada principalmente na faixa etária de 15 aos 39



anos, mais percebida na população feminina gerando, conseqüentemente uma redução do analfabetismo no País que já contava com aproximadamente sessenta por cento da população alfabetizada.

Ainda existe um número expressivo da população que não tem acesso a informação escrita por não ser letrada e considerando que nem toda a população letrada tinha poder aquisitivo para adquirir jornais, contudo esta população tem acesso às notícias principalmente através do rádio. Apesar de não pertencer ao grupo dos letrados, esta população tem interesse em saber o que ocorre no país e suas informações chegam ou através do rádio, ou através de pessoas que tenham lido os jornais, ou na igreja. Além disso, o rádio chegava onde o jornal não conseguia ir, em muitos lugares onde a energia elétrica ainda não havia chegado e o rádio já havia. O rádio estava junto do seu ouvinte, pois os trabalhadores passaram a levá-lo para o trabalho. Desta forma, ele saiu do âmbito da sala doméstica para ganhar as ruas. Além disso, a transmissão das notícias é mais rápida no rádio do que nos jornais e a sua ação é mais abrangente porque atinge a todas as pessoas. Estamos nos referindo ao rádio porque os jornais que estamos analisando possuem rádios que reproduzem suas notícias. Apesar da ação do rádio não fazer parte deste trabalho, é possível inferir que esta população que não lê os jornais possa acessar as informações destes jornais através de suas rádios.

### **1.9.1 - A imprensa**

Até a década de 1940, o jornalismo brasileiro era literário, ou seja, seguia o estilo francês de jornalismo que trazia uma técnica de escrita próxima da literária. Também até esta época, os jornais mantinham estreita relação com a política, sendo muitos destes, representantes de facções. Segundo Ribeiro (2003, p.148),

Na década de 1950, isto começou a mudar, principalmente no Rio de Janeiro, onde o jornalismo empresarial foi pouco a pouco substituindo o político literário. A Imprensa foi abandonando a tradição de polêmica, de crítica e de doutrina, substituindo por um jornalismo que privilegiava a informação ( “Transmitida” objetiva” e “ imparcialmente” na forma de notícia) e que a separava (editorial e graficamente) do comentário pessoal e da opinião.

A imprensa foi deixando de ser definida como um espaço do comentário, da opinião e da experimentação estilística e começou a ser pensada como um lugar neutro, independente. O jornalismo não era mais

visto como um gênero literário de apreciação de acontecimentos (como o havia definido Alceu de Amoroso Lima). Passava a ser reconhecido como um gênero de estabelecimento de verdades.

Com esta nova técnica de se fazer jornal, o jornalismo brasileiro vai se profissionalizando. O processo de crescimento do jornalismo acontece juntamente com o processo de industrialização do país. Lage (2001) afirma que, após 1945, iniciou-se uma transformação marcada pela crescente influência norteamericana sobre a sociedade em geral e a imprensa em particular. Tal influência soma-se ao fato de o Brasil estar iniciando seu processo de desenvolvimento que viria a ser acelerado com o Presidente Juscelino Kubitschek (JK). Este conjunto de fatos influenciou na forma de escrever o jornal.

Também foi no século XX que surgiram as grandes redes de imprensa. Por exemplo, segundo a página na Internet dos *Diários Associados*, em 1924 Assis Chateaubriand comprou seu primeiro Jornal “*O jornal*”; em 1925 adquiriu o “*Diário da Noite*”, de São Paulo; em 1928 fundou a empresa gráfica “*O Cruzeiro*”; e em 1924 adquiriu a empresa gráfica *A Cigarra*.<sup>17</sup> Em 1935 inaugurou a *Rádio Tupi* de São Paulo, Chateaubriand fundou ainda a *Agência Meridional* e a Rádio Educadora, rebatizada de *Tamoio*, no Rio de Janeiro. A televisão veio em 1950 com a *TV Tupi*, de São Paulo, primeira emissora de tevê da América Latina. No Rio Grande do sul, desde 1943, fazia parte do conglomerado a *Rádio Farroupilha*.

Segundo De grandí (2005) em 1960 Assis Chateaubriand sofre uma dupla trombose cerebral e torna-se tetraplégico. Esta condição o tornou uma pessoa amarga. Ernesto Correa era o Diretor do Diários Associados em Porto Alegre, pessoa que Chateaubriand respeitava e admirava. Correa liderou o jornal na década de sessenta.

No Rio Grande do Sul temos o jornal *Correio do Povo*, cuja história, segundo Antonio Firmo de Oliveira, é a própria história do Rio Grande nos últimos 100 anos. O *Correio do Povo* era um jornal tradicional em Porto Alegre e procurava transparecer ao público leitor que sua postura jornalística seria de sempre transmitir a verdade.

O jornal *Última Hora* foi criado por Samuel Wainer, um jornalista que, segundo Jefferson Barros(1999), havia construído uma carreira de jornalista à esquerda. Ainda segundo Barros, em 1938, Samuel publicou uma revista defensora da democracia, contra o nazismo e o fascismo e simpática aos Estados Unidos de Roosevelt e ao socialismo. Após a eleição de Getúlio Vargas e com o apoio dele, Wainer cria um jornal *Última Hora S.A.* Que

---

<sup>17</sup> <http://www.associados.com/acessado> em 12/07/2007

era um jornal de combate político e articulador de massas. Hohlfeldt e Buckup (2002) afirmam que o jornal *Última Hora* fazia um jornalismo opinativo, interpretativo.

### 1.9.2 - Breve Histórico das fontes escolhidas

O Jornal *Última Hora*, segundo Hohlfeldt e Buckup (2002, p. 14), era abertamente favorável às políticas getulistas. “Reflexo, contudo, da mesma política pendular que caracterizara o populismo getulista, *Última Hora*, inclusive em suas diferentes ramificações regionais, oscilava entre o nacionalismo, o populismo e o sensacionalismo.” Ainda falando do jornal os autores Hohlfeldt e Buckup (2002, p.23), asseveram que “o projeto da *Última Hora* gaúcha previa um jornal tablóide, diferenciando-se, portanto, desde logo, de todas as demais edições regionais que eram *standard*, para combater claramente a *Fôlha da Tarde*”.

A escolha deste jornal deu-se justamente por ser a tendência mais à esquerda e de boa circulação<sup>18</sup> no contexto político. Segundo a pesquisa IBOPE já citada, em janeiro de 1961, o jornal *Última Hora* estava em segundo lugar entre os vespertinos mais lidos. Hofeldt e Buckup (2002, p. 19) tratando do jornal *Última Hora* no Rio grande do Sul afirmam o seguinte:

No Rio Grande do Sul, *Última Hora* buscava apoiar Brizola naquilo que se identificasse com o projeto original do jornal, devidamente adaptado à região. Mas se Wainer nutria por Vargas verdadeira admiração, a ponto de perdoá-lo por eventuais traições, a equipe da *Última Hora* gaúcha tinha comportamento diverso. Distribuída entre militantes do Partido Comunista e do Partido Trabalhista Brasileiro, dividia-se igualmente em seu comportamento, dando apoio a todas as iniciativas governamentais que o conduzissem na meta populista, mas criticando-o sempre que ocorressem o que o jornal considerasse *desvios*.

Como podemos observar, o jornal aponta no sentido de ter vida própria, apesar de Wainer ter suas predileções, a equipe do jornal parece influir no seu andamento geral. Sendo assim, pretendemos identificar até que ponto, neste momento histórico o jornal se posicionou como populista ou se demonstrou outras tendências.

---

<sup>18</sup> A edição de 28 de maio registrava novo sucesso do jornal: 93.271 exemplares/dia (Hohlfeldt e Buckup, 2002, p.47)

O *Correio do Povo* foi escolhido pela sua trajetória e história. Ao fazer a apresentação do livro de Galvani (1994, p. 5), Firmo define a trajetória do jornal:

Fundado por Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior em 1895 – época em que os jornais eram ligados ou pertenciam a agremiações político-partidárias -, já nasceu independente, tendo a divulgação da verdade como seu compromisso maior.

O ‘róseo’ – pela atuação de seus dirigentes, jornalistas, gráficos e funcionários – vivenciou todos os importantes acontecimentos estaduais, nacionais e internacionais do século, sempre levando a seus leitores a informação objetiva, a interpretação adequada e a crítica construtiva. (Galvani, 1994, p. 5)

O *Correio do Povo* era um jornal tradicional em Porto Alegre e procurava transparecer ao público leitor que sua postura jornalística seria de sempre transmitir a verdade. Sobre este jornal Rudiger (2003, p. 85) cita o que Breno Caldas afirmou num discurso:

O *Correio do Povo*, para citar apenas um caso, nunca foi um jornal apolítico, como reza sua lenda. Segundo Breno Caldas, então seu diretor, a imprensa deve ter a missão de informar, representa um “veículo de expressão dos anseios do povo, a sua tribuna, um estuário de suas queixas e o reflexo de suas opiniões e anseios”. Em resumo, ele “aprecia as medidas dos governos para apresentá-las ao tribunal da opinião pública, onde vão ter a ressonância desejada” (Discurso na Associação Rio-Grandense de Imprensa, 1/10/1945)

O *Correio do Povo* construiu a sua lenda sobre “falar a verdade”, sendo esta uma das razões para analisarmos este jornal. Para termos uma ideia de como o *Correio do Povo* era administrado vamos usar as palavras de Breno Caldas que respondendo a um questionamento feito por José Antônio Pinheiro Machado (1987, p. 25) sobre o controle rígido sobre os jornais responde da seguinte forma:

A questão é que um jornal precisa ter direção única, uma orientação unificada e bem definida. Alguém tem que ter a última palavra. Sempre procurei estar o mais presente possível, mas muitas vezes escapam algumas coisas.

Com estas palavras está claro que Breno Caldas controlava bem de perto tudo que o *Correio do povo* publicava.

Outro jornal escolhido em função de sua tendência política e sua trajetória foi o *Diário de Notícias*. Sobre a origem desse jornal, escreve Bahia (1967, p. 73)

Somente depois do surto de 30 é que um velho sonho de repórter provinciano se concretizou, estruturando-se a cadeia jornalística, nos moldes da Hearst norte-americana, e que é a maior da América Latina: os Diários e Emissoras Associados, congregando cerca de trinta e um jornais, quatro revistas e vinte e seis emissoras (inclusive cinco TVs) e uma agência noticiosa.

Bahia (1967), na citação acima, demonstra a tendência do *Diário de Notícias* que pertencia à cadeia de jornais Diários Associados de Assis Chateaubriand. O *Diário de Notícias* era, no Rio Grande do Sul, um tradicional jornal portoalegrense, desde os anos 30 que combatia Getúlio Vargas e sua política. Quando Vargas morreu em 1954, teve suas instalações invadidas pela população que quebrou tudo. O jornal retoma a sua circulação um ano após o acontecido.

Bahia (1967, p. 74), ao tratar de Assis Chateaubriand, define nitidamente a linha editorial<sup>19</sup> do *Diário de Notícias*.

Com grande influência na vida pública, o diretor dos Associados sempre conduziu seus editoriais na linha de notório conservadorismo, respingado de liberalismo, intransigente no entanto em relação às tendências esquerdizantes

A escolha do *Diário de Notícias* deu-se em função da sua postura anticomunista e pelo fato de ter sido um forte concorrente do *Correio do Povo*. O *Diário de Notícias* no Rio Grande do Sul era Dirigido por Ernesto Corrêa que, assim como Breno Caldas, controlava de perto o que era publicado, como poderemos observar na citação a seguir:

---

<sup>19</sup> Modernamente o editorial tem um tratamento gráfico e jornalístico de primeiro plano. Deixou de ser matéria negligenciada para representar um dos principais instrumentos do veículo, algo que nem sempre o público compreende, mas que pretende estar sempre a seu serviço.

O diagrama do novo jornalismo criou a página editorial, que é onde o leitor encontra diariamente, de forma padronizada, a opinião do jornal, a crônica, o sueto, a caricatura e em muitos casos a opinião assinada do colunista político ou do comentarista de maior responsabilidade. (BAHIA, 1967, 162)

No terceiro andar do prédio da avenida São Pedro, quase esquina com a Farrapos, na zona norte da cidade, a redação do Diário vivia o burburinho de todos os fins de tarde. Era a primeira vez que eu contemplava a figura distante do major\* Ernesto Corrêa, preocupado em revisar e Baixar textos. Néelson Dimas Filho, o redator-chefe, estava acamado naquele dia.

Ernesto toca a campainha de mesa, sinal urgente para o contínuo: havia fotos e textos para serem colocados no “elevador”, puxado por dordas até o andar térreo. Lá se localizavam as oficinas, comandadas, com eficiência, desde a fundação, pelo velho Ezequiel. (DE GRANDI, 2005, p. 13)

Na seqüência, o autor ainda falando do diretor dos Diários e sua ação segue dizendo o seguinte:

Dr. Ernesto – assim o tratávamos – chegava à redação por volta das três da tarde. Magro, porte elegante. Silencioso, rígido, muitas vezes impaciente, estendia com o olhar um cumprimento à redação inteira e se dirigia ao gabinete. Ali tratava de redigir o editorial, antes da chegada de amigos, políticos, intelectuais, empresários. Vinham trazer uma colaboração, fazer pedidos, conversar. (DE GRANDI, 2005, p. 14)

Esta passagem demonstra como as redações dos jornais eram visitadas pelos grupos de interesses, políticos, empresários, todos que pretendiam algum apoio jornalístico procuravam os jornais. Na citação a seguir De Grandi (2005, p.15) consegue demonstrar a força de Ernesto Correa junto ao jornal.

No decurso de mais de meio século – de 1925 a 1979 -, o *Diário de Notícias* rivalizou e disputou a liderança do mercado com o *Correio do Povo*, superando crises financeiras, períodos sem circular e os humores de Chateaubriand. Mas não resistiu ao desaparecimento do comandante. Um ano e meio depois da morte de Ernesto Corrêa, interrompeu-se a circulação, dessa vez para sempre.

Ernesto Corrêa, segundo De Grandi era a figura que conseguia manter o jornal circulando, como um verdadeiro “comandante”, na ausência deste o “navio afundou”, seria difícil pensar que as matérias publicadas no jornal não passassem pelo crivo deste homem de personalidade forte.

---

\* Apelido que lhe foi dado, segundo o filho Paulo Corrêa, pelo advogado Jamil Aiquel, por sua semelhança com um militar do CPOR.

As fontes escolhidas justificam-se por atuarem no processo de criação de identidade junto ao público portoalegrense através da participação e da comunicação adjacente a este público. Eram jornais conhecidos da população e com orientação política definida.

### 1.9.3 - As Fontes

É objeto desta pesquisa o anticomunismo difundido pela imprensa escrita (jornais de Porto Alegre). Consideraremos apenas jornais comerciais, em Porto Alegre, durante o início da década de sessenta, buscando identificar e analisar os mecanismos utilizados no combate ao comunismo. É através do estudo do conjunto de mecanismos utilizados pela mídia no combate ao comunismo que poderemos compreender como, neste período, o tema foi trabalhado. Deixamos de lado as revistas porque os jornais atuam cotidianamente, e por esta razão, os consideramos mais próximos da população.

Jornais:

Quadro 4. Alcance dos jornais por classe social.

| Jornais Matutinos         | A% | B% | C% | D% | Total % |
|---------------------------|----|----|----|----|---------|
| <i>Correio do Povo</i>    | 76 | 58 | 46 | 28 | 51      |
| <i>Diário de Notícias</i> | 20 | 11 | 5  | 2  | 9       |
| Jornal do Dia             | 4  | 3  | 2  | 3  | 3       |
| Folha da Tarde            | 4  | 2  | 3  | 2  | 2       |
| <i>Última Hora</i>        | 2  | 1  | -  | 1  | 1       |
| Nenhum                    | 12 | 33 | 48 | 67 | 41      |
|                           |    |    |    |    |         |
| Jornais Vespertinos       |    |    |    |    |         |
| Folha da Tarde            | 63 | 57 | 48 | 31 | 51      |
| <i>Última Hora</i>        | 8  | 10 | 13 | 12 | 11      |
| A Hora                    | 6  | 8  | 8  | 5  | 7       |
| Nenhum                    | 31 | 35 | 43 | 58 | 41      |

Obs. Os percentuais somados ultrapassam 100% em função de que alguns leitores liam mais de um jornal. (Pesquisa IBOPE de janeiro de 1961. Acervo Edgar Leuenroth – Univ. Estadual de Campinas.)

Optamos em trabalhar com o *Correio do Povo*, pertencente ao Grupo Caldas Júnior, por ser o mais antigo, de maior circulação e por liderar as pesquisas de opinião pública entre os jornais mais lidos. Em função de sua expressão, trabalharemos também com o *Diário de Notícias*, pertencente ao Grupo Diários Associados, afinal, na década de sessenta, é o segundo jornal mais lido entre os matutinos. O jornal *Última Hora* foi escolhido por ser o único com tendência mais a esquerda, procurando buscar sempre uma postura menos radical, e também porque atingia o terceiro lugar na pesquisa do IBOPE. O conjunto destes jornais forma um bloco de periódicos comerciais que pode apresentar notícias contra o comunismo em seus diversos aspectos. Seria uma grande falha ignorarmos a atuação destes.

Não contemplaremos o *Jornal do Dia* por pertencer a Igreja Católica, abertamente contra o comunismo, e também por que existem outros pesquisadores que já exploraram exaustivamente as publicações católicas. A *Fôlha da Tarde* não será contemplada por pertencer ao grupo Caldas Júnior e reproduzir boa parte das matérias do *Correio do Povo*. O jornal *A Hora* não será estudado pela sua pequena penetração na comunidade de Porto Alegre.



## 2 – Questões Internacionais

### 2.1 - Guerra Fria e o debate Internacional, conceituações teóricas

Neste ponto do trabalho, buscamos compreender as nuances de todas as questões envolvendo as potências mundiais e, para isso, faz-se necessário compreender o que significou a Guerra Fria no contexto histórico pesquisado. Com esse intuito, mostraremos um panorama geral da Guerra Fria, arrolando também as ideias de autores que debatem sobre o tema e suas hipóteses.

A partir do fim da Segunda Guerra Mundial, o mundo passou a viver um período conhecido por Guerra Fria, travada entre as duas grandes potências mundiais a URSS e os EUA. Era uma batalha de nervos porque no final da segunda Guerra mundial os EUA lançaram uma bomba atômica sobre Hiroshima e outra sobre Nagasaki, destruindo totalmente as duas cidades. Segundo Eric Hobsbawm (1995, p. 224):

“a guerra consiste não só na batalha, ou no ato de lutar mas num período em que a vontade de disputar pela batalha é suficientemente conhecida” (Hobbes, capítulo 13). A Guerra Fria entre EUA e URSS, que dominou o cenário internacional na segunda metade do Breve Século XX, foi sem dúvida um desses períodos. Gerações inteiras se criaram à sombra de batalhas nucleares globais que, acreditava-se firmemente, podiam estourar a qualquer momento, e devastar a humanidade. Na verdade, mesmo os que não acreditavam que qualquer um dos lados pretendia atacar o outro achavam difícil não ser pessimistas, pois a Lei de Murphy é uma das mais poderosas generalizações sobre as questões humanas (“se algo pode dar errado, mais cedo ou mais tarde vai dar”). À medida que o tempo passava, mais e mais coisas podiam dar errado, política e tecnologicamente, num confronto nuclear permanente baseado na suposição de que só o medo da “destruição mútua inevitável”(adequadamente expresso na sigla MAD, das iniciais da expressão em inglês – *mutually assured destruction*) impediria um lado ou outro de dar o sempre pronto sinal para o planejado suicídio da civilização. Não aconteceu, mas por cerca de quarenta anos pareceu uma possibilidade diária.

Em vários momentos históricos a ameaça nuclear “pairou no ar”. Os americanos detiveram a exclusividade de possuir a bomba por quatro anos, quando a URSS também desenvolveu a sua. O temor do uso da arma nuclear levando o planeta à guerra total, era o fato alimentador deste medo. Segundo Aróstegui, J; Buchrucker, C e Saborido (2001, p. 523):

Sin embargo, el hecho de que el monopolio de la bomba atómica por parte de los estadounidenses durara solo cuatro años actuó como poderoso disuasor ante el posible estallido de una nueva guerra.

Ainda segundo os mesmos autores, a União Soviética acelerou seu desenvolvimento científico e, em 1949, fez o seu primeiro teste atômico, igualando-se desta maneira às condições bélicas dos EUA. Os EUA eram a grande potência até então porque, além de possuírem superioridade militar e a bomba nuclear, a guerra não havia atingido seu território, não destruindo, assim, sua economia. Ambas as potências sabiam que aquela que primeiro atacasse com armas nucleares poderia lançar o mundo numa devastação total. Esta realidade de igualdade bélica no campo da tecnologia nuclear foi o que manteve os níveis de embate<sup>20</sup> dentro de limites aceitáveis. Em outras palavras, a bomba soviética estabeleceu os limites para a paz.

Para J. Palmer e J. Colton (1980), o mundo na segunda metade do século XX não tinha problemas novos. Contudo, os já existentes, de um modo geral, se faziam mais complexos e urgentes e os autores destacam a ciência, a industrialização e a soberania nacional como os mais importantes. Para eles, apesar da ciência não ser uma questão nova, pois ao longo dos tempos vem transformando a indústria e a guerra, as pessoas sabiam que ela poderia ser utilizada construtivamente ou destrutivamente. Palmer e Colton, (1980, p. 633-634) afirmam ainda:

El problema de la ciencia adquirió un carácter dramático con la bomba atómica. El mundo se estremeció ante la instantánea destrucción de Hiroshima. La lucha de la postguerra por producir bombas atómicas y de hidrógeno aún más elaboradas estimuló la convicción de que una tercera guerra mundial sería inimaginablemente más espantosa. Podría preverse el empleo de cohetes intercontinentales dirigidos, de controles por radio, de espoletas de proximidad, y, probablemente, de guerra biológica. Los seres humanos tenían ahora la posibilidad de aniquilar, no solo sus civilizaciones, sino también casi su existencia sobre el planeta. Esta idea producía una especial comoción en un mundo que había situado sus más altos valores en el progreso social.

---

<sup>20</sup> Neste caso estamos pensando em embate amplo, ideológico e de comparação de poder bélico, tensional.

Os autores acima definiram muito bem o sentimento mundial frente aos novos problemas. Em plena Guerra Fria, a população mundial vivia momentos de indefinição, suspense, medo de que a qualquer momento uma bomba nuclear fosse lançada. Sobre a industrialização Palmer e Colton (1980, p. 635) dizem o seguinte:

El problema de La industrialización y de la seguridad en una sociedad industrial persistía también. En teoría, había dos pólos sociales opuestos. En um de ellos, representado especialmente por la U.R.S.S., todo el capital era de la propiedad del estado y se proporcionaba a los trabajadores en la medida em que lo necesitaban, y todo intercambio era cuidadosamente planificado por las autoridades públicas. Em el outro pólo, cuya mejor representación correspondía a los Estados Unidos, el capital era de propiedad de personas privadas que elegían los canales de inversión y determinaban así la existência de puestos de trabajo, y el intercambio se verificaba através del mecanismo del mercado. Lógicamente, ninguno de los dos sistemas era puro em la práctica, y, em realidad, las economías mixtas se convirtieron em la norma em muchos países, pero diferencias seguían siendo pronunciadas. El principal inconveniente Del sistema soviético era su falta de libertad; el Del sistema americano, su falta de estabilidad y de seguridad económica.

Segundo estes autores, os americanos dedicavam mais tempo tentando corrigir suas falhas em segurança do que os Soviéticos em corrigir a falta de liberdade.

Sobre a questão da soberania nacional, os autores afirmam que a Europa estava devastada, seu parque industrial arruinado e a sociedade incapaz de produzir com eficiência, gerando a produção apenas do que era suficiente. A Ásia e a África sob influência das ideias e das tecnologias ocidentais contribuíram para criar sociedades que buscavam o aperfeiçoamento tecnológico ocidental, mas, ao mesmo tempo, buscavam a sua independência. Para os autores, o colonialismo na Ásia e África estava morto, contudo, a necessidade de ajuda dos asiáticos e africanos, estava muito viva. E Palmer e Colton (1980, p. 635) acrescentam:

Otra pregunta surgía em torno a la unidad y diversidad del mundo contemporáneo. ¿ Era el mundo contemporáneo, realmente, “un mundo” no lo era? Era un mundo, em el sentido de que requería una gran cantidad de mutuo intercambio y em sentido de que las repercusiones políticas se extendían por él rápidamente y las culturas mundiales se interrelacionaban como nunca lo habían hecho antes. Pero estaban lejos de ser um mundo homogêneo; todos admiraban la turbina de vapor y se estremecían ante la fisión atômica, pero, fuera del marco material, sus esquemas de valores diferían ampliamente. Nadie quería estar subordinado a outro, o perder su

modo de vida em una civilización mundial uniforme. Aquí se encuentra la raíz del problema de la independência nacional y de su corolário, la organización mundial.

Como podemos observar os elementos elencados pelos autores tiveram grande influência mundial, seja na questão bélica (onde o equilíbrio foi importante) na questão industrial ou naquela da soberania nacional. Os autores afirmam que com o mundo longe se ser homogêneo, ninguém desejava estar subordinado ao outro, absorvendo os modos de vida numa civilização uniforme. As diferenças culturais estavam sendo preservadas, mas as tecnológicas estariam levando as sociedades a uma uniformidade de desenvolvimento.

Sobre as questões políticas Palmer e Colton (1980) afirmam que os dirigente soviéticos que assumiram o poder após a morte de Stálin, em 1953, eram mais conciliadores não desejavam um alargamento do comunismo no mundo. E por esta razão, não apoiaram muitos destes processos de independência ou de mudanças de tipo de sistemas governamentais.

Por exemplo, em junho de 1950 inicia a guerra da Coréia. Após a Segunda Guerra Mundial, o norte da Coréia havia ficado sob a proteção da URSS, este invade o sul que estava sob a proteção dos EUA, no entanto esta região não se constituía vital para a defesa dos interesses americanos. Os norteamericanos não aceitaram tal invasão e conseguiram com que a ONU aprovasse uma intervenção em defesa da Coréia do Sul. Não obstante, tanto a URSS como os EUA tinham interesse em evitar um confronto em larga escala. As tropas das Nações Unidas, lideradas pelos americanos, conseguiram fazer com que as tropas nortecoreanas retornassem até seu território e se estabelecessem nos limites da divisa entre os territórios das Coréias do Norte e do Sul. Em meados de 1951, iniciaram-se as negociações de paz que somente foram concluídas em julho de 1953 após a troca de prisioneiros e um acordo de cessar fogo. Apesar dos problemas a ameaça da bomba sempre ficou subentendida nas negociações de paz na Coréia. Na década de 1960 temos a Crise dos mísseis em Cuba que abalou os nervos da América Latina e o mundo sob o medo da bomba.

Contudo, Hobsbawm (1995, p. 232) oferece um raciocínio que parece bastante lógico a respeito da periculosidade dos antagonistas.

Ao contrário da URSS, os EUA eram uma democracia. É triste, mas deve-se dizer que estes eram provavelmente mais perigosos.

Pois o governo soviético, embora também demonizasse o antagonista global, não precisava preocupar-se com ganhar votos no Congresso, ou com eleições presidenciais e parlamentares. O governo americano precisava. Para os dois propósitos, um anticomunismo apocalíptico era útil, e, portanto tentador, mesmo para políticos não de todo convencidos de sua própria retórica ou do tipo do Secretário de Estado da Marinha do presidente Truman, James Forrestal (1882-1949), clinicamente louco o bastante para suicidar-se porque via a chegada dos russos de sua janela no hospital. Um inimigo externo ameaçando os EUA não deixava de ser conveniente para governos americanos que haviam concluído, corretamente, que seu país era agora uma potência mundial- na verdade, de longe a maior – e que ainda viam o “isolacionismo” ou protecionismo defensivo como seu grande obstáculo interno.

A proposta de Hobsbawm segue no sentido de que este sentimento de medo e de iminência da guerra era paulatinamente alimentado pelos governantes norte-americanos, em função da sua organização interna. A realidade mostrava que a URSS não tinha o menor interesse em bater de frente com os EUA, pois seus objetivos eram outros. Desejava, porém, manter a equivalência bélica que seria a garantia de um equilíbrio de forças. Contudo, os americanos precisavam manter a guerra psicológica, usando para isto uma retórica apocalíptica, visando garantir verbas do Congresso.

Entretanto, o uso da ameaça externa como justificativa de poder não era um privilégio exclusivo norte-americano. George Kennan<sup>21</sup> identifica no seu telegrama longo e histórico, enviado em fevereiro de 1946 a Washington, que a União Soviética também utilizou este tipo de subterfúgio. Ao fazer a sua análise sobre a sociedade soviética, observa que quando Stálin estava no poder, criou órgãos de repressão porque havia o perigo do capitalismo remanescente alimentar forças hostis ao regime. Quando este deixou de existir na União Soviética, os líderes se voltaram para o perigo externo como justificativa de poder. Kennan (2008, p. 3) expõe desta forma:

Del mismo modo, se há recalcado enormemente la tesi comunista original del antagonismo básico entre los mundos capitalistas y socialista. A partir de muchos indícios, és evidente que este énfasi no se basa em la realida. Los hechos reales se han confundido por la existência em el extranjero de um genuíno resentimiento provocado por la filosofía y las tácticas soviéticas y a veces por la existência de grandes centros de poder militar, principalmente el régimen nazi em Alemania y el gobierno japonês de finales de los años treinta, que sin duda tenían desígnios agresivos contra la Unión Soviética. Pero existen muchas pruebas de que el énfasi que da Moscú a la amenaza que enfrente la sociedad soviética más allá de sus

---

<sup>21</sup> Diplomata, cientista político e historiador norte-americano.

fronteras se funda no em las realidades del antagonismo extranjero, sino en la necesidad de dar una explicación al mantenimiento de la autoridad dictatorial em casa.

Como podemos observar, o uso da ameaça externa foi amplamente utilizado pelas duas potências em prol de seus interesses políticos. A sua população não dispunha de condições de analisar ou questionar tais usos, pois cada uma guardava como secreto todo novo elemento sobre o oponente.

Ao longo destes sessenta e três anos os intelectuais têm pensado e discutido a Guerra Fria buscando identificar qual o seu significado, como ela atuou nos diversos países. E quais suas consequências, ou seja, a natureza do conflito continua sendo discutida amplamente mesmo após os acontecimentos da década de oitenta quando muitos consideraram que ela estava chegando ao seu final e outros que ela havia se transformado.

Existem algumas correntes teóricas que participam deste debate, influenciando por muito tempo as discussões e que devem, por isso, ser identificadas. Uma delas é o realismo que, segundo Fred Halliday (1999, p. 189), pode ser definido da seguinte forma:

Para o realismo a Guerra Fria foi uma continuação da política dos grandes poderes, embora com certos acréscimos como as armas nucleares, a corrida armamentista e a rivalidade ideológica entre o capitalismo e o comunismo. A suposição desta continuidade dentro do conflito internacional foi facilitada pelo foco na política externa da própria URSS, que foi percebida como mantendo os objetivos externos do regime pré- 1917, e/ou dos EUA que foi percebido como simplesmente um outro poder imperial, não somente vis-à-vis o Terceiro Mundo, ou os europeus e os japoneses, mas também vis-à-vis a URSS.

Halliday, na citação acima, expõe como o realismo estabelece o equilíbrio de poder entre as potências, as armas nucleares, a corrida armamentista. Esta teoria procurou justificar o procedimento de contenção entre as partes. De acordo com Lothar Hein (2008), o próprio processo de enfrentamento bipolar fornecia um modelo contundente que foi tomado por alguns teóricos como regra geral da história das relações entre as potências. Neste sentido, foram estabelecidos alguns paradigmas. Um deles diz respeito ao fato de que não haveria lei suficiente para conter as potências, estabelecendo, assim, uma situação anárquica, somente mantida porque os contendores controlam-se mutuamente através de mecanismos de poder. É nesta dimensão anárquica que se baseia o realismo clássico.

Um dos autores que defenderam a teoria do realismo foi George Kennan, cujo pensamento estabelece que as relações internacionais devam orientar-se segundo os estritos interesses do estado. Para o realismo, de acordo com Hein, o antagonismo entre os estados é inevitável e necessário; o estado é expansionista e o cumprimento dos acordos está diretamente relacionado ao custo benefício dessa ação. Hein (2008, p. 4) nos esclarece:

A ordem do realismo pressupõe flexibilidade de alianças e aceitação das mesmas noções sobre o poder político, o cálculo como base da racionalidade. A ordem realista é uma seqüência de ordens provisórias que não excluem a tensão ou o conflito. (...)

Para os realistas, o Estado, ator privilegiado no âmbito das relações internacionais, é dominante e a cooperação, problemática. Neste sentido, a ordem internacional é uma imposição hegemônica das grandes potências. (...)

O que contém a tendência à expansão apresentada pelos estados é apenas a ação dos Estados concorrentes. A busca pela ampliação dos recursos de poder é a chave mestra deste paradigma. (...)

Portanto a única forma de equilíbrio para o Realismo é a formação de balanças de poder, uma associação entre estados, no sentido de evitar a guerra total.

Podemos identificar nestas explicações muito da Doutrina Truman,<sup>22</sup> afinal a mesma se baseia no telegrama que George Kennan enviou para o Secretário de Estado, James Byrnes. Sobre o telegrama, Pennacchi (2008, p. 2) afirma o seguinte:

Nesse plano, ele analisava a evolução do contexto internacional e arriscava algumas previsões sobre o comportamento dos russos em relação ao Ocidente no pós-guerra, acentuando principalmente suas tendências expansionistas e propondo, para conter esse avanço, que os Estados Unidos adotassem uma política de esferas de influências.

Este documento foi muito importante na definição da política norte-americana frente a URSS. Kennan acreditava que para deter a possível expansão da União Soviética seria necessária uma ação firme e longa dos EUA. No telegrama Kennan propõe políticas de longo alcance cujo objetivo seria desgastar a União Soviética e derrotá-la. Neste texto, ele aponta as fraquezas soviéticas e seus pontos fortes, critica o totalitarismo e aventa a possibilidade de um

---

<sup>22</sup> Conjunto de práticas iniciadas no governo de Harry S. Truman presidente norte-americano que visava conter o avanço do comunismo no mundo.

possível rejuvenescimento das altas esferas do poder na União Soviética. Aponta ainda, para o fato de que os EUA jamais poderão considerar a União Soviética um país amigo, mas sim um país politicamente rival. Além disso, distingue claramente a política de contenção destinada a enfrentar os russos com oposição inalterável em todos os pontos em que se assinalem indícios de espezinhar “o mundo pacífico e estável”. Dentro desta linha de ação, sugere que os EUA devam criar entre os povos do mundo a impressão de ser um país que sabe aonde quer chegar, que atende de forma adequada os problemas de política interna e as suas responsabilidades de potência mundial e que possui vitalidade capaz de manter suas posições perante as principais correntes ideológicas de seu tempo.

Isaac Deutscher (1969), comentando sobre os mitos criados durante a Guerra Fria, faz uma crítica da versão ortodoxa deste período. Para ele, os EUA haviam saído da Segunda Guerra Mundial apenas com alguns arranhões e nada mais, pois suas perdas foram mínimas se comparadas com as perdas da União Soviética. Esta potência, ou melhor, este colosso sim “jazia quase aniquilado, sangrando profusamente por todas as feridas. E era esse colosso branco sangrante, quase aniquilado, que se supunha criar uma grande ameaça militar para a Europa” (Deutscher, 1969, p. 15). Segundo Deutscher (1969), a Rússia não teria condições mínimas de ameaçar ninguém devido ao grande número de homens perdidos durante a guerra, mais de 20 milhões. O autor usa os argumentos do antigo embaixador americano em Moscou, Sr. George F. Kennan, já citado, para corroborar com sua argumentação. Segundo Deutscher, (1969, p. 16) o embaixador, que era o principal colaborador político do Departamento de Estado, declarou que:

Após a segunda Guerra Mundial, os responsáveis pela política americana não eram capazes de enxergar o comunismo senão em termos de ameaça militar. Ao criar a OTAN haviam traçado uma linha imaginária através da Europa contra um ataque que ninguém estava planejando.

Este mito, de que a União Soviética poderia ser uma ameaça como grande potência comunista, desfaz-se ao analisarmos apenas superficialmente a situação do país. Deutscher (1969) nos dá uma boa indicação ao apontar que com a morte de 20 milhões de homens, o país foi reerguido por mulheres, velhos, crianças e com o que sobrou dos homens, na maioria aleijados e feridos. Deutscher (1969), citando Kennan a partir de uma entrevista à “Times”, diz serem os conceitos ocidentais errôneos que deram início a muitas das dificuldades do pós-guerra, permitindo que a dominação comunista se estendesse muito mais em direção ao



ocidente do que teria sido o caso em outras circunstâncias. Ainda segundo Deutscher a Rússia foi instigada a uma expansão em defesa própria pela política de potências da OTAN. Deutscher (1969, 17) tratando dos enganos e mito das classes dirigentes diz o seguinte:

Havia ainda outra série de enganos e mitos característicos da psicologia e da mentalidade de nossas classes dirigentes: o mito da superioridade nuclear americana, o mito de uma superioridade americana incontestável. Se, por um lado, a capacidade real e imediata da Rússia de levantar a mão contra o Ocidente foi, digamos eufemisticamente, grandemente exagerada, a força potencial da Rússia, sua capacidade para o desenvolvimento industrial, foi grandemente e ridiculamente subestimada.

Este autor preocupa-se em desfazer alguns mitos da Guerra Fria, contudo vale lembrar que eles foram parte da realidade das populações envolvidas no processo ao longo dos anos que se seguiram ao término da segunda guerra mundial. Apesar da crítica muito lúcida que Deutscher faz aos ortodoxos, foi a visão ortodoxa que pautou muitas das ações dos EUA até o início da década de setenta. Concordamos com a análise que o autor faz dos ortodoxos e seus exageros, entretanto devemos ter reserva quanto a aceitá-la sem uma análise mais detida, uma vez que ele escreve ainda num período de Guerra Fria.

Para Fred Halliday (1999), após a Segunda Guerra Mundial, o período que se seguiu foi de estabilidade na linha divisória estabelecida na Europa e de prosperidade das populações que viviam em ambos os lados desta linha. Contrastando com a experiência do Terceiro Mundo, por onde se estendeu a Guerra Fria, a revolução social e a pobreza massiva. Se o conflito no pós-guerra foi “frio” na Europa, foi sangrento na Ásia, África e América-Latina.

Halliday (1999) define a Guerra Fria em duas partes, uma chamada de “*primeira Guerra Fria (1947-1953)*” e a “*segunda Guerra Fria (1979-1985)*”, sendo que a primeira esteve acompanhada da criação de regimes pós-capitalistas tanto na Europa como no Extremo Oriente. A primeira onda de revoluções de pós-guerra foi uma consequência do afundamento dos Estados existentes e o papel desempenhado na luta contra o fascismo pelo exército Vermelho e pelos partidos comunistas. Halliday, (1999, p. 87) segue falando que os novos Estados foram criados como consequência dos movimentos nacionalistas e revolucionários autônomos e seis deles surgiram como consequência da imposição partindo das autoridades comunistas em países que sofriam grande influência desse regime. Apenas um país da Europa Oriental, a Grécia, significou a mudança mediante a contrarrevolução armada, apesar da posição inicialmente poderosa dos comunistas locais. A criação de um bloco de “democracias populares” na Europa Oriental foi acompanhada de uma onda de revoluções no Extremo

Oriente: na China, Coréia e Indochina. Em nenhuma destas lograram os revolucionários colocar todo o território nacional sob seu controle. Taiwan, Coréia do Sul, e Vietnã do Sul permaneceram sob a autoridade capitalista.

Segundo o autor, após a primeira onda revolucionária, transcorreu um período de estabilização no Terceiro Mundo, comparável ao que marcou o final da onda revolucionária do pós-guerra na Europa, em meados dos anos vinte. Neste contexto de aparente tranquilidade nesta região, os países colonialistas empreenderam um processo de descolonização, enquanto dezenas de novos Estados obtinham a independência a partir de meados dos anos cinquenta em diante. Na maioria dos casos, a transição se deu sem problemas importantes para os países capitalistas avançados, mas se iniciou uma segunda vaga de revoluções no final dos anos cinquenta e primeiros anos dos sessenta na América Latina, Oriente Médio e África.

Para Halliday (1999), as duas vitórias mais marcantes desta época foram à revolução Cubana, de 1959, e a independência da Argélia, em 1962. Para ele, este período assistiu significativos levantes em muitas regiões do Terceiro Mundo. Na América Latina, se desenvolveram os movimentos guerrilheiros inspirados em Cuba e, na Indochina, os comunistas decidiram relançar sua campanha no sul. Diante da contínua rejeição do governo de Saigon e seus partidários americanos em função de respeitarem os acordos de Genebra, se criou a frente de libertação Nacional do Vietnã do Sul. A administração Kennedy estava especialmente alarmada com o exemplo cubano. Sob a cobertura da Aliança para o Progresso, lançaram a campanha de contra insurgência por todo o continente latinoamericano.

Já para os autores Arostégui et al. (2001, p. 521), a Guerra Fria possui dois eixos. Um eixo horizontal e definido pela bipolaridade, que se manifesta como um desafio competitivo entre a URSS e os EUA, cada qual com pretensões de salvar e controlar suas zonas de influência. Este é o eixo Ocidente x Oriente. Nesta perspectiva, destaca-se a corrida armamentista, sendo que somente a URSS se mostrou de fato verdadeiramente competitiva, buscando adquirir a bomba e aumentando seu aparato militar muito mais rapidamente que os norte-americanos. Para os autores os EUA enveredaram para as questões das zonas de influência, difundindo seu modo de vida nos territórios controlados pelos estados colonialistas europeus, especialmente a Grã-Bretanha.

O outro eixo proposto por eles é vertical, cruzando perpendicularmente o outro e se definindo pelo processo de descolonização e reorganização da nova ordem mundial através das “novas nações emergentes”. No entrecruzamento entre eles há a origem de outro tipo de conflito denominado “conflito norte-sul”. Segundo os autores, é neste conflito norte-sul que

se dará o cenário quente da Guerra Fria, principalmente nas regiões consideradas estratégicas para cada um dos pólos.

Segundo Arostégui et al., a Guerra Fria se manifestou com um alto grau de hostilidade entre as superpotências (ainda que oscilante), estabelecido em diversas facetas: a ideológica, a propagandista, a diplomática, a econômica, a formação de blocos militares, a espionagem e a corrida armamentista. Mas mais do que isto, os principais antagonistas e seus aliados se envolveram em lutas armadas cujo cenário foi o Terceiro Mundo.

Fred Halliday (1999), na sua obra “Repensando as Relações Internacionais”, analisa várias teorias sobre a Guerra Fria. Para ele haviam dois grandes debates o primeiro é de argumentação histórica e se refere às causas e responsabilidades da Guerra; o segundo, fala da linguagem de paz, da dinâmica da Guerra Fria e das próprias relações internacionais.

O primeiro debate ele divide em três grandes fases: o consenso anticomunista inicial, o desafio “revisionista” e o novo consenso “pós-revisionista”. A crítica de Halliday (1999, p. 189) sobre este debate histórico é que o mesmo sofreu limitações óbvias:

Por um lado, nasceu de uma conjuntura política específica e foi dominado pelas preocupações desta situação – tanto para os “revisionistas” como para os anticomunistas; segundo, foi conduzido em quase total inocência das questões teóricas, refletindo o empirismo da historiografia anglo-saxã e do próprio debate político fora do centro.

Quanto ao segundo debate, Halliday (1999, p. 189) afirma que continha uma percepção um pouco maior das questões teóricas, mas que os fundamentos teóricos não foram substancialmente desenvolvidos.

A análise do que foi a Guerra Fria permaneceu quase toda no nível pré-teórico, no sentido de ter posições implícitas ao invés de explícitas e de falhar em perguntar quais poderiam ser as implicações da Guerra Fria para a teoria das Relações Internacionais.

Apesar da crítica feita ao segundo debate, Halliday conta que este, abrangeu quatro abordagens principais, as quais ele categoriza como: Realista, Subjetivista, Internalista e Intersistêmica. O conceito de realismo já foi visto, seguimos com os demais.

Os Subjetivistas, para o autor, seriam aqueles que fazem referência às teorias que analisaram a Guerra Fria em termos de percepção, e de percepção errônea. A literatura sobre esta percepção teria se desenvolvido em torno das décadas de 60 e 70 Halliday (1999, p. 190) afirma sobre o tema:

Ela sugeria que a política externa em geral, e erros em política externa em particular, poderiam ser em grande medida atribuídos às percepções possuídas, individualmente e coletivamente, por aqueles que formulam a política externa e pelas populações que a influenciavam e constrangiam. Este argumento não foi especificamente dirigido para a discussão da Guerra Fria, mas teve implicações para ela. Fosse o argumento explicitamente estendido desta forma ou de outra ele era paralelo e reforçava uma posição comum entre os escritores liberais sobre a Guerra Fria e as revoluções em geral: o conflito poderia ter sido evitado se somente cada um dos lados tivesse sido melhor informado sobre o outro (uma política “diferente” para a Rússia depois de 1917, China depois de 1949, Cuba depois de 1959, ou neste sentido, França depois de 1789.).

O autor afirma que estas discussões tendem a não dar ênfase à necessidade de compromisso ideológico de cada um dos lados, ou privilegiar informações e contato com os estados supostamente, mas não realmente comprometidos com a transformação mútua.

Sobre os Internalistas, Halliday afirma que seriam aqueles cujas abordagens localizam a dinâmica da Guerra Fria dentro dos blocos e não entre os blocos contendores. Conforme já vimos anteriormente sobre este ponto, encontramos no telegrama de Kennan uma referência ao fato de que a URSS utilizou o medo do inimigo externo para justificar a sua ditadura<sup>23</sup>.

Halliday (1999, p.192) detém-se no argumento intersistêmico e define a Teoria Intersistêmica da seguinte maneira:

A teoria intersistêmica pode ser resumida em três posições-núcleo: (a) a rivalidade leste-oeste foi um produto do conflito entre dois sistemas sociais distintos; (b) esta competição envolve uma dinâmica competitiva e universalizadora; (c) somente poderia ser concluída com um dos blocos prevalecendo sobre o outro. O termo “sistema” não é usado aqui para indicar o “sistema internacional” em geral, como designado na teoria convencional das RI, nem a “Guerra Fria como sistema”, no sentido de um esforço mútuo característico dos internalistas, mas para indicar a organização interna das sociedades e políticas de cada bloco.

---

<sup>23</sup> KENNAN, George. Op. Cit. p. 3

Sobre esta teoria, Halliday afirma que a Guerra Fria não poderia terminar com um acordo, mas apenas prevalecendo um lado sobre o outro. Para colaborar com esta concepção, o autor assevera que a mesma “foi reconhecida por alguns que nela participaram”. (Halliday, 1999, p. 192-193). A análise do ex-embaixador americano em Moscou, Sr. George Kennan, “primeiro formulada em seu longo telegrama de fevereiro de 1946 e então publicada em forma revisada em 1947 na revista *Foreign Affairs*” (Halliday, 1999, p. 193.), é utilizada pelo autor para demonstrar que almejavam utilizar a teoria intersistêmica “na competição entre dois sistemas e no objetivo, não da paz ou do compromisso, mas de finalmente prevalecer sobre o outro”(Halliday, 1999, p.194). Para ele, a análise de Kennan é bastante clara, sendo a contenção a estratégica pré-condição para o fracasso final do sistema comunista. E, tratando do resultado da Guerra Fria com o colapso do poder soviético, Halliday (1999, p. 206) afirma o seguinte:

Contudo pareceria plausível argumentar que, em alguns importantes aspectos, isto sugere uma teoria do conflito intersistêmico: primeiro, o colapso do comunismo não ocorreu por causa do mecanismo convencional de conflito interestatal, a guerra, nem através da erosão do território do bloco soviético por pressão militar e comercial ocidental, mas, pelo contrário, pela corrosão do sistema pelo efeito demonstrativo do sucesso do ocidente nos campos social, econômico e político; segundo, a Guerra Fria não terminou por causa do equilíbrio de poder, ou de uma exaustão mútua, mas pela prevalência de um bloco sobre o outro, em outras palavras, por causa de uma vitória sistêmica. Certamente, outras interpretações sobre este resultado e sobre o caráter essencial da Guerra Fria são possíveis: entretanto, precisamos ter esperanças de que pelo menos algum dia, sejam examinadas as suposições e as implicações teóricas fundamentais da dimensão dominante do conflito internacional pós-45.

Este autor defende a teoria intersistêmica como uma competição em que os valores podem adquirir dimensões importantes. Percebe-se que, de acordo com ele, o sucesso do Ocidente em termos social, econômico e político foi o que levou a corrosão do sistema soviético. Neste caso, ele identifica que o elemento externo seria o responsável pela queda da União Soviética.

De acordo com Hein (2008, p. 9), Edward Thompson defende a ideia de que a Guerra Fria se constitui relativamente independente dos seus suportes ideológicos, estruturando-se nas sociedades conflitantes. Para ele, a Guerra Fria foi um jogo de opostos que culminou criando um único sistema, como podemos ler a seguir:

Uma dinâmica auto-reprodutora com regras próprias. A ideia de origem comum remete a uma reciprocidade de intenções em ambas as potências em conflito. Sua origem está em forças militares-sociais internas em ambos os blocos, que constroem o conflito com o seu próprio objeto. Esta é a garantia as estase da guerra, nunca levada a termo.

Neste artigo, Hein (2008, p. 10-11) faz uma crítica ao trabalho de Halliday (1999), afirmando o seguinte:

Mais do que defender um ponto de vista diante de seu oposto, a insistência de Halliday em negar a reciprocidade do processo das nações em conflito revela, antes de tudo, uma classificação espúria da historiografia. O quadro das escolas de Halliday é simplesmente insuficiente. Pensar a Guerra Fria como um conflito intersistêmico, sem considerar o processo histórico da construção do conflito, constitui-se uma simplificação que obscurece a compreensão de aspectos envolvidos, que não estão ligados diretamente ao problema dos sistemas.

O autor também afirma que o debate entre Halliday e Thompson abre possibilidades para análise de outros fatores, como as questões de cunho cultural e político que são internas aos estados envolvidos. Hein (2008, p. 10), citando Thompson, afirma que em relação “ao fechamento da Guerra Fria Thompson responde: *Em uma lógica de interação recíproca, a retirada de um lado pode afetar profundamente o outro, assim como pode cair o lutador que repentinamente se vê sem seu antagonista*”.

Concordamos com Hein, diante desta discussão uma vez que a Guerra Fria é um complexo de razões e variáveis que se entrelaçam e nas quais os blocos políticos capitalista e comunista se inserem.

Sobre o fim da Guerra fria Hobsbawm, ( 1995, p. 247-248) falando do colapso da União Soviética, diz o seguinte:

Foi a interação da economia do tipo soviético com a economia mundial tipo capitalista, a partir da década de 1960, que tornou o socialismo vulnerável. Quando os líderes socialistas na década de 1970 preferiram explorar os recursos recém-disponíveis do mercado mundial (preços de petróleo, empréstimos fáceis, etc.), em vez de enfrentar o difícil problema de reformar seu sistema econômico, cavaram suas próprias covas. O paradoxo

da Guerra Fria é que o que derrotou e acabou despedaçando a URSS não foi o confronto, mas a *détente*.

De certa forma Hobsbawm (1995) e Halliday (1999) concordam que a relação amigável entre as duas economias levou ao colapso da União Soviética. Hobsbawm (1995), entretanto, afirma que este fator teve início na década de 1970, quando a URSS foi beneficiada pela alta do petróleo, devido ao fato de ser produtora, e pelos empréstimos fáceis do sistema bancário internacional. Segundo Hobsbawm (1995, p. 459), estes elementos tornaram “mais aguda a crise de 1980, pois as economias socialistas – e notadamente a gastadora economia polonesa – eram demasiado inflexíveis para utilizar produtivamente o influxo de recursos”. Do ponto de vista econômico, foi a inabilidade dos socialistas para lidar com as questões financeiras que levou a URSS ao colapso. Do ponto de vista político, Gorbachev, democratizando o exército que era a estrutura básica da União Soviética e não colocando uma estrutura civil para substituí-lo, contribuiu para o colapso. A *Perestroika* (reestruturação econômica e política) e *Glasnost* (liberdade de informação) foram as responsáveis pelo colapso e surgimento de uma nova Rússia.

Paulo Vizentini (1999, p. 197-198.), tratando do final deste período afirma o seguinte:

Assim, a realidade mundial atingiu tal dinamismo sob a globalização, que se produziram novos e imensos desafios e possibilidades de transformação social. Não apenas a produção transnacionalizou-se com também os antagonismos sociais e conflitos políticos. Passamos da guerra de posições para a de movimento. Se a esquerda ainda não aproveitou esta situação, isto deve-se mais à falta de um projeto estratégico do que à força de seus adversários. E enquanto ela não ocupa plenamente o espaço que lhe caberia, muitos setores que poderiam integrar-se à sua base social voltam-se para reações atávicas, fundamentalismos religiosos, regionalismos separatistas, conflitos étnicos, líderes populistas ou individualismos alienantes.

Vizentini, na citação acima, nos apresenta um panorama deste novo período de incertezas que deve ser levado em consideração quando analisamos o desenvolvimento dos processos políticos mundiais que se seguem.

Nosso objetivo não é discutir o fim da Guerra Fria e nem seu início, mas tão somente apresentar um panorama das discussões em torno do tema. Estamos longe de extinguir a questão, pois o debate parece frutífero e promete seguir muito além.

Todo este debate reflete a construção de alguns mitos sobre a Guerra Fria, como afirma Isac Deutscher, que são reproduzidos pelos jornais. Na década de sessenta, é possível perceber na leitura dos jornais que os mesmos trabalham muito com a ideia norteamericana construída por Kennan ao fornecer elementos para a doutrina Truman. É fundamental termos em vista que quem fornece as notícias para a maior parte dos jornais de Porto Alegre são as agências norteamericanas, portanto seria lógico pensar que a mentalidade desta cultura esteja presente nos textos.

Trabalhando no contexto internacional da Guerra Fria, optamos por trabalhar com dois episódios ligados a América Latina – Invasão da Baía dos Porcos e Crise dos Mísseis – em função de serem episódios de forte tensionamento militar e que estavam muito próximos do Brasil, ou seja, dentro das Américas.

Para melhor compreender a ação dos Estados Unidos frente à Revolução cubana é preciso conhecer minimamente a história desde a independência de Cuba. Apesar das duas potências (EUA e URSS) tentarem afrouxar as tensões da Guerra Fria,<sup>24</sup> a Revolução Cubana surgiu como um novo foco de tensão. Em 1959, após dois anos de guerrilha, Fidel Castro e seus companheiros conseguiram conquistar o poder em Cuba, obrigando o presidente Fulgêncio Batista a fugir do país. Fidel e seus camaradas assumem, então, o poder e passam a adotar medidas governamentais que desagradam os EUA.

Procuramos evidenciar como os jornais divulgaram a invasão da Baía dos Porcos em Cuba e, para isto, fizemos uso de alguns jornais comerciais publicados no período. Neste processo, buscamos identificar através de análise os fatos que mereceram destaque, aquilo que Pierre Nora (1976) chama de acontecimento elevado ao patamar de fato histórico.

Sobre o fato dos eventos internacionais ocuparem a primeira página dos jornais, Danton Jobim (1992, p. 103-104) tem uma explicação bastante relevante que diz,

Explica-se, por tudo isso, que os acontecimentos internacionais ocupem cada vez mais espaço na primeira página dos jornais em qualquer parte do mundo. Os povos começam a pensar e a sentir intencionalmente, vendo-se cada vez mais afetados pelas decisões de outros povos. Frank Luther Mott diz que nos 15 anos anteriores ao primeiro conflito mundial os jornais da metrópole americana dedicavam, em média, de uma a seis colunas às notícias provindas do estrangeiro. Isto triplicou e quadruplicou durante a Primeira Guerra Mundial e Jamais desceu aos seus primitivos níveis, subindo novamente durante o desenrolar da segunda.

---

<sup>24</sup> O afrouxamento da tensão entre os EUA e a URSS ficou conhecido como *détente*



Como se percebe as notícias internacionais foram incorporadas aos interesses das populações. O caso cubano provocou ainda maior interesse aos latino-americanos em função da Ilha fazer parte do conjunto das Américas. A seguir achamos relevante contar um pouco da história de Cuba uma vez que elegemos dois fatos que envolveram diretamente esta ilha do Caribe.

## **2.2 - Histórico de Cuba.**

Segundo Eliane Anconi (1998), a história de Cuba está ligada a movimentos de independência e igualdade social desde o tempo em que a ilha ainda era colônia espanhola. O desenvolvimento da indústria no século XIX trouxe o desenvolvimento da classe operária. Anconi (1998, p. 11) exemplifica com dados do século XIX:

Para citar apenas um exemplo, em meados do século XIX, a indústria tabaqueira contava com mais de 15 mil trabalhadores armadores de cigarros, concentrados em pequenas fábricas. Um fato importante ajudou a desenvolver uma certa consciência de classe entre esses trabalhadores, os primeiros em Cuba a se associarem em organizações de socorro mútuo e cooperativas. “Em 1864 inicia-se, como atividade de educação, formação e propaganda social, foi se estendendo a todos os estabelecimentos tabaqueiros da ilha. Ela se realizava durante o processo de trabalho por um leitor que se dedicava a ler enquanto os operários torciam as folhas”. Ao lado da consciência de classe, desenvolvia-se o sentimento independentista.

Cuba desenvolve, desde muito cedo, um sentimento de independência, consciência de classe e ideal separatista. Assim, apesar dos esforços da metrópole espanhola, o processo separatista era inevitável. E, em 1868, deu-se início a luta pela independência. Abordando sobre a Independência de Cuba, Anconi (1998, p.13-14) afirma o seguinte:

A proclamação de “independência ou morte”, conhecida como “Grito de Yara”, foi dada em 1868 por Carlos Manuel de Céspedes, dono de um pequeno engenho de açúcar na região oriental; e o fez ainda que a guerra não estivesse totalmente preparada, porque a conspiração foi descoberta pelas autoridades espanholas. Neste momento, começou uma guerra contra os espanhóis que durou dez anos(...).

A Guerra foi se alastrando principalmente nas regiões oriental e central de Cuba. “Necessitava-se a união de todos e, por essa razão, decidiram se reunir no povoado de Guáimaro para constituir um governo e elaborar leis democráticas para a revolução. A assembléia de Guaimaro elegeu Carlos Manuel de Céspedes como presidente da República de Cuba em Armas e promulgou uma constituição em 10/4/1869”. (...).

Após dez anos de guerra, a paz, sem independência, foi firmada, pela Espanha e pela câmara dos Representantes da República em armas, no pacto de Zanjón em 1878, ficando acordadas a participação de cubanos no governo e a emancipação dos escravos, com a promessa, por parte do governo espanhol, de “que Cuba teria um estatuto de autonomia similar ao que já tinha Porto Rico. A promessa jamais foi cumprida. Os empresários espanhóis com interesses econômicos na ilha bloquearam qualquer iniciativa, impedindo que fossem cumpridas as reivindicações da burguesia *crioulla*. Cuba e Porto Rico sofriam uma política de intercâmbios comerciais que favorecia extraordinariamente a metrópole, em detrimento da colônia, e ajudava a remediar o tradicional déficit espanhol na balança de pagamentos”.

Segundo Anconi (1998), internamente o pacto não foi aceito por alguns membros da própria luta, mas o patriotismo e o sentimento de nacionalidade saíram fortalecidos. No entanto, em fevereiro de 1865 aconteceu uma nova declaração de guerra. Aos poucos, os Estados Unidos iam se inserindo na economia de Cuba. A autora afirma que os Estados Unidos pretendiam anexar a Ilha em seu território e, para isto, precisavam colaborar com a independência de Cuba. Segundo Anconi (1998, p. 16), “Tomando como pretexto um suspeito ataque ao encouraçado norte-americano *Maine* ancorado no porto de Havana, os Estados Unidos declararam guerra à Espanha, intervindo diretamente na guerra cubana.”. A Espanha enfrentava problemas internos e aceitar o desmembramento de qualquer uma de suas partes significava perder sua legitimidade perante o exército, a igreja e as classes dominantes, sendo, portanto, um convite ao golpe. Entretanto, ser vencida por uma força militar muito superior implicava na solução do problema e, segundo Anconi (1998, p. 17), “ocultava as responsabilidades do regime no desastre colonial”. As forças militares americanas colaboraram nas lutas internas em Cuba e, aos poucos, venceram as forças colonialistas. Os EUA, apesar de terem lutado junto às forças cubanas, não permitiram que estas entrassem na capital após as vitórias. A guerra terminou com um Tratado de Paz assinado em 1898. Anconi (1998, p. 18) se referindo aos resultados da guerra afirma o seguinte:

Os Estados Unidos saíram desta guerra com a posse de Porto Rico e das Filipinas e mais, pois em nome daqueles compromissos, foi instalada uma força de ocupação estadunidense na ilha, que formou um governo militar em janeiro de 1899. Suas primeiras providências, orientadas pela

intenção de anexar Cuba, se deram no sentido de desarmar política e militarmente o povo Cubano e romper sua ainda frágil unidade nacional. Para isso desfizeram o exército Libertador e a Assembléia Revolucionária formada por representantes eleitos daquele exército.(...).

Ainda segundo Anconi (1998, p. 18) esta atitude dos EUA enfrentou muita resistência. Tanta, que Washington teve que mudar sua política e decidiu submeter Cuba a sua política sem anexá-la.

Como parte dessa política, foi convocada a assembléia constituinte em 1901, para a qual foram eleitos delegados cubanos. Enquanto isso, no Senado dos Estados Unidos era aprovada uma emenda, conhecida como emenda Platt, por ser este o nome do senador que a defendeu, que estabelecia os vínculos jurídicos com Cuba. Essa emenda, de fato, proporcionava direitos específicos aos Estados Unidos de intervenção nos assuntos internos de Cuba e foi imposta aos delegados constituintes para que a aprovassem, sem modificações, como um apêndice da Constituição. “A maioria dos delegados se negou a aprová-la, pois privava Cuba de sua Independência, mas o governo norte-americano, por meio do general Wood, ameaçou manter a ocupação militar. Esta pressão obrigou a que se aceitasse o apêndice. Assim a Constituição de 1901 da República de Cuba nasceu viciada: ainda que formalmente Cuba fosse independente, os imperialistas podiam pôr ou tirar governos, obter toda a classe de privilégios para a inversão de seus capitais em Cuba e explorar os recursos naturais e humanos, como de fato o fizeram”.

A dominação norteamericana na Ilha vem de longa data. Segundo Anconi (1998, p. 18), “sobreviveram no seio da sociedade cubana aqueles setores que jamais se contentaram com esta situação. Enfim, a revolução que se anunciou ficou adiada por mais alguns anos.” Quando finalmente ocorre a revolução em 1959, os pontos de conflitos com os EUA são muito grandes. Os norteamericanos, que tinham muitos investimentos na Ilha, sentiram-se prejudicados. Entre as principais medidas que desagradaram estão à nacionalização de todas as empresas, usinas, indústrias e refinarias por parte do Governo Revolucionário.

### **3 A Invasão da Baía dos Porcos**

Em janeiro de 1961, quando John Kennedy assumiu a presidência, os EUA romperam relações diplomáticas com Cuba. Em abril do mesmo ano, a Ilha sofre um ataque de uma força contrarrevolucionária anti-castrista treinada pela CIA (Agência Central de Inteligência Norteamericana). A invasão teve início no litoral sul, na baía dos Porcos. O objetivo da invasão era derrubar o governo de Fidel Castro e estabelecer um novo governo liderado por José Miró Cardona, professor universitário em Havana que, após exilar-se nos EUA, foi escolhido como o novo presidente pelos contra-revolucionários. Os Cubanos expulsos da ilha pretendiam instalar-se em Cuba por meios militares. O episódio foi noticiado em todo o mundo e envolveu as duas maiores potências da época, EUA e URSS. De um lado os norteamericanos negavam a sua participação no episódio e não permitiam que a URSS desse apoio a Cuba, de outro a URSS, acusando os norteamericanos de serem os mentores e financiadores da invasão. Vinicius Bandera (1998, p. 81) refere-se à Revolução Cubana da seguinte maneira:

É largamente sabido que, ao contrário das Revoluções Russa e Chinesa, a Revolução Cubana não foi construída sob a base de uma teoria revolucionária marxista. Ela foi resultado de décadas de ações e teorizações nacionalistas, cujos pontos altos foram as guerras de independência e o assalto a Moncada. A guerrilha de Sierra Maestra, que redundaria na derrubada da ditadura de Batista, foi uma continuação de Moncada, ambos sob a liderança de Fidel. Somente depois da tomada do poder é que, por inconciliáveis pressões endógenas (burguesia nativa) e exógena (imperialismo estadunidense), o nacionalismo dos insurretos foi tomando um matiz autenticamente socialista.

A citação acima demonstra que, devido às inúmeras pressões (internas e externas) impostas pelos Estados Unidos e pela burguesia nativa, Fidel e seu grupo foram sendo empurrados a um posicionamento político mais à esquerda. A Revolução Cubana trouxe aos Estados Unidos prejuízos gigantescos. Uma vez que os EUA praticamente tinham o controle econômico da Ilha, estes passaram a boicotar economicamente a ilha. A Revolução incitou muitos países, principalmente os EUA, a questionar sobre as posições políticas adotadas por Fidel Castro até que este se declarasse socialista. Em função disso, muito se explorou sobre o

tema nos jornais, provocando o imaginário social. De um lado os anticomunistas e de outro aqueles que acreditavam ser possível um regime comunista em Cuba.

Trabalharemos os jornais *Correio do Povo*, *Diário de Notícias* e *Última Hora* como já foi explicado no primeiro capítulo, pois nosso objetivo é demonstrar o tipo de destaque que cada jornal deu as notícias, assim como a sua tendência política, procurando identificar se, ao longo da matéria, fica evidenciado algum tipo de manifestação anticomunista.

### 3.1.1 - Correio do Povo

A invasão na Baía dos Porcos ocorreu no dia 17 de abril de 1961. No dia seguinte, o *Correio do Povo* divulgou a invasão em matéria de capa com duas grandes chamadas. A primeira e maior dizia o seguinte: “**CUBA SOFRE VIOLENTO ATAQUE POR MAR E AR**”, a segunda e com letras um pouco menores logo acima dessa dizia: “**RUSSIA DECLARA-SE PRONTA A AJUDAR FIDEL CASTRO**”. A capa deste jornal, que também é a primeira página, é prioritariamente dedicada a notícias internacionais e, para isto, utiliza os serviços da agência de notícias Associated Press. (AP) que, como sabemos, é uma agência norte-americana. Seria lógico pensar que as notícias fornecidas por ela tenham a influência das doutrinas norte-americanas, afinal seus repórteres são cidadãos norte-americanos em sua boa parte. Neste dia, toda a primeira página do *Correio do Povo* foi dedicada ao ataque.



( *Correio do Povo*, 18 de abril de 1961 – capa.)

## CUBA SOFRE VIOLENTO ATAQUE POR MAR E AR.

Miami, Flórida, 17 (A.P.) – Forças invasoras penetrando em Cuba por mar e ar, entraram em choque com as forças de Fidel Castro ontem.

O futuro do regime pró-comunista Cubano está em jogo.

O Primeiro-Ministro ao informar ao país a ocorrência de luta armada no sul, a menos de 160 km de Havana, exortou seus seguidores a expulsar as forças invasoras.

O líder dos exilados Cubanos, numa proclamação emitida nos Estados Unidos, pediu aos invasores que livrassem Cuba do regime de Castro e pusessem um fim “à cruel opressão do comunismo internacional.” (*Correio do Povo*, 17 de abril de 1961- capa.).

Na notícia referente ao ataque a Cuba afirma-se que “o futuro do regime pró-comunista está em jogo” e ainda neste mesmo texto, publicam a fala de um dos líderes dos exilados pedindo que as forças invasoras “*pussem um fim à cruel opressão do comunismo internacional*”. Chamamos a atenção para o apelo contra o comunismo “*cruel e opressor*”. O comunismo é destacado com estes adjetivos, assim como os regimes totalitários. Neste caso, a cruel opressão está sendo feita pelo comunismo internacional que, pelo que sabemos, é representado pela União Soviética.

Também é publicada a fala de Fidel chamando o povo à luta com as seguintes palavras: “avante Cubanos, a Revolução é invencível!”. O jornal afirma que a acusação de Fidel, sobre a invasão ter sido desfechada por “mercenários organizados pelo governo imperialista dos Estados Unidos”, encontrou eco em Moscou. Novamente há um reforço na ideia de que é o comunismo internacional que apóia Fidel e oprime a população Cubana.

Analisando a capa do jornal podemos perguntar se o seu discurso está sendo imparcial como apregoa a política do *Correio do Povo*. Vejamos alguns textos: “**Rússia declara-se pronta a ajudar Fidel Castro**”.

No corpo da matéria diz o seguinte:

Londres, 18 (A.P.) A agência noticiosa oficial Russa “Tass” afirmou esta noite que a União Soviética e seus aliados estão prontos para ajudar os Cubanos em sua luta contra os revolucionários anticastristas. Entretanto a Tass não explicou de que maneira esse auxílio seria prestado.

Os russos e seus satélites vem há tempos fornecendo armamento ao regime de Castro.

“A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e outras nações socialistas, isto é, todos os países amantes da paz, que são seus mais decididos amigos, estão prontos para proporcionar ao povo Cubano ajuda e apoio”, anunciou a referida agência. Lançando uma torrente de ataques contra a suposta cumplicidade dos Estados Unidos na nova revolta Cubana, a “Tass” fez um apelo a Organização das Nações Unidas (ONU) para “deter imediatamente a agressão”. “Os Tzares do campo imperialista deveriam recordar que Cuba não está sozinha”, advertiu a agência em um comentário radiofônico ouvido em Londres. (...).

Vamos nos deter no primeiro parágrafo desta matéria no qual há a informação que Cuba receberia assistência externa da União Soviética e seus aliados. O jornal faz um pequeno e “inocente” comentário sobre o fato da agência Tass não explicar o tipo de auxílio. O silêncio deve ser preenchido pelo leitor que em tempos de Guerra Fria tende a pensar em armas nucleares. Quando o jornal usa esta estratégia ele está fazendo com que o leitor fique temeroso da ação, tendo em conta que neste momento histórico a população mundial vive o medo de uma guerra nuclear. Então estabelece a ligação entre o comunismo e a ameaça à paz mundial. Note que na frase seguinte o jornal informa que os “Russos e seus satélites” há tempos fornecem armas com uma significação geral da frase muito negativa. A palavra “Russo” neste contexto adquire o significado de comunista de forma pejorativa e, pior ainda, fornecem armas há algum tempo, ou seja, querem a guerra e não a paz. São traiçoeiros

fornecendo armas. Podemos perceber claramente a construção imagética de que o bloco soviético é um bloco único e bélico quando afirma: “*Os Russos e seus satélites vêm fornecendo armamento ao regime de Castro*”. Mais adiante no texto, o jornal destaca a frase da própria agência que lembra a todos que “Cuba não está sozinha”, novamente ficando subentendida a ameaça, neste caso do comunismo, tanto Russo como Cubano, apresentado aqui como ameaçador e traiçoeiro. A advertência está subentendida ao longo de todo o texto. É um texto composto para mostrar que o inimigo está prestes a atacar. O jornal reproduz o que recebeu de uma agência noticiosa, que ouviu as informações através do rádio, interpretou e está repassando. Neste texto fica latente a ideia de que os comunistas falam de paz, mas repassam armas, ou seja, querem a guerra e neste caso não são dignos de confiança.

O Jornal usa de um subterfúgio bastante interessante na construção da imagem da luta. Na matéria cujo título é: “**CUBA SOFRE VIOLENTO ATAQUE POR MAR E AR**”, o jornal procura descrever o tipo de ataque, afirmando que o futuro do regime Cubano está em jogo e procurando apresentar os dois lados da luta. Porém, na sequência da matéria, coloca uma notícia que diz não poder confirmar e que se trata do seguinte:

O escritório do conselho adiantou, ainda que o esquerdista Lázaro Cárdenas, ex-presidente do México, estava tentando obter asilo na cidade do México, para Fidel Castro. Não foi possível confirmar esta notícia. (*Correio do Povo*, cont. da notícia da capa, p. 21).

Com que interesse o jornal publica esta informação que não pode ser confirmada? Que ação junto ao imaginário dos leitores o jornal espera obter? Podemos inferir que se Fidel Castro e o Presidente do México estão negociando asilo político é porque consideram o caso perdido, pois o ataque está sendo bem sucedido e a qualquer momento tudo terá terminado com a vitória dos invasores. O jornal trabalha com a ideia de que o líder revolucionário seria o primeiro a querer garantir a sua segurança, abandonando o povo a sua própria sorte na luta. A notícia não foi confirmada, mas a informação foi lançada e esta informação permanece nas mentes dos leitores. Novamente a questão confiança aparece e, desta vez, é o líder do movimento que não é digno de confiança. Percebemos que, o jornal publica uma informação que não pode confirmar e que estabelece um juízo de valor. É o que Motta (2002) afirma sobre recriar o real, transformá-lo em um novo real.





(*Correio do Povo*, 18 de abril de 1961 – continuação da capa.)

Entre as chamadas destaca-se a que diz: “*considerado iminente o golpe final pela libertação completa*”, levando o leitor a acreditar que a queda do governo Castro é uma questão de horas. Como podemos perceber, o jornal procura transmitir a ideia de que a invasão logo libertará Cuba do comunismo. Nesta notícia, o jornal procura dar ênfase aos avanços que a guerrilha invasora obteve, informa o número de milicianos, avisa que nas ruas de Havana estão ocorrendo violentos embates, etc. Ao leitor cabe deduzir que, se em Havana há combate nas ruas é porque o povo que ali mora estava apenas esperando uma invasão para se rebelar contra o governo comunista imposto. Neste caso, transparece a ideia de oposição entre comunismo e democracia. O texto afirma que grande parte da armada Cubana já havia fugido para aderir aos contra-revolucionários. A notícia leva o leitor a acreditar que há fuga (deserção) em massa na marinha. Através dessas informações o leitor é levado a acreditar que realmente o governo cairá logo. A matéria começa desta forma:

Nova York, 17 (A.P.)- O Conselho Revolucionário Cubano declarou esta noite que dentro de poucas horas se travará o principal combate na insurreição contra o regime de Fidel Castro. Um porta-voz do conselho afirmou que “um tremendo exército de invisíveis patriotas já recebeu instruções para assestar o golpe vital destinado a libertação de nosso amado país” O mencionado informante acrescentou: “Grande parte dos milicianos em Cuba já abandonou

Castro”. A declaração do conselho, sob o título de “Boletim nº3”, é a seguinte: “O conselho revolucionário Cubano deseja anunciar que a batalha principal do movimento anticastrista terá lugar nas próximas horas. A ação da hoje foi em sua maior parte de abastecimento e de apoio ao esforço das combatentes que foram mobilizados e treinados dentro de Cuba nos últimos meses. O tremendo exército de invisíveis patriotas já recebeu as instruções para assestar o golpe vital destinado a libertação de nosso amado país”. (*Correio do Povo*, 18 abril de 1961, capa.).

Observando a estratégia do jornal, percebe-se que é usada a fala do outro, pois, quem fala, é o porta-voz dos contra revolucionários, um exilado Cubano. Usando desta estratégia o jornal mantém a imagem de neutro, mas, na prática publica matérias nada neutras, afinal a AP é a fornecedora das notícias internacionais. Repetindo o boletim dos contrarrevolucionários, o jornal publica que o porta-voz fala de um exército de invisíveis, ou seja, pessoas já treinadas que estão no meio do povo, prontas para agir e libertar Cuba. Nessa fala ele demonstra amar o país. É quase um chamamento para aqueles outros que também o amam. A escolha das palavras leva, nesse caso, o leitor a pensar novamente no comunismo como opressor, pois é imposto as pessoas. O “exército de invisíveis” seriam aqueles que, por amor ao país, estariam dispostos a se sacrificar, lutando para libertá-lo do comunismo. O oponente é Castro e seu regime opressor. Percebe-se que ora Castro aparece como o representante do comunismo e em outros momentos, a denominação “seu regime” faz este papel. A estratégia e discurso ideológico dos contrarrevolucionários é: unidos pelo país e contra o inimigo comum que é o comunismo, representado por Castro. O Regime que Cuba possui é o de Fidel Castro, ele é a personificação do “demônio”, pois, sozinho, oprime um povo inteiro. O texto estabelece o inimigo comum buscando unificar a todos contra este inimigo, que é o comunismo, e neste caso está personificado na figura de Fidel Castro. As pessoas são chamadas a resistir contra este inimigo “mau” e “perigoso” que “oprima” a população e elas devem se unir ao exército de invisíveis para a batalha decisiva. Por ser um boletim emitido pelo conselho revolucionário, podemos pensar que, de alguma forma, estas noções estão chegando à população através dos jornais. Se a população está oprimida pelo comunismo pressupõe-se então que esta deveria reagir e apoiar os contrarrevolucionários.

Outro dado importante é que em nenhum momento se menciona a possibilidade de Castro possuir algum apoio da população. Essa, diante da possibilidade de apoiar Fidel Castro, desapareceu do contexto político. Nesse caso, o caráter sócio-histórico de uma

revolução interna na Ilha, com pessoas a favor e contra, não é considerado. Aparece nas notícias apenas o comunismo “que oprime, sufoca e tolhe a liberdade” da população.

Uma nota nesta página do jornal, estrategicamente colocada ao lado da notícia que fala de conflitos em Havana, diz que o aeroporto da capital está interdito por tempo indeterminado por ordem de Fidel, ou seja, ninguém entra e ninguém sai. A associação a falta de liberdade é bastante forte. Nessa nota é possível perceber que a existência de conflitos na cidade significando que a população reagiu a favor da invasão. O comunismo é apresentado, dessa forma, como aquele que impede o ir e vir, opondo comunismo e liberdade.

Outra notícia informa as ações do Chanceler Cubano nas Nações Unidas sob o título: **“Raul Roa afirma nas Nações Unidas que os invasores de seu país precedem dos Estados Unidos e Guatemala”**. Nessa matéria, o chanceler acusa os EUA e a Guatemala de apoiarem a contrarrevolução. O chanceler americano nega às acusações, mas não nega simpatia pelos rebeldes. Acusa Castro de trair a Revolução Cubana e de tentar derrubar outros governos para ali instalar regimes modelados pela sua imagem. No texto abaixo reproduzimos os últimos parágrafos da matéria.

O embaixador norte-americano Adlai Stevenson, afirmou: “estas acusações são inteiramente falsas e as nego categoricamente. Os Estados Unidos não cometeram agressão contra Cuba, e nenhuma agressão foi lançada de qualquer parte de seu território”. Acrescentou que, não obstante, o povo norte-americano simpatiza com “os Cubanos que não puderam suportar a vida em Cuba” sob o regime de Fidel Castro. O chanceler Roa que pronunciou o discurso sob funda emoção, disse ainda: “minha pequena e heróica nação, está demonstrando novamente a história de Davi e Golias. Permitam-me dizer: Lutaremos até a morte, mas venceremos”. Stevenson atacou Castro como tirano que tentara derrubar outros governos da América-latina e estabelecer regimes “modelados pela sua imagem”. Acrescentou: “o que procura Roa de nós é proteção para um regime terrorista, da ira natural do povo Cubano” e que a luta não é entre Estados Unidos e Cuba, mas entre Castro e os outros países americanos. “Castro perdeu a confiança de seu próprio povo, Acredita que pequenos grupos armados possam oferecer suficiente apoio para se tornarem perigosos. Ele tem razão em sentir medo”. O delegado norte-americano repetiu as acusações de que o país está sob o domínio da União Soviética. (*Correio do Povo*, 18 abril de 1961, capa.).

Nessa notícia, o governo de Fidel Castro acusa os EUA e a Guatemala que se apresentavam como inocentes apesar de simpatizarem com os contrarrevolucionários “que não puderam suportar a vida em Cuba”. A frase pronunciada pelos contrar revolucionários remete ao intolerável; o regime “comunista” de Castro tornaria a vida insuportável. Já o

discurso de Roa soa como algo dramático, sendo reproduzida a comparação de Davi e Golias, aumentando assim a intensidade do fato. O embaixador Cubano teve voz no jornal, contudo uma voz fraca, quase risível. Dentro do contexto histórico que se apresenta, o jornal coloca aqueles que defendem Castro como fracos e ingênuos, como é o caso do embaixador Cubano. O comunismo, nesse texto, aparece como traidor, terrorista e novamente opressor. A oposição traição e confiança é intensa e determinada pela frase “Castro perdeu a confiança de seu povo”.

Com intenção de evidenciar que as lutas estão ocorrendo, o jornal publica a seguinte matéria: **“Cerrado fogo de artilharia e incursões aéreas concentram-se contra as milícias em Matanzas”**. A notícia procura dar conta dos confrontos que ocorrem na Ilha, informando que há *“intensa luta e duelo de artilharia”*, existindo vários desembarques em grande escala. Abaixo um trecho da matéria:

Tanto a rádio do governo como a rebelde, ambas captadas em Miami, indicam o seguinte: ocorreram vários desembarques em grande escala na região de Matanzas, tendo ocorrido encarniçadas lutas com a milícia de Castro. Parece ter havido pouca resistência em oriente. Na região de Matanzas, realiza-se, agora, uma tentativa para juntar as várias ramificações do assalto num só e potente corpo invasor que poderá cortar a rodovia que corre de oeste a leste de Cuba, para logo lançar uma ofensiva final em direção de Havana. Fontes rebeldes indicaram que poderá estar ocorrendo um terceiro desembarque, neste momento, na província de Pinat Del Rio a oeste de Havana. Esta notícia ainda não foi confirmada, porém sua fonte é fidedigna. (...) (*Correio do Povo*, 18 de abril de 1961, capa.).

Essa notícia, dada a forma como é apresentada, traz ao leitor a ideia de legitimação, porque ambas as rádios ponderaram sobre a mesma informação. A pouca resistência seria um indício de que há apoio popular, de que a população está lutando contra o comunismo, e seriam provas de que o regime não seria bem vindo na Ilha. Em outra sequência da mesma matéria encontramos o seguinte:

Tanto as transmissões rebeldes como as do governo indicam que toda a ilha está em ebulição, com atentados individuais, mas, coordenados. Anuncia-se a ocorrência de levantes populares contra Castro, nas regiões de Matanzas e Oriente. (*Correio do Povo*, 18 de abril de 1961, capa.).

A forte ofensiva exterior estaria sincronizada com atos de sabotagem feitos pela resistência interna e pelos levantes populares na região de Matanza. A ideia de luta contra o comunismo está traçada nestas informações e, ao publicar que são confirmadas pela rádio oficial do governo de Castro, o jornal não deixa dúvidas de que o comunismo não é bem vindo à população da Ilha.

Além destas notícias, o jornal publicou uma rádio foto cujo título é: “*Voluntários na Flórida para os rebeldes Cubanos*”. Na imagem são mostradas várias pessoas em frente a uma casa que seria o local para se inscrever para ser voluntário para lutar contra o regime de Fidel Castro. A foto teria a função de comprovação da verdade, isto é, de que muitos Cubanos exilados estão dispostos a lutarem pela liberdade de Cuba, que estaria sob o “jugo” do comunismo. Seria a tentativa de salvar das garras do comunismo seus amigos e parentes que ficaram em Cuba. A fotografia serve como testemunha de que realmente existe um movimento contra Castro. Sobre a imagem fotográfica Kossoy (2005, p. 41) afirma o seguinte:

Diálogos e silêncios permeiam nossa relação com as imagens. O que elas dizem em suas iconografias nos é relativamente inteligível. É por trás da aparência, porém, no ato de sua concepção e ao longo de sua trajetória, naquilo que ela tem de oculto, em seus silêncios, que residem as histórias secretas dos objetos e dos seres, das paisagens e dos caminhos. São os mistérios que encobrem o significado dos conteúdos gravados nesses pequenos pedaços de papel. O próprio aparente se carrega de entido na medida em que recuperamos o ausente da imagem.

Toda imagem fotográfica tem atrás de si uma história. Se, enquanto documento, ela é um instrumento de fixação da memória e, neste sentido, nos mostra como eram os objetos, os rostos, as ruas, o mundo, ao mesmo tempo, enquanto representação, ela nos faz imaginar os segredos implícitos, os enigmas que esconde, o não manifesto, a emoção e a ideologia do fotógrafo.

A imagem pode ser carregada de sentido de acordo com o que consta nela, ou nas legendas que a acompanham. No nosso caso, o jornal, pela forma como publicou a imagem, estabeleceu uma relação entre ambos os processos. Esta relação é a do povo Cubano querendo lutar contra o comunismo que foi imposto na Ilha por Fidel Castro.



(*Correio do Povo*, 18 de abril de 1961, capa.)

Até agora, podemos perceber pela leitura geral da primeira página que o jornal reforçou a ideia de que a Ilha de Cuba estava dominada pelo “comunismo cruel e opressor”. E mais, quando Cuba foi invadida pelas forças “revolucionárias”, a luta interna e externa desestruturou os governantes que se desesperaram e passaram a acusar os EUA e a Guatemala de cúmplices da invasão, assim como, a clamar por socorro externo. A composição argumentativa do jornal foi a de demonstrar a fragilidade do governo de Castro e do seu regime comunista, e também o quanto as pessoas “oprimidas” estavam desejosas de se rebelarem conforme demonstra a frase “as ruas de Havana em ebulição”. Neste caso, a construção feita pelo jornal é de que o povo está em luta contra o comunismo e na batalha pela liberdade.

O jornal destaca na página 11: “*Castro não enfrenta os EUA, mas sim o seu próprio povo*”, notícia que trata de um texto com as declarações do Secretário Geral Dean Rusk, dos EUA, sobre Cuba. Nesta matéria o secretário afirma serem os Cubanos exilados, que fugiram de Fidel, os agressores, com o apoio dos Cubanos que ficaram na ilha e que estão se rebelando. Novamente a ideia do povo como um todo em luta contra o comunismo. Como é dado muito destaque a notícia, ela serve para reforçar tudo que já foi afirmado. Contudo, na mesma página o jornal coloca, sem destaque e com letras pequenas, uma notícia cujo título é: “*Reação a favor de Fidel Castro em vários países do Hemisfério*”.



(Correio do Povo, 18 de abril de 1961, p. 11).

A notícia acima fala de uma manifestação esquerdista a favor de Fidel, com três mil estudantes e populares em Montevideú, rechaçada pela polícia. Podemos pensar em uma estratégia do jornal para demonstrar que apenas os esquerdistas defendem Fidel, assim o comunismo aparece associado às esquerdas em geral. Em Caracas, na Venezuela, a polícia repeliu uma tentativa de manifestação. Em Recife, no Brasil, outra manifestação formada por elementos das ligas camponesas, em frente ao consulado americano, ameaça invadir o prédio que teve que ser isolado enquanto os manifestantes gritavam: "*Tanques covardes*". Em Nova York, nos EUA, é realizada uma manifestação de aproximadamente mil simpatizantes de Castro, em frente a ONU, que acusa os EUA pelos ataques. Em Bogotá, na Colômbia, aproximadamente 1500 manifestantes apedrejaram o Instituto Cultural Norte-Americano. O jornal, também cita que 100 pilotos Cubanos retornaram a ilha após terem sido treinados na "Cortina de Ferro", e que o Chanceler Cubano acusava a aviação americana de ser cúmplice dos invasores, apoiando-os com um porta-aviões. As notícias sobre os apoios a Castro são sempre associadas à violência, levando o leitor a pensar em comunismo ligado a violência. Neste caso o comunismo aparece como agressivo, bélico e, portanto, perigoso.

Podemos observar que, para demonstrar o apoio aos rebeldes que atacaram Cuba, o jornal usou fotos para dar veracidade ao afirmado. Contudo, quando registra o fato oposto, o



jornal não usa imagens, mas utiliza o recurso de textos curtos e em grande quantidade, sempre demonstrando violência, agressividade, belicosidade.

O que o periódico faz é defender seus interesses e fica claro que não há nenhum interesse em defender Fidel Castro. Muito pelo contrário, o jornal pretendia combatê-lo destruindo sua imagem perante o público, entretanto não assume esta postura. O *Correio do Povo* procura manter seu jargão de imparcial e publica matérias sobre o apoio a Fidel.

No dia seguinte, o *Correio do Povo*, ao fazer a diagramação da página preocupou-se em construir a ideia de que Cuba permanecia sendo libertada da opressão, e que Fidel e seus companheiros continuavam pedindo ajuda externa por não poderem combater o invasor que estava na eminência de derrotá-los. Neste trabalho o jornal lida com o imaginário coletivo sobre o comunismo. Ele reforça as ideias anticomunistas, apresentando o comunismo como algo imposto a população da Ilha de forma violenta e agressiva. Também mostra que outros comunistas estão dispostos a sustentar o regime em Cuba, mesmo que, para isto, tenham que entrar em guerra, ou seja, ao preço de vidas humanas. Novamente o comunismo, como regime opressor transparece no jornal.



(*Correio do Povo* 19 de abril de 1961, capa.).





(*Correio do Povo* 19 de abril de 1961, capa.).

Estas duas fotos mostram a capa do *Correio do Povo* de 19 de abril de 1961, e o tema de toda a capa é obviamente, a invasão da Ilha. Percebemos que a Guerra Fria está presente neste momento, pois o confronto entre as duas potências parece iminente e ameaçador.

Identificamos a construção feita, cuja intenção é dar destaque ao embate. No alto da página aparece o aviso dos EUA, prometendo o enfrentamento caso a Rússia se envolva diretamente na luta em Cuba, que deve ser uma luta fratricida, e, logo ao lado, o ataque de Castro usando aviões russos. No final da mesma página e com igual destaque está o aviso da Rússia com semelhante disposição de lutar, confirmando o embate EUA x URSS.

Com a publicação das ameaças de luta, o jornal avigora a iminência maior da Guerra Fria, o confronto das potências a ameaça mundial do uso da bomba nuclear, reforçam e reafirmam os imaginários sobre a possível destruição da população mundial. O perigo da ameaça comunista, interferindo na ação de salvar Cuba do ditador Fidel Castro, este também um “bolchevista”. O jornal mostra os comunistas apoiando Fidel Castro, afinal este usa aviões “mig” de fabricação Russa. Novamente a belicosidade dos comunistas fica evidenciada. Em Moscou a embaixada americana foi atacada. A notícia evidencia que os comunistas não respeitam as instituições. O Gen. Tito da Iugoslávia apóia Castro, essas são algumas informações que o jornal passa aos leitores e, com elas, vai implícita a ideia de apoio total dos comunistas ao regime de Castro. Nesse caso, os comunistas querem a guerra e não a paz.

Ao analisarmos a notícia sobre a resposta de Kennedy afirmando que enfrentarão qualquer intervenção, seu conteúdo trata de três grandes medos da população mundial como um todo: A ameaça nuclear, a guerra mundial e a invasão comunista. A matéria inicia com um aviso firme de Kennedy de que não permitirá qualquer intervenção em Cuba como segue:

Washington, 18 (A.P.) – O presidente Kennedy preveniu hoje o primeiro ministro soviético Nikita Kruchev, de que os Estados Unidos enfrentarão qualquer intervenção de forças estrangeiras em Cuba. Respondendo a mensagem do dirigente russo sobre a invasão de território Cubano por rebeldes anticomunistas. O primeiro mandatário norte-americano declarou esperar que a União Soviética não utilize a situação em Cuba como pretexto para “conflagrar outras regiões do mundo.” (*Correio do Povo*, 19 de abril de 1961, capa.).

A matéria deixa claro o discurso em prol da posição dos EUA em ser o grande protetor dos países do hemisfério e também coloca o País como o grande defensor da liberdade, uma vez que permite que Cuba resolva seus problemas sem intervenção externa. A mensagem que fica implícita indica que os comunistas podem se aproveitar desta situação para ganhar terreno. Seu texto pretende construir a ideia de que os comunistas são traiçoeiros, não sendo dignos de confiança. Na sequência da notícia, Kennedy afirma que não pretende fazer nenhuma incursão militar em Cuba. Contudo, “no caso de intervenção militar por parte de forças estrangeiras imediatamente cumprimos os compromissos assumidos sob o sistema interamericano de proteger o hemisfério de qualquer agressão.” Na continuidade da matéria, Kennedy afirma que “onde se nega ao povo o direito de optar, recorrer à luta é o único meio de conseguir a liberdade” e reafirma que os EUA não se envolverão em qualquer intervenção militar em Cuba. Aparece, neste momento do discurso, a ideia de que no comunismo não há liberdade. O presidente norteamericano segue fielmente a doutrina Truman na sua alocução, procurando ser firme diante da União Soviética. Ao fazer a declaração de que espera “que a União Soviética não utilize a situação em Cuba como pretexto para ‘conflagrar outras regiões do mundo’” os EUA se apresentam como os “defensores da liberdade” diante do mundo, em oposição ao comunismo opressor. Pelas notícias do jornal, pelo discurso do presidente americano, pela forma como a notícia foi passada ao *Correio do Povo* pela AP e também a forma como foram publicados - os títulos e subtítulos escolhidos, sua posição no jornal, etc.- tudo contribui para reforçar o imaginário da população sobre o evento. A matéria fala ainda sobre a mensagem de Kruchev a Kennedy que dizia:

Kennedy recebeu esta manhã o texto da mensagem de Kruchev, em que este dizia que a União Soviética tinha intenção de diminuir a tensão mundial, “mas, que se outros países a agravassem, então responderemos a altura.” Não obstante seu tom belicoso a missiva do presidente russo foi qualificada por funcionários do departamento de estado mais como motivo de propaganda do que como ameaça militar. (*Correio do Povo*, 19 de abril de 1961, capa.).

As duas mensagens dos dirigentes ameaçam a paz mundial e trazem tensão. A mensagem de Kennedy ameaça a paz para cumprir o seu compromisso de proteger o hemisfério, e a de Kruchev porque não vai aceitar ser ameaçado sem responder a altura. O tom geral da matéria é no sentido de provocar alarme frente à ameaça comunista, colocando o comunismo, novamente, como algo que não merece confiança (aviso para não conflagrar outras regiões). Nesta ideia também está contida o conceito de que o comunismo é expansionista, pois pretende crescer e tomar outras regiões mundiais, e que suprime as liberdades (a luta Cubana). O comunismo aparece como belicoso e expansionista, servindo como uma espécie de alerta a todos que se oponham a ele. O jornal transparece o que Arostegui et. Al (2005) chamam de desafio competitivo, onde cada qual pretende salvar e controlar a sua zona de influência.

O jornal procurou transmitir um comunicado oficial das forças de Fidel, ouvido em Miami através da Rádio de Havana. A notícia dava conta da prisão de 27 pessoas acusadas de tentar assassinar o primeiro ministro Fidel Castro. Segundo a Rádio, estavam entre os conspiradores o Ministro da Agricultura de Castro, Major Humberto Sori Marin, que foi ferido ao tentar fugir, e um norteamericano de nome Rafael Diaz Ottman. Podemos analisar que nesta notícia está contida uma mensagem que sugere que além de seus opositores, os amigos de Fidel Castro tentam matá-lo, neste caso, ele não deve ser bom. Os amigos em questão são aqueles que trabalharam com ele.

O jornal faz a sua parte e divulga a notícia de forma neutra, reproduz o que foi ouvido pela AP em Miami que estava na escuta da rádio oficial de Cuba, e, quem informou sobre as prisões, foi o próprio governo de Castro, admitindo existirem pessoas querendo matá-lo. O texto mistura informações ouvidas pelo rádio com informações da AP, tais com segue abaixo:

Foi anunciado que a Confederação Cubana do Trabalho e a Confederação Industrial haviam se comprometido a “sacrifícios ilimitados” para ajudar a anular a revolta.

“Permaneceremos em nossas tarefas tantas horas quantas forem necessárias, para permitir que o país funcione normalmente”, informou um comunicado de ambos os grupos. “Nossa pátria está em guerra contra os imperialistas norte-americanos”. Marin foi um dos subordinados mais destacados de Castro, durante a rebelião contra a ditadura de Fulgêncio Batista, e redigiu muitas das proclamações de Castro. Após a campanha contra o ditador, coroada de sucesso, Sori Marin, advogado formado, foi o primeiro chefe de um tribunal militar e, depois foi nomeado ministro da agricultura. Em princípios de 1960, segundo revelaram fontes de Miami, revelou estar desgostoso com o governo de Castro e passou a ocupar um lugar secundário na organização da reforma agrária. (*Correio do Povo*, 19 de abril de 1961- capa.).

Apesar de o texto jornalístico descrever o que foi ouvido na rádio, no parágrafo ele acrescenta uma informação que não foi obtida neste processo. São as informações sobre Sori. Ao inserir as informações obtidas em Miami sobre Sori, o texto deixa de ser apenas uma reprodução do que foi escutado na rádio para ser uma construção. E como toda construção ele apresenta sua tendência, que, nesse caso, é apontar os pontos negativos de Castro em detrimento dos positivos, uma vez que ele é o símbolo do comunismo nas Américas. Mais uma vez a ideia de traição fica associada ao comunismo.

No dia seguinte, o jornal apresenta notícias em que admite que Cuba resistiu ao ataque e que pode vencer a luta, ou seja, começa a cair por terra a ideia de que a invasão estava fadada ao sucesso. Na matéria, a A.P. informa que as forças invasoras mudaram o tom de seu discurso, e percebe-se na leitura que passaram a utilizar “infiltração” ao invés de invasão e “pequena força de resistência”. Uma nota oficial do Governo Cubano é incluída no corpo desta matéria, na qual Fidel relata que um avião militar norteamericano foi abatido fornecendo dados do piloto e do avião como sendo norteamericanos, assim como informações sobre a missão do piloto encontradas junto ao cadáver. O governo Cubano apresenta as provas de envolvimento de pilotos norte-americanos e, desta forma, fica provado o que os EUA negariam.

Entretanto, se por um lado o jornal publica a possibilidade de Cuba vencer a batalha, por outro já está preocupado em apontar a quantidade de prisioneiros feitos numa nova estratégia de mostrar o aspecto negativo do regime de Fidel Castro. Em uma chamada com letras de igual tamanho à chamada da possibilidade de Cuba vencer, o jornal anuncia que existem mais de mil prisioneiros capturados. Como podemos observar a seguir:



(Correio do Povo, 20 de abril de 1961, capa.).

Como podemos observar num lance rápido de olhar sobre o jornal, os títulos em questão se equiparam em tamanho de letra, ou seja, a intenção do jornal é chamar a atenção do leitor superficial, do leitor que passa na rua e lê somente as manchetes. O objetivo principal é evidenciar que Cuba poderá vencer e já está com um número muito grande de

prisioneiros. O jornal constrói, dessa forma, um juízo que alimenta o imaginário. O texto sobre os prisioneiros diz o seguinte:

Mais de mil prisioneiros ocupam o palácio de esportes de Havana

Baía de Guantánamo, 19 (De Bem Prince da A.P.) Pelo menos 20 norte-americanos foram presos e mantidos incomunicáveis, numa onda de prisões desencadeada na capital Cubana, revelou uma fonte bem informada, embora não soubesse maiores detalhes. Todavia, circularam rumores não confirmados, de que o imenso Palácio de Esportes de Havana havia sido convertido numa espécie de campo de concentração para mais de 1.000 Cubanos presos, como inimigos do regime. A base naval norte-americana nesta extremidade oriental de Cuba, ainda possui fracas comunicações telefônicas com Havana, porém aqueles que atendem na outra extremidade da linha relutam extraordinariamente em dizer algo mais do que um simples “como vão os senhores?”. Eis um breve resumo de como é a vida em Havana da forma como foi compilada através das diversas informações recebidas na Baía de Guantánamo, enquanto o regime do primeiro ministro Fidel Castro luta por sua sobrevivência: os bares e restaurantes permanecem abertos, porém, contam com reduzidos freqüentadores. Poucos Cubanos andam pelas ruas. Todos temos cerrados interrogatórios policiais, de parte dos miliciados, estacionados em quase todas as esquinas da capital.

“Comitês de vigilância” foram estabelecidos em toda a capital, para denunciar os vizinhos suspeitos de possuírem sentimentos anticastristas. A única atividade extraordinária em Havana ocorreu terça-feira, quando 200 ônibus cheios de milicianos saíram da cidade em direção a área da cabeça de praia pantanosa de Zapata, na província de Lãs Villas, na parte central de Cuba, onde ocorreu um desembarque dos rebeldes(...) (*Correio do Povo*, 20 de abril de 1961, capa.).

Nesta matéria o jornal informa que “20 norte-americanos foram presos e mantidos incomunicáveis” numa clara associação a falta de direitos que o comunismo totalitário de Castro representa. Também fala em onda de prisões, que não são prisões feitas no calor da batalha, mas perseguições pela Ilha. As informações são obtidas pelo repórter por uma “fonte bem informada”, segundo informa a matéria. Também publica um boato dizendo que o palácio de esportes de Cuba havia sido transformado em prisão. Podemos verificar que o jornal está publicando informações não confirmadas e dando enorme destaque as mesmas. A razão disto está diretamente ligada à necessidade de demonstrar o comunismo associado a perseguições e a falta de liberdade. Quando o leitor entra em contato com a informação oferecida pelo jornal poderá imaginar um grande campo de futebol cheio de pessoas, ao estilo campo de concentração, cercado por homens bem armados e prontos para executá-los a qualquer momento.

Não é difícil perceber, ao ler a notícia, que o destaque do título está absurdamente exagerado, pois na sequência da matéria, além deste trecho citado acima, não se fala mais dos prisioneiros. É desta forma que o jornal constrói um juízo. O título indica que a notícia versará sobre a enorme quantidade de pessoas presas, contudo, isto não passa de “boato” e o restante da matéria aborda sobre a vida em Havana, bares abertos, mas com poucos fregueses, etc. Também fala de milicianos fazendo interrogatórios nas ruas, como que buscando suspeitos. O jornalista aproveita para divulgar que as pessoas em Cuba denunciam seus vizinhos aos Comitês de Vigilância por serem anticomunistas. Mais uma vez o comunismo aparece associado à falta de liberdade de opinião, à falta de ética e à traição. Neste ponto da matéria o texto remete, através da forma de condução, ao terror imposto pelo comunismo no tempo de Stalin, quando as pessoas eram denunciadas, julgadas e condenadas ao exílio na Sibéria ou à morte. O jornal constrói uma ideia e esta permanece nas mentes dos leitores como a mais absoluta verdade. Foi exatamente isto que o *Correio do Povo* fez ao colocar um título como se fosse uma verdade, mesmo que no corpo da matéria uma pequena frase corrigisse o fato, apontando-o como um boato. O Jornal construiu o mito de que Fidel estaria estabelecendo no Palácio dos Esportes um grande campo de prisioneiros. O comunismo aparece associado à falta de direitos e de liberdade.

Considerando que a invasão está praticamente perdida, o presidente norte-americano, num discurso aos diretores de jornais em Washington, admite que possa intervir unilateralmente em Cuba. Seu discurso é reconhecido pelo jornal como um pronunciamento de política exterior. As palavras do presidente são transcritas para a matéria e diz o seguinte:

Falando aos diretores de jornais em Washington:

Kennedy admite a possibilidade de intervenção unilateral em Cuba.

O presidente John F. Kennedy declarou hoje, que os Estados Unidos não hesitarão em cumprir com suas obrigações relativas à sua própria segurança, na situação Cubana, caso isto se tornar necessário. Num discurso preparado para ser pronunciado ante a Sociedade Norte-americana de Diretores de Jornais, Kennedy novamente disse que uma intervenção unilateral, norte-americana em Cuba seria contrária às tradições e obrigações internacionais, “mas que a história demonstra que nossa moderação não é inesgotável”. Disse Kennedy: “Se alguma vez pareceu que a política interamericana de não intervenção simplesmente oculta ou desculpa uma política falha de ação – se os países deste hemisfério falharem em cumprir suas obrigações contra a penetração comunista estranha – então quero que se entenda claramente que este governo não hesitará em cumprir com suas obrigações primárias, que são a segurança de nosso próprio país.” Kennedy



adiantou que os guerrilheiros Cubanos arregimentados contra Fidel Castro, estão determinados a que Cuba não deve ser abandonada aos comunistas.” E nós tampouco temos a intenção de abandoná-la” declarou o presidente. (*Correio do Povo* 21 de abril de 1961, capa.).

O discurso de Kennedy é claro, afirmando que o comunismo às portas dos EUA não será tolerado e que, se for necessário, intervirá na Ilha. Para Kennedy, a ameaça comunista seria argumento suficiente para uma intervenção. Esse discurso deve ter tido forte impacto em todo o mundo, afinal um embate entre as grandes potências era, na época, algo inimaginável. Uma intervenção direta dos EUA em Cuba, com certeza levaria a isso.

O jornal publica uma matéria sobre como a invasão a Cuba provocou indignação em alguns políticos que enviaram uma delegação à embaixada americana no Rio de Janeiro para entregar uma Carta ao Presidente Kennedy, repudiando a invasão a Ilha. Abaixo está o registro na íntegra.



(*Correio do Povo* 21 de abril de 1961, p. 11).

Os deputados brasileiros, ao atribuírem a invasão à defesa de interesses econômicos referindo-se como se os EUA estivessem apoiando interesses “empenhados em restaurar um regime de exploração colonial”, demonstram conhecimento da história recente Cubana e que



não é esquecida por eles neste contexto histórico. Os deputados brasileiros reconhecem a ingerência histórica e lucrativa dos EUA, mas acreditam que é chegada a hora de permitir que Cuba se autodetermine. Não foi entendida a política de não-intervenção e autodeterminação dos povos, praticada pelo Brasil desde o tempo do Barão de Rio Branco na República Velha pelo diplomata americano.

A seguir, no dia 23 Kruchev responde a Kennedy e o Correio estampa em sua capa o referido texto:

Mensagem de Kruchev a Kennedy: Invasão de Cuba foi um crime que repugnou o mundo inteiro.

Moscú, 22 (A.P.) – O primeiro Ministro Russo Nikita Kruchev, declaro hoje, ao presidente Kennedy que a invasão de Cuba “é um crime que repugnou a todo o mundo”. A agência noticiosa russa, “Tass”, informou que o primeiro ministro fez a acusação em mensagem enviada ao presidente norte-americano por intermédio do encarregado de negócios dos Estados Unidos E. K. Freers. A mensagem constitui resposta a carta de Kennedy, datada de 18 de abril, “ agora ficou estabelecido, de forma indiscutível, que foram os Estados Unidos que prepararam a intervenção, com financiamento, armamento e transporte dos grupos mercenários”. A agência soviética assim resume a mensagem de Kruchev: “ este foi o caso de uma tentativa do governo dos Estados Unidos de restabelecer em Cuba uma ‘liberdade’, sob a qual o país dançaria ao compasso do seu mais poderoso vizinho e os monopólios estrangeiros voltariam a estar em condições de roubar a riqueza natural de Cuba para engordarem com o suor e o sangue do povo Cubano”. Em sua carta a Kruchev, o presidente Kennedy advertiu que os Estados Unidos enfrentariam qualquer intervenção de uma força exterior em Cuba. Kruchev respondeu: “Nosso governo não procura bases em Cuba. Não temos a intenção de as instalar”. Com respeito a afirmação do presidente de que os Estados Unidos tem a obrigação de defender o Hemisfério Ocidental de “agressão externa”, Kruchev disse: “ Sr. Presidente, V.exa. está tomando um rumo perigoso. Pense no caso”. (*Correio do Povo*, 23 de abril de 1961, capa.).

Kruchev parece não se intimidar diante da mensagem de Kennedy, mantendo o discurso de que os EUA estavam por trás da invasão. Contudo, a frase final onde ele afirma que Kennedy está tomando “um rumo perigoso”, mexe fortemente com o imaginário dos leitores. É como se ele dissesse abertamente que está pronto para a batalha e, neste caso, a ameaça é feita abertamente por um grande comunista, detentor da bomba atômica. Novamente o comunismo está associado à guerra.

Neste mesmo dia foi publicada no jornal uma matéria que fala do Brasil: “Brasil reitera sua apreensão em face dos acontecimentos em Cuba.” Neste texto, o governo brasileiro determina ao chefe da comissão permanente do Brasil na ONU que solicite a imediata extinção das hostilidades e ainda, que seja determinada a procedência e a natureza das forças desembarcadas em Cuba. O Itamarati anunciou esta posição em nota oficial a imprensa. O país aparece querendo terminar com as lutas e determinar responsabilidades.

No dia 25, o jornal publica algumas notícias sobre o tema da invasão de Cuba. Entre elas se destacam: **“Kennedy busca apoio dos dois partidos para sua política após o fracasso da invasão contra Cuba.”** A notícia registra que o presidente Kennedy busca apoio entre os dois partidos internos enquanto enfrenta a reação da América Latina sobre a crise de Cuba. Ele está se encontrando com vários governadores nos Estados Unidos em busca de apoio partidário. Segundo a notícia, Kennedy encontra consolo quando sabe que os presidentes da Argentina e Brasil declararam que não permitirão qualquer interferência extracontinental em assuntos do hemisfério. As declarações destes dois países foram vistas com alegria. De um modo geral a notícia diz que apesar do desastre da Invasão, os países latinoamericanos apóiam Kennedy, ou seja, são anticomunistas. Na continuação desta chamada, um título pequeno informa que a **“Responsabilidade é de Kennedy”**. A notícia informa que, um alto funcionário do governo americano confirma que o presidente deve assumir integralmente a responsabilidade sobre a invasão a Cuba. A fonte reconhece que os EUA equiparam e treinaram os exilados Cubanos para a invasão. A notícia é pequena, sem destaque, mas informa que os EUA foram os responsáveis pela invasão, ou seja, aquilo que Cuba e a Rússia vinham afirmando, ao final de tudo, verificou-se que era verdade. Como não foi dado grande destaque na notícia, como a informação ficou diluída dentro de outra notícia, o que ficou estabelecido para a população consiste no que foi publicado até este momento. Este tipo de diagramação de página, dando pouco destaque a notícias que não se quer enfatizar, pode ser chamado de tendenciosa. Neste caso, não havia interesse em confirmar o que Cuba já havia anunciado desde o início da Invasão.

O jornal procurou sempre destacar o lado ruim do regime que Fidel Castro e seus companheiros estabeleceram na Ilha. Em nenhum momento procurou mostrar que a Ilha de Cuba estava sendo invadida por norteamericanos insatisfeitos com as perdas financeiras que tiveram depois de Fidel Castro assumir o poder. Sendo que estes foram apoiados por cubanos que também perderam neste processo. Esta possibilidade não foi sequer levantada.

### 3.1.2 - Diário de Notícias

O Jornal *Diário de Notícias* tinha por costume fazer chamadas curtas na capa, com pequenos resumos da notícia que chamam para a matéria completa no corpo do jornal. Na capa da edição do dia 18 de abril, a chamada sobre a invasão a Ilha de Cuba também é bastante grande, e em letras de destaque diz: “**Sorte de Fidel se decidirá nas próximas horas**”. Este é o maior título do jornal neste dia e ao lado deste está uma foto de José Miró Cardona abanando com um chapéu, em pose alegre. A matéria diz o seguinte:

Forças contrárias ao regime de Fidel atacaram Cuba por terra, mar e ar às primeiras horas de ontem e as informações recebidas até a madrugada de hoje dizem que a operação teve êxito em sua investida inicial. O sul da província de Matanzas foi escolhido como principal ponto de ataque, situando-se há apenas 150 quilômetros sul sudoeste de Havana. A invasão foi iniciada com canhoeriras e aviões. Fidel Castro anunciou pelo rádio o estado de emergência nacional e assumiu pessoalmente o comando da defesa. Calcula-se os contingentes invasores em cinco mil homens e os rebeldes diziam ontem à noite que a batalha decisiva será travada nas próximas horas. ( *Diário de Notícias*, 18 de Abril de 1961, capa.).

A chamada tem a mesma tendência das notícias do *Correio do Povo*, inclusive utiliza alguns termos iguais, tais como: “o regime de Fidel”. Neste caso o “regime” é o comunismo que pertenceria apenas a Fidel Castro, e que este o imporá a população da Ilha. A razão para isto é que as notícias internacionais são compradas da UPI – United Press Internacional - que é norte-americana e, tal como a AP, é influenciada pelas crenças de seu país.

No corpo do jornal, o *Diário de Notícias* dedica toda a página 6 para falar da invasão e coloca duas charges sobre o tema. O Humor para nós é definido como um estilo de comunicação que une ironia, graça, alegria, tristeza, combinação de palavras, acompanhadas de traços gráficos ou não. Oncini Flores (2002, p. 14) define charge da seguinte forma:

Texto usualmente publicado em jornais sendo via de regra constituído por quadro único. A ilustração mostra os pormenores caracterizadores de personagens, situações, ambientes, objetos. Os comentários relativos à situação representada aparecem por escrito. Escrita/ilustração integram-se de tal modo que por vezes fica difícil, senão impossível, ler uma charge e compreendê-la, sem considerar os dois códigos complementarmente, associando-os a consideração do interdiscurso que se

faz presente como memória, dando uma orientação ao sentido num contexto dado aquele e não outro qualquer.

Joaquim da Fonseca (1999, p. 29) complementa este conceito, afirmando que a charge é um cartum em que se satiriza um fato específico, tal como uma ideia, um acontecimento, em geral de caráter político, que seja de conhecimento público. “Seu caráter é temporal, pois trata-se do fato do dia.”. É neste caráter de temporalidade que vai residir a diferença fundamental entre charge e cartum. Para Fonseca (1999, p. 26), cartum:

É um desenho caricatural que apresenta uma situação humorística, usando legenda ou não e que, em oposição à charge, é atemporal e é universal, pois não se prende necessariamente aos acontecimentos do momento.

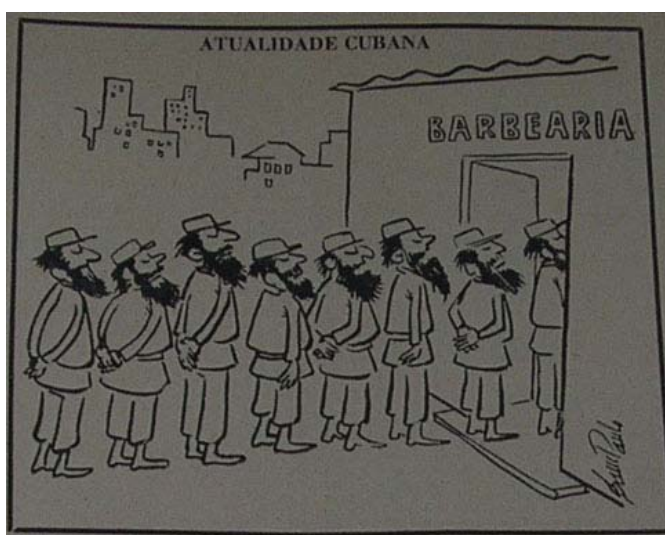
Luiz Beltrão (1980, p. 81), referindo-se à charge quando publicada num periódico, atesta que:

As manifestações da sátira no jornalismo são mais efêmeras que no livro, uma vez que, neste, em geral, o objeto é um personagem em toda a sua inteireza ou uma situação histórica e, portanto, documentada para a posteridade; no jornal, porém, as ocorrências satirizadas se registram sob areias movediças, são episódicas, resultam de rápidas mutações e da transitoriedade de fatos que não chegam a uma cristalização definitiva. Por isso, a sátira jornalística só é bem entendida e aplicável mesmo aos fatos atuais: ninguém pode penetrar com êxito todo o significado das tiradas dos jornalistas ou os desenhos humorísticos dos chargistas do II reinado contra o nosso sábio monarca Pedro.

Esta característica da charge ou ilustração satírica, como prefere Beltrão, nos leva a tentar analisar as charges escolhidas cientes de que, por não sermos seres do mesmo momento histórico no qual elas foram produzidas, corremos o risco de não alcançar todos os elementos que foram percebidos pelos leitores no início da década de sessenta. Este risco o historiador tem sempre presente quando mergulha nas fontes, pois sabemos que a leitura que fazemos daquilo que encontramos está sempre sujeita a uma interpretação pessoal e subjetiva, podendo ser reavaliada com a descoberta de novos elementos ou com uma nova interpretação feita por outro historiador.

Para Beltrão (1980, p. 82), a sátira verdadeira contém sempre “um ataque agressivo e uma visão fantástica do mundo transformado e, não obstante fazer rir, insere ‘agudos e reveladores comentários sobre os problemas do mundo em que vivemos’.”

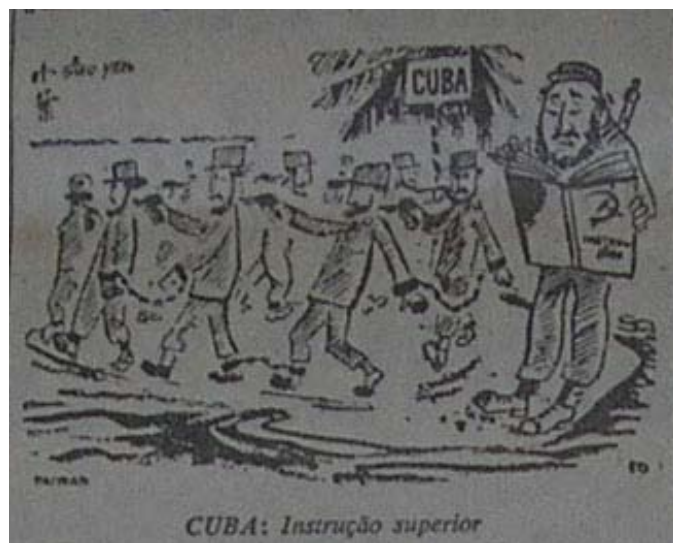
O *Diário de Notícias* publica diariamente uma charge de SamPaulo. Este escolhe um tema e, usando a linguagem do humor gráfico, trabalha sobre ele. Esta linguagem deveria ser analisada, pensada, decodificada. Os humoristas não ficaram de fora do grande acontecimento que foi a invasão da Baía dos Porcos. Na página 3, bem antes daquela página que deve tratar do tema invasão de Cuba, o jornal coloca uma charge bem interessante.



(*Diário de Notícias*, 18 de Abril de 1961, p. 3)

A imagem nos remete a Fidel Castro, com o título “atualidade Cubana”, na qual aparece uma fila de homens barbudos, semelhantes a Fidel, em frente a uma barbearia. A mensagem é nítida: deixaram de ser aliados de Fidel, deixando de se parecer com ele. A construção da imagem de abandono de ideais é muito forte para o leitor que não lê o jornal, mas faz o passar de olhos. Ele com certeza detêm-se na imagem que tem por objetivo fazer rir e, através do riso, estabelecer uma ideia. A ideia em questão é o abandono do comunismo representado por Fidel Castro.

No mesmo jornal, desta vez na página 6, é publicada a charge abaixo:



(*Diário de Notícias*, 18 de Abril de 1961, p. 6)

Aqui encontramos a concepção de um comunismo bélico a constituição da ideia de violência fica evidenciada neste contexto de Guerra Fria. A imagem é forte, colocando homens que marcham em círculos sob a mira de um revólver na nuca, enquanto Fidel lê as instruções comunistas, porque o livro em suas mãos tem na capa a foice e o martelo, símbolos do comunismo. Além disso, a frase inscrita na charge não deixa dúvidas de que Cuba recebe instruções superiores da União Soviética. Esta sátira com certeza contém elementos altamente agressivos ao comunismo e, desta forma, o jornal não deixa dúvidas quanto a sua posição de anticomunista. Esta charge está colocada abaixo de uma notícia cujo título é: “violento debate do caso Cubano na ONU”. Neste caso, não podemos afirmar que o jornal é anticomunista apenas porque reproduz as notícias que são obtidas das agências noticiosas, nós podemos fazer a afirmação a partir da forma como ele estabelece sua atitude alimentando o corpo do jornal com elementos gráficos que contribuam e reforcem a ideia de anticomunismo.

No centro da página 6, em destaque, o jornal publica a foto de José Miró Cardona como o presidente eleito do governo provisório de Cuba.



(*Diário de Notícias*, 18 de abril de 1961, p. 6).

Percebe-se que a intenção é mostrar que os rebeldes já possuem uma organização para assumir a Ilha, e que estão buscando apoio popular e divulgando sua causa. Também é destacado o fato de Cardona já ter feito parte do governo de Castro e de tê-lo abandonado. O leitor preenche o silêncio do jornal sobre detalhes posteriores conforme sua compreensão dos fatos o permite. Assim, a ideia do comunismo como algo que não é bom é reforçada, afinal, se fosse bom viver na Cuba comunista as pessoas não teriam deixado a Ilha.

Outra matéria aborda uma discussão entre o embaixador cubano e o embaixador norteamericano cujo título é: “violento debate sobre o caso Cubano na ONU”. O jornal expõe sobre o discurso:

Quando o chanceler Cubano, Raul Roa, terminou um violento discurso de 90 minutos, o delegado dos Estados Unidos, Adlai E. Stevenson, declarou: “O distinto representante de Cuba acusou os Estados Unidos de agressão contra Cuba e que a invasão partira da Flórida. Estas acusações são totalmente falsas e as desminto categoricamente. (*Diário de Notícias*, 18 de Abril de 1961, p. 6).

O jornal procura dar o tom da discussão: de um lado Raul Roa, agressivo, violento, de outro Adlai E. Stevenson, educado e ponderado. Um é cubano, defensor de Fidel Castro e de tudo o que ele representa, isto é, o comunismo agressivo; outro um americano, é defensor dos Estados Unidos e de tudo o que este representa, a democracia, a paz. A agência noticiosa que

forneceu a matéria é a UPI, norte-americana. O *Correio do Povo* também publicou esta notícia com o mesmo sentido de debate entre os chanceleres. O Chanceler cubano acusando os norteamericanos de invadirem Cuba, e o Chanceler norteamericano se defendendo e negando o fato. Assim, temos um alinhamento de concepções entre os jornais.

Observemos as imagens abaixo da página do jornal. Na primeira imagem, aparece o Sr. Cardona como governador eleito fora de Cuba e líder dos invasores, no centro da página em destaque. Na segunda imagem, temos a charge que procura denegrir a figura de Fidel Castro e se localiza abaixo da matéria sobre a discussão na ONU e abaixo da foto de Cardona. Assim, está composta a ideia de que Cardona é o futuro líder e que Castro só é chefe se obrigar os soldados a fazerem o que mandam sob a mira de uma arma. A construção desta ideia não deixa dúvidas quanto à postura do jornal. O comunismo é apresentado como algo violento e que os Cubanos estão tentando expulsar da ilha.



(Diário de Notícias, 18 de Abril de 1961, p. 6).





(*Diário de Notícias*, 18 de Abril de 1961, p. 6).

Acima, as imagens mostram toda a página 6, indicando o destaque que o jornal deu ao caso.

Na matéria, cujo título é “Forças anticastristas invadem Cuba”, o jornal informa que Fidel Castro fala ao povo pela Rádio 12 horas depois da invasão, e que a Cruz Vermelha da Ilha também anunciou pelo rádio que haviam muitos feridos. Ainda, segundo a notícia, o método de invasão é uma repetição do que foi utilizado por Fidel Castro três anos antes, quando da tomada do poder; o aeroporto de Havana está fechado. No corpo da matéria, há informações de que a marinha “talvez” tenha se rebelado, pois, durante mais de uma hora, se ouviram estações navais tentando se comunicar com o comando em Havana. Novamente a construção da ideia de que os Cubanos estão abandonando Castro e, por conseguinte, o regime comunista.

Outra informação pertinente é a de que uma poderosa emissora de rádio clandestina dos invasores dirige apelos ao povo Cubano, exortando-o a levantar-se e derrubar o regime de Castro. Mais uma vez o comunismo é colocado como sendo exclusividade de Fidel Castro e este o impõe a Cuba.

José Miró Cardona estaria em lugar secreto nos Estados Unidos aguardando a hora de instalar seu governo em território libertado em Cuba. A UPI informa que não pode entrar em

contato com seu escritório em Havana desde o início dos combates porque as comunicações telegráficas e cabográficas foram cortadas. A notícia de falta de comunicação está associada à ideia de não deixar passar informações, porque o comunismo Cubano não permite a livre imprensa. E mais, publica uma declaração de José Miró Cardona que diz o seguinte: “Antes do amanhecer os patriotas Cubanos nas cidades e [sic] batalha para libertar nossa pátria do despótico domínio de Fidel Castro e salvar Cuba da crueldade e opressão internacionais”. Nesta leitura, o público fica com uma sensação de que a qualquer momento a Ilha será libertada do comunismo. Interessante observar que o comunismo é cruel e internacional, ou seja, os russos estão oprimindo o povo através do déspota Fidel. Esta tendência é composta pela sequência de notícias publicadas neste dia.

Já a matéria sobre a “Batalha decisiva nas próximas horas” trata mais ou menos do que a chamada resumiu. Informa que as forças invasoras são aprox. 5.000 homens, que travaram uma batalha há 150 km do sudoeste da ilha, ao mesmo tempo em que os guerrilheiros anticastristas iniciavam uma campanha de sabotagem que ocorria em toda a Ilha. Neste andamento da notícia, temos o estabelecimento da imagem de que dentro da Ilha tem muitas pessoas que apoiam os guerrilheiros e estavam em contato com os mesmos para sincronizar o ataque. A ideia de sucesso parece concreta com estas informações. A população está se revoltando para eliminar o comunismo da Ilha. A notícia segue alimentando o leitor de informações: conseguiram estabelecer uma “cabeça de ponte”<sup>25</sup> na Baía de Los Cochinos, o exército invasor anunciou que haviam conseguido desembarcar equipamentos, o Primeiro Ministro Fidel Castro assumiu a direção da defesa da Ilha, “Foi dito também que grande número de civis se dirige às serras de Escambray no centro da ilha, não longe das zonas de desembarque.” Novamente a construção da ideia de adesão dos cidadãos à causa dos invasores. A publicação do “boato” é parte desta construção. É importante salientar, mais uma vez, que o publicado passa como verdade ao leitor, mesmo que seja boato.

Ainda na página 6 do dia 18 de abril, duas notícias chamam a atenção. A primeira, logo abaixo da charge diz: “**EUA manifestam sua simpatia pelos objetivos da revolução**” outra abaixo desta diz: “**Na Europa só comunistas e liberais da esquerda simpatizam com castristas**”. São títulos carregados de simbologia e ideologia. Segundo Garcia (1989, p.11).

Os noticiários de jornais, rádio e televisão e os documentários cinematográficos transmitem as informações como se fossem neutras, mera e

---

<sup>25</sup> É um termo militar que significa que se obteve uma posição para posteriormente avançar.

simples descrição dos fatos ocorridos. Mas, em verdade, essa neutralidade é apenas aparente, pois as notícias são previamente selecionadas e interpretadas de molde a favorecer determinados pontos de vista.

Os títulos do jornal, que aparentemente são neutros, numa análise mais detida se mostram bastante tendenciosos, confirmando o que Garcia (1989) afirmou. O jornal define os invasores da Ilha de Cuba como “revolucionários”. Os EUA são simpáticos aos “revolucionários” e a sua causa de retirar o comunismo “opressivo” de Cuba. Sobre a invasão, a matéria que fala da simpatia dos EUA com os objetivos da revolução diz o seguinte:

Washington, 17, (UPI) - O Secretário de Estado, Dean Rusk, disse hoje que a invasão anticastrista de Cuba não fora preparada em solo americano, mas, acrescentou, os Estados Unidos simpatizavam com os propósitos dos que dela participavam.

Rusk manifestou que o problema de Cuba deve ser resolvido pelos próprios Cubanos, mas que os Estados Unidos não podiam permanecer indiferentes ante a propagação da tirania comunista neste hemisfério. (*Diário de Notícias*, 18 de abril de 1961, p. 6).

Novamente, o secretário norteamericano nega a acusação de que os EUA tenham contribuído com a invasão. Contudo, ele não deixa de aproveitar o momento para afirmar que o comunismo é “tirânico” e que está se propagando no hemisfério. Com este tipo de afirmação de invasão comunista no hemisfério, os EUA pretendem justificar uma ação mais firme frente ao caso Cubano.

Na matéria seguinte, “Na Europa só comunistas e liberais da esquerda simpatizam com castristas”, o jornal publica o seguinte:

Londres, 17, (UPI) – Os sentimentos de simpatia para com o primeiro ministro Fidel Castro que antes contava com a grande maioria dos europeus, hoje somente conta com os comunistas e os liberais de esquerda. A Rádio de Moscou condenou hoje a anunciada invasão de Cuba, qualificando-a de “uma intervenção pirata armada”.

Citando o conhecido diretor cinematográfico e detentor do Prêmio Lênin, Roman Kermen que há pouco esteve durante três meses em Cuba, a rádio de Moscou disse que “milhões e milhões de pessoas em vários países, levantavam suas voz em defesa de Cuba, porque todos os povos honestos do planeta são amigos do heróico povo Cubano.

O jornal londrino “The evening standard” é um dos muitos jornais europeus que afirma que Castro traiu a confiança que nele depositaram os Cubanos, não merecendo com isso a simpatia de ninguém.

Num artigo publicado ontem à noite diz que se as forças que se levantaram contra ele representam somente os desacreditados elementos que ainda restam da ditadura Batista, então Castro não tem nada a temer. Mas a oposição contra seu governo está dirigida por seus ex-aliados que se mantêm fiéis aos princípios da revolução. É o povo de Cuba, em troca o que merece a simpatia do mundo, porque foi despojado dos seus direitos, em nome da liberdade e da democracia.

O jornal francês “Le Monde”, por sua parte, previne que “Cuba se convertem em uma das principais frentes da guerra fria que compromete seriamente as possibilidades de aproximação entre União Soviética e o Ocidente que [o jornal foi cortado impedindo a continuação da leitura](*Diário de Notícias*, 18 de abril de 1961, p. 6).

A notícia fala que, atualmente, Castro só pode contar com o apoio “dos comunistas e liberais de esquerda”, pois perdeu os demais apoiadores. O comunismo, representado pela figura de Fidel Castro, aparece como algo que iludiu as pessoas por algum tempo, mas agora apenas os elementos de esquerda ainda acreditam nele. Em seguida, cita uma fala ouvida na rádio de Moscou, que condenava a invasão e um pronunciamento de um cineasta premiado em Moscou para depois colocar o que o jornal londrino diz sobre Castro. Observemos que na matéria acima, quando o jornal versa em defesa de Cuba, fala da ilha do seu povo, mas quando está falando do comunismo, de algo ruim tal como traição, é a Fidel Castro que se refere, ele é o traidor comunista, opressor e tirânico.

O jornal constrói este paradoxo, pois Castro sozinho e unicamente pela “sua vontade”, não conseguiria impor ao povo um comunismo “cruel e opressor”. Fidel Castro deve ter algum apoio na Ilha ou não sobreviveria no seu posto sem insurreições internas de 1959 até 1961. Neste sentido, o apoio do Comunismo Internacional é citado tantas vezes para demonstrar que o que oprime o povo e impõe o comunismo é o apoio soviético que envia armas e tropas. Entretanto, o jornal quando se refere a Cuba, ao povo, o coloca sempre como vítima de Fidel Castro e do comunismo. Na matéria acima, o povo aparece como despojado da liberdade e da democracia pelo comunismo. E os exilados e “revolucionários” seriam o povo tentando se livrar, se libertar do comunismo. Interessante observar que o “Le Monde” teme que Cuba venha se tornar uma frente de disputas da Guerra Fria. O que deixa transparecer ao público um temor maior pelo embate dos dois grandes oponentes: EUA e URSS.

O título do *Diário de Notícias* de 19 de abril é interessante, pois em letras bem pequenas num canto a esquerda de quem lê, está escrito: “Telegrama de Brizola a JQ”, e, logo ao lado na seqüência e em destaque com letras enormes com aspas o seguinte: “Inominável agressão”



(Diário de Notícias de 19 de abril, capa.).

Este título está chamando para um pequeno texto na capa do jornal, que transcreve na íntegra um telegrama de Brizola a Jânio Quadros, onde Brizola percebe que, caso o Brasil não se posicione a favor da autodeterminação dos povos, poderá ser a próxima vítima dos EUA. Abaixo temos o texto do telegrama:

“Presidente Jânio Quadros – Palácio do Planalto – DF. Dirijo-me ao presidente do meu país para significar a minha repulsa e inconformidade ante a inominável agressão que se está perpetrando contra o povo Cubano. Estou certo que o governo de nosso país, sob o alto descortino de Vossa Excia, saberá agir e avaliar a significação desse grave episódio, por ser uma ameaça também ao nosso próprio direito de autodeterminação de todas as nações livres do continente. Saudações. Leonel Brizola.” (*Diário de Notícias*, 19 de abril de 1961, capa.).

A autodeterminação dos povos foi um posicionamento defendido desde o início da república brasileira e, segundo Brizola, deve continuar a sê-lo. Este deixa claro que, caso o Brasil não se posicione, corre o risco de se tornar vítima de sua omissão, permitindo que o país onde busca proteção de uma eventual agressão nuclear seja seu algoz pela força futuramente. Brizola teme que o Brasil, em função desta proteção, não disponha de liberdade democrática de escolher suas opções políticas, sejam elas quais forem.

A capa do jornal chama para as matérias da página 2, e o segundo maior título diz: “de JK a Kruchev: EUA não permitirão intervenção Russa.” Quem lê na banca de jornal ou não dispõe de tempo para ler os detalhes, fica com a percepção de que os russos querem

intervir no caso cubano e só não o fazem porque os EUA os estão impedindo. Na composição com a frase de Brizola, pode haver uma confusão. Observemos a imagem abaixo:



(*Diário de Notícias*, 19 de abril de 1961, capa.).

A confusão está na interpretação do que pode ser lido: a frase de Brizola (destacada em negrito com letras enormes) poderia ser atribuída a JK (Jonh Kennedy) em função do seu posicionamento na diagramação, e porque as letras menores que se referem ao telegrama são quase imperceptíveis. Por outro lado, caso o leitor que passa os olhos rapidamente percebesse a pequena frase a respeito do telegrama, notaria que Brizola poderia estar indignado com a possível agressão Russa, ou ainda, o leitor poderia fazer a leitura correta e perceberia que Brizola está contra a invasão de Cuba. Assim, o jornal cria o que Nilson Lage (2001, p. 154) chama de dois tipos de verdades:

Há, portanto, dois gêneros de verdades consideráveis nas notícias. Uma verdade está no acordo íntimo entre o que está sendo narrado e o que de fato ocorreu. Outra, disposta no paradigma da escolha de palavras, da ordem e seleção dos acontecimentos – dos lapsos entre uma e outra informação e das sugestões que deixa ao consumidor sobre como preenchê-los – é a verdade como adequação histórica.

Lage, nesta citação, nos mostra como o jornal pode ser parcial através da forma com a qual estabelece a ordem das informações. Lage (2001, p. 152), falando sobre o jornal, diz:

a) A primeira coisa que um jornal informa é sua ideologia. Num grande diário, será a ideologia de um segmento econômico bastante forte para suportar os custos (mediante publicidade ou financiamento, o que é

comum, ou verbas diretas, na imprensa partidária, religiosa ou oficial). O grau desse óculo deformante e seu peso têm relativa importância. (...).

Então Lage (2001, p. 154) complementa afirmando que:

n) Os jornais, em suma, não têm saída: são veículos de ideologias práticas, mesquinhas. Mas têm saída: há neles indícios de realidade e rudimentos de filosofia prática. Crítica militante, grandeza submetida, porém insubmissa.

Em se tratando de leituras, devemos considerar a pessoa que interpreta a leitura, com que olhar ela o fará. Pensando nisso, Antonini (2005, p. 16) nos diz que “O interpretante é, na verdade, a mola propulsora da produção ilimitada de sentido.” De acordo com Antonini (2005, p. 16), num texto há uma “gama variada de sentidos atualizados que projetam uma específica amostragem cultural.” Isto vale para todas as leituras, seja um jornal, uma revista ou um livro. Cada pessoa vai significar o texto de acordo com a sua bagagem cultural, seus posicionamentos políticos, etc.

Respalhando as afirmações de Lage (2001) e Antonini (2005), Pesavento (1995, p. 15) diz o seguinte:

Imagens e discursos sobre o real não são exatamente o real ou, em outras palavras, não são expressões literais da realidade, como um fiel espelho. Há uma *décalage* entre a concretude das condições objetivas e a representação que delas se faz. Como afirma Bourdieu, as representações mentais envolvem atos de apreciação, conhecimento e reconhecimento e constituem um campo onde os agentes sociais investem seus interesses e sua bagagem cultural. As representações objetivas, expressas em coisas ou atos, são produto de estratégias de interesse e manipulação.

Ou seja, no domínio da representação, as coisas ditas, pensadas e expressas têm um outro sentido além daquele manifesto. Enquanto representação do real, o imaginário é sempre referência a um “outro” ausente. O imaginário enuncia, se reporta e evoca outra coisa não explícita e não presente.

Retornando ao jornal e suas estratégias de edificação de símbolos e ideias, podemos observar que, ao diagramar a sua capa, este provavelmente pretendia criar várias possibilidades de interpretação, estimulando o imaginário popular. No corpo do jornal, chama a atenção uma matéria, onde o *Diário de Notícias* demonstra claramente sua intenção de

propagandear-se a favor da invasão e contra o regime de Fidel. O título da matéria é: “Manifestações em toda a parte em face da invasão Cubana” e diz o seguinte:

LONDRES, 18 (UPI) – A reação, extraoficial, da Europa ocidental a invasão de Cuba foi a de quem viu, no fato, a consequência da “traição do primeiro ministro Fidel Castro aos seus princípios revolucionários”. Mas ao mesmo tempo é feita uma advertência aos EE. UU. no sentido de que não dê impressão alguma de uma intervenção direta.

Ao mesmo tempo em que as notícias da invasão dominavam as primeiras páginas dos jornais europeus, o “The Times”, de Londres, escrevia num editorial a respeito da posição norte-americana na invasão de Cuba: “A simpatia e o apoio preliminar são uma coisa, mas a ajuda ativa, de qualquer forma de contrarrevolução, é algo distinto e poderia resultar em sério perigo”. (*Diário de Notícias*, 19 de abril p. 6).

Esta matéria tem destaque sobre as demais, seu texto aparece mais, ocupa o espaço de duas colunas sem a divisão clássica das mesmas, facilitando a leitura<sup>26</sup>. É possível observar o que afirmamos a partir da imagem a seguir:

---

<sup>26</sup> Na linguagem dos jornalistas chama-se “Lead” – o mesmo que primeiro parágrafo, ou cabeça. O Lead narra os principais acontecimentos em cinco ou seis linhas, respondendo às perguntas: quê?, Quem?, Quando?, Onde?, Como?, Porque?.





(Diário de Notícias , 19 de abril p. 6).

Se esta mensagem fosse o “Lead” teria cinco ou seis linhas e resumiria os acontecimentos, esse não é o caso. Trata-se de um texto único, que é favorável a invasão. As demais notícias recebem um tratamento menos privilegiado em termos de diagramação e são colocadas em colunas, uma abaixo da outra, com pequenos subtítulos. Esta é a única das pequenas notícias a favor da invasão e talvez seja por esta razão que tenha recebido tal privilégio. Esta notícia deveria ser o “Lead” e nela o termo traição está ligado a Fidel Castro, o traidor dos princípios revolucionários para impor o comunismo. Está claro que os princípios revolucionários seriam libertar o povo da ditadura de Fulgêncio Batista e estabelecer a democracia e a livre iniciativa, mas não estabelecer a ditadura do comunismo. Observemos, também, que o “The Times” faz um alerta sobre um “sério perigo”, esse “perigo” leva o leitor a pensar em armas nucleares, tão discutidas naquele momento.

Na sequência da notícia, o jornal fala da preocupação da Grã-Bretanha com a situação de Cuba e das acusações da Rússia sobre a “presumível” participação norte-americana. Na mesma coluna, o jornal coloca um subtítulo falando da Guatemala e da posição antagonista que existe entre, de um lado o Movimento de Libertação Nacional apoiando os invasores e, de

outro o Partido de Unidade Revolucionária repudiando a invasão. São dezessete linhas a favor da invasão e catorze contra. A seguir reproduzimos o texto desta notícia:

#### Pronunciamentos Antagônicos

Guatemala, 18 (De Truls Parell, correspondente da UPI) – O Movimento de libertação Nacional expediu uma declaração, em que dá seu apoio aos desembarques em Cuba, de Cubanos anticastristas.

Diz que o movimento está pronto “a oferecer o seu concurso moral e material no sentido de conduzir ao triunfo os patriotas Cubanos, verdadeiros soldados da liberdade, que combatem nas serras, montanhas caminhos e cidades da ilha antilhana contra as milícias populares e os elementos mercenários a serviço da tirania de Fidel Castro”.

Por outro lado, o Partido de Unidade Revolucionária, de oposição, tornou pública uma declaração em que “Manifesta o mais absoluto repúdio à intervenção armada contra a irmã república de Cuba que conseguiu desfazer-se da influência do governo dos Estados Unidos”. Formula urgente chamado a todos os setores democráticos para que formem um só bloco de luta na defesa da revolução Cubana. (*Diário de Notícias*, 19 de abril de 1961, p. 6).

Na notícia a favor da invasão, o repórter De Truls Fagrell, que assina a matéria, diz que o Movimento de Libertação Nacional se oferece para lutar contra “as milícias populares e os elementos mercenários a serviço da tirania de Fidel Castro”. Ressaltamos que o representante do comunismo nas Américas é o “tirano” Fidel Castro e este precisa usar mercenários a seu serviço por não dispor de apoio. Entretanto, ao falar do Partido de Unidade Revolucionária, é possível perceber que o repórter foi mais brando, não usando palavras fortes como as que ele usou no parágrafo anterior, minimizando, assim, as reivindicações da oposição. Novamente a tendência acusadora contra Fidel Castro se faz presente. O anticomunismo aparece quando o jornalista reproduz a fala do Movimento de Libertação Nacional que acusa Castro de tirano.



(*Diário de Notícias*, 19 de abril p. 2)

A charge deste dia é muito significativa, pois batiza com o nome de ovelhas aqueles que se posicionam como neutros entre comunismo e capitalismo. O humorista vai além, ao mostrar que o comunismo, na figura de um lobo escondido atrás das montanhas, a espreita, pode atacar as ovelhas neutras, demonstrando que elas não estão protegidas contra o “lobo” do comunismo na sua neutralidade. Novamente o comunismo é apresentado como traiçoeiro e ameaçador. A charge destaca-se posicionada no centro e no alto da página 2, sendo impossível deixar de percebê-la. Assim, esta charge chama as pessoas a se posicionarem contra o comunismo que não é digno de confiança. É um chamamento aos neutros para que se posicionem contra o comunismo ou serão vítimas deste, como ovelhas a mercê do seu algoz.

Abaixo da charge a seguinte notícia: Apelo de Kruchev a Kennedy: “ponha fim à agressão a Cuba”. A matéria registra, em sua maior parte, que os estudantes russos, apoiados por trabalhadores, tentaram invadir a embaixada norteamericana após o pronunciamento do primeiro ministro Kruchev, mas a polícia russa não permitiu. Narra como os estudantes foram se reunindo com os trabalhadores e tentaram atacar a embaixada. Descreve que alguns policiais russos foram pisoteados e que 25 janelas da embaixada foram quebradas. Destacamos que, apesar da “defesa” da polícia russa, a embaixada foi atacada por estudantes e trabalhadores comunistas, lembrando a associação tantas vezes feita pelo jornal de que os comunistas são agressivos e belicosos. No meio da matéria, o jornal fala sobre o aviso de Kruchev, em que este pede a Kennedy que ponha fim a agressão a Cuba, Kuchev afirma que a

Rússia dará todo apoio que Fidel necessitar. Também antecipa que a questão cubana pode degenerar para um conflito mundial. Mais uma vez a ameaça nuclear é lembrada, e quem o faz é o líder máximo dos “comunistas internacionais”.

Prevenindo que o assunto Cubano poderá eclodir num conflito mundial, o primeiro ministro disse: “a tecnologia militar é tal que qualquer guerra pequena poderá causar uma reação em cadeia. Não é demasiado tarde para prevenir o irreparável. O governo dos Estados Unidos ainda pode impedir que as chamadas de guerra, alimentadas pelos intervencionistas de Cuba, se propaguem a uma conflagração que será impossível dominar”. (*Diário de Notícias*, 19 de abril, p. 2).

Também expõe que

A mensagem oficial de Krutchev a Kennedy e uma anterior proclamação soviética injetaram nota nova na crise Cubana. Embora nenhum desses documentos mencionasse os foguetes soviéticos, ambos prometeram ‘toda a ajuda necessária’ ao governo de Fidel Castro. (*Diário de Notícias*, 19 de abril, p. 2).

Apesar de não afirmar claramente que a Rússia usará os foguetes no caso da crise Cubana, a intenção de usá-los fica subentendida. O primeiro ministro russo em nenhum momento verbalizou o uso de qualquer arma, apenas avisou a Kennedy que não seria bom que as negociações fossem para o lado bélico. A UPI de Moscou, ao contrário, menciona foguetes soviéticos. Desta forma o jornal determina o que o leitor irá pensar e como irá pensar. O *Correio do Povo* publicou esta matéria, também nela o jornal afirma que o tom belicoso era do presidente russo.

A chamada maior desta página diz: “Aviões Mig e tanques russos contra-atacam rebeldes Cubanos”. O título da notícia diz tudo, são equipamentos russos que estão defendendo Fidel Castro, portanto deixa claro que Rússia está por trás de tudo, ou seja, os comunistas estão armando Fidel Castro. A Rússia acusa os Estados Unidos de atacarem Cuba, quando na verdade seria ela quem estaria em território Cubano e não os americanos.

MIAMI, 18 (UPI) – As forças invasoras Cubanas na província de Las Villas estão submetidas a um “ataque extremamente intenso” por

parte de aviões a jato MIG, de construção russa, segundo anunciou um alto informante dos exilados Cubanos.

O porta-voz dos rebeldes disse às 12.50 horas que as “forças libertadoras” deram a conhecer seu comunicado ao comando secreto por intermédio de um terceiro país, mas não puderam indicar o número de aparelhos que participam na operação.

Esta é a primeira vez que é mencionada a presença de aparelhos Mig em território Cubano.

O informante acrescentou que uma forte esquadrilha de aparelhos a jato sobrevoara as posições dos invasores, bombardeando-as e metralhando-as. Disse também que simultaneamente tinham entrado em ação numerosos tanques de fabricação russa.

O ataque combinado por ar e terra constitui evidentemente um decidido assalto contra as posições conquistadas pelos invasores em seu esforço para derrubar o governo de Fidel Castro.

Presume-se que os aviões Mig foram enviados da Tcheco-Eslovaquia. Informantes estrangeiros autorizados haviam calculado que Castro tinha entre sete e doze destes aparelhos nos aeródromos secretos. (*Diário de Notícias*, 19 de abril, p. 2).

A notícia é conseguida através de informantes que fornecem alguns dados sobre o ocorrido na Ilha. Mesmo que no corpo da matéria o leitor encontre outras informações, a ideia que fica é a da participação russa no episódio. Abaixo deste enorme título, com letras bem menores, está escrito “Faltam pormenores das operações que ora se desenvolvem em Cuba”, a notícia é de Miami. A informação da matéria foi obtida através de um porta-voz dos rebeldes, que obteve os subsídios por intermédio de um terceiro país. E mais, seriam os Cubanos exilados, e somente eles, os que estariam tentando libertar a pátria das garras do comunismo internacional, numa luta titânica de Davi (exilados) e Golias (Fidel e os russos).

Como podemos ver, a notícia inicia afirmando que nada é certo, ou seja, definitivo, verdadeiro, garantido. O porta-voz não sabe afirmar a quantidade de aparelhos russos, apenas que “uma forte esquadrilha de aparelhos a jato sobrevoara as posições dos invasores bombardeando-as e metralhando-as”. Ora, se não sabe quantos são, como sabe que era uma “forte esquadrilha”? A matéria “presume” que os aviões tenham vindo da Tchecoslováquia, ou seja, não tem certeza. Posteriormente informa que Castro possui entre sete e doze aviões, outra informação presumida. Novamente a associação entre comunismo e belicosidade está nítida, Castro já teria sido armado muito antes da invasão. Segundo a chamada da notícia, os aviões Mig já teriam sido vistos e identificados, pelo menos é o que se espera quando o jornal publicou a notícia, contudo não foi o que aconteceu. O interesse em criar uma imagem de Castro apoiado pelos Russos, atacando com grande quantidade de aviões de última geração, é

maior do que apresentar a verdade pura e simples. Por esta razão as informações, verdadeiras ou falsas se misturam no texto.

As informações publicadas nos jornais, também são obtidas através das rádios, tanto da rádio oficial cubana, como da rádio rebelde, como segue:

O comunicado transmitido pela emissora rebelde antes de suspender sua comunicação para proceder à um calculo dos danos foi que os dez aviões que integravam a força atacante voavam em formação.(*Diário de Notícias*, 19 de abril de 1961, p. 2).

A referência à rádio oficial diz o seguinte:

Uma transmissão Cubana captada pela UPI informa que pelo menos 200 pessoas haviam sido detidas no pequeno balneário de Varadero, na costa norte. O locutor acrescentou: “Fizemos aqui uma limpeza total e enviamos 200 prisioneiros para Matanzas”, capital da província.

Outra emissão da rádio de Havana anunciou a prisão de 20 homens e 9 mulheres acusados de organizarem um complô para matar Castro e seus principais colaboradores. Entretanto, não deu detalhes de quando devia se realizar o atentado. A emissora da capital informou que ontem à noite foram executados na fortaleza de La Cabana oito “terroristas”. O total de fuzilados deste ano chega a 37. (*Diário de Notícias*, 19 de abril de 1961, p. 2).

Neste momento, a notícia faz uma associação entre comunismo e liberdade, ao afirmarem que os comunistas prenderam pelo menos duzentas pessoas. Também os coloca como assassinos quando informam que já fuzilaram 37 este ano. Além disso, fala da prisão de “terroristas”. A palavra terrorista foi publicada entre aspas em função de que estas pessoas são terroristas apenas para Fidel Castro.

Na mesma página bem no centro, a chamada diz: “Cuba depende do poderio armado dos soviéticos”, e, nesta matéria, a UPI obtém as informações junto ao departamento de estado norteamericano, através de um funcionário não identificado. Nos dois primeiros parágrafos, a matéria demonstra claramente a construção da ideia de uma Cuba altamente bélica e apoiada pelos Russos, apesar de que algumas informações, segundo a própria UPI, não foram confirmadas. Novamente são publicadas notícias não confirmadas. A notícia é da UPI de Washington, segundo funcionários dos Estados Unidos, e informa que Cuba teria recebido 30 toneladas de armamentos desde 1960 e dependia da União Soviética para a

manutenção deste poderio bélico. Também registra informações não confirmadas sobre dois destróiers e a construção de seis aviões a jato russos. Durante uma parada militar anterior ao ataque, foi observado armamento russo. O departamento de Estado americano afirma que Castro enviou pilotos para serem treinados na Tcheco-Eslováquia. Em função do apoio soviético, Cuba teria, naquele momento, um poderio bélico dez vezes superior a qualquer governo cubano anterior. O comunismo internacional aparece como sendo o grande apoiador de Castro, fornecendo armamento e, portanto, novamente apontado como sendo altamente belicoso.

Bem abaixo dessa matéria o jornal coloca outra notícia cujo título é: “Para a URSS Cuba, é por ora mais importante que o Congo”. A notícia é da UPI de Londres e informa que, se desejar, Castro pode atacar Miami com o material que possui. Também avisa que pilotos cubanos já estão prontos e treinados na Tchecoslováquia e poderão retornar a Cuba carregados de armamentos. A afirmação do jornal indica mais uma vez o comunismo como um regime bélico, perigoso, amante da guerra e não da paz.

LONDRES, 18 (UPI) – Fontes da “Cortina de Ferro” disseram hoje que forças do primeiro ministro Cubano, Fidel Castro, com material comunista poderiam atacar o que qualificam de “base” dos exilados Cubanos em Miami, se Castro chegar a considerar grave a atual situação.

Os informantes disseram que não seria impossível que o chefe do governo Cubano ordenasse aos aviões que os russos enviaram atacar as “bases” com bombas ou “até outras armas”.

Aqui não há indícios de intervenção russa direta, pelo menos até o momento.

Mas sugerem os informantes que seria possível enviar mais aviões e pequenos foguetes às forças castristas em 24 horas.

Na Tcheco-Eslováquia há 100 Cubanos castristas instruindo-se como aviadores e no uso de pequenos projéteis, principalmente foguetes do ar para terra.

Uma fonte comunista aqui, dizendo que estes Cubanos já terminaram sua instrução e “poderão não voltar a Cuba com as mãos vazias”.

Segundo os informantes, politicamente os russos estão vendo a situação com muita seriedade, porque estão muito comprometidos publicamente a ajudar Castro e se expõe a perder seu ponto de penetração na América Latina.

Os informantes indicaram que Cuba poderia se tornar para a Rússia mais importante que o Congo nas presentes circunstâncias.

Disseram que a perda de seu predomínio em Cuba seria muito mais prejudicial para os russos, porque a Rússia já exerce uma forte influência em

extensas regiões da África, onde o Congo já não é “seu único baluarte”.  
(*Diário de Notícias*, 19 de abril de 1961, p. 2).

Afirmam que Cuba poderá adquirir uma importância maior para a Rússia por ser o único ponto de penetração na América Latina. Segundo a matéria, os russos teriam se comprometido publicamente a apoiar Cuba e não pretendiam perder este ponto. “A perda de seu domínio em Cuba, seria muito mais prejudicial para os russos, porque a Rússia já exerce forte influência em extensas regiões da África, onde o Congo não é seu ‘único baluarte’”, ou seja, a América latina seria o próximo objetivo de expansão dos comunistas.

Lendo as notícias em seqüência no jornal, o leitor fica com a sensação de que os Russos pretendem invadir as Américas a partir de Cuba. Para isto, os russos estariam armando Fidel Castro e fariam dele uma espécie de testa de ferro, já que a Ilha seria o ponto de partida. A ideia de que os russos pretendiam invadir a América é uma construção anticomunista, que vem sendo alimentada desde a revolução de 1917. Se de fato os Russos pretendiam fazer ou não o que era difundido no jornal, já não importava. O que importava neste momento era criar um clima tal de resistência que o comunismo não tivesse oportunidade de se infiltrar na sociedade. Sobre o sistema de representações Baczko (1985, p. 303) afirma o seguinte:

No sistema de representações produzido por cada época e no qual se encontra a sua unidade, o ‘verdadeiro’ e o ‘ilusório’ não estão isolados um do outro, mas pelo contrário unidos num todo, por meio de um complexo jogo dialético. É nas ilusões que uma época alimenta a respeito de si própria que ela manifesta e esconde, ao mesmo tempo, a sua ‘verdade’, bem como o lugar que lhe cabe na ‘lógica da história’.

O autor, referindo-se as “‘falsas consciências’ através das quais se realizaria a marcha da razão ao longo da história”, demonstra o que acaba acontecendo com o imaginário social. O ilusório assume tal envolvimento com o verdadeiro que fica impossível determinar onde começa um e termina o outro, eles se completam num processo dialético de criação de algo novo que alimenta o imaginário social. Assim agiram os jornais: alimentando este imaginário sobre o comunismo sempre que possível. Contudo, nem sempre os fatos correspondem ao que os jornais demonstraram e que gostariam que ocorresse e, contrário às notícias publicadas no início da invasão, Fidel Castro reage e enfrenta o invasor, expulsando-o.



Na capa do dia 20, o *Diário de Notícias* publica em destaque que “Fidel esmagou os invasores”. Ainda na capa, no resumo das notícias que poderão ser lidas no corpo do jornal, está a explicação para o fracasso da invasão que, segundo o jornal, são dois motivos: o primeiro seria a imensa superioridade bélica de Fidel Castro e o segundo foi a falta de um levante da população civil. Na página 6, o jornal ocupa quase todo o espaço sobre o tema com o título ocupando o cabeçalho superior da página. O jornal publica o seguinte: “desmorona-se a invasão de Cuba”. Segundo a matéria, além da enorme superioridade bélica, Castro possuía uma milícia de 300.000 homens, e a população não se revoltou na retaguarda. Contudo, o jornal não admite a possibilidade da população não ter se revoltado por apoiar Castro e, sobre isto, diz o seguinte:

Com a ilha virtualmente isolada do resto do mundo Castro impôs, aparentemente, o reinado de terror em Havana e o resto do país para impedir o levante.

Esta madrugada sete Cubanos e dois norte-americanos foram executados sob acusação de haver pretendido introduzir armas clandestinas em Cuba para algum tempo.

Milhares de pessoas foram detidas. Os hotéis foram adaptados como prisões para mulheres. Um estádio esportivo ficou cheio de homens detidos. (*Diário de Notícias* 20 de abril de 1961 p. 6).

Estas poucas linhas no corpo do texto já dão uma ideia do pensamento do jornalista que a escreveu. Segundo sua análise, o povo não se levantou contra Castro porque este estabeleceu um regime de terror em Cuba. Para corroborar com esta ideia, o jornalista fala de morte por execução e das prisões super lotadas, de tal forma que hotéis tiveram que ser transformados em prisões para mulheres. Novamente o comunismo associado ao terror, ao totalitarismo. A notícia acima foi publicada pelo *Correio do Povo* e também seguiu na mesma linha de pensamento. Elas são quase iguais, diferindo muito pouco em relação às informações contidas. Enquanto o *Diário de Notícias* afirma que o estádio esportivo foi transformado em prisão, o *Correio do Povo* assevera que a informação ainda não havia sido confirmada. Entretanto, ambos publicam a informação.

Na capa do *Diário de Notícias* de 21 de abril de 1961, o título da matéria sobre este tema é: “**EUA não permitirão comunismo em Cuba! Até mesmo violando a doutrina Monroe.**” Este título é sobre o discurso do presidente Kennedy a Sociedade Norteamericana de Diretores de jornais em Washington. Temos aqui um aspecto curioso deste discurso, pois

Kennedy está dizendo que pretende intervir em Cuba para restabelecer a “democracia”. Tomando por base a história de Cuba, é possível inferir que a democracia que Kennedy restabeleceria seria semelhante à de Fulgêncio Batista. Lembrando que, desde os tempos em que colaboraram com a independência da Ilha, passaram a ganhar muito dinheiro investindo na mesma. Com a revolução e as medidas tomadas por de Fidel Castro, terminaram as possibilidades de exploração norte-americana. Kennedy diz defender a filosofia da Doutrina Monroe<sup>27</sup>. Porém, nos parece que o outro interesse não revelado (além de expulsar os comunistas) é retomar a situação econômica de exploração que havia.

No corpo do jornal a matéria recebe destaque e trata da determinação de Kennedy de não permitir que se estabeleça em Cuba um regime comunista, mesmo que para isto tenha que usar a força e destituir Castro do poder e ali colocar outro presidente. Neste caso, outro presidente que seja como Fulgêncio Batista, que abria todos os caminhos a exploração norte-americana. A matéria reproduz o discurso de Kennedy, e nele o Presidente faz referência à Hungria, afirmando que os Estados Unidos não aceitarão que Cuba tenha o mesmo resultado que este país. O presidente está se referindo a Revolução de 1956, quando a população se revoltou contra a União Soviética que, não respeitando a decisão popular, invadiu a Hungria e restabeleceu o sistema comunista à força. Parte do texto do discurso segue abaixo:

Ao mesmo tempo o presiden-(ilegível no jornal) necessária a intervenção dos Estados Unidos em Cuba, ela poderia ser comparada com o tratamento soviético da Hungria. Kennedy repisou que os Estados Unidos não esperariam nem aceitariam em Cuba um resultado do tipo Hungria.

“Cuba não é uma ilha isolada – sublinhou – e nossa intervenção é de pesar. Não é esta a primeira vez, seja na história antiga, seja na mais recente, que um pequeno bando de combatentes da liberdade arremete contra o totalitarismo”.

Kennedy afirmou que a atual situação de Cuba torna necessário que as demais nações do hemisfério olhem mais realisticamente a ameaça da intervenção comunista de fora. A evidencia é clara e a hora é avançada, acrescentou, “de modo que nós e nossos amigos latino-americanos teremos que encarar o fato de que não podemos adiar por mais tempo a questão verdadeira da própria sobrevivência”.

---

<sup>27</sup> A Doutrina Monroe estabelecia que não houvesse a criação de novas colônias nas Américas e, neste caso, Cuba seria uma colônia não oficial. Os Estados Unidos não deveriam intervir em assuntos internos dos países americanos. Também não deveriam intervir em conflitos entre os países europeus e suas colônias. A frase que resume a Doutrina é: “A América para os americanos”. Essa doutrina foi estabelecida pelo Presidente norte-americano James Monroe na presidência dos EUA de 1817 a 1825.

Explicou que não pode haver meio termo na questão da própria sobrevivência e afirmou que as nações hemisféricas devem unir-se, trabalhando pela liberdade e assegurando um hemisfério em que qualquer país sujeito a ataque exterior terá a garantia de ajuda, nem bem a tenha solicitado. (*Diário de Notícias*, 21 de abril de 1961, p. 6).

Neste pequeno trecho do discurso, Kennedy associa o comunismo ao “totalitarismo” e ao fato do comunismo estar estabelecido nas Américas. O presidente está apontando para uma ação sobre Cuba, visando acabar com o comunismo na Ilha depondo Castro. Apela para a concepção de reação coletiva quando afirma que já está avançada a hora dos países latinoamericanos agirem na defesa da sua sobrevivência, ou seja, o inimigo comunista está constituído e todos devem agir. Este agir é no sentido de apoiar as ações norteamericanas de invasão na Ilha. Na verdade, Kennedy somente poderá agir se tiver o apoio de todas as nações latinoamericanas, pois, desta forma, a União Soviética não poderá impedir a intervenção sem ter de enfrentar sanções de outros países membros da ONU. A União soviética e os países da “cortina de ferro” se posicionaram a favor da não intervenção a Cuba. Os Estados Unidos ainda não agiram abertamente com todo o seu poderio porque não obtinham o apoio esperado dos países do hemisfério ocidental, que são a favor da autodeterminação dos povos. Assim, sem apoio, os EUA não arriscam uma intervenção na Ilha, embora ameacem.

O *Diário de Notícias* também explorou a morte de Humberto Sori Marin da mesma forma que fez o *Correio do Povo*. O título da matéria sobre sua morte foi: “**A máquina devora seu criador: Fuzilado o autor da Lei de fuzilamentos em Cuba**”. A notícia conta um pouco da história de Humberto Sori Marin desde quando ele era companheiro de Castro como comandante do exército e assessor de Castro na Sierra Maestra. Segundo o jornal, foi Humberto Sori Marin quem redigiu o código revolucionário que deu aos tribunais militares o poder de condenar um prisioneiro a morte, seja civil ou militar. Embora tenha sido o autor do código revolucionário, não condenou o comandante Jesus Sora Blanco a morte quando presidiu o tribunal que julgou os antigos colaboradores de Batista. De acordo com o jornal, isto provocou a ira de Castro que não aceitou a decisão e buscou outro julgamento, que se realizou num estádio ante as câmeras de televisão. Este julgamento condenou e executou o comandante Jesus. Posteriormente, Castro nomeou Humberto Sori Marin como Ministro da Agricultura e novamente não se entenderam porque Humberto Sori Marin não cumpriu com a solicitação de Castro de organizar as cooperativas agrícolas segundo o modelo da China comunista. Marin fugiu para Miami e lá se encontrou com exilados cubanos, se decepcionando com as brigas entre eles e decidiu voltar a Cuba, onde poderia ser mais útil. O

jornal informa, ainda, que ele foi preso e condenado ao paredão, sendo executado na madrugada. Como podemos observar, a notícia tem ação didática sobre o leitor ao mostrar a trajetória de um companheiro de Castro que não foi perdoado por não concordar com ele e, assim, pagou com a vida. Em outras palavras: Fidel Castro como representante dos comunistas mata quem não concorda com ele! O comunismo é cruel e mata seus opositores, sendo assim é totalitário. A propaganda ideológica está clara. O jornal não conta em nenhum momento o que Humberto Sori Marin fez para ser preso e condenado. Informa, sobre isto, o seguinte:

Como comandante e assessor legal do exército rebelde de Fidel castro na Sierra Maestra, Sori Marin redigira o Código revolucionário, que deu aos tribunais militares a faculdade de condenar à morte civis e militares em tempo de emergência, Sori Marin era advogado.

Nos 58 anos anteriores, da história cubana, somente três homens tinham sido legalmente executados; o último deles foi fuzilado durante a Segunda Guerra Mundial pelo crime de traição. (*Diário de Notícias*, 21 de abril de 1961, p. 6).

Mais adiante, na mesma matéria, o jornal afirma o seguinte:

Há poucas semanas foi detido na casa de um amigo no subúrbio de Miramar, sob a acusação de conspirar contra o governo. Não se entregou mansamente, no entanto, tentou escapar gritando que preferia antes morrer que voltar novamente para a prisão mas de todos os modos foi capturado depois de receber um tiro no ombro. (*Diário de Notícias*, 21 de abril de 1961, p. 6).

Segundo o jornal, o Sr. Humberto Sori Marin, esta figura emblemática, tem uma história de combate e luta por um ideal político. Ele, muito provavelmente, estaria em busca de seu ideal político e este não mais se encaixava no ideal de Castro. Contudo isto não significa dizer que se encaixava na doutrina norteamericana. O jornal apresentou a história de Humberto Sori Marin com lacunas que vão ser preenchidas com a imaginação do leitor segundo sua inclinação política e sua experiência sócio-cultural.

Entendemos que o jornal coloca Castro como a personificação do “mal” no hemisfério, porque ele era capaz de executar alguém que esteve ao seu lado em combate. A UPI e o *Diário de Notícias*, quando se referem a Fidel Castro, associam seu nome à

fuzilamentos, mortes, prisão de mulheres e crianças, em um processo de execração do “comunista”.

O jornal também publica notícias sobre o que se passa em outros países da Américalatina e fora dela. Sobre a Américalatina o jornal publicou uma matéria bastante interessante que vale a pena analisar. O título é: **Guatemala: partidos se unem contra infiltração comunista.** Na leitura do título temos claro que na Guatemala todos os partidos se uniram contra os comunistas, transmitindo a ideia de que o país inteiro se alia contra a infiltração comunista. Já na leitura da notícia, vemos que o jornal publica primeiramente uma matéria sobre um confronto entre elementos pró e contra Castro, com saldo de três mortos e treze feridos. Na sequência, informa que o Partido Movimento Democrático determinou aos seus afiliados que permaneçam vinte e quatro horas em alerta contra a infiltração comunista. Nesse texto reproduz um trecho do boletim do partido que diz:

Se os comunistas e comunistóides tentarem seguir protegendo os interesses de Castro, nós, como fizemos em 1954, lhes daremos o que merecem com mais severidade e advertimos que a violência será repelida com mais violência. (*Diário de Notícias*, 21 de abril de 1961, p. 12).

O partido está se referindo ao golpe de estado de 1954, que foi perpetrado com a anuência da CIA com o pretexto de que Moscou estava se instalando no país. Percebemos neste discurso que a influência norteamericana e seu temor pelos comunistas está cada vez mais aflorada em alguns casos. O clima do discurso é de guerra ao comunismo. Nenhum outro partido está se manifestando neste caso, apenas o governo anuncia que repelirá com firmeza qualquer ação comunista no País e que responsabilizará os organizadores do comício que gerou o confronto entre castristas e anticastristas. Não encontramos na matéria outra referência que nos indique a participação dos demais partidos.

No dia 23 o jornal publica outra notícia interessante entre tantas: “Invasores não terão perdão: declara Cuba”.

MIAMI, 22 (UPI) – A rádio oficial de Havana garantiu hoje que não haverá misericórdia para os 500 ou mais rebeldes Cubanos capturados esta semana, depois do fracasso da invasão de Cuba. A emissora ridiculariza os rebeldes capturados, e afirma que todos estão chorando e implorando perdão.

ACAMPAMENTO ARMADO

HAVANA, 22, (UPI) – A capital Cubana está transformada em verdadeiro acampamento armado enquanto as emissoras oficiais continuam transmitindo os mais pesados ataques aos Estados Unidos e ao presidente Kennedy. Milhares de soldados e milicianos são vistos por todas as ruas, muitas das quais fortificadas por barricadas. A emissora oficial Cubana também se vangloria do apoio soviético a Fidel Castro e afirma que foram detidos 400 invasores. Enquanto isso testemunhas oculares afirmam que ainda se luta na região central de Cuba. (*Diário de Notícias*, 23 de abril de 1961, p. 2).

O início da notícia procura demonstrar a crueldade dos comunistas quando são os vencedores ao informar que a rádio ridicularizou os prisioneiros demonstrando o quanto o comunismo é imoral, sem ética de guerra, sem consideração humana. Ou seja, é ruim, está ligado ao perverso.

No dia 25, uma notícia demonstra bem a postura norte-americana sobre a Guerra Fria. Seu título é o seguinte: **Nixon sobre Cuba: EUA devem agir e não conversar**. A matéria trata das posições de Nixon sobre o caso Cuba. Para ele, os EUA deveriam encontrar meios legais para intervir em Cuba e “contrabalançar a subversão vermelha”. A certa altura da matéria, a postura de ameaça nuclear é manifestada quando Nixon, se referindo à postura de Kennedy, diz o seguinte:

Sabe-se que está entre aqueles que consideram que a União Soviética não arriscará a Terceira Guerra Mundial por Cuba. Sua teoria é que os soviéticos não trocarão Moscou por Havana, da mesma forma que os Estados Unidos não trocaram New York por Budapeste. Esta ilustração demonstra a certeza de destruição que provocaria uma guerra nuclear. (*Diário de Notícias*, 25 de abril de 1961 p. 2).

Nixon, nesta passagem, faz referência à invasão da Hungria de 1956 pelas tropas soviéticas e que os EUA não puderam intervir em função da ameaça nuclear, porque a Hungria fazia parte do Bloco Socialista pós Segunda Guerra Mundial. Percebemos nesta declaração que ele pensa como os realistas citados por Halliday. E acredita que, na esfera das relações internacionais, com a formação de balanças de poder, se mantém o equilíbrio e a ordem internacional, no sentido de evitar a guerra total. Sendo assim, ele acredita que a União Soviética não arriscaria tanto em prol de Cuba, pois o preço seria alto demais. Por esta razão ele defende a ideia de ação imediata dos EUA sobre Cuba.

Na página 6 do dia 25 de abril, o jornal publica a resposta de Kruchev as declarações de Kennedy do dia 21 de abril: **“Violenta réplica de Kruchev a Kennedy”**. Interessante observar que quando se trata de Kruchev, um comunista a réplica é “violenta”, ou seja, utilizam deliberadamente palavras fortes. No sentido contrário, quando se trata de Kennedy, o jornal escolhe palavras mais amenas. Vejamos o que Kruchev afirmou de tão violento.

Moscú, 24 (por Henri Saphiro, da UPI) – O primeiro Ministro Nikita Kruchev preveniu hoje o presidente norte-americano, John F. Kennedy, que “está tomando um caminho muito perigoso”, no caso de Cuba. Afirmou, ao mesmo tempo, que está provado que os Estados Unidos são os responsáveis pela invasão daquela ilha das Antilhas.

Em nova mensagem ao governo os Estados Unidos Kruchev diz “abertamente”, sem alusões que, “foram vocês Estados Unidos que sufocaram a independência da Guatemala com o envio de mercenários para aquele país, como estão tratando de fazer agora com Cuba. Acusou igualmente os Estados Unidos de manterem “na escravidão” econômica a “América-Latina e muitos outros países do mundo”. (*Diário de Notícias*, 25 de abril de 1961, p. 6).

Realmente, o primeiro ministro russo não poupou acusações e lembrou o episódio da Guatemala. Contudo, até o presente momento, o agressor apresentado é os Estados Unidos<sup>28</sup> e a União Soviética aparece fazendo o papel de contendor, impedindo uma ação maior deste agressor de peso, garantindo assim que Cuba possa se defender com as armas que tem. Os Estados Unidos somente não agiram diretamente sobre Cuba para derrubar o governo de Fidel Castro porque a União Soviética impediu. Na verdade, o jornal publica a fala dos comunistas ao divulgar a réplica de Kruchev. Porém, na chamada da notícia, quando opta por usar a palavra “Violenta” para se referir à réplica de Kruchev, aproveita para estabelecer novamente a relação comunismo e violência tantas vezes demonstrada ao longo deste trabalho. Se acaso o título fosse: “Réplica de Kruchev a Kennedy” ele teria o “tom” de neutralidade. Como a escolha das palavras foi outra, podemos inferir que houve uma intencionalidade.

Na página 9 do dia 26, uma notícia diz o seguinte: “Cuba abastecida por navios comunistas”. A notícia fala de uma escuta feita pelo rádio a partir de Miami sobre o desembarque de mercadorias.

---

<sup>28</sup> Apesar de negarem veementemente, é perceptível a ação dos norte-americanos através das provas apresentadas por Fidel, tais como as ordens do piloto norte-americano abatido em combate e encontrado pelos Cubanos.

Miami, 25 (por James R. Whelan da UPI) – Os russos derramaram hoje sobre Cuba milhares de toneladas de mercadorias para mitigar a crescente escassez de gêneros, segundo uma emissão oficial de rádio, ouvida em Miami. A emissão dizia que pelo menos três navios comunistas chegaram aos cais de Havana nas últimas 24 horas.

Não fez menção a material de guerra – provavelmente fosse censurada qualquer alusão a isso - mas a rádio falou de petróleo, tratores, caminhões, jipes e “equipamentos industrial” entre os produtos recebidos em grande quantidade. (...).

Os embarques saíram da Europa, evidentemente, antes das invasões da semana passada, mas se acredita possível que os russos tenham desviado para Cuba alguns embarques destinados a outros pontos, com o fim de reanimar o moral Cubano, decaído pela crescente escassez. (*Diário de Notícias*, 26 de abril de 196, p. 9).

A intenção é divulgar a chegada de gêneros alimentícios em Cuba enviados pelos russos. No entanto, o jornalista não perde a oportunidade de demonstrar a belicosidade dos soviéticos. Quando se refere ao fato de que a rádio não falou em armas por ter sido censurada, o jornalista está insinuando que poderiam ter sido descarregadas mais armas em Cuba. Este discurso contém uma estratégia, ele pretende propagandear a ideia de que o comunismo censura informações, não permite a livre imprensa. Entretanto, mais adiante na mesma matéria ele admite que os navios partiram da Europa antes das invasões. Portanto, espera-se que não estando em luta não poderiam conter armas, afinal não estariam prevendo uma guerra. O jornalista não percebe sua incoerência, ou a ignora deliberadamente em prol da propaganda ideológica.

Ainda na linha de propaganda anticomunista, o jornal coloca na página 2 do dia 27 de abril, a seguinte notícia: “Campanha de Terror ao feitio Comunista Em toda a ilha Cubana” A notícia informa sobre uma onda de terror na qual Fidel Castro manda prender homens, mulheres e crianças. Neste clima de terror o jornalista aproveita para colocar uma história que, segundo ele, foi ouvida na Rádio de Havana.

A rádio informou orgulhosamente o caso de uma criança que delatara seu pai por haver entregue um cigarro com um fósforo escondido no fumo com o propósito de usá-lo para incendiar um campo de cana-de-açúcar. O pai foi preso. (*Diário de Notícias*, 27 de abril de 1961, p. 2).

O jornalista toca fundo na questão mais sensível ao ser humano, a família, e aproveita para ressaltar que há orgulho na rádio ao informar o fato. Nesse caso, o comunismo está



destruindo a família, pois os filhos seriam incentivados a delatarem seus pais e o fazem sem escrúpulos. A ideia de um comunismo destruidor de famílias não é nova e se repete nos jornais. O comunismo, nesse caso, está associado à divisão de famílias falta de ética, amizade e de fidelidade.

Outra questão que é destacada nas notícias é a capacidade de infiltração dos comunistas. Numa matéria o jornal dá voz a Jorge Picaza que afirma que Fidel Castro sabia de tudo com antecedência.

CASTRO SABIA DE TUDO MEMPHIS (Tennessee) – O cirurgião Cubano Dr. Jorge Picaza, chefe dos serviços médicos da frustrada invasão Cubana da semana passada, declarou que agentes comunistas se tinham infiltrado entre os antifidelistas e avisado em tempo ao governo de Havana os planos de invasão. Disse o Dr. Picaza que Fidel Castro sabia todos os pormenores da invasão, inclusive conhecia quem estava contra ele em Cuba pois os agente comunista lhe tinham fornecido as listas completas destas pessoas.(*Diário de Notícias*, 28 de abril de 1961, p. 2).

Nessa notícia, podemos constatar de que forma o comunismo é colocado. Segundo a mesma, Fidel Castro consegue infiltrar agentes no movimento rebelde fora de Cuba e obter todas as informações com bastante antecedência, inclusive os nomes dos elementos que são inimigos dentro da Ilha e que auxiliariam os invasores. Dessa forma, ele estaria devidamente preparado e em condições de desarmar o movimento. Essa imagem de infiltração é importante porque dá uma dimensão ao comunismo muito maior, afinal as pessoas não sabem quando um comunista pode estar infiltrado nas comunidades tentando subverter a ordem estabelecida.

É possível que Castro tenha recebido ajuda de fora da Ilha, mas o mais provável é que Castro estivesse realmente bem armado, afinal a revolução ocorreu em 1959. E desde então os EUA vinham ameaçando uma invasão a qualquer momento. Bloqueios econômicos e todo o tipo de entrave estavam sendo articulados pelos Estados Unidos, que são vizinhos da Ilha há uma distância de 150 km e são uma das maiores potências mundiais da época. Com um inimigo destes, Fidel Castro não poderia se deixar levar por ilusões e se preparava para uma resistência, mesmo sabendo que, diante de uma invasão Cuba, não teria a menor chance. Quanto ao fato dele ter uma lista completa de seus desafetos locais e de fora da Ilha, não se tem provas de tal evidência e nada se pode concluir a respeito. Contudo, a informação está dada como verdade e o leitor a aceita se quiser.

O comunismo é percebido como ameaçador pelos países participantes da Junta Interamericana de Defesa e em função da proximidade de Cuba com a URSS, ela decidiu que o representante da Ilha não participasse das reuniões secretas de seus membros, nem tivesse acesso a quaisquer documentos referentes a estas reuniões. A Notícia foi publicada no dia 28 de abril, página 2, junto com a matéria acima. Ainda na mesma página consta que os Estados Unidos iam pedir a OEA sanções para Cuba, uma vez que a Ilha passou a ser considerada uma ameaça a “soberania e independência dos Estados Americanos”.

No dia 29 de abril, na página 07, o jornal publica a palavra do Cardeal Dom Jaime Câmara falando sobre Cuba e Fidel Castro. Este declarou que “a situação em Cuba é uma ameaça permanente para a paz e a harmonia na América”, e nessa entrevista o Cardeal diz: “urge ao governo brasileiro que assuma uma posição decidida diante de Cuba, para apoiar a paz e garantir a ordem, que é ameaçada a todo o continente pelo governo Cubano, francamente dominado pelos comunistas”. Nesse argumento do Cardeal, o fato de Cuba estar inclinada ao comunismo é uma grande e inadmissível ameaça, porque o comunismo está associado à desordem e à guerra. No seu parágrafo seguinte, o jornal publica que:

Depois de dizer que no geral é a favor da não intervenção, o prelado pergunta por que deve permitir-se a Rússia que intervenha em nações como a Hungria e a Polônia e que se condene os Estados Unidos por “assumir uma posição de defesa contra o comunismo que estabeleceu uma cabeça de ponte em Cuba”. ( *Diário de Notícias*, 29 de abril, p. 7).

O Cardeal defende abertamente a intervenção em Cuba, em amparo a democracia. A sua afirmação lembra a ameaça comunista nas Américas como uma forma de infiltração perigosa. O Cardeal não é um padre comum, é um representante da Igreja com alto grau na hierarquia religiosa. Os cardeais são Conselheiros Papais e podem eleger um Papa. Abaixo do Papa estão os Cardeais, portanto, Dom Jaime Câmara, ao dar a entrevista, estava ciente da sua posição de representante da Igreja e esta posição não é pessoal, mas sim de uma instituição. Neste caso, a Igreja Católica, representada por Dom Jaime Câmara, estava defendendo a invasão de Cuba pelos Estados Unidos, cuja intenção é expulsar Fidel Castro e eliminar o comunismo.

De um modo geral, tanto o *Correio do Povo* como o *Diário de Notícias* publicaram matérias sobre a invasão da Baía dos Porcos seguindo a mesma lógica de combate ao

comunismo. Em muitas notícias os jornais conseguiram muita semelhança nas informações publicadas, o que nos leva a concluir que os jornais em questão eram anticomunistas.

### 3.1.3 - Última Hora

O jornal *Última Hora* era um periódico de expressão menor, contudo era um dos poucos que pretendia ser mais popular, pois a sua linguagem e diagramação eram voltadas para a população em geral. O jornal utilizava sempre uma capa com uma grande chamada acompanhada de uma ou duas menores, uma grande fotografia e, eventualmente, continha outras menores. “Além do preto – cor básica da edição - o jornal possuía um logotipo azul, cor também presente no cabeçalho de algumas seções, e sempre que o nome aparecesse, nas páginas internas”<sup>29</sup>. O jornal adquire as notícias internacionais através da France Press, uma agência noticiosa francesa. Na nossa dissertação de Mestrado,<sup>30</sup> trabalhamos sobre a postura política dos jornais de Porto Alegre durante um evento esportivo em 1963 e concluímos que o tablóide<sup>31</sup> *Última Hora* era o único jornal que fazia um contraponto às notícias publicadas pelos demais jornais, principalmente quando se tratava dos atletas socialistas ou comunistas. Assim sendo o jornal *Última Hora* nos serve de contraponto aos jornais *Correio do Povo* e *Diário de Notícias*. Como balizador, poderemos perceber melhor as categorias anticomunistas daqueles jornais e se o *Última Hora* se manteve neutro ou não.

No dia 17 de abril, na página 8 o jornal publica a invasão de Cuba. O título da notícia é “Cuba invadida: sangrentos combates perto da capital esta madrugada”. O jornal subdivide a grande chamada em pequenos subtítulos. Um deles diz:

Cuba socialista

Havana, 17 (FP-UH) - “Os imperialistas não podem perdoar-nos, por termos feito uma revolução socialista nas barbas do Tio Sam”- disse ontem o ministro Fidel Castro, discursando ao povo sobre os bombardeios

---

<sup>29</sup> Hohlfeldt, Antonio e Buckup, Carolina. *Última Hora: populismo nacionalista nas páginas de um jornal*. Porto Alegre: Sulina, 2002. p. 23

<sup>30</sup> *Universiade de 63: reconstrução da memória através da perspectiva dos jornais*. PUCRS, 2004.

<sup>31</sup> Periódico de tamanho igual à metade da folha do jornal. Contraponto do jornal “Standard” de 51 centímetros de altura por 37,5 centímetros de largura, inclusive as margens. O tablóide tornou-se comum depois da Segunda Guerra Mundial, representando um recurso da imprensa em face do encarecimento do papel e da matéria-prima, além de oferecer comodidade de leitura. (BAHIA, 1967, p. 213)

contrarrevolucionários de sábado. Acrescentou: “Esta revolução socialista defenderemos de armas nas mãos. Companheiros operários e camponeses, esta revolução dos humildes, feita pelos humildes e para os humildes, juramos defender até a última gota do nosso sangue”. Foi a primeira vez que Fidel Castro caracterizou de socialista a revolução Cubana. (*Última Hora*, 17 de abril de 1961, p. 8).

O jornal publicou algumas partes de um discurso de Fidel Castro onde admite que a revolução Cubana tinha o caráter socialista, e isto agravava muito o sentimento daqueles que eram anticomunistas, elevando o medo de um processo de disseminação do comunismo pelo continente americano. O jornal procurava não explorar este fato, colocava a notícia no meio de tantas outras pequenas notas sobre o fato. Contudo, esta nota tinha a assinatura da FP e, logo abaixo desta, o jornal colocou outra sem a assinatura da FP que diz o seguinte:

#### URSS e EUA

Anteriormente o premier havia dito que o “ataque norte-americano contra Cuba” tinha se produzido quando não emudecera ainda a façanha soviética do homem ao espaço. “ pedimos ao mundo – exclamou – que compare a façanha soviética com a norte-americana. Enquanto a URSS envia Gagarin ao cosmo numa experiência de cunho científico, os EUA armam soldados para bombardear nosso País numa descarada ação de guerra. (*Última Hora*, 17 de abril de 1961, p. 8).

A tentativa do jornal de formar uma opinião contrária aos ataques dos EUA não está clara, mas ficou subentendida. Colocar a notícia do discurso de Fidel declarando que a revolução é socialista e, logo abaixo, outra declaração elogiando a façanha de Gagarin em comparação ao ataque à Ilha feito pelos Estados Unidos, não deixa de ser uma estratégia interessante.



(*Última Hora*, 18 de abril de 1961, capa.).

O jornal dá destaque à invasão e chama a atenção para os apelos de Fidel Castro. Na página 8, a grande chamada geral é: “**Fidel pede ajuda ao mundo para a salvação de Cuba**”. Podemos observar que o foco não é a invasão como uma forma de restabelecer a “liberdade”, ou “libertar o povo Cubano do tirano Fidel Castro”. O foco do jornal é o apelo de Fidel Castro em prol de Cuba. O tom geral da página não é de agressão ao comunismo.



(*Última Hora*, 18 de abril de 1961, p. 8).

O Fidel da foto mostra-se preocupado, tem um olhar triste, tudo isto faz parte da construção do jornal. Não é uma preocupação do jornal “demonizar” Fidel Castro ou o comunismo.

No corpo do jornal, a matéria trata de diversos temas, com pequenos subtítulos para cada tema. Em três pequenas notas seguidas na mesma página, o jornal demonstra a advertência soviética aos Estados Unidos. Uma delas trata da advertência que Kruchev faz a Kennedy, que diz:

#### Mensagem de Kruchev a Kennedy

Moscou, 18 (FP-UH) – “Não pode haver engano algum sobre a posição da URSS. Estamos dispostos a conceder ao povo Cubano e ao seu governo a ajuda necessária a fim de rechaçar a agressão armada”, diz Kruchev na mensagem que enviou hoje ao presidente Kennedy. “Estamos sinceramente interessados na paz mundial, mas se outros decidirem agravar a situação, responder-lhe-emos com uma atitude enérgica”. (*Última Hora*, 18 de abril de 1961, p. 8).

#### Advertência Russa

Moscou, 18 (FP-UH) Urgente – A União Soviética dirigiu hoje uma enérgica advertência ao Estados Unidos, responsabilizando-os pela invasão de Cuba, exigindo que cesse imediatamente as hostilidade e advertindo que, em caso contrário, prestará toda a ajuda necessária ao regime de Fidel Castro. A declaração foi difundida pela agência Tass. (*Última Hora*, 18 de abril de 1961, p. 8).

#### Americanos em perigo

“O governo da URSS espera que os EUA compreendam que a agressão contra Cuba é contrária aos interesses do povo norte-americano e pode por em perigo a vida por próprios cidadãos dos EUA”. – diz a nota soviética acrescentando: “por isto, o governo soviético faz um chamado aos EUA para que sejam tomadas medidas necessárias a fim de deter a agressão”. (*Última Hora*, 18 de abril de 1961, p. 8).

Os EUA são acusados abertamente, não há meias palavras e a polarização fica aguçada quando a URSS ameaça a vida do povo norteamericano. A URSS posiciona-se a favor de Cuba e em defesa do novo regime socialista. Nesse caso, a notícia deixa clara a ameaça de Kruchev ante os ataques a Cuba. Assim sendo, o comunismo pode ser visto como bélico, principalmente para o leitor anticomunista. O jornal publicou a mesma notícia que o

*Correio do Povo* e *Diário de Notícias* sobre a mensagem de Kruchev, mas destacou o perigo aos americanos.

Na página seguinte, o maior título de notícias no alto da página diz o seguinte: “Voluntários Brasileiros querem lutar em Cuba: Embaixador não aceitou!”. No corpo da matéria, uma notinha com quatro linhas afirmava que muitos voluntários brasileiros estavam se apresentando junto à embaixada para lutarem em Cuba, sem serem aceitos pela embaixada porque “a resistência do povo Cubano está bem preparada para repelir os invasores”.



(*Última Hora*, 18 de abril de 1961, p. 9).

Esta grande notícia levava pequenas notas, todas falando de diversos pontos do Brasil (Rio, São Paulo, Porto Alegre, Recife) e suas manifestações pró- Cuba. São manifestações das câmaras de vereadores e dos estudantes. Bem no final desta grande matéria uma nota diz:

Lacerda saúda a invasão

Rio, 18, (UH) – “Saúdo a invasão de Cuba como começo de libertação de um povo que foi traído pelo revolucionário transformado em tirano”. – diz o governador Carlos Lacerda, em nota distribuída hoje à imprensa. A nota de Lacerda fala em “infiltração comunista na América”, “ameaça a paz e a liberdade no continente”, no mesmo tempo que tece elogios aos invasores. (*Última Hora*, 18 de abril de 1961, p. 9).

O jornal publicou a notícia que fala da manifestação de Lacerda. Lacerda não deixa dúvidas, os comunistas estão em toda a parte. Mais uma vez encontramos referências a infiltração comunista, a ameaça a paz e a liberdade. O jornal, assim como os demais jornais, não deixa de publicar manifestações sobre a invasão, contudo sua diagramação geral é pró-Fidel.

No dia 19, na página 8, o título era: “650 milhões de chineses às ordens”. A notícia informa que num telegrama, o ministro Chu Em Lai coloca o povo chinês à disposição de Castro para qualquer circunstância, condena o ataque norteamericano e acusa os EUA de “por em perigo a paz mundial e a segurança de seus próprios cidadãos”. As palavras de Chu Em Lai são significativas, uma vez que em 1961 o mundo discute o desarmamento e vive em constante ameaça de bomba nuclear.

Mesmo que a matéria não tenha cunho anticomunista, o apoio da China comunista a Fidel Castro é algo bastante preocupante aos olhos dos anticomunistas, pois configuraria uma união que transformaria os comunistas num bloco maior e mais potente que os EUA.



(Última Hora, 19 de abril de 1961, p. 8).

Nesta chamada, o jornal, ao colocar a imagem dos dois líderes, associa uma à outra, sendo o líder chinês um comunista. A associação da tendência de Castro ao comunismo está indiscutivelmente clara. Interessante observar que os demais jornais estudados não fizeram referência ao apoio da China Comunista.

Na página seguinte, ao lado da página 8 e em letras bem grandes, o título é: “Fidel aclamado nas ruas e no congresso: Avalancha de manifestações no país”. Na sequência, o jornal relaciona diversos fatos que colaboram com o título da matéria, como comícios, manifestações populares, movimento sindical, mensagens de jornalistas e apoio de governadores de estado tais como o de Leonel Brizola, governador do Rio Grande do Sul, que chama a atenção de como um evento internacional movimentou tanto a população brasileira. O jornal procura se esforçar em demonstrar os apoios de forma positiva, sem destacar as violências como os outros o fizeram.





# Fidel Aclamado nas Ruas e no Congresso: Avalancha de Manifestações no País

(Última Hora, 19 de abril de 1961, p. 9).

Enquanto estas manifestações eram informadas em pequenas notas pelos demais jornais, o jornal *Última Hora* dá um destaque de topo de página para o assunto. Entre as manifestações está o repúdio do Governador do Rio Grande do Sul.

O Governo do estado não só apóia como empresta todas as garantias às manifestações em favor de Cuba. – disse o governador Leonel Brizola, ontem à noite no palácio Piratini, quando recebeu a manifestação de operários e estudantes que momentos antes, realizara comício no Largo da Prefeitura seguido de uma passeata pelas ruas centrais. Na oportunidade o governador leu os termos da mensagem que acabara de enviar ao Presidente JQ definindo a situação do governo gaúcho face a situação do Caribe.

#### A mensagem

A mensagem do governador Brizola tem o seguinte teor: - “Dirijome ao presidente do meu país para significar a minha repulsa e inconformidade ante a inominável agressão que está se perpetrando contra o povo Cubano. Estou certo que o governo de nosso país, sob o alto descortino de V. Exa. saberá agir e avaliar a significação deste grave episódio, por ser uma ameaça, também ao nosso próprio direito de autodeterminação e de todas as nações livres do continente. Saudações Leonel Brizola. (*Última Hora*, 19 de abril de 1961, p. 9).

O governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola é totalmente contra a invasão e se manifestou mediante telegrama a Jânio Quadros. O jornal afirma que os sindicatos de Caxias do Sul apoiam a atitude do governador. A Intersindical Leopoldense, de São Leopoldo, também se manifestou contrária à invasão, dirigindo-se a embaixada cubana para expressar sua solidariedade. O periódico preocupou-se em demonstrar que as organizações ligadas aos trabalhadores estavam contrárias à invasão. Antagônico aos jornais *Correio do Povo* e *Diário de Notícias*, a forma de divulgar estas manifestações não foi evidenciando agressões ou violências, mas registrando mensagens e repúdios escritos.

O jornal no dia 22 de abril, página 8, destaca: “Prisioneiros confessam: Invasão de Cuba partiu da Guatemala por ordem do Governo Americano”. A notícia diz:

Miami, 22 (FP-UH) – A rádio Cubana anunciou que os prisioneiros rebeldes capturados após o fracasso da invasão de Cuba confessaram terem recebido treinamento no acampamento militar de Rhetalelu, na Guatemala, depois de terem sido transportados de avião dos Estados Unidos.

#### ORDEM DE WASHINGTON

Declararam também – diz a emissora castrista – que da Guatemala foram transportados a Puerto Cabezas, na Nicarágua, sendo em seguida embarcados em navios transportes norte-americanos, escoltados por destróiers ianques. A invasão se deu por ordem do governo de Washington. (*Última Hora*, 22 de abril de 1961, p. 8).

A riqueza de detalhes nos fornece indício de que realmente os Estados Unidos estavam por trás da invasão, apesar de negarem veementemente. O *Correio do Povo* e o *Diário de Notícias* não informam com esta riqueza de detalhes. Ainda na mesma matéria é dada uma informação sobre José Miró Cardona, sendo o seguinte:

#### EUA AJUDOU A EVACUAÇÃO

A rádio de Cuba acrescenta que foram destróiers norte-americanos que evacuaram os fugitivos rebeldes na península de Zapata e que Miró Cardona, “fantoche” do “conselho revolucionário Cubano”, ficou com muito medo de participar pessoalmente da invasão. (*Última Hora*, 22 de abril de 1961, p. 8).

O jornal *Última Hora* reproduz o que a rádio fala sobre Cardona, afirmando que ele é um “fantoche” do Conselho Revolucionário Cubano. Ele é apresentado como um covarde neste trecho da notícia, ao contrário do *Diário de Notícias* e do *Correio do Povo* que, no dia 18 de abril, reproduzem uma imagem de Cardona bem diferente, como um revolucionário, um combatente pela liberdade na luta contra o comunismo “opressor”.

Interessante observar que a notícia foi adquirida da agência noticiosa France Press, que não é uma agência norteamericana e, portanto, não segue a mesma linha de trabalho. A matéria não é assinada por um repórter da France Press e, neste caso, apenas com a indicação como fonte fornecedora dos fatos (FP-UH) o jornal é livre para acrescentar o que quiser, como a palavra “fantoche”, por exemplo, no corpo da notícia.

O jornal também publica a posição do Brasil no sentido de obter mais detalhes para poder se posicionar. O título da matéria diz: “O Brasil quer saber na ONU de onde saíram as forças desembarcadas em Cuba”

Rio, 22 (UH) – “A posição do Brasil no caso de Cuba junto a ONU, está contida em nota do Itamaraty – disse a UH o embaixador Vasco Leitão da Cunha – ou seja, a de apoiar a proposição do México e, ao justificar seu voto, fazer a declaração de que gostaríamos de ver apuradas a natureza das forças do desembarque e a procedência das mesmas”. Acrescentou que a declaração do Brasil não seria nem uma proposição nem um acréscimo ao projeto resolução mexicano. (*Última Hora*, 22 de abril de 1961, p. 11).

O jornal reproduz uma nota da embaixada cubana, a nota do Itamaraty e, na sequência, fala de um ato em homenagem a Tiradentes, mas que teve caráter de homenagem a Fidel Castro. Nesse ato, cujo título era “Pátria o Muerte”, no Salão de Atos da Reitoria da FEURGS reuniram-se estudantes, professores e dirigentes sindicais. Segundo o jornal, foram “feitos paralelos entre o mártir da independência brasileira e o primeiro ministro Cubano”. No encerramento do ato foi apresentada a peça “pátria o muerte” de Oduvaldo Vianna Filho, que tem como motivação a revolução Cubana”. Notemos a diferença de enfoque: *Correio do Povo* e o *Diário de Notícias* procuraram evidenciar a violência dos grupos que apoiaram Fidel Castro, enquanto o Jornal *Última Hora* procura fazer o contrário, demonstrar que os apoios são do tipo pacífico e ordeiro, chegando a um alto grau de cultura, como é o caso da apresentação de uma peça teatral.

É importante notar que para o *Correio do Povo* e *Diário de Notícias* os rebeldes, os revolucionários, etc., são aqueles que estão invadindo a Ilha, sob as ordens de Cardona. Para o *Última Hora* os revolucionários são os cubanos sob as ordens de Fidel e os homens sob o comando de Cardona são os invasores, mercenários, imperialistas.

O jornal *Última Hora* também falou de prisioneiros de batalha, entretanto destacou a fala do governo de Fidel Castro com o título de: “Justiça para os prisioneiros”. Já no título, o jornal dá o tom da matéria.

Washington, 25 (FP-UH) – “Cuba respeitará as normas humanitárias no tratamento que dispensará aos prisioneiros capturados durante o fracasso da invasão contra-revolucionária”, declarou o governo de Fidel Castro em resposta ao embaixador José Mora, secretário Geral da Organização dos Estados Americanos (OEA). (*Última Hora*, 25 de abril de 1961, p. 8)

Esse jornal publica que o governo de Fidel respeitará as normas humanitárias, os demais jornais destacam fuzilamentos em massa.

Havana, 25 (FP-UH) – O estado maior revolucionário anunciou a captura de outros 176 membros da fracassada expedição anticastrista, agora estão nas mãos do govêrno. Calcula-se que a expedição mandada por José Miró Cardona era composta por uns 1.300 homens. (*Última Hora*, 25 de Abril de 1961, p. 8)

A notícia acima, fala em 911 prisioneiros, já o *Correio do Povo* falava que havia um ginásio de esportes servindo de prisão tal era a quantidade de prisioneiros. Na sua chamada de capa, afirmava que mais de mil prisioneiros ocupavam o Palácio dos Esportes. O *Diário de Notícias*, no dia 20 (já citado), fala em milhares de prisioneiros, que hotéis foram adaptados para servirem de prisões para mulheres e que o estádio esportivo ficou cheio de homens. A diferença de interpretações e destaques entre os jornais é grande. O *Última Hora* limitou-se a colocar o título “prisioneiros” e esse trecho citado acima, sem maiores comentários além deste que fala do número de combatentes de Cardona. Não fomentou muito a disputa EUA X URSS, contudo publicou algumas notas sobre presidente Kennedy e o anticomunismo.

#### “PROVAS DE FORÇA”

WASHINGTON, 25 (FP-UH) – Enquanto o presidente Kennedy reitera que é o “único responsável pela política com os acontecimentos de Cuba”, o “expert” em assunto latino-americanos, Adolf Berle, anuncia novas invasões da Ilha dizendo, que “a prova de fôrça continuará até que Cuba seja novamente livre”.

#### ANTICOMUNISMO

Berle compara o anticomunismo de Kennedy com o de Truman na crise coreana e rendeu homenagem ao atual presidente norte-americano pela firmeza de sua política “em defesa do hemisfério ocidental. (*Última Hora*, 26 de abril de 1961 p. 8)

Kennedy assume a responsabilidade sobre os acontecimentos, informação que também foi publicada pelos demais jornais, contudo sem as palavras do “expert”, que se manifesta

referindo-se a libertar Cuba do comunismo. Este “expert” é embaixador norteamericano no Brasil.

No dia 27, o jornal publica uma notícia sobre a confissão de um dos contrarrevolucionários com o seguinte título: “Rebeldes Cubanos reagrupam forças. EUA prometem invadir antes de 1º de maio!”

Havana, 27, (FP-UH) – “se esta invasão falhar, interviremos diretamente 10 dias depois, antes do dia 1º de maio” teria dito um dirigente do Serviço Secreto norte-americano. Esta revelação foi feita por Pablo de León, um dos contra-revolucionários presos durante a tentativa de invasão de Cuba. De León disse também que foi coagido por um tal de Bryan, um dos chefes do FBI, a ingressar no serviço de espionagem dos Estados Unidos.

Americanos comandaram

Segundo a sua confissão o prisioneiro declarou que a operação foi planejada e dirigida pela CIA ( Agência Central de Espionagem) e que o conselho anticomunista no exílio presidido por José Miró Cardona, recebia ordens diretas da referida organização. Revelou ainda que aviões norte americanos operando de Opaloka, na Flórida, e Puerto Cabezas, na Nicarágua, fizeram a cobertura da invasão, assim como os destróiers nº 106 e 67. Os instrutores das forças invasoras eram todos norte-americanos, segundo ainda Pablo de León.

Outra confissão que suscitou interesse foi a do Padre Ismael de Lugo, da ordem dos capuchinhos, que declarou ter sido expressamente autorizado pelo seu superior em Roma para participar da expedição. O padre Lugo, que é espanhol, alegou que foi enganado pela propaganda norte-americana e que tem a consciência tranqüila. Também disse ter sido enganado o jovem Carlos de Varona filho de um ex-ministro de Prio Socarras. ( *Última Hora*, 27 de abril de 1961, pg. 5)

Os destaques que o jornal oferece ao seu público são completamente diferentes daqueles que os demais jornais estudados escolheram. É perceptível a intenção de mostrar a ação norteamericana sob a ótica de quem armou a invasão, planejou “às escondidas” uma ação bélica visando derrubar o governo de Fidel Castro. Também demonstra a firmeza de intenções que os norteamericanos têm em invadir a Ilha, lutar contra o comunismo que insiste em se instalar no continente americano. O *Correio do Povo* publicou no dia 25, citado anteriormente, que Kennedy estava buscando apoio dos demais governadores nos Estados Unidos para enfrentar a crise de Cuba, e também publica que ele assume total responsabilidade sobre a invasão. O tom deste discurso é muito diferente do tom que o *Última Hora* usa, são diametralmente opostos.

Com relação ao tema “paredão”, a oposição entre os discursos permanece. Com o título de: “Fidel Castro não quer, mas povo exige: “Paredão”!

Havana, 28 (FP-UH)- Em dramático discurso na Televisão, em cujo auditório se encontravam mais de mil prisioneiros anti-castristas, o líder Cubano Fidel Castro fez ver aqueles que foram capturados pelas forças legalistas que nenhum propósito de fuzilamento o animava. Inquirindo aos prisioneiros, Fidel somente ouviu deles afirmações de que haviam sido bem tratados e que nenhuma violência havia sido cometida contra suas pessoas.

Paredão! Paredão!

Ao perguntar a multidão, em sua maioria milicianos, sobre o que deveria ser feito com os rebeldes, uma voz ecoou pela praça: Paredão! Paredão! Fidel voltou-se então para os prisioneiros dizendo: “Há questões difíceis de explicar. Uma delas é esta. O povo dificilmente admite que não se aplique sanções severas”.

Assassinos

Em seguida o primeiro-ministro afirmou: “há homens aqui (entre os detidos) que torturaram, assassinaram e cometeram toda espécie de abusos sob a ditadura de Batista. Os homens humildes do povo sabem que a invasão foi uma agressão injusta, que há órfãos, mães de luto e em muitas fábricas os operários perderam os companheiros de trabalho.

Contradição

Como a multidão continuasse insistindo em condenar a morte os invasores, Fidel continuou dizendo: “Para nós a pena de morte não é um princípio, mas simplesmente uma arma para defender a revolução. Por isto acho que os terroristas e sabotadores que se introduziram em Cuba para destruir nossas riquezas devem ser castigados severamente. Entretanto acredito que fuzilando 1.100 ou 1.200 homens amesquinharíamos a nossa vitória e isto estaria em contradição com nossa maneira de pensar. (*Última Hora*, 28 de abril de 1961, pg.10)

Não é difícil ao leitor observar que o jornal está tentando demonstrar que Fidel Castro não é o monstro que o *Correio do Povo* e o *Diário de Notícias* procuraram evidenciar. Na direção contrária a estes jornais, o *Última Hora* afirma que Fidel não deseja o fuzilamento dos prisioneiros, mas que o povo exige que se façam os fuzilamentos. No mesmo período, o *Correio do Povo* evidenciava os apelos da comunidade internacional para cessar os fuzilamentos em massa e o *Diário de Notícias* dava ênfase ao fuzilamento do autor da Lei de Fuzilamentos em Cuba. Assim cada jornal construiu junto ao seu público um conceito específico sobre Fidel Castro e o comunismo.

Neste capítulo, procuramos evidenciar ao leitor as construções simbólicas feitas pelos jornais. Neste processo de interpretação dos discursos, a partir da produção do texto

jornalístico e na diagramação dos jornais foi possível destacar o pensamento e a construção simbólica de cada jornal estudado em torno do comunismo e sua ação sobre o tema. Neste trabalho, destacamos e ponderamos em cada texto aquilo que pertencia a sua categoria de análise, que selecionamos por serem mais relevantes.

A invasão da Baía dos Porcos, como ficou conhecido o acontecimento de tentativa de retomada da ilha por exilados cubanos com o auxílio dos EUA, esteve nas páginas dos jornais diariamente. Todos os jornais publicaram notícias sobre o fato, gerando, o que é conhecido como Agenda Setting<sup>32</sup>. Os leitores destes jornais passaram a pensar sobre a invasão e sobre os conceitos transmitidos pelos jornais, ou seja, sobre o comunismo associado ao autoritarismo em oposição à democracia e em todos os demais conceitos identificados ao longo deste texto.

O *Correio do Povo* e o *Diário de Notícias* possuíam em seu conjunto de empresas, além dos jornais, também uma rádio cada um, Rádio Guaíba e Rádio Farroupilha respectivamente. Sendo assim é possível inferir que as mesmas pudessem transmitir em seus noticiários as mesmas notícias publicadas nos jornais reforçando, desta forma, a hipótese de Agenda Setting. O público teria acesso às informações e aos conceitos transmitidos através dos jornais e das rádios. Dessa forma, os meios de comunicação poderiam atingir letrados e não letrados ampliando a gama de indivíduos alcançados com suas ideias.

Desse modo, o *Correio do Povo* e *Diário de Notícias* comunicam aos leitores suas construções simbólicas, seus conceitos sobre Fidel Castro e o comunismo. Afirmam que a Ilha de Cuba foi tomada por um ditador que traiu seu povo na sua luta pela liberdade e deve ser expulso desta ilha a qualquer custo. Fidel Castro estaria oprimindo o povo através da imposição do comunismo, que é cruel, que não permite a liberdade, que opõe pai e filho e que é ateu, sendo algo ruim, do mal.

Em contrapartida, o jornal *Última Hora* está diametralmente em oposição. A ilha está sendo invadida pelos imperialistas interessados apenas em retomar os lucros perdidos e que não aceitam a opção de liberdade dos cubanos sob a liderança de Fidel. As construções simbólicas são feitas diariamente e lentamente para que o leitor possa absorver e aceitar o que está sendo proposto. Neste processo de transmissão diária de mensagens, ideias e conceitos os jornais apresentam a sua leitura, seu pensamento sobre os fatos. A isso nós consideramos propaganda ideológica.

---

<sup>32</sup> Citado no capítulo 1

As categorias que elegemos se manifestaram ao longo de todos os textos, principalmente nos jornais *Correio do Povo* e *Diário de Notícias* e se misturaram para dar nova ordem e reforçar os conceitos estabelecidos. O comunismo como sinônimo de autoritarismo, ligado a falta de liberdade, proibindo a iniciativa e propriedade privada, destruindo a família e em oposição à igreja, são alguns elementos que apareceram repetidamente ao longo das análises.

O jornal *Última Hora* é o único que não se enquadra neste processo como anticomunista e em determinados momentos parece defender a causa da Ilha ao defender a autodeterminação dos povos ou apresentar as inúmeras manifestações favoráveis a Cuba. Na verdade a postura deste jornal é uma postura de independência em relação aos Estados Unidos. O jornal demonstra aversão às ações bélicas dos EUA, ignorando as argumentações de que Fidel estaria estabelecendo um regime comunista em Cuba.



## 4 - CRISE DOS MÍSSEIS

### 4.1.1 Histórico

A Guerra Fria teve momentos de muita tensão e disputa entre as principais potências mundiais; contudo, o evento da crise dos mísseis foi, sem dúvida nenhuma, o de maior tensão mundial. A crise dos mísseis pode ser considerada como um dos episódios em que a população do planeta sentiu que estava verdadeiramente próxima de uma guerra nuclear.

Como já vimos anteriormente<sup>33</sup>, os Estados Unidos colaboraram com a independência de Cuba, passando a submetê-la, por muitos anos, às suas políticas e a explorá-la economicamente, tentando anexá-la ao seu território sem êxito. Isso até que Fidel Castro e seus guerrilheiros derrubaram o ditador Fulgêncio Batista, aliado incondicional dos Estados Unidos, e toma o governo. Ao assumir o poder, Fidel Castro rompeu com anos de dominação norte-americana na Ilha e isso não foi admitido por Washington. Os EUA passaram a treinar os exilados cubanos e os utilizaram para uma invasão, com a intenção de derrubar o governo, conhecida como a invasão da Baía dos Porcos (abril de 1961), já examinada anteriormente. Diante deste fato, Krutchev, em maio de 1962, envia soldados e foguetes para a Ilha com o objetivo de apoiar a defesa de Cuba. As razões de Krutchev para apoiar e defender Cuba são outras, muito maiores do que o ataque sofrido na Ilha pelos Estados Unidos em 1962.

Segundo Maria Rita Guercio e Dorisney de Carvalho (1998),

A revolução social chinesa aparece no cenário mundial alterando o equilíbrio político internacional, o que não agradava Moscou. Krutchev estava trabalhando por um acordo com o ocidente e os chineses representavam uma ameaça para o equilíbrio político mundial. A união soviética queria isolar economicamente a China, mas temia o protesto da comunidade comunista internacional. Assim, quando Eisenhower suspendeu a quota açucareira cubana de 700 toneladas em 1960, a União Soviética se prontificou a comprá-la, segundo eles, em nome dos sentimentos internacionalistas. Mas, na realidade, Cuba tornou-se um alibi internacionalista para Moscou, contra as acusações chinesas de revisionismo de Krutchev. (GUERCIO E CARVALHO, 1998, p. 130).

---

<sup>33</sup> Capítulo 2 no item sobre a história de Cuba.

Os autores deixam claro que Cuba aparece no contexto político mundial como uma espécie de “peça” neste jogo político entre Moscou, China e EUA. Também devemos considerar o fato dos Estados Unidos terem instalado mísseis na Turquia, em 1961, o que ameaçaria a União Soviética. Guercio e Carvalho (1998) ponderando sobre este evento contam o seguinte:

Krutchev já havia prometido a Kennedy de que nada faria para incomodar a campanha eleitoral de 1962. Mas em 16 de outubro do mesmo ano, fotos aéreas do avião espião U2 demonstraram a presença de uma base de lançamento de mísseis em Cuba. No dia 22 de outubro, Kennedy informou a nação americana sobre a instalação dos mísseis em Cuba pelos soviéticos e que, em decorrência disso, uma quarentena foi imposta à Ilha caribenha. Todos os navios com destino à ilha seriam interceptados e controlados em pleno mar pela marinha dos Estados Unidos. A hipótese de uma invasão na ilha fora descartada em princípio, pelo governo americano, pois temia-se que este efeito pudesse desencadear uma sublevação mundial. Assim a quarentena foi implantada e funcionaria até que a União Soviética retirasse seus mísseis de Cuba. A decisão foi aprovada pela OEA.

A União Soviética protestou em nome da soberania das nações. A tensão era grande. Tropas na Alemanha ocidental e oriental foram mobilizadas e também nas fronteiras dos dois blocos. Um confronto mundial parecia iminente. A marinha americana tinha a ordem formal de afundar os navios soviéticos que se dirigissem a Cuba e a ordem soviética era de não se deixar controlar pela marinha americana. Mas não houve batalha naval. Os navios soviéticos fizeram a volta um pouco antes da linha de controle

Em 26 de outubro Krutchev manda uma mensagem a Kennedy, afirmando que de fato havia mísseis na ilha e pede para que os dois países não cometam nada de irrecuperável. Em 27 e 28 de outubro, duas cartas de Krutchev desarmavam o drama. Na primeira, o líder soviético propôs uma troca: retirada dos mísseis de Cuba em troca dos mísseis da Turquia. Na segunda Carta, já aceitava o desmantelamento das bases de Cuba, com controle internacional, em troca da simples promessa americana de não invadir a ilha. Depois de 13 dias de quase abismo nuclear, os soviéticos capitularam perante Washington sem avisar os cubanos. (Guercio e Carvalho, 1998, p. 130 – 131).

Os autores acima resumem muito bem o episódio que levou muitos americanos ao pânico. Outra coisa que chama a atenção são as tensões entre as potências sobre a cidade de Berlim. A construção do Muro de Berlim, feita um ano antes, ainda não havia sido aceita e qualquer situação poderia levar a confronto. Porém, nosso objetivo não é avaliar a correlação de forças que ocorreram no período, mas fornecer ao leitor uma breve introdução do evento histórico para que este possa se situar diante dos fatos e compreender melhor a análise que faremos. Queremos, outrossim, identificar se, na comunicação feita pelos jornais de Porto

Alegre sobre o assunto, aparecem notícias indicando a existência de ações anticomunistas, ou não. Sempre lembrando que o texto do jornalismo opinativo é um discurso carregado de juízo de valor. Além disso, este período é caracterizado como o mais conturbado da história das relações entre URSS e EUA e, dessa forma, notícias sobre testes nucleares e avanços tecnológicos eram diárias.

#### **4.1.2 Correio do Povo**

Antes da crise dos mísseis, o mundo vivia outros problemas referentes à Guerra Fria e ao Muro de Berlim. Além disso, e as questões alusivas às armas nucleares estavam nas páginas dos jornais quase diariamente. No *Correio do Povo* podia ler-se notícias referentes ao Muro de Berlim, tais como: “Rusk sonda Gromiko a respeito das intenções russas em Berlim” e “Novo incidente em Berlim põe em cheque o direito de livre trânsito do ocidente na antiga capital alemã” (7 de outubro de 1962, capa). Como a cidade estava dividida pelo Muro, a questão do comunismo e liberdade é destacada sempre que se menciona o Muro de Berlim. Nessa reportagem, a notícia informa sobre as negociações entre os embaixadores e chanceleres a respeito do Muro. Entretanto, também menciona que uma ambulância foi impedida de entrar no leste da cidade cercada para socorrer um berlinense que passava mal. Nessa notícia o comunismo aparece associado à crueldade da falta de socorro. Na mesma página, aparece outra chamada sobre o mesmo tema: “Novo incidente em Berlim põe em cheque o direito de livre trânsito do Ocidente na antiga capital alemã.”. Essa matéria informa sobre um berlinense que cavava um túnel quando foi abatido pela Polícia de Berlim Oriental. Esta impediu a Polícia Inglesa e norteamericana de atravessar para o outro lado do Muro, assim como impediu a entrada de uma ambulância para socorrê-lo. O trabalhador foi socorrido, então, por uma ambulância da Alemanha Oriental, mas ninguém sabia se ele estava vivo ou morto.

Passados pouco dias, novamente a questão da crueldade do comunismo está estampada nos jornais e associada a falta de liberdade: “fuga dramática dum Berlinense” (10 de outubro de 1962, capa). Nessa notícia, um homem salta do quarto andar de um edifício do lado Oriental para a rede de bombeiros do lado Ocidental, ficando ferido e sendo hospitalizado. Trata-se de uma pequena nota, mas mereceu a capa do jornal, pois aponta para

a oposição entre comunismo e liberdade, quando demonstra o desespero das pessoas em fugir deste sistema opressor.

A capa da edição do jornal, do dia 13 de outubro de 1962, trazia o seguinte título: “Administração de Kennedy teme que Krutchev provoque nova crise no caso de Berlim para dentro de um mês”. Na sequência, a seguinte notícia:

WASHINGTON 12, (Por John M. Higtower, da A.P.) Funcionários da administração do presidente Kennedy estão levando a efeito uma campanha estudada para tentar persuadir o primeiro ministro soviético Krutchev de que estará correndo um grave risco de provocar uma guerra nuclear, caso forçar a crise de Berlim até o extremo de uma intervenção militar. (13 de outubro de 1962, capa).

O texto demonstra que os russos precisam ser contidos pelos americanos com ameaça nuclear e os comunistas estariam buscando enfrentamento em Berlim. A questão de Berlim era vista pelos americanos como uma questão que poderia se agravar até o final do ano, em função dos acontecimentos daquele mês. A cidade era uma preocupação constante e os EUA não pretendiam recuar nenhum milímetro para os russos. A Guerra Fria estava concretizada com a construção do Muro que dividiu a cidade em Ocidental e Oriental.

Também outras notícias eram lidas sobre armas nucleares. Nesse caso, as discussões sobre o uso e desenvolvimento de tais armas, uma vez que as negociações com a ONU em Genebra não estavam caminhando bem porque cada lado propunha algum critério que o outro não aceitava: “Oferta russa sobre armas nucleares nada tem de novo” (2 de outubro de 19861, capa) - “URSS irredutível em Genebra na política nuclear” (5 de outubro de 1962, capa) - “Prova nuclear dos EUA no Pacífico” (7 de outubro de 1962, capa) - “EUA e URSS expõe critérios sobre a suspensão das provas nucleares” (11 de outubro de 1962, capa).

Através deste arrolamento, pretendemos demonstrar ao leitor que, apenas na observação das manchetes, já se pode perceber o clima tenso do período e que a iminência de uso das armas nucleares, do seu desenvolvimento, etc., estavam com frequência nos jornais.

Cuba estava frequentemente nas matérias jornalísticas; “Chanceleres americanos iniciam hoje em Washington a revisão da influência soviética através de Cuba” (2 de outubro de 19861, p. 4). Essa matéria fala de uma reunião entre os chanceleres de todos os países da América convocados pelos Estados Unidos, que desejava saber a posição de cada país sobre Cuba, buscando apoio para derrubar formalmente o governo de Fidel Castro. Os chanceleres

foram unânimes em condenar o comunismo em Cuba, conforme demonstramos reproduzindo a manchete a seguir: “Unânime condenação dos chanceleres à aliança do castrismo ao comunismo” (4 de outubro de 1962, capa) e redigiram um documento referente a isto. Outra manchete informa: “Kennedy determina imediato bloqueio comercial de Cuba” (5 de outubro de 1962, capa). Aproveitando o apoio dos chanceleres, Kennedy acionou o que já estava planejado: o bloqueio comercial imediato a Cuba. “Comunicado conjunto dos chanceleres americanos de repúdio à aliança castrista com o bloco comunista” (5 de outubro de 1962, capa). Nessa, o jornal publica o conteúdo do comunicado dos chanceleres; contudo, um trecho da notícia informa o seguinte:

Ficou patente, durante a reunião que na atual conjuntura o mais urgente desses problemas é representado pela intervenção sino-soviética em Cuba, como tentativa de converter essa ilha em base armada para penetração comunista nas Américas e a subversão das instituições democráticas do hemisfério. (5 de outubro de 1962, capa).

Essa é uma interpretação do jornal, não se tratando da reprodução do texto dos chanceleres, o que significa que o jornal, além de publicar o texto, fornece a sua interpretação. E, nesse caso, estão apontando para o perigo da infiltração comunista no hemisfério. Novamente os comunistas estão sendo apresentados como um conluio para tomar as instituições democráticas e subvertê-las.

Na notícia: “Prisioneiros cubanos talvez em liberdade nos próximos dias” (9 de outubro de 1962, capa), um advogado norteamericano está negociando, junto a Fidel Castro, a libertação dos prisioneiros da invasão da Baía dos Porcos. O jornal informa que as negociações estão em andamento, mas que não é certo que se concluam. A diagramação do jornal coloca esta pequena chamada junto à outra, referente ao Concílio Ecumênico, que dizia ser esta considerada a maior reunião católica do século. A intenção do jornal parece ser de que o público católico, interessado noutra notícia, venha a tomar conhecimento desta.

Os EUA poderão entrar com uma oferta de 13 milhões para as negociações, conforme noticiado na chamada: “Apoio indireto dos Estados Unidos Para Libertar os prisioneiros cubanos” (11 de outubro de 1962, capa). Contudo, alguns senadores não estão concordando, pois não aceitam pagar “resgate” a Fidel Castro. Neste caso, o comunista Fidel Castro é apresentado como um terrorista. A notícia “prisioneiros cubanos esperam a liberdade” reforça que um advogado norteamericano está empenhado em negociar a liberdade dos 1.113

invasores presos diretamente com Fidel Castro. E publica que a última oferta teria sido muito alta consistindo em remédios, suprimentos médicos e alimentos infantis. Se pensarmos na oferta de medicamentos e suprimentos médicos, que podem salvar vidas, assim como os alimentos infantis, tão importantes ao desenvolvimento das crianças, podemos pensar que a intenção é enfatizar que Fidel Castro e o comunismo não aceitam algo tão precioso. Podemos ver que Fidel Castro é colocado como um comunista que pede “resgate” e negocia vidas, tal qual um terrorista cruel que está indiferente às ofertas de remédios e alimento para as crianças..

Na capa do jornal é estampada a seguinte manchete: “Washington repele com veemência a insinuação duma transação com Moscou à base de Berlim por Cuba” (16 de outubro de 1962, capa). Nesse caso é Moscou, comunista, que quer negociar vidas, ou seja, a cidade de Berlim por Cuba. Reforçamos que as questões sobre Cuba eram as que mais apareciam nos jornais, como demonstramos no arrolamento acima. Esse também deixa evidente a constante preocupação dos americanos com a Ilha e seu regime de governo como uma “cabeça de ponte” do comunismo nas Américas.

Sobre a crise dos mísseis, na capa do jornal é publicada, em 23 de outubro, uma grande chamada “Entraram em prontidão em todo o mundo as tropas militares americanas” e sob esta notícia, outra com um título bastante sugestivo: “Não queremos a paz à custa da liberdade: Cuba sob bloqueio dos E. Unidos por se ter convertido em base soviética”. A notícia informa o seguinte:

Washington, 22 (A.P.) – O presidente Kennedy proclamou esta noite um bloqueio naval contra cuba, afirmando que os soviéticos começaram a converter aquela ilha centro-americana em uma base militar ofensiva capaz de causar destruição nuclear de todas as Américas. Falando em tom sombrio, a tóda a nação, em discurso radiotelevisionado, o primeiro mandatário norte-americano declarou que “os Estados Unidos darão uma imediata resposta à União Soviética, caso um foguete nuclear for disparado contra qualquer nação deste hemisfério” (*Correio do Povo*, 23 de outubro de 1962, capa).

Mais uma vez os comunistas são apresentados como destruidores e ameaçadores, e os norte-americanos aparecem prontos para proteger as nações, que estão sob a sua área de influência, dos perigosos comunistas - mesmo sendo com proteção bélica. Nessa matéria, é listada uma série de atitudes tomadas pelo governo de Washington visando impedir a penetração do comunismo, tais como: o bloqueio naval para impedir a passagem de qualquer

navio com armas para Cuba, a rigorosa vigilância contra Cuba e seu reforço militar, a ordem para que as forças armadas estejam preparadas para qualquer situação, enquanto Cuba estiver se armando. Por precaução, mandou reforçar da base de Guantánamo e solicitou uma reunião da OEA. Convocou, com urgência, uma reunião com o conselho de segurança da ONU. Na notícia, Kennedy “apela” a Krutchev para que retire os foguetes da base de Cuba pelo bem da paz mundial e das relações estáveis entre os dois países. O Presidente americano, com todas as atitudes que tomou, assume o papel de defensor da democracia e do bem, afinal está enfrentando o mal - o comunismo que tenta se infiltrar nas Américas.



(*Correio do Povo* 23 de outubro de 1962, capa).

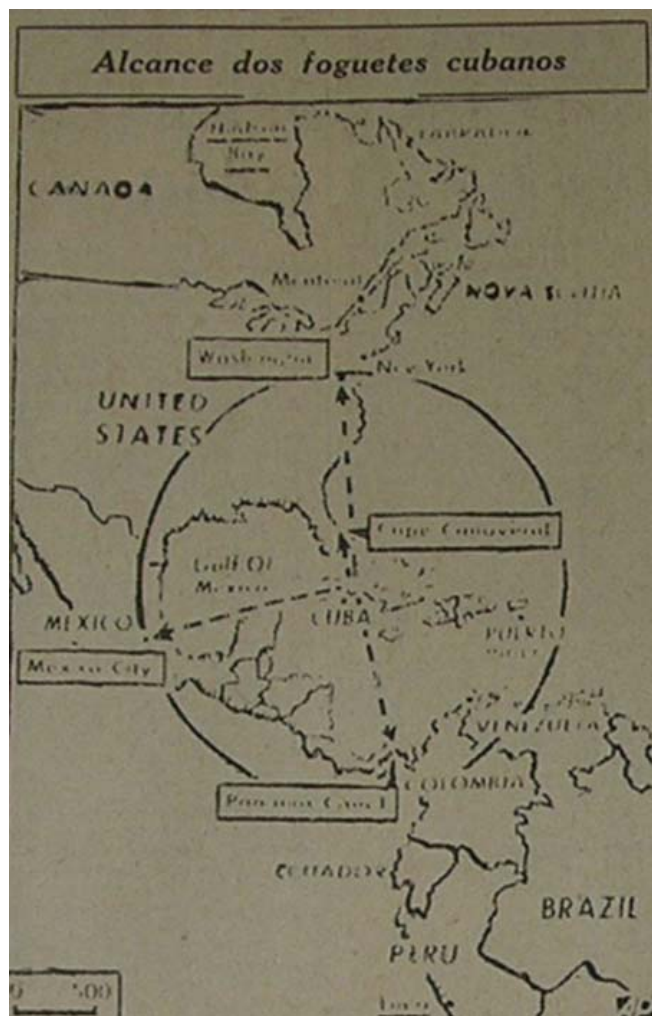
Na mesma página consta a matéria: “Força aeronaval com ordens de interceptar qualquer embarque bélico a Cuba inclusive da URSS”. Acompanha essa notícia uma radiofoto de um porta-aviões (USS Enterprise, movido a energia nuclear) informando que este estaria na região. A legenda fala que outros navios estariam na área para fazer manobras em Porto Rico, mas que, devido ao bloqueio naval, as manobras haviam sido canceladas. A intenção da matéria é informar que já existem navios prontos para atuarem, caso necessário, mesmo que, para romper o bloqueio, os comunistas levassem algum tempo para chegar de navio.

Deliberadamente, colocada abaixo da notícia acima e ao lado da radiofoto, uma nota diz o seguinte: “URSS efetua outra prova nuclear de 20 megatoneladas”. O curioso não é que,

em pleno momento de pré-guerra, a União Soviética faça testes nucleares, o estranho está no fato do jornal aproximar as notícias. De um lado a reação norteamericana frente ao fato de ter foguetes nucleares em Cuba e, por outro lado, a URSS continua seus testes nucleares quando este tema de restrições aos testes esteve tão debatido naquele mês em Genebra. Na página 11, no corpo do jornal, uma nota afirma: “E. Unidos projetam hoje outra prova nuclear no pacífico”. A nota informa o tipo de detonação e afirma que faz parte do programa de provas de 1962 e que será a penúltima que precederá outras detonações menores, etc.. O leitor do jornal deste dia com certeza ficou preocupado com a questão nuclear, mas não percebeu que a prova nuclear dos comunistas mereceu a capa do jornal, sendo que o mesmo tema relativo aos norteamericanos foi publicado na página 11, com a explicação de que já havia sido planejada com antecedência. O jornal procura minimizar a questão bélica norte-americana quando toma este tipo de decisão. Também enfatiza a periculosidade dos comunistas, enfatizando o tema “nuclear” na capa. Para aumentar o clima de tensão, ou demonstrar que a União Soviética comunista e totalitária busca um embate direto, o jornal publica as notícias diagramadas desta maneira. Assim, constrói uma ideia junto ao público leitor de que a URSS quer uma guerra. Novamente a concepção de que o comunismo é bélico e perigoso.

Ainda na página 11 deste dia, o jornal publica a continuação da chamada sobre Cuba ter se convertido em base da URSS. Além da continuação de todas as demais notícias sobre o tema e publica um mapa onde aparece desenhado o alcance dos foguetes cubanos, que reproduzimos abaixo:





(*Correio do Povo* 23 de outubro de 1962, p.11).

Abaixo deste mapa, a legenda explica os locais que já podem ser alcançados e quais outros alvos poderão ser alcançados no futuro, pois outras bases estão sendo concluídas. A intenção deste mapa é reforçar a ideia de comunismo agressivo, ao informar os locais aonde os foguetes chegarão primeiro. Logicamente, o comunismo da URSS passa a ser o responsável por tudo que estava acontecendo, afinal segundo as leituras feitas até o momento neste jornal, eles estariam submetendo o povo cubano, através de Fidel Castro e ameaçando as Américas com a instalação dos foguetes.

No dia 24, o primeiro título era: “América Latina solidária com as providências do presidente Kennedy”. Nesta matéria há o informe sobre a massiva votação em favor das medidas dos EUA pelos países Latinoamericanos na OEA, demonstrando que estes estão aliados aos Estados Unidos e contra os Russos. Aparece, assim, uma adesão em massa destes países a favor da democracia e contra o comunismo.

Logo abaixo desta notícia, uma chamada destaca-se: “Apesar da linguagem severa, Moscou, não anuncia nenhuma ação específica. Rússia reage de forma moderada a decisão dos EUA de Bloquear Cuba”



(*Correio do Povo*, 24 de outubro de 1962, capa).

A notícia dá conta da posição da União Soviética sobre o tema e fala o seguinte:

Moscú, 23 (por Preston Grover, da AP) – A União Soviética ordenou, hoje, às suas forças armadas, que estejam prontas para combate, depois de denunciar a quarentena imposta pelos Estados Unidos a Cuba como um passo para a guerra nuclear. As forças do Pacto de Varsóvia – a contraparte comunista da OTAN- fizeram outro tanto. A ordem de alerta veio depois que o governo soviético expediu “uma seria advertência” ante a ação ordenada à noite passada pelo presidente Kennedy contra Cuba. (...)

O comunicado “rejeita com resolução” a determinação do presidente Kennedy de que as tropas navais norte-americanas que atualmente patrulham as caraíbas deterão e inspecionarão os navios com destino a Cuba, inclusive os russos. A declaração, no entanto, não diz claramente se a União Soviética continuara enviando navios para Cuba.

Dois coisas que não constam da declaração persuadiram alguns observadores oficiais e não oficiais de que a União Soviética adotará uma linha moderada, não obstante as duras palavras dirigidas ao presidente Kennedy e aos Estados Unidos. Em primeiro lugar enquanto o presidente Kennedy disse que os Estados Unidos estariam preparados para defender sua

posição na zona de Berlim, a declaração soviética não menciona nem Berlim nem a Alemanha. Em segundo lugar o governo soviético não delineou nenhuma ação específica que pudesse ter ordenado em réplica à decisão norte-americana de inspecionar os navios para deter os embarques de armas “ofensivas” para Cuba. Não houve qualquer ameaça contra os acessos a Berlim, nem, indicação, até o momento, de que o governo soviético possa pretender escoltar seus navios a Cuba, colocando, assim, a esquadra norte-americana frente a frente aos navios de guerra russos. (*Correio do Povo*, 24 de outubro de 1962, capa).

A longa matéria visa demonstrar o tom dos russos, informando que estão com tropas prontas, inclusive as forças do pacto de Varsóvia. Ou seja, os comunistas estão prontos para a guerra. Entretanto, o jornal compõe as notícias como almeja que o leitor preencha os espaços vazios deixados nas informações, assim ele arranja as notícias de forma a induzir um raciocínio. Ao lado desta notícia, o mapa demonstra o alcance dos mísseis instalados e detectados. Dessa forma, fica uma questão em aberto: se os russos estão com um tom moderado, como afirmam os analistas, qual a razão para a instalação de foguetes em território centroamericano, e mais, com que intenções eles pretendiam instalar novas bases de foguetes nucleares em Cuba?

Abaixo da notícia, sobre o tom mais moderado dos soviéticos, o jornal coloca a radiofoto de um navio cargueiro cubano sob o título: “terá que enfrentar o bloqueio”, em cuja legenda informa que este navio esteve na Antuérpia buscando materiais estratégicos. A legenda é vaga demais, pois “materiais estratégicos” podem ser muitas coisas, inclusive armamento. Devemos ser redundantes neste caso, a radiofoto é de um cargueiro cubano e não de um navio de guerra russo como parece. Ao lado desta imagem uma chamada provocativa: “Grande navio russo na mira da esquadra de bloqueio dos EUA”. Observemos a imagem abaixo. A intenção de confundir o leitor é nítida, o jornal pretende passar a ideia de que este navio é um navio de guerra e não um simples cargueiro que cruza os mares diariamente sem perigo de guerra a ninguém.



(Correio do Povo, 24 de outubro de 1962, capa)

Em primeiro lugar a ideia é confundir o leitor, pois este, ao fazer a leitura de “passar de olhos”<sup>34</sup>, pode pensar que a radiofoto é do navio russo que pretende enfrentar o bloqueio, o que não é verdade. A imagem que fica é a de que os russos estão prontos para iniciar imediatamente a guerra. Assim, a concepção de comunismo e guerra fica ligada, arraigada nas mentes dos leitores. A proposta do jornal parece ser a de levar o leitor a se perguntar: “se Kennedy avisou sobre o bloqueio, o que um navio russo estaria fazendo naquela direção?” e concluir que, provavelmente, estaria tentando provocar uma guerra, o que, em tempos de armas nucleares, seria uma guerra apocalíptica. Como o comunismo não é bom, então ele é mau, e a guerra seria uma atitude de alguém, ou alguma coisa perversa, ruim. Sobre a matéria do grande navio russo na mira da esquadra de bloqueio, o jornal publica o seguinte:

Washington, 23 (AP) - Informou-se hoje, que a esquadra norte-americana estava à cata de grande navio russo o qual estaria transportando projéteis dirigidos. O navio identificado como “Polotavia”, toma a direção de Cuba e talvez seja o primeiro a sofrer abordagem, de acordo com as novas ordens norte-americanas de impedir a remessa de armas ofensivas a Cuba. Há indícios de que a Marinha estabeleceu vigilância aérea intensa sobre as rotas navais para observar certos barcos suspeitos. Sabe-se que de aviões de reconhecimento os pilotos tiraram fotos do “Polotavia”. Estas fotos foram hoje examinadas no Comando Naval. Diz-se que é navio moderno, semelhante a um petroleiro porque a superestrutura e a cobertura estão para a popa. Os técnicos ainda dizem que tal disposição parece permitir porões

<sup>34</sup> Leitura superficial onde se lê apenas os títulos para depois escolher o que lerá primeiro.

especiais na parte dianteira e que o navio teria sido construído para transporte de projéteis guiados. Sabe-se que o “polotavia” efetua viagens cada dez dias.(...). (*Correio do Povo*, 24 de outubro de 1962, capa).

Os EUA estão impondo um bloqueio por mar a Cuba para que a União Soviética não envie nenhum armamento nuclear até a Ilha. Devemos nos questionar sobre qual o impacto que o jornal provoca junto aos leitores quando publica que, em breve, o mundo assistirá um embate entre dois navios das maiores potências, sabendo que este embate está sendo provocado pelos comunistas que insistem em armar Fidel Castro. Novamente o comunismo está associado a algo que é ruim: a guerra. Passa despercebida ao leitor que, a possibilidade do navio russo “Polotavia” ter armas, é apenas uma suposição a ser confirmada e não algo definitivo, já verificado. Neste caso, novamente a concepção de belicosidade do comunismo russo está implícita nas notícias.

Ainda na capa do jornal e logo em seguida dessas notícias, se destaca a declaração de Kruchev sobre o bloqueio naval imposto a Cuba sob o título: “Íntegra da declaração do governo soviético sobre o bloqueio de armas a Cuba”.

(...)A declaração do presidente dos Estados Unidos mostra que os meios imperialistas dos Estados Unidos não se detém diante de nada em suas tentativas de asfixiar um estado soberano membro das Nações Unidas. Com este fim, estão preparados a empurrar o mundo ao abismo de uma catástrofe de guerra. Os povos de todos os países devem estar claramente inteirados de que ao realizar semelhante aventura, os Estados Unidos da América estão dando um passo no caminho de desencadear uma guerra mundial termonuclear. Desprezando cinicamente os padrões de conduta internacional dos Estados e dos princípios da Carta das Nações Unidas usurparam o direito, e anunciaram que atacam os navios de outros países em alto mar, que dizer, intervirão em pirataria. (*Correio do Povo*, 24 de outubro de 1962, capa).

Kruchev acusa a ação dos Estados Unidos que os levará a guerra nuclear. Sem meias palavras, ele usou o termo “guerra termonuclear”, através da qual o leitor pode identificar que os comunistas estão ameaçando usar as armas nucleares. Foi realmente um momento tenso, de muitas negociações, onde os Estados Unidos aparecem denunciando a existência de foguetes que ameaçariam a segurança norteamericana e de outros países nas Américas. Há, mais uma vez, a ideia do comunismo alimentando a guerra quando arma Fidel Castro com foguetes.

Novamente o jornal compõe a disposição das notícias como lhe convém e, ao lado desta notícia, outra chama a atenção: “Berlinenses previnem-se contra possível represália dos russos”. A notícia informa que os berlinenses ocidentais estão armazenando víveres porque temem a possibilidade da Rússia fazer um bloqueio a cidade como medida de represália ao bloqueio a Cuba. Ou seja, os Russos podem usar os berlinenses para obrigar os EUA a desfazer o bloqueio imposto a Cuba, pois, como se percebe, os representantes máximos do comunismo são caracterizados como muito perversos, bastando para isto o leitor pensar no Muro de Berlim. A Cidade enfrentava a divisão familiar, o isolamento rente ao mundo, etc., e agora era ameaçada por um problema que estava longe e não seria de sua alçada resolver. Toda a capa do *Correio do Povo* foi dedicada ao tema da crise dos mísseis, diversas notícias explicavam o que estava acontecendo ou informavam apoios políticos. Se ao leitor do século XXI é perceptível a iminência de uma guerra nuclear, para o leitor do século XX este prenúncio deveria ser aterrorizante, com um culpado conhecido: o comunismo. Afinal foi por causa dos foguetes soviéticos instalados em Cuba que tudo começou.

Para a continuação das notícias da capa, o *Correio* indica a página 12. Nessa página encontramos a continuação de diversas notícias e outras que não estavam na capa, sendo que duas chamam a atenção. A primeira diz respeito à agressão entre a China e a Índia cujo, título é: “Chineses flagelados pela fome atacam os indianos para impedir o desenvolvimento econômico da Índia”.

NOVA DELI, 23 (De Henry Bradsehr, da AP) - Por que Índia e China Comunista, outrora países amigos em “coexistência pacífica”, chegaram a esta situação de hostilidade na fronteira? O conflito no Himalaia é resultante do moderno nacionalismo em colisão numa área que historicamente eram vagas fronteiras. Trata-se duma luta antes de indianos contra chineses do que de neutros contra comunistas. Mas os observadores locais acreditam que existe um elemento ideológico nos motivos da China para atacar a Índia. É o desejo de interromper o crescimento econômico da Índia, a fim de impedir que se coloque à frente da China, flagelada pela fome. Os conflitos de fronteira com os chineses levarão a Índia a desviar a aplicação de seus recursos, antes destinados a elevação do nível de vida de sua população. (*Correio do Povo*, 24 de outubro de 1962, p.12).

A notícia deixa claro que os comunistas não desejam que os neutros, seus vizinhos, se desenvolvam a fim de acabar com a fome da sua população e, para isto, atacam provocando uma situação de conflito entre países que poderiam conviver em paz. Mais adiante a matéria diz o seguinte:

Nos meados da década de 1930, quando proscrito pela lei vivia nas covas da china noroeste, Mao Tse Tung escreveu que a Índia britânica se tinha apossado de território chinês, o qual deveria ser reclamado. Agora que Mao Tse Tung está no poder, como chefe comunista, vem repetindo esta tradicional atitude nacionalista. (*Correio do Povo*, 24 de outubro, p. 12).

Além de não desejarem que a Índia acabe com a fome, é por conta das ideias de Mao Tse Tung , que já foi proscrito, que estão atacando. Os comunistas chineses seriam egoístas por não permitirem que a Índia acabe com a fome e traiçoeiros por não respeitarem os países neutros e expansionistas, pois usam de qualquer desculpa para invadir território e crescer.

A segunda notícia a destacar está logo abaixo da primeira e refere-se ao fato dos russos não informarem a população sobre o que está acontecendo entre a China Comunista e a Índia, como segue: “Jornais russos nada divulgam a respeito da luta sinoindiana”

Moscú, 23 (De Preston Grover, da AP) – O estado de confusão nos meios oficiais soviéticos sobre a luta de fronteira entre a Índia e a China, reflete-se hoje, na total ausência, novamente, de quaisquer notícias nos jornais e de referências pelo rádio. Nenhuma linha saiu publicada em qualquer dos maiores órgãos da imprensa sobre o caso nas últimas semanas. O fato cria um agudo problema ao Kremlin. A Rússia tem um pacto de assistência mútua com a China Comunista que a obriga a ir em auxílio de Pequim, em caso de agressão. (*Correio do Povo*, 24 de outubro de 1962, p.12).

As notícias sobre o conflito entre a China Comunista e a Índia vinham ocorrendo desde o início do mês. Nesse caso, o jornal, ao publicar as notícias uma acima da outra, demonstra claramente a construção da ideia de que os comunistas, além de tentarem prejudicar o desenvolvimento de um país neutro, ainda escondem o fato da sua população, ou seja, não há transparência, a censura esconde as atrocidades e ilude o povo. Segundo o *Correio do Povo* em 13 de outubro, a Sociedade Interamericana de Imprensa se reuniu e orientou os trabalhos para discutir a ameaça comunista à liberdade de Imprensa. Esse tipo de informação é muito relevante.

Na contra capa, em letras grandes, a chamada para a notícia: “Brasil não apoia emprego da força para a solução do problema cubano”. Trata-se da divulgação da nota do presidente do conselho de ministros Sr. Hermes Lima e titular da pasta de Relações Exteriores. A notícia publicada informa o seguinte:



RIO, 23 (CP) – Pelo telefone – É a seguinte a nota oficial distribuída às 24hs de hoje, à imprensa, nesta capital, pelo Sr. Hermes Lima, presidente do Conselho de Ministros e titular da pasta das Relações Exteriores:

“O representante do Brasil no Conselho de Organização dos Estados Americanos votou favoravelmente ao projeto de resolução do projeto que prevê medidas acauteladoras de segurança interamericana, em face da denúncia da presença, em Cuba, de material de guerra de natureza ofensiva.

Não deu, porém, seu assentimento ao dispositivo do projeto de resolução que autoriza o emprego de forças armadas para medidas que impliquem na intervenção de território cubano.

Ao emitir seu voto o embaixador Pena Marin fez a seguinte declaração – “Bloqueio ou emprego de força armada a que se refere o artigo 8º do Tratado do Rio de Janeiro é entendido, pela delegação brasileira, como aquelas medidas tendentes a impedir que novos carregamentos de armas cheguem a Cuba. Esta interpretação e este voto são coerentes com a resolução nº 8, da Conferencia de Punta Del Este, aprovada pelo Brasil, na parte que se refere a impedir o envio de armas à Cuba.

Bloqueio ou emprego de forças armadas não podem ser confundidos, nos termos do artigo 8º do Tratado do Rio de Janeiro com bloqueio total dos navios que demandam Cuba ou com invasão deste país.” (*Correio do Povo*, 24 de outubro de 1962, contra-capá).

A notícia continua explicando que o voto do Brasil significa apoio aos EUA, mas não apoio a invasão de Cuba. Nesse caso é importante ao leitor saber a posição do seu país frente a esta grave crise e, nesse caso, o Brasil se manteve fiel aos seus princípios de não intervenção. Contudo, apoiando as ações que visam frear a possibilidade de ameaça as Américas, o Brasil se posiciona contra o armamento de Cuba e, ao se posicionar, está apoiando os Estados Unidos contra a agressão Soviética.

O dia 25 de outubro foi um dia muito tenso, como se percebe na capa do *Correio do Povo*, que foi integralmente dedicada à crise dos Mísseis. Uma das manchetes informa: “Ansiedade na Europa à espera do choque entre EUA e Rússia”. A notícia é da AP de Londres, informando que o Primeiro Ministro inglês se encontrou com o chanceler americano para obter informações e depois reuniu os responsáveis pela defesa para discutir medidas defensivas. Também se refere à Itália e suas medidas de defesa, além de informar que a população na Europa começa fazer reservas de enlatados, chás, cafés e verduras, esperando pelo pior. O embate dos grandes titãs parece iminente: o comunismo - apresentado até o presente momento como cruel, perverso e opressor aos leitores do jornal - contra a democracia. O bem versus o mal e a angústia da espera.



Outra grande manchete: “Navios Russos que rumavam para Cuba Mudaram de curso”, um pouco acima desta chamada, com letras pequenas, está a frase: “Esquadra de bloqueio dos EUA não precisou interceptar barcos comunistas”. Esta notícia fala que o Departamento de Defesa de Washington informava que ainda não havia detido nenhum navio russo, mas não poderia precisar se os navios haviam voltado ao seu ponto de origem. Ao dar esta informação, sem poder precisar se os navios voltaram ao seu ponto de origem, o jornal deixa em aberto na imaginação do leitor que os navios poderiam voltar a qualquer momento. Entretanto, no meio da notícia, um subtítulo destaca-se: “Solução terminante”. Trata-se da informação sobre o bloqueio imposto pelos Estados Unidos e a chegada de navios soviéticos com armas para Cuba.

WASHINGTON, 24 (A.P.) – Um mundo em tensão aguardava hoje, uma solução terminante entre a força naval norte-americana, que esta bloqueando Cuba, e os navios soviéticos – que possivelmente transportam armas e projéteis – que se dirigem para Cuba. A ação que seria tomada encerrava o perigo de uma guerra nuclear, mas horas depois de que entrasse em vigor a proclamação do presidente Kennedy, às 9hs EST de hoje – ordenando às forças armadas que detivessem qualquer novo embarque de armas para Cuba – Informou-se que uns 25 navios soviéticos se aproximavam da bloqueada ilha de Cuba.

Aumentando ainda mais a tensão a respeito dessa prova iminente havia informações de que funcionários da embaixada soviética em Washington teriam declarado que nenhum barco russo acatará as ordens dos navios de Guerra dos Estados Unidos, para se deterem e se deixar revistar.

A grande frota norte-americana encarregada desta tarefa, pela força se for necessário, agora se denomina Força naval de operações 136. Está ela autorizada a examinar as cargas dos navios e não permitir a passagem dos que transportarem armas que possam ameaçar os Estados Unidos ou qualquer país do hemisfério. Não foi dado conhecer o poderio da referida força naval, mas acredita-se que seja mais que adequada para realizar a missão de que está encarregada.

Kennedy preparou o terreno para chegar a uma solução terminante nesta questão, com o discurso pronunciado na noite de segunda-feira, quando afirmou que aviões russos de bombardeio e projéteis teledirigidos de alcance médio e intermediário haviam sido levados para Cuba, ameaçando todo o hemisfério. O presidente logo ordenou o bloqueio. (*Correio do Povo*, 25 de outubro de 1962, capa).

A notícia, ao informar que os soviéticos enviaram vinte e cinco navios para Cuba e que não se deterão frente ao bloqueio dos EUA, estabelece que este fato significa uma declaração de Guerra a partir dos comunistas. Também informa que Kennedy preparou o terreno para uma solução final, ou seja, a paz. Numa mesma notícia temos o indicativo de

guerra, sendo provocada pelos comunistas, e a solução de paz, proposta por seus opositores. Os funcionários da embaixada soviética são apresentados como elementos que aumentam a tensão já existente em função do problema, mais uma vez os comunistas são associados às questões de belicosidade.

Cuba também aparece nas notícias com suas expectativas. O título da notícia é: “Expectativa na capital cubana em face do bloqueio naval dos EUA”. A notícia informa sobre os preparativos em Havana e as expectativas da população. Logo abaixo dessa, uma notícia sobre Krushev cujo título é: “Krushev preconiza encontro com Kennedy a fim de evitar a guerra”:

MOSCOU,24 (A.P.) – Nikita Krushev disse, esta noite, que “uma reunião do mais alto nível seria útil para discutir as questões surgidas para eliminar a ameaça de guerra nuclear”. Krushev fez tal declaração numa mensagem enviada ao filósofo britânico Sir. Bertrand Russel. O texto da mensagem foi transmitido pela rádio de Moscou. A mensagem de Krushev, em resposta a uma solicitação de Russel para envidar esforços e evitar uma guerra nuclear dizia o seguinte: “Consideraríamos que uma reunião do mais alto nível seria útil para discutir todos os assuntos surgidos para eliminar a ameaça de guerra nuclear”.

Ao referir-se ao bloqueio norte-americano aos embarques de armas a Cuba Krushev disse a Russel: “O governo soviético não tomará decisões que sejam temerárias, nem permitirá que seja provocado por ações injustificadas dos Estados Unidos. Faremos tudo que estiver ao nosso alcance para evitar que irrompa a guerra. O governo dos Estados Unidos deve mostrar cautela, sabendo que a execução de suas ameaças de pirataria se reveste das mais sérias conseqüências”. Krushev acompanhou seu apelo para uma reunião de cúpula com o presidente Kennedy com repetidas solicitações para que os Estados Unidos suspendam seu bloqueio a Cuba. Previu que a situação poderá lhes escapar do controle, conduzindo a deflagração da guerra. “Entendemos cabalmente que, se irromper uma guerra, esta será nuclear desde seu começo. Isto é muito claro para nós. É evidente, porém, que não o é para o governo dos Estados Unidos da América”. (*Correio do Povo*, 25 de outubro de 1962, capa).

O jornal publica os apelos do filósofo, cuja intenção é evitar a guerra; contudo, não deixa de demonstrar o perigo dos comunistas. Publica que Krushev demonstra querer negociar, no entanto, deixa claro que a sua guerra será nuclear. Para o leitor que entende que os mísseis em Cuba são obra dos russos e que esta situação de pré-guerra é consequência da descoberta feita pelos EUA sobre os mísseis soviéticos em Cuba, seria difícil não acusar os comunistas por esta situação.

Os apoios que os Estados Unidos têm, principalmente na América Latina também receberam destaque:

“Várias nações latino-americanas põem suas forças militares de terra e ar à disposição dos E. Unidos”.

BUENOS AIRES, 24 (De Isaac Levi da A.P.) - A força aérea Argentina está de prontidão desde hoje, para possíveis operações em virtude da crise cubana. Foram enviadas mensagens às forças aéreas dos países americanos para se manterem em contato. A força aérea suspendeu todas as licenças e deu ordens para que o pessoal ficasse de prontidão. Após prolongadas reuniões entre o presidente José Maria Guido e os chefes da força aérea, que foram até as primeiras horas da madrugada de hoje. (*Correio do Povo*, 25 de outubro de 1962, capa).

O título da matéria fala de várias nações, mas o texto completo somente se refere a Argentina, e outro subtítulo no final da notícia afirma: “Peru contribuirá”. Afinal duas nações não são várias, dando a entender que são inúmeras nações. É certo que os países que se encontram sob a proteção norteamericana não se esquivarão de contribuir de alguma forma.

LIMA. 24 (AP) – O Peru contribuirá com forças armadas para o bloqueio de Cuba, se os países da América o decidirem fazer por unanimidade. Assim se pronunciou o Ministro de Relações do Exterior, vice-almirante Luis Llosa, ontem à noite, depois de prolongada reunião do gabinete para examinar a situação entre Cuba e Estados Unidos e a comunicação enviada a ambos os governos. Llosa anteviu a possibilidade de reunião dos chanceleres. (*Correio do Povo*, 25 de outubro de 1962, capa).

Vejamos que, apenas se houver unanimidade, o Peru contribuirá com forças armadas, portanto sua ajuda não é irrestrita, como parece demonstrar a chamada geral. No entanto, a chamada da notícia diz que: “várias nações latino-americanas põem suas forças de terra e ar à disposição dos E. Unidos”. A construção da ideia de bloco contra os comunistas está estabelecida, entretanto, ao esmiuçarmos as notícias, podemos perceber através das nuances que a realidade não é exatamente como o jornal gostaria que fosse. A característica de cada nação latinoamericana determina que sejam tomadas medidas diferenciadas. O Brasil já se posicionou, sem, contudo, apoiar incondicionalmente a ação norteamericana, como já vimos anteriormente.

O editorial deste dia é uma demonstração irretocável do anticomunismo do jornal:

### **Segurança Continental**

O perigo, ou melhor, o foco do perigo de ações bélicas capazes de desencadear uma nova conflagração – a tão justificadamente temida III Guerra Mundial – já agora não se situa, como em anteriores vezes, em pontos distantes desta parte do globo terrestre em que habitamos: na questionada Berlim, separada ao meio pelo “muro da vergonha”, erguido para impedir a fuga para a liberdade, do “paraíso” vermelho germânico; nos contrafortes das cordilheiras do Himalaia ou em qualquer lugar do Médio ou extremo oriente. O foco letal vamos encontrá-lo, nestes incertos e sombrios dias, já no próprio Continente Americano. Numa pequena e formosa ilha no Mar das Caraíbas. Numa nação que ergueu sua bandeira de libertação, saudada pelos seus irmãos da subdesenvolvida América Latina como um canal de esperança, para, no entanto, cêdo se converter numa forma de escravização do povo cubano a um feroz regime totalitário, tendo como símbolo da tirania que implantou o sinistro “paredon” dos fuzilamentos sumariamente decretados. E numa fonte de inquietação e temor para todos os povos americanos, em vista da ostensiva ligação da ditadura fidelista com a União Soviética.

Devemos, naturalmente, nós brasileiros, como todos os povos amantes da liberdade, ser pelo princípio da autodeterminação nacional e da não intervenção. A observância destes princípios, contudo, não exclui, nem pode, de maneira alguma, excluir, a segurança interna e externa de cada país, e a segurança coletiva, continental. Medidas acauteladoras, inclusive de natureza drástica, se impõem, afastando quaisquer sutilezas jurídicas e supostos e suspeitos propósitos pacifistas, se a segurança de um país ou de um continente está em risco.

Ora, que determinou a gravíssima resolução dos Estados Unidos de estabelecer o bloqueio naval de Cuba, para impedir o acesso de armamentos àquele país do Caribe? A denúncia formal e claramente feita pelo presidente Kennedy, de que em Cuba se está trabalhando na instalação de projéteis nucleares ofensivos. Por conseguinte, a segurança do hemisfério está afetada e medidas de caráter multilateral, como as que são previstas nos tratados que vinculam as repúblicas das três Américas, devem ser tomadas com o beneplácito da OEA.

Não há por que se invocar qualquer atitude de neutralismo. Sem dúvida, todos devem preferir a preservação e o reinado da paz. Mas se está, inequivocadamente, diante de uma indeclinável opção: entre o totalitarismo, que nos escravizará ao estado tiranizante, e a democracia, como a temos no mundo ocidental, por certo ressentindo-se de profundas imperfeições e injustiças, mas sempre sendo suscetível de se corrigir e aperfeiçoar, como, inegavelmente, o vem sendo.

Em face desta inafastável opção, ser a favor de uma nação ligada ao mundo totalitário e que está recebendo armas deste, será desertar à causa da democracia e da liberdade, a qual não é incompatível com a da justiça social, mas, ao contrário, a única que com esta verdadeiramente pode harmonizar-se.

Ninguém é contra Cuba, contra o povo cubano, contra o seu direito de autodeterminação. Mas ninguém, sendo autenticamente democrata, pode

ser, de qualquer modo, numa atitude suicida, a favor de quaisquer intentos de expansionismo totalizante e escravizador, no continente americano. (*Correio do Povo*, 25 de outubro de 1962, p. 4).

Este editorial resume muito bem o pensamento do jornal, colocando o comunismo como um regime totalizador e escravizador. Os apelos do editorial são para deixar claro ao leitor que não há outra opção que não seja lutar contra o comunismo. Ao fazer referência ao Muro de Berlim, o jornal, usando a expressão “muro da vergonha”, ironiza o comunismo afirmando que os berlinenses são impedidos de fugirem do “paraíso” vermelho, ou seja, o tom irônico do jornal remete o leitor à ideia de falta de liberdade. A escolha das palavras é fundamental quando se está tentando passar uma mensagem pré-determinada, tal como percebemos neste editorial, que associa o comunismo a falta de liberdade e ao totalitarismo. Ao fazer referência ao Himalaia, o editorial está se remetendo às questões territoriais da China Comunista com a Índia de um modo geral. O jornal aponta os problemas gerados pelos comunistas como estando do outro lado do oceano e longe da esfera das Américas. Contudo, a situação mudou e o editorial reconhece a mudança, assim como o direito de Cuba e seu povo de se autodeterminarem, desde que não tentem expandir as ideias comunistas para o resto das Américas. Afirma que não existe outra opção para os democratas, amantes da liberdade e da justiça social.

O jornal publicou uma notícia cujo título era: “Estados Unidos divulgam novos comprovantes sobre o transporte de material bélico da Rússia para Cuba”. Nesta notícia, o jornal informa que o Serviço Secreto localizou em Cuba as cidades e o tipo de foguetes que possui como segue:

O Departamento de defesa dos Estados Unidos deu à publicidade hoje, informações do Serviço Secreto, que qualificou de inegáveis, segundo as quais atualmente existem em Cuba pelo menos 30 foguetes e 20 bombardeiros a jato de fabricação russa. O assistente do Secretário de defesa Arthur Silverter disse que haviam sido estabelecidas entre oito e dez bases, nas proximidades de quatro cidades. Cada uma dessas bases possui instalações para disparar quatro foguetes. As cidades em questão foram identificadas como Guanajay, Remédios, San Cristobal, Sagua La Grande.

Sylvester adiantou que o Serviço Secreto norte-americano havia aprovado a divulgação dessa informação. Acrescentou que existem 5.000 russos em Cuba, mas que “seu número exato não pode ser determinado, porque chegaram em diferentes navios e aviões”. (*Correio do Povo*, 25 de outubro de 1962, p. 6).

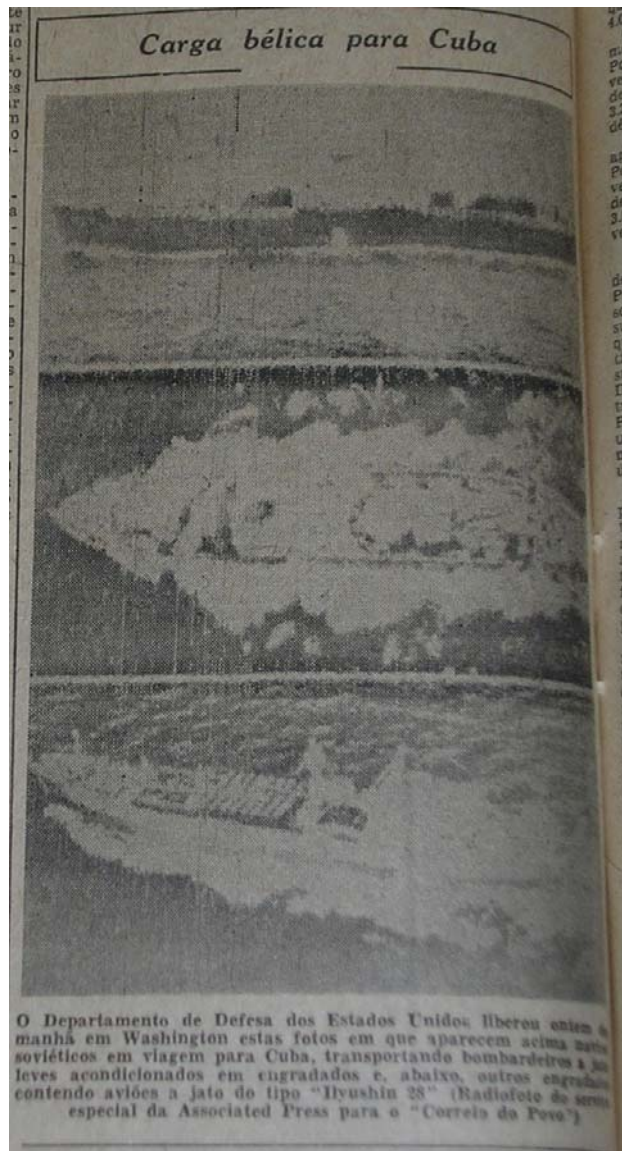
Essa notícia fala do poder bélico que se encontra em Cuba e garante haver aproximadamente 5.000 soldados russos no território, informação que levaria qualquer pessoa questionar sobre a razão de tanto soldado neste território. Como já mencionamos anteriormente, segundo Nilson Lage (2001), o silêncio que o leitor preenche conduzido pelo jornal é a informação que fica, “a verdade como adequação histórica”<sup>35</sup>, os juízos são reiterados e aceitos. Nessa mesma página, ao lado desta notícia, o jornal publica as provas do que os Estados Unidos estão afirmando, com fotos de um navio com o título de “Carga Bélica para Cuba”. As fotos do jornal não são muito nítidas, mas podem impressionar o leitor. A legenda das mesmas diz o seguinte:

O Departamento de Defesa dos Estados Unidos liberou ontem de manhã em Washington estas fotos em que aparecem acima navios soviéticos em viagem para Cuba, transportando bombardeiros a jato leves acondicionados em engradados e, abaixo outros engradados contendo aviões a jato do tipo “Ilyushin 28” (Radiofoto do serviço especial da Associated Press para o *Correio do Povo*) (*Correio do Povo*, 25 de outubro de 1962, p. 6).

A intenção do jornal é demonstrar que os russos estão realmente prontos para uma guerra, e a imagem do envio de navios contendo material bélico seria a prova. Neste caso, a imagem tem um papel muito importante: serve para convencer sobre o que está sendo afirmado ao longo dos dias. Abaixo temos as fotos destes navios que os EUA anunciaram no jornal.

---

<sup>35</sup> Op. Cit. p.154



(*Correio do Povo*, 25 de outubro de 1962, p. 6).

Apesar da imagem não ser muito nítida no jornal, o leitor acredita que o que está contido nestes navios realmente corresponde ao afirmado pelo Serviço Secreto norteamericano e não tem motivos para duvidar.

Na página 12, o jornal publica uma notícia que não se refere ao caso da crise dos mísseis, mas corrobora com a ideia de que os comunistas querem guerra e censuram as informações do seu povo, ludibriando-o. Trata-se da luta entre China e Índia, cujo título é: **“Povo russo toma conhecimento da luta sino-indiana”**. A notícia fala que somente agora o jornal rompe o silêncio para publicar algo sobre a luta desde que ela se estabeleceu, e que a União Soviética procurou ter extremo cuidado, evitando opinar sobre a disputa para não irritar o “maior aliado no campo comunista, ou o maior país no campo neutralista”. O ponto de vista

que o jornal quer que o leitor tenha é o de que os comunistas não têm liberdade de imprensa, porque enganam o povo.

Na contra capa do jornal, uma declaração de João Goulart: “Brasil apoiará EE.UU. se o caso de Cuba for as últimas consequências”

O Brasil ficará ao lado dos Estados Unidos caso o problema cubano seja levado às últimas consequências – declarou o presidente João Goulart. O embaixador norte-americano levou ao presidente da República uma carta do presidente Kennedy, antecipando os tópicos principais do discurso que pronunciaria algumas horas depois.

O Sr. João Goulart recebeu imediatamente o embaixador Gordon, deixando a conferência visivelmente emocionado e pálido. Ao deparar com os deputados Abelardo Jurema e Hermógenes príncipe, que o aguardavam para uma conferência política, o Sr. Goulart revelou que acabara de ter uma informação da mais alta gravidade, lendo a carta de três laudas datilografadas, do presidente Kennedy. (*Correio do Povo*, 25 de outubro de 1962, contra-capa).

A notícia segue descrevendo as atividades do presidente brasileiro e as medidas que o Brasil foi tomando, tais como acautelar-se diante do caso de Cuba e chamar o embaixador junto a OEA para obter maiores detalhes. Contudo, é interessante notar o destaque dado ao apoio do Brasil aos Estados Unidos. Desta vez o Brasil não aparece defendendo o direito de autodeterminação de Cuba, como foi o caso da invasão da Baía dos Porcos, quando os Estados Unidos desejavam apoio para uma invasão e deposição do governo de Fidel Castro. Agora a situação é diferente. Este destaque é feito na notícia, aparecendo como uma espécie de reforço a postura anticomunista do país, independente da postura individual do presidente. Esta postura passa a existir na matéria quando o descrevem como atônito diante das notícias, “pálido” após ler o documento que o presidente Kennedy enviou. O que transparece é que Goulart não estava acreditando que a situação fosse tão grave, apesar dos avisos de Kennedy. Podemos supor que ele, segundo os conservadores, um sindicalista pudesse pensar que fosse exagero dos norteamericanos. É de se esperar que os países da América Latina fiquem ao lado dos EUA, afinal estão na sua zona de influência e dependem dele para proteção em caso de guerra com a União Soviética.

O jornal do dia 26 é um pouco mais alentador para o leitor assíduo e que acompanhou o desenrolar dos acontecimentos. As notícias já falam em crise atenuada, negociações etc.. Na



tentativa de demonstrar como as estruturas de diagramação são importantes, descreveremos algumas notícias e mostraremos a capa do jornal.

O grande título informa: “Bloqueio cubano continuará apesar de atenuada a crise”. E a notícia informa que, apesar do presidente Kennedy ter manifestado boa vontade em sondar uma solução pacífica para a crise, o bloqueio deverá continuar, pois esta seria a única forma de impedir a chegada de novos armamentos a Cuba. Ao lado há a chamada: “Papa renova apelos aos estadistas para preservar a Paz”, na qual o Papa João XXIII é apresentado aos leitores como uma pessoa profundamente preocupada e ansiosa pela paz, que apela para os sentimentos de lealdade e franqueza em busca da paz, sentimentos que até agora o jornal demonstrou que os comunistas não dispõem. Logo abaixo da notícia do bloqueio cubano, outra notícia completa o tom de alívio para a crise: “Kennedy e Krushev aceitam a proposta do secretário da ONU para uma solução pacífica da questão cubana”, na qual o secretário da ONU, U. Thant propôs uma solução dialogada, e ambos os dirigentes aceitaram conversar sobre uma forma de pacificar o tema. Outro título que se destaca é: “Se a crise continuar, mais da metade do continente entrará em ação contra o armamento nuclear em Cuba”. A matéria informa o nome dos países que amparam os Estados Unidos e sua ação de bloqueio a Cuba, também os que apoiam os soviéticos e alguns neutros, contudo o destaque é para os países que concordam com os EUA. Vamos observar a imagem a baixo:



(Correio do Povo, 26 de outubro de 1962, capa).

A estrutura da capa do jornal é montada para indicar que os comunistas querem guerra. No alto da página aparece a imagem do Papa pedindo paz e, no centro da página, uma foto de carros do exército cubano transportando os “milicianos de Fidel Castro”. Acima da foto aparece o título: “Mobilizados os milicianos de Fidel”. Este indicativo é muito claro, enquanto uns querem a paz, neste caso a Igreja Católica (sabidamente anticomunista e que está representada pelo Papa), os outros se preparam para a guerra. Esses são os comunistas representados pelos milicianos de Fidel.

Na página 5, o jornal publica uma notícia interessante: “Asilados cubanos criticam o ‘premier’ Hermes Lima”<sup>36</sup>. Esta matéria fala que três asilados cubanos estão sendo ameaçados no Rio de Janeiro por membros da embaixada cubana. Também chamaram o povo brasileiro para pegar em armas e derrubar o governo de Fidel Castro.

Rio, 25 (CP) – Dizendo-se ameaçados de agressão física por parte de elementos da embaixada de Cuba e rechaçando as declarações do sr. Hermes Lima sobre a situação cubana os srs. Angel Aparício Lourenço (delegado do

<sup>36</sup> Hermes Lima foi Primeiro-Ministro na gestão parlamentarista de João Goulart de setembro de 1962 a janeiro de 1963, pertencia ao PTB.

Conselho Revolucionário cubano), Carlos Valdesuso (delegado do Diretório Revolucionário Estudantil) e a sra Nelita Garmendia (delegada do Diretoria Magistral Revolucionário), fizeram uma denúncia contra os Fidelistas e conclamaram o povo brasileiro a lançar-se em luta armada contra os comunistas de Havana.

Numa entrevista de uma hora os 3 asilados cubanos referiram-se a quatro acontecimentos que reputaram de grande importância no quadro geral da situação cubana:

1º Nos últimos dias as crianças maiores de 14 anos estão sendo recrutadas para as milícias. As famílias que retêm seus filhos são detidas. 2º os condenados à pena de morte que aguardam execução estão sendo fuzilados em massa pelos homens de Fidel. 3º O Capitão Padilha, ex-diretor do presídio da Ilha do Pinos (onde se encontram 26.500 presos políticos), está há 21 meses asilado na embaixada do Brasil. Fugiu porque se recusou a comprometer-se a lançar pelos ares o presídio, caso se iniciasse um movimento contrário ao regime no país. 4º Elementos de fala espanhola têm ameaçado de espancamento os membros do Conselho Revolucionário do Rio caso prestem informações à imprensa.

Por último rechaçaram as declarações do Sr. Hermes Lima sobre o caso cubano e divulgaram um comunicado a respeito.

“Rechaçamos por constituir um atentado à democracia e uma aceitação do comunismo, as declarações formuladas ontem pelo primeiro ministro e chanceler Hermes Lima, alegando que “o que se deve defender em Cuba é o direito do governo cubano de realizar a experiência política que está realizando, pois este direito se deriva da autodeterminação dos povos”. Se estas palavras não tivessem sido pronunciadas pelo eminente prof. Hermes Lima, pensaríamos que se tratava de um comunista ou de um débil mental.

Seria interessante perguntar ao prof. Hermes Lima em que momento o povo de Cuba se determinou a escolher o atual regime marxista-leninista e com que direito fala em nome de um povo que, por opor-se a este regime tem mais de 3.000 fuzilados, 100 mil homens e mulheres nas prisões e campos de concentração, mais de 300 mil exilados e que para submetê-lo a escravidão comunista tem sido necessário levar à Ilha milhares de soldados do bloco soviético.

Consideramos que qualquer homem da América se chame democrata e que proclame e defenda a permanência do regime comunista sustentado pela força em Cuba trai a democracia e a tradição de liberdade do continente.” (*Correio do Povo*, 26 de outubro de 1962, p. 5).

Este texto tem como intenção demonstrar que o comunismo não é bom e foi elaborado pelos membros do Conselho Revolucionário de Cuba, responsáveis pela invasão da Baía dos Porcos, denunciando as ações da embaixada cubana no Brasil e as ações que eles afirmam estarem sendo feitas em Cuba. Entretanto, a reportagem é do *Correio do Povo* e não das agências noticiosas e, neste caso, a escolha dos termos a serem publicados é bastante clara. O *Correio* se refere aos membros da embaixada cubana como “elementos” ao contrário de “funcionários”. Desta forma, a palavra adquire um tom bastante pejorativo e se considerarmos

que a nota acusa diversas ações consideradas bastantes agressivas, a palavra “elementos” reforçaria que os comunistas são agressivos.

Por outro lado, a demonstração de que os comunistas querem guerra fica cada vez mais nítida, pois, na página 15, a notícia informa sobre a disputa territorial entre a Índia e a China Comunista com o título: “Chineses Comunistas intensificam sua penetração na Índia”. A notícia informa que a China invadiu o território indiano em vinte e seis quilômetros e tomou a cidade budista de Towang, mas, felizmente, o Lama e seus seguidores conseguiram sair da cidade antes da chegada dos chineses. Em função disto, o líder indiano decidiu mudar a política indiana e aceitar ajuda dos “países amigos”. Novamente percebemos intencionalidade na diagramação das matérias do jornal, pois ao lado desta notícia há outra que diz: “Lacerda promete erguer monumento ao Muro de Berlim”. Trata-se de declarações feitas por Lacerda em visita a Berlim:

Berlim,25 (AP) – O governador Carlos Lacerda, do estado da Guanabara, declarou, hoje, que pretende erguer um monumento à infame muralha, de Berlim, no Rio, como símbolo da decisão ocidental de preservar as liberdades humanas.

O chefe do govêrno carioca acrescentou que a muralha simulada lembrará aos brasileiros como é preciosa a liberdade de movimento, inesistente na dividida Berlim. (*Correio do Povo*, 26 de outubro de 1962, p. 15).

Com certeza Carlos Lacerda é anticomunista e esta informação, mesmo naquele momento histórico, não era novidade para ninguém. Ao colocar a notícia de que a China Comunista havia tomado uma cidade da Índia, um país neutro e, ao lado desta matéria, outra que remete as lembranças do Muro de Berlim, o jornal cria uma tendência. Reforça a ideia de que os comunistas querem a guerra, a divisão, a falta de liberdade.

Apesar do que parecia um tom mais ameno no jornal do dia 26, a capa do jornal do dia seguinte era bem diferente. Em destaque, com letras bem grandes, a chamada: “Técnicos Russos apressa a construção de bases de teleguiados cubanas: EUA decididos a tomar medidas militares drásticas contra Cuba”.

Washington, 26 (AP) – o governo dos Estados Unidos informou, hoje, que os soviéticos continuam montando projéteis teleguiados em Cuba com grande rapidez, aparentemente para tê-los preparados para serem usados

logo que seja conveniente. A casa Branca expediu a declaração com a intenção clara de advertir os soviéticos de que os Estados Unidos são capazes de vigiar suas atividades em Cuba. A declaração ao descrever a situação nos locais dos projeteis, indica que os russos não diminuíram suas intenções de estabelecer plataformas de lançamento de foguetes apesar da declaração do presidente John F. Kennedy de que a existência dessas bases havia provocado a atual crise. A declaração conclui dizendo: “Em suma, não existem provas até agora, que indique existir a intenção de dismantelar ou interromper o trabalho nas bases de projéteis”.

Pelo contrário, os soviéticos continuam rapidamente com a construção de plataformas e instalações de lançamento e estão fazendo grandes esforços para disfarçar a intensidade de suas atividades. (*Correio do Povo*, 27 de outubro de 1962, capa).

O que a matéria indica é que os russos mentem, afirmaram publicamente querer a paz, mas querem a guerra e estão correndo para isto, e Kennedy não permitirá, tendo que tomar uma decisão radical logo. A ameaça se torna a cada dia mais real e perigosa. Os russos ignoram o aviso de Kennedy e não paralizam as obras, numa demonstração de que realmente pretendiam atacar. Os comunistas são apresentados como descumpridores daquilo que negociam, portanto, não confiáveis. Abaixo desta notícia existe outra em que a América Latina pede, na ONU, garantias sobre a eliminação dos foguetes em Cuba.

No corpo do jornal do dia 27, uma pequena nota sobre publicações apreendidas dá o tom da questão sobre as infiltrações comunistas no país e as intenções destes. A nota diz: “Polícia apreende publicações da URSS e China”.

S. Paulo, 26 (CP) – Por determinação do serviço secreto do exército, e da polícia de ordem política e social tôdas as remessas de livros e revistas procedentes da Rússia e China Popular estão sendo apreendidas. O DCT tem ordens expressas de não distribuir os livros e revistas daquela procedência. Grande quantidades de tais publicações chegam diariamente a São Paulo, Rio de Janeiro, sendo imediatamente remetidas ao DOPS para censura e somente são remetidas aos correios para entrega aos destinatários quando não contém propaganda comunista.

Funcionários do correio adiantaram que parte das publicações chega ao Brasil através do México. Não quiseram, contudo, informar a quem é endereçada e o DOPS mantém os nomes sob sigilo. Acredita-se que, para iludir as autoridades, a propaganda comunista esteja sendo enviada como correspondência do Uruguai, sôbre a qual não existe nenhuma restrição até o momento, sendo imediatamente distribuída, logo que chega ao correio.

A censura das publicações apreendidas está sendo feita por um major do exército e pelos delegados da Ordem Política e social. Tanto um como outros mantém reserva quanto aos nomes das revistas cuja circulação foi proibida. (*Correio do Povo*, 27 de outubro de 1962, p. 14).

Servindo o jornal como fonte, é interessante observar a preocupação do governo de impedir a propaganda comunista no país. Tendo o mesmo como objeto, a publicação de tal nota é intencional e fundamental no processo de demonstração da periculosidade dos comunistas que estão empenhados em divulgar suas ideias no país.

No jornal de 28 de outubro, uma matéria se destaca das demais pelo tamanho das letras.



(Correio do Povo, 28 de outubro de 1962, capa).

O título sobre os estadistas se destaca no jornal, demonstrando que Kennedy e Kruschev buscam o entendimento, enquanto, na matéria ao lado, o destaque é para Cuba, que se prepara para uma invasão. Contudo, o jornal coloca logo abaixo a imagem de um protesto na capital soviética contra os EUA e uma matéria em que Kruschev propõe a retirada dos mísseis de Cuba em troca da retirada dos mísseis da Turquia. O título da matéria: “Kruschev propõe eliminar os teleguiados em Cuba em troca da retirada das bases dos E. Unidos na Turquia”.

MOSCOU, 27, (A.P.) – Numa das mais sensacionais barganhas de política internacional, neste século, o primeiro-ministro Nikita Kuschev propôs hoje extinguir as bases de foguetes soviéticos em Cuba, em troca de iniciativa semelhante dos norte-americanos na Turquia. ( *Correio do Povo*, 28 de outubro de 1962, capa).

Observemos que a agência noticiosa utilizou o termo barganha ao fazer referência às negociações dos soviéticos. Na verdade poderiam utilizar o termo “permuta”, assim estariam sendo mais neutros em relação às negociações. O termo “barganha” adquire um tom pejorativo se acompanhado da palavra “sensacional”, como foi o caso. Assim ficou estabelecido que os comunistas negociam vidas, famílias e cidades como se tudo fosse um grande negócio.

No dia seguinte as notícias são mais amenas, pois Kruschew mandou desmontar as bases em Cuba, enquanto Kennedy afirmava que o bloqueio continuaria até o desmonte total do equipamento. As matérias dão conta que, mesmo Kennedy rejeitando a proposta, Kruschew manda desmontar as bases de mísseis. Entretanto, logo abaixo desta notícia há uma, cujo título é: “Sabotadas quatro subestações dos campos petrolíferos da Venezuela”. Nessa notícia os campos petrolíferos foram sabotados, segundo o presidente dos EUA, por “terroristas castristas” e informa ainda que:

O governo informou ter capturado dois dos sabotadores, que são comunistas venezuelanos, tendo agido aparentemente sob ordens de Havana. Na semana passada o governo de Washington havia prevenido os governos latino-americanos sobre a possibilidade de uma campanha de sabotagens de caráter continental, instigada por Fidel Castro. ( *Correio do Povo* 30 de outubro de 1962 – capa).

A notícia demonstra a intenção dos comunistas de se infiltrarem em toda a América Latina, sabotando ao máximo os países para tomá-los à força. Os comunistas são associados a terroristas, assim sendo, são apresentados como ruins e traiçoeiros.

#### **4.1.3 Diário de Notícias**

Vamos verificar o Jornal *Diário de Notícias* buscando identificar como este jornal evidenciou o anticomunismo em suas páginas durante a crise dos mísseis. No *Diário de Notícias*, as matérias internacionais normalmente ficavam na última página do primeiro caderno e, por esta razão, somente citaremos a página quando a notícia não for alocada nessa página. No dia 14 de outubro, uma nota chama a atenção por serem as palavras do arcebispo de Nova York, D. John Theodorovich que estava de passagem pelo galeão rumo à Argentina. O título é: “Não acredito na honestidade dos soviéticos”.

Rio, 13 (Meridional) – O arcebispo metropolitano de Nova York, D. John Theodorovich, ao passar ontem pelo aeroporto do Galeão, rumo à Argentina, em visita de inspeção, declarou que não acredita na honestidade dos propósitos soviéticos de afirmarem disposição de estabelecerem aproximação com a igreja mesmo estando presentes seus delegados ao Concílio Ecumênico. E afirmou:

“Não acredito na sinceridade e guardo bem na memória as atrocidades praticadas contra sacerdotes, quando os bolchevistas tomaram o poder”. (*Diário de Notícias*, 14 de outubro de 1962, p. 8).

Esta nota está transmitindo as palavras de um sacerdote norte-americano. Não é de se surpreender as suas palavras, uma vez que a Igreja Católica demonstra ser anticomunista<sup>37</sup>, e os norte-americanos são mais ainda. O que demonstra a tendência do jornal contra o comunismo é a disposição da nota na página. Esta página é sobre assuntos políticos nacionais, e, no seu final, está colocada uma grande fotografia de Ildo Menegheti, tendo uma grande recepção popular na sua chegada a Porto Alegre. A nota em questão aparece ao lado da fotografia, o que instigaria a leitura da nota, quer por curiosidade, quer por pensar ser uma declaração do governador eleito. Podemos observar a composição da nota na imagem a seguir.

---

<sup>37</sup> Carla Rodeghero, já citada, em seus trabalhos já demonstrou esta questão muito bem.





(*Diário de Notícias* 14 de outubro de 1962 p. 8)

Na página seguinte, o tema principal é a questão do Muro de Berlim, sendo que os russos são apontados como os responsáveis pelo pior da situação. A manchete principal afirma: “Rússia quer dominar toda a Alemanha”. Esta chamada não está ligada a nenhuma notícia diretamente, mas faz referência a três notícias da mesma página, sendo que a primeira é: “Manobra para varrer de Berlim ocidental as potências aliadas”. Nessa matéria, o Ministro de Relações Exteriores russo afirma a aproximação da hora de assinar o Tratado de Paz com a Alemanha, para que se faça de Berlim Ocidental uma zona desmilitarizada. Contudo, a matéria afirma que o mesmo ministro se pronunciou deixando claro que a Rússia não levará em consideração a ideia de fazer uma votação em Berlim Oriental e permitir ao povo decida a sua sorte. Os comunistas são apresentados como capazes de conduzir as negociações de forma ardilosa, o que motivaria a todos redobrar a atenção. Neste caso os comunistas estão associados à traição.

A outra chamada informa: “Russos preparam nova convulsão na guerra fria”

(..)O primeiro ministro soviético Nikita Krutchev, talvez inicie pessoalmente umas conversações quando assistir a Assembléia Geral das Nações Unidas no próximo Mês quando for a Nova York

Por esta razão, a diplomacia britânica não prevê uma “explosão” sobre Berlim nas semanas vindouras. Mas, por outra parte, tampouco prevê uma diminuição da tensão

Segundo as últimas apreciações da situação feitas aqui. Krutchev parece querer “manter aceso o fogo de Berlim, mas acredita-se que está convencido da decisão dos ocidentais de se manterem firmes.

As últimas advertências foram feitas no fim desta semana, tanto por Washington como por Londres. Os Estados Unidos preveniram Krutchev contra a instigação de uma nova crise na dividida cidade. (*Diário de Notícias*, 14 de outubro de 1962, p. 9).

Os comunistas novamente estão associados ao desejo de guerra e de crise geral. Há a necessidade de dois países democráticos advertirem os russos para que não provoquem nada. Na verdade, o título da notícia é bem mais contundente do que a matéria em si, afinal o mundo vive os problemas da Guerra Fria e Berlim. É um caso bastante sério desde a construção do Muro no ano de 1961.

A terceira notícia diz o seguinte: “Problema alemão: ocidente deve se manter em guarda”. O título sozinho nos transmite uma ideia ruim, o Ocidente deve estar prevenido contra as ações dos comunistas no caso da Alemanha. Nas palavras do secretário de Relações Exteriores Lord Home:

“Não duvido que podemos conseguir um acordo que dará segurança à União Soviética e paz ao mundo”, manifestou Lord Home na conferência anual do Partido Conservador.

“Com uma mão devemos manter a guarda em Berlim”, declarou aos 4.000 delegados. “Mas com a outra – acrescentou – devemos aproveitar ao máximo o equilíbrio do poder, porque nos dá a oportunidade de obrigar os comunistas a negociarem”. (*Diário de Notícias*, 14 de outubro de 1962, p. 9).

Há uma preocupação em fazer os comunistas negociarem e pararem de tentar obter o restante de Berlim. Para o Ocidente esta questão é inegociável, uma vez que significaria ceder ao comunismo. Novamente os comunistas aparecem como traiçoeiros, uma vez que os ocidentais devem sempre ficar alerta.

Na página de notícias internacionais do sai 16, há uma grande manchete que diz:

### **“Kennedy rejeitou proposta para com Fidel”**

Washington, 15 (UPI) – O governo do presidente Kennedy rejeitou, firmemente, toda sugestão de que poderia haver concessões com respeito a Berlim ocidental em busca de uma posição soviética mais considerada em relação a Cuba.

O subsecretário de estado Edwin Martin declarou que os Estados Unidos certamente não estão dispostos a sacrificarem a liberdade de uma parte para obtê-la em outra. (*Diário de Notícias*, 16 de outubro de 1962, p. 16).

Este tema, a troca de Berlim por Cuba, foi amplamente explorado no *Correio do Povo* e a concepção de que os comunistas estariam barganhando posições e negociando vidas humanas é bastante forte. Novamente o leitor do jornal se depara com questões de cunho moral: é imoral negociar a liberdade de uns em detrimento de outros apenas para impor uma ideologia.

Abaixo dessa notícia, outra informa que “Russos vão explodir foguetes no pacífico” o leitor, em uma leitura superficial, fica com a certeza de serem foguetes nucleares. Entretanto, ao ler a notícia, percebe-se que se trata de foguetes com objetivos cósmicos e que cairão no mar sendo apenas uma experiência científica, aparentemente sem fins militares. O conteúdo da matéria não mais importa, pois o título já sugeriu a belicosidade comunista.

Na sequência, mais abaixo, a matéria informa o seguinte: “Continua a ocupação do território cubano pelos “técnicos” comunistas”. Como segue:

Washington, 15 (UPI)- A Rússia tem, atualmente, ao redor de 5.000 técnicos militares no território de Cuba, segundo informaram hoje, círculos oficiais dos Estados Unidos. Em virtude de a 3 de outubro ter se calculado a existência de 4.500 “técnicos” a nova cifra indica ter continuado o reforçamento militar soviético em Cuba, iniciado no mês de julho último. As autoridades norte-americanas destacam que o contingente de técnicos russos chegados a Cuba inclui o pessoal que se calculava que seria necessário para instalar o equipamento militar que a União Soviética enviou para a ilha do caribe e para ensinar o seu uso às forças cubanas. Não se sabe até quando a Rússia continuará enviando tais “técnicos”, mas os Estados Unidos, aos que tudo indica, acompanham os acontecimentos com o máximo interesse. (*Diário de Notícias*, 16 de outubro de 1962, p. 16).

A notícia é pequena, mas muito importante. Informa ao leitor o interesse bélico dos comunistas, que desta vez estão montando equipamentos militares em Cuba. Mais uma vez a questão da belicosidade, agressividade, etc., estão associadas ao comunismo. Outras notícias

também levaram o leitor a questionar sobre as intenções dos comunistas, afinal Berlim é o tema do momento. A União Soviética dava sinais de querer a cidade inteira, e os jornais se encarregavam de transmitir a ideia de que, ao menor descuido, não hesitaria em tomá-la.

A capa do *Diário de Notícias* do dia 22, informava o início da crise dos mísseis, com letras bem grandes, chamando a atenção com os seguintes dizeres: “Todo navio que levar armas a Fidel poderá ser afundado. EUA em pé de guerra, iniciado o bloqueio naval de Cuba”.

Washington, 22 (Condensado o noticiário da UPI) – Em longo discurso pronunciado hoje, através de uma rede de rádio e televisão, o presidente Kennedy ordenou o cumprimento de um plano de sete pontos, inclusive o bloqueio naval de Cuba, para evitar a remessa de armas ao governo de Fidel Castro. Ao mesmo tempo, o Departamento de Defesa anunciou que começará a revistar e afundar, se for necessário, todo o navio que levar armas ofensivas a Cuba, não importando qual o país proprietário do navio. Ampliando os conceitos do discurso do presidente Kennedy, um porta-voz do Departamento de Defesa exibiu fotografias de Cuba, tiradas por aviões de reconhecimento dos Estados Unidos, mostrando foguetes de alcance de 1.000 milhas (1500 Km) apontando para os EE.UU. O porta-voz revelou que as forças norte-americanas, inclusive as de Berlim, bem como a vasta frota dos superbombardeiros e forças de foguete do Comando Aéreo Estratégico (e da Bomba nuclear) foram colocados em prontidão. O porta-voz do Departamento de Defesa afirmou que os Estados Unidos contam com “forças mais do que suficientes” para fazer cumprir as ordens do presidente Kennedy, impedir a chegada de armas ofensivas a Cuba e “obter a retirada” das armas já existentes na ilha do Caribe. As providências adotadas hoje pelos Estados Unidos repercutiram em todo o mundo. (*Diário de Notícias*, 22 de outubro de 1962, capa).

Os Estados Unidos deixam bem claro que alguém está armando os cubanos com foguetes e que esses têm como objetivo o território norteamericano. O resumo de capa da matéria já indica que os norte-americanos estão se defendendo de um possível ataque comunista, sem usar a palavra comunismo. Os comunistas, assim, são novamente associados a guerra num período de tensões como a Guerra fria. Na última página do primeiro caderno, o jornal amplia o que anunciou no resumo de capa e reproduz na íntegra o discurso de Kennedy, que expõe os pontos da defesa e argumenta o quanto os norteamericanos são pacíficos e o quanto os soviéticos são belicosos e expansionistas. Abaixo reproduzimos dois pequenos trechos do discurso de Kennedy, que o jornal publicou, ilustrando bem o que acabamos de afirmar:

“Durante muitos anos, tanto a União Soviética como os Estados Unidos – reconhecendo este fato – destacaram suas armas atômicas com grande cuidado, nunca alterando o equilíbrio do precário “status quo” que assegurava que estas armas não seriam usadas na ausência de um desafio de vital perigo.”

“Nossos próprios foguetes estratégicos nunca foram transportados ao território de qualquer outra nação, sob a capa do segredo e a decepção é nossa história – em contraposição com a dos soviéticos desde a segunda guerra mundial – demonstra que não temos nenhum desejo de dominar ou conquistar nenhuma nação nem impor nosso sistema ao seu povo”. (*Diário de Notícias*, 22 de outubro de 1962).

Kennedy afirma, categoricamente, serem os Estados Unidos um país pacífico que tem se defendido e destaca o quanto os soviéticos não têm respeitado as questões de expansão, ou seja, os comunistas querem dominar o maior número de territórios. A ameaça comunista é enfatizada ao leitor brasileiro, assim como deve ter sido aos norte-americanos.

A capa do *Diário de Notícias* do dia 24 anuncia: “OEA aprova o emprego da força para defender a democracia, Frota Ianque pronta para deter 20 navios soviéticos no Caribe”. Interessante observar a diferença de tom nas chamadas de jornais distintos, pois, para anunciar a mesma informação, o *Correio do Povo* usou termos mais amenos como segue: “América Latina solidária com as providências do presidente Kennedy”<sup>38</sup>. Ambos os jornais nitidamente anticomunistas; contudo, o *Diário de Notícias* parece ser mais incisivo. Na página de notícias internacionais, o jornal fornece detalhes sobre a manchete de capa informando que na votação da OEA houve unanimidade de votos a favor dos EUA, e também informa sobre a questão do confronto dos navios sob o título “Ou param ou serão afundados os navios Russos que vão a Cuba”. Entretanto, uma notícia abaixo dessa chama a atenção e informa o seguinte: “Cuba estabeleceu “cabeça de ponte” para o comunismo no hemisfério – Adlai Stevenson”.

NAÇÕES UNIDAS, 23 (Por Jack V. Fox da UPI) – O embaixador dos Estados Unidos, Adlai Stevenson, disse hoje ante o Conselho de Segurança das Nações Unidas que Cuba havia estabelecido uma cabeça de ponte para a expansão do comunismo no hemisfério ocidental e assinalou que os Estados Unidos Não têm o propósito de se retirarem ante o fato. (*Diário de Notícias*, 24 de outubro de 1962)

---

<sup>38</sup> Notícia trabalhada nesta tese quando analisamos o *Correio do Povo*.

A notícia deixa claro ao leitor a preocupação dos Estados Unidos com o avanço do comunismo e, ao mesmo tempo, transmite a ideia de que o comunismo está procurando avançar no hemisfério ocidental, usando Cuba como ponte. Mais uma vez o comunismo aparece como perigoso, pois não se limita aos países que já domina, deseja mais. Interessante observar que “comunismo” adquire uma “personalidade”, como se fosse uma “entidade” que a tudo e a todos domina.

A capa do jornal do dia 25 anuncia que: “Navios soviéticos mudam de rumo”, a notícia condensada repassa as informações do Departamento de Defesa americano e avisa que alguns navios soviéticos aparentemente haviam mudado de direção e que outros seguiam rumo a “força operativa da armada americana”.

No corpo do Jornal, uma notícia nos chama a atenção: “Povo Pôrto-alegrense não crê na deflagração de uma nova guerra mundial”

A perigosa situação internacional decorrente do bloqueio naval imposto a Cuba pelos Estados Unidos, com natural desaprovação da Rússia, não causou maiores preocupações ao povo da Capital, segundo apurou o *Diário de Notícias* auscultando, ontem, opiniões de representantes de diversas classes sociais. (...)

#### Tudo Farol

Já o barbeiro Rubens da Silva vai mais longe. Disse com absoluta convicção na voz que a crise cubana não vai dar coisa alguma. Afirmou: “Isso tudo que está acontecendo é tudo “farol” deles, tanto Kennedy como o Krutchev não querem guerra de jeito nenhum. Apenas estão fazendo uma continuação da Guerra Fria, nada mais”. (...)

#### Guerra para destruir o comunismo

De opinião totalmente contrária às anteriores é a balconista Clara Voção. Ela acredita piamente que uma guerra mundial surgirá em consequência da crise cubana. Declarou, mesmo: “Gostaria muito que saísse uma guerra. O mundo está perdido atualmente pela presença das nações comunistas. Uma guerra seria ótima para que o mundo cristão destruísse completamente o comunismo”. (*Diário de Notícias*, 25 de outubro de 1962, p. 9).

Das sete pessoas entrevistadas, apenas uma se mostrou a favor da guerra. Todas as demais apelaram para o bom senso ou acreditam que tudo faz parte da Guerra Fria e que nenhuma nação irá tão longe sob o risco de acabar com o planeta. Apesar dos portoalegrenses não temerem a guerra, a declaração da Sra. Clara demonstra que o comunismo não é bem-vindo por estar em oposição ao mundo cristão. No imaginário dela, está constituído que o

comunismo ateu é algo a ser eliminado por estar em contraposição ao mundo cristão. Assim, uma espécie de “Guerra Santa” se justificaria, visando destruir o comunismo. Neste sentido ele é visto como algo mau, ruim, que deve ser suprimido das nações

Na página de notícias internacionais, o jornal fornece mais detalhes sobre o retorno dos navios. Contudo, na sequência desta matéria, o jornal insere uma notícia sobre o apoio da China Comunista, com letras em destaque, ocupando duas colunas do jornal: “China comunista dá apoio ao regime de Castro: declaração”.

Tóquio, 24, (UPI) – O governo da China Comunista emitiu hoje uma declaração formal dizendo que o bloqueio norte-americano é um “ato provocativo de guerra e prometemos o apoio mais decidido para o regime de Fidel Castro”, segundo informou a rádio de Pequim.

Na declaração a primeira de caráter formal que encerra a reação da China Comunista à decisão dos Estados Unidos e reafirma o mais decidido apoio da China ao regime de Fidel Castro e se diz: “É necessário fazer uma advertência aos imperialistas dos Estados Unidos, não creiam que poderão dominar os mares e fazer o que querem a Cuba. O povo cubano não está só. O campo socialista está todo do seu lado”.

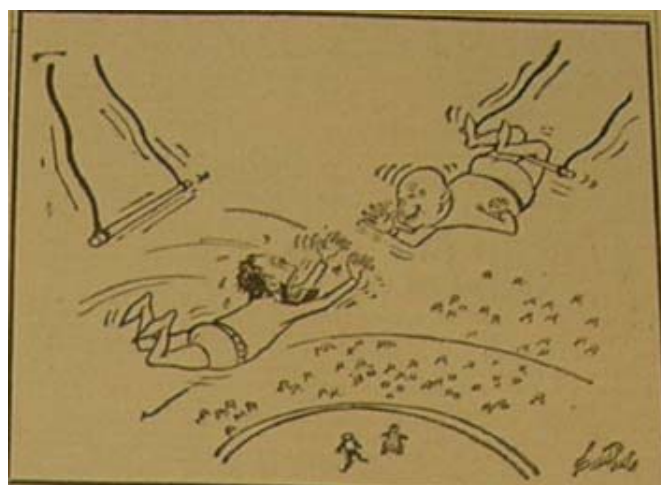
A declaração foi transmitida primeiro pela rádio de Pequim em idioma chinês e, a seguir, o texto integral foi transmitido pela agência de notícias Nova China em inglês. Ambas as transmissões captadas em Tóquio. (*Diário de Notícias*, 25 de outubro de 1962).

Reproduzimos apenas uma parte desta matéria, na sequência são reproduzidos dois outros trechos da declaração, onde a China segue advertindo os Estados Unidos sobre as consequências deste bloqueio. O comunismo mais uma vez aparece como estando pronto para a guerra. É interessante observar que os Estados Unidos passaram a existir nas notícias como um elemento de defesa do hemisfério contra a ameaça comunista e, em contrapartida, os comunistas sempre surgem como elementos provocadores ou ameaçadores. No caso da China Comunista, os chineses estão ameaçando entrar no combate em defesa de Cuba, além de informarem que todo o bloco socialista também poderia entrar no confronto. O jornal dá um destaque bastante grande a notícia deste apoio, demonstrando que os comunistas estão se unindo para lutar. Contudo, os Estados Unidos não estão sozinhos na luta como parece, e o jornal publica, numa nota pequena com onze linhas, o apoio de oito países: “oito países prontos para participar do bloqueio”

WASHINGTON, 24 (UPI) – Oito países latino-americanos já ofereceram aos Estados Unidos sua participação ativa nas operações relacionadas com o bloqueio de Cuba. São os seguintes: Venezuela, Peru, República Dominicana, Argentina, Colômbia, Honduras, Costa Rica, Guatemala. (*Diário de Notícias*, 25 de outubro de 1962).

Reproduzimos na íntegra o texto acima, e esse foi publicado na mesma página que a notícia anterior e, comparando-as, “salta aos olhos” a diferença dada no tratamento de cada uma. Enquanto a notícia do apoio dos chineses recebe destaque, visando demonstrar que os comunistas mais uma vez preferem a guerra, o apoio dos países do hemisfério é divulgado de forma tímida e passa quase despercebido.

No dia 26, a manchete era: “Acôrd: atendido apêlo de U-ThanT”. Na página de notícias internacionais, encontramos detalhes da chamada de capa. Contudo, no corpo do jornal, fazendo sátira ao possível acordo entre Kennedy e Kruschev, SamPaulo cria uma charge interessantíssima, publicada pelo jornal e que mostramos a seguir:



(*Diário de Notícias*, 26 de outubro de 1962, p. 3).

A charge demonstra claramente o que poderia acontecer com Fidel Castro caso Krutchev aceitasse um acordo com Kennedy. Seria como se Fidel fosse abandonado em pleno ar, sem rede de proteção, pronto para cair.

O jornal publica, na página de notícias internacionais, sob o título “Kennedy e Krutchev concordam com o pedido feito por U-Thant”, a continuação da chamada de capa. Nesta matéria o jornal informa que os governantes aceitam debater; contudo, os Estados Unidos afirmam que, em Cuba, foram instalados foguetes secretamente e que somente



levantará o bloqueio quando estes foguetes forem retirados. Neste caso, os EUA deixam claro que não confiam nos comunistas cubanos e que estes devem desmontar as armas ofensivas voltadas para os Estados Unidos. Mais uma vez os comunistas são associados a traidores, uma vez que instalaram armas de forma secreta em Cuba.

Ainda nesta página, o jornal publica uma notícia informando que os EUA apresentaram fotografias de bases de foguetes instalados em Cuba. Esta notícia reforça a ideia da construção das bases de forma secreta, visando estabelecer em Cuba uma “cabeça de ponte” para o comunismo no hemisfério, uma vez que aumentava a belicosidade da Ilha. Nesse caso temos a concepção de expansionismo comunista.

Na capa do jornal do dia 28, é publicada a imagem de uma região de Cuba com indicativos dos locais dos foguetes, comprovando as denúncias dos Estados Unidos. A imagem é de baixa qualidade e, mesmo manuseando o jornal original, não é possível uma visualização melhor do que a imagem que mostramos a seguir:



(*Diário de Notícias*, 28 de outubro de 1962, capa)

A imagem dos locais e dos foguetes está ao lado de uma notícia que informava: “Perigo ainda no Caribe: Kennedy rejeita proposta Russa”.

WASHINGTON, MOSCOU, LONDRES E HAVANA, 27 (Condensado do noticiário da UPI) – O presidente Kennedy rechaçou a proposta do primeiro ministro Krutchev, no sentido de que os Estados Unidos e a Rússia eliminem simultânea e respectivamente, suas bases de projéteis na Turquia e em Cuba. Kennedy afirmou que não podem haver “negociações razoáveis” enquanto os Estados Unidos estejam ameaçados pelas atuais bases soviéticas de foguetes em Cuba. Contudo fontes bem informadas mencionam que o presidente norte-americano deixou a porta aberta para posteriores negociações gerais, no que diz respeito ao desarmamento e que, eventualmente, poderiam incluir as reduções de ultramar. Entrementes, a rádio de Havana informou que as baterias antiaéreas instaladas na região oriental de Cuba entraram em ação contra aviões não identificados que “violaram amplamente o espaço cubano”. A propósito do fato, o Departamento de Estado dos Estados Unidos advertiu que todo fogo antiaéreo contra aparelhos norte-americanos, na zona de Cuba provocará imediatas “contra-medidas”. Sobre o emprego de forças militares para o desmantelamento das bases de projéteis de Cuba, diplomatas norte-americanos são de opinião que não é necessário qualquer outra autorização da OEA para que os Estados Unidos entrem em ação, pois aquele organismo já autorizou tal medida, se fôr necessária. Não tendo sido iniciadas quaisquer negociações para acordo, a situação no Caribe continua extremamente perigosa. (*Diário de Notícias*, 28 de outubro de 1962, capa).

A construção feita pelo jornal conduz o leitor no sentido de identificar os comunistas como belicosos. Existe uma fotografia do local e, mesmo que esta imagem não seja de boa qualidade, ela serve de comprovação do que está sendo afirmado. No noticiário condensado, o leitor percebe que os Estados Unidos não confiam na União Soviética, afinal foi a URSS que instalou secretamente os foguetes em Cuba para ameaçar os EUA.

O Diário do dia 30 de outubro traz na capa um desenho da ilha de Cuba com as indicações de bases militares e armamentos sob o título de: “O perigo vermelho no Caribe”.



(*Diário de Notícias*, 30 de outubro de 1962, capa).

Este é um momento de guerra e é natural que o jornal publique informações sobre as bases militares em Cuba. O diferencial está no termo “Soviet bases in América”, ou seja, há um reforço da ideia de que não são bases cubanas, mas bases militares soviéticas que usam Cuba como “cabeça de ponte”. O jornal estabelece a conexão com o imaginário, onde os comunistas russos demonstram querer a guerra e preparam os cubanos para isto.

Ainda na capa do jornal, uma notícia alentadora: “Mundo respira aliviado: O bloqueio de Cuba será suspenso por 48 horas”. O resumo da notícia trata da viagem para Havana do secretário geral da ONU, U Thant, para tratar do desmanche das bases militares soviéticas. Ao lado desta notícia outra chama a atenção. Trata-se de uma declaração do governador do Rio Grande do Sul: “Brizola condena Fidel: Comprometeu-se demais com a União Soviética”. No texto, Brizola também faz referência ao imperialismo norteamericano que apoiava Fulgêncio Batista para explorar o povo, e no corpo da sua mensagem diz o seguinte:

Quando apoiamos o povo cubano na sua luta para se ver livre da espoliação e da injustiça social, da intolerância, da opressão, e domínio dos grupos econômicos e do próprio governo da poderosa nação norte-americana, jamais admitimos ou admitiremos que Cuba venha se transformar num satélite da União Soviética. (*Diário de Notícias* 30 de outubro de 1962-capa).

Neste trecho da mensagem de Brizola os russos são categoricamente repelidos, Brizola deixa claro que é a favor da independência de Cuba em relação à exploração norteamericana, mas jamais concordaria em apoiar uma Cuba comunista. O comunismo também é visto pelo governador do Rio grande do Sul como algo ruim.

Ainda na capa do jornal, o Sr. Assis Chateaubriand assina um editorial cujo título é: “Entreguistas e coiteiros”, que diz o seguinte:

CASA AMARELA (SÃO PAULO), 27 de outubro –

O Brasil que era um dos líderes da América Ibérica está privado, neste momento, de toda espécie de liderança.

Deixou de guiar até a si próprio. O solista de outros tempos não bate no bombo da charanga.

Lança-se, desafinado, a vários tipos de operações. Quer fingir que tem vez em alguns dos capítulos da História contemporânea das Américas, quando países soberanos só existem hoje no mundo dos dois impérios o russo e o americano.

Faz avanços de toda a natureza, procurando oferecer a impressão de que é ouvido ou cheirado.

Ninguém, porém, de qualquer parte deste hemisfério quer saber de nós.

Degradamo-nos por capricho.

Dissolvidos no mar de lodo, não encontramos nem quem nos queira acompanhar a dez metros de distância.

Já estamos a caminho de 32 meses com duas novas administrações.

Devorados pela maior crise da história do país, estes sucessivos governos não pensaram um minuto nas desgraças domésticas. Puseram o espírito criador neste problema: a ditadura de Castro.

Não tiveram nada mais a tratar.

O estado federal entrincheirou-se aí tanto num como noutro período, para não dar ouvidos a questões básicas no plano nacional como internacional.

Fidel Castro ocupou o nosso interesse pelo que representava nas cogitações dos homens públicos.

Terá sido, entretanto, o ditador cubano, o verdadeiro móvel do paroxismo castrista?

Nem por sonho!

Matraca-se o déspota antilhano por um sórdido cálculo demagógico.

As razões do nosso frenético jogo são internas.

A União Soviética, Fidel Castro, ninguém está querendo colocá-los na jogada senão para obter renda, aqui dentro.

O negócio é arriscar lá fora, para capitalizar no Brasil.

Os propagandistas bolchevistas politizaram as massas e boa parte das elites.

Quem quer dar-se ao trabalho de reeducar a gente envenenada pela doutrina soviética?

Mas disto se tira a conclusão de que o presidente também está afetado pela pressão do comunismo.

Não avança na órbita democrática, porque convicto de que o Partido Trabalhista é a força popular e porque se voltar-se contra a aventura cubana perderá o apoio deste elemento.

Mas um influente Trabalhista General Caiado de Castro, denunciou, há pouco, a infiltração dos russos no trabalhismo nacional.

Crete que suas raízes políticas vem daí, o Sr. João Goulart age como prisioneiro de uma facção estrangeira, obediente a direção estrangeira, no seio da sociedade política brasileira.

Está afundando todo dia, e não cuida de substituir coveiros por gente que venha tirá-lo da capela fúnebre, onde o seu corpo está sendo encomendado.

O Partido Trabalhista, que virou uma agência de Havana e Moscou, em Brasília, assume a responsabilidade deste paradoxo.

O Brasil, de pires na mão, pedindo até pão, de esmola, aos norte-americanos, e os norte-americanos com os mísseis russos quase assestados contra eles.

Enquanto isso o chefe de governo tranca-se com a nata comunista local e desafia este ato elementar dos nossos aliados que é o desarmamento das armas soviéticas no Caribe.

Estamos em presença de um país arruinado por um grupo de malfeitores, os quais impedem o presidente de governar, e o presidente, envolvido na campanha antiamericana, que isola o país no hemisfério, a fazer as duas políticas, a interna e a externa, ao sabor dos mais repulsivos criminosos.

No final de contas quem são estes impostores?

Apenas uma malta de entreguistas vermelhos, dos quais Hermes Lima será, pelo menos, o coiteiro.

Chateaubriand não usa meias palavras para afirmar, categoricamente, que os comunistas estão no governo e são os responsáveis por tudo de ruim que acontece no país - desde o fato do Brasil deixar de ser uma referência latinoamericana, até o isolamento do Brasil no hemisfério. Os comunistas são acusados de repulsivos e criminosos. O presidente é acusado de estar envolvido com os comunistas e obedecendo a uma facção estrangeira. Os comunistas estariam infiltrados no governo, nas altas esferas governamentais. No corpo do jornal as matérias, de um modo geral, são amenas em relação ao comunismo, explicando que está havendo um clima de negociações entre Moscou e Washington, e Fidel terá que acatar. Na página de relações internacionais, situada logo abaixo da notícia sobre o desmonte das bases de foguetes russos, o jornal coloca outra sobre um debate em Londres entre o ministro de relações exteriores inglês, Lord Homes, e o dirigente da oposição trabalhista, Harold

Wilson. O destaque dessa notícia está na análise feita por Harold Wilson, que diz ser um erro pensar que a União Soviética sofreu algum revés. Ao contrário, os russos conseguiram atingir seu intento: “Conseguiram uma das coisas que pretendiam - garantir a integridade territorial de um estado comunista na América.”. Essa análise é compatível com o pensamento de Jorge Kennan, que define o comunismo como expansionista.



(*Diário de Notícias* 31 de outubro de 1962 p. 3).

Sam Paulo, como sempre, consegue sintetizar em poucos traços aquilo que o leitor deveria estar percebendo, isto é, que Kennedy e Krutchev estariam negociando e deixando Fidel Castro isolado, fora das negociações. Lembrando que, na charge anterior, Sam Paulo retrata Krutchev como um traidor, que deixou seu parceiro sem apoio num salto no ar. A associação das duas charges levaria o leitor a concluir que os comunistas não são dignos de confiança e quem confia neles se dá mal. Novamente a associação de comunismo e traição.

Na página Internacional, uma notícia destaca-se: “URSS insistirá na eliminação de bases ianques no Ultramar”. A notícia vem de Washington e aponta para futuras negociações entre Krutchev e Kennedy sobre as Bases norteamericanas que cercam o território da URSS. A certa altura do texto, o jornalista se refere a um documento enviado por Krutchev, que fala destas bases militares, e explica as razões das ações dos norteamericanos.

As mensagens enviadas por Krutchev, durante o fim de semana, a Kennedy, tem a aparência dócil, mas a questão das bases surge como

evidencia nas mesmas. O primeiro-ministro disse ao presidente norte-americano:

“Vós rodeastes nossos aliados com bases militares. Vós tende bases militares praticamente ao redor de nosso país e instalastes nelas armas militares: Os dirigente americanos tem declarado abertamente.”

Isso é certo, mas os dirigentes norte-americanos se esforçaram durante a crise cubana para estabelecer uma diferença entre as bases norte-americanas e a ameaça dos foguetes russos em Cuba.

Os Estados Unidos lançaram seus homens, projéteis, aviões e barcos para enfrentar a União Soviética somente depois que esta impôs o bloqueio de Berlim, capturou a Hungria e realizou outras manobras que não deixam dúvidas acerca das intenções dos comunistas.

A finalidade das bases norte-americanas é de dissuasão e por sua vez tem o objetivo de que existam forças norte-americanas nos lugares adequados para agirem quando for necessário no caso de uma guerra. Estas forças cumpriram suas finalidades nas crises ocorridas no Líbano, estreito de Formosa, Congo, Vietname, e Tailândia. (*Diário de Notícias*, 31 de outubro de 1962).

Como podemos perceber, o jornalista defende a ação bélica americana como uma reação à ação de agressão soviética. O comunismo é apresentado como sendo bélico, agressivo e expansionista, o que justificaria a ação dos norteamericanos em termos de defesa.

#### 4.1.4 Última Hora

O jornal *Última Hora* também publica notícias sobre Berlim nos dias que antecedem a crise dos mísseis. Sob o título “A URSS não abre mão de Berlim”, o jornal informa que a União soviética não pretende abrir mão de Berlim Oriental; contudo, o que chama a atenção é que, ao lado desta matéria, o jornal coloca outra, cujo título é bastante sugestivo: “As guerras tendem a aniquilar a humanidade”<sup>39</sup>. Num passar de olhos, pode parecer uma notícia sobre os problemas da guerra; contudo, se trata de uma divulgação de revista comunista como segue:

A humanidade já tem a amarga experiência de duas guerras mundiais. Os homens do povo, sobre os quais desaba com maior violência o furacão da Guerra, sabem que cada conflagração ocasiona mais sofrimentos, provoca maiores destruições num maior número de países, mais gente

---

<sup>39</sup> Trata-se de um comentário sobre um artigo publicado em uma revista comunista Chamada Problemas da Paz e do Socialismo. Segundo Dina Lida Kinoshita em seu artigo sobre as organizações comunistas no Brasil, a Revista seria uma publicação comunista cuja sede seria em Praga. <http://portal.pps.org.br/helper/printData/142355>

provoca maior número de viúvas e órfãos, deixando em seu rastro conseqüências cada vez mais terríveis.

O n° 8 da Revista PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO publica impressionante artigo de E. Arab – Orgil, sôbre a devastação ocasionada pelos conflitos internacionais. (*Última Hora*, 20 de outubro de 1962, p. 6).

Em nenhum outro jornal encontramos divulgação sobre publicações comunistas e é interessante notar que a publicidade encontra-se próxima da matéria sobre a posição de Moscou, talvez visando atingir o público que tem interesses nos comunistas internacionais.

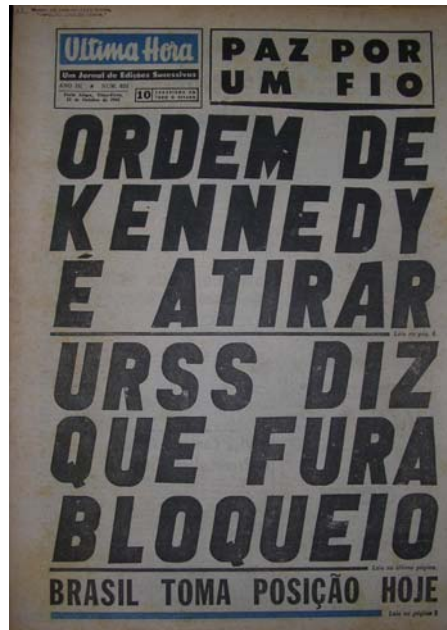
O Jornal no dia 22, em sua página de notícias internacionais, somente fez referência ao conflito China e Índia. Ao contrário dos demais jornais estudados, o *Última Hora* não acusa a China de ter invadido a Índia. O título da matéria é: “Índia e China a um passo da guerra”.

PARIS, 22(FP-UH) – “Os violentos conflitos que se verificam nas fronteiras entre a China Popular e a Índia parecem caminhar para uma situação crítica com a mobilização dos oficiais de reserva do exército Hindu” – declaram os comentaristas franceses, que acrescentam: “Se não houver modificação de posições, será a guerra.”. Não obstante tem sido possível definir exatamente a posição dos combatentes tendo em vista que se verificam bastantes avanços e recuos tanto do lado Hindu como do lado Chinês. (*Última Hora*, 22 de outubro de 1962).

Como podemos perceber, há um cuidado em não tomar posição, pois o jornal informa sobre avanços e recuos. O *Correio do Povo* do dia 24, já estudado, afirma que os motivos são ideológicos da China para com a Índia no conflito. Já o *Última Hora* parece não querer tomar posição.

A capa do Jornal *Última Hora* do dia 23 é toda dedicada a Crise dos Mísseis e os títulos das chamadas são: “Paz por um fio” - “Ordem de Kennedy é atirar” - “URSS diz que fura bloqueio” - “Brasil toma posição hoje”; como pode ser visto a seguir:





(*Última Hora*, 23 de outubro de 1962).

A notícia sobre a tomada de posição do Brasil informa que, após uma reunião com o embaixador norteamericano, o presidente brasileiro deverá tomar uma decisão sobre o caso do bloqueio de Cuba, no entanto, abaixo desta notícia, que mereceu a capa do jornal, havia outra mais interessante. O jornal publicou sob o título “Telegrama a Jango” a íntegra do telegrama enviado a João Goulart pelo Presidente do Diretório Municipal de Porto Alegre do Movimento Nacionalista Brasileiro, que diz o seguinte:

“como democrata, como cristão, como brasileiro, patriota e nacionalista, dirijo-me ao presidente do meu país para externar a minha mais profunda repulsa pelo vandálico ato de pirataria internacional decretado pelos Estados Unidos da América do Norte com o bloqueio naval de Cuba.

Nós brasileiros já sofremos na própria carne os maléficos efeitos da ocupação norte-americana de nossa querida pátria, causa maior e principal determinante da miséria de mais de cinquenta milhões de compatriotas, vemos no bloqueio naval de cuba uma ameaça e um exemplo concreto da reação dos Estados Unidos da América do Norte aos nossos anseios e à nossa luta pela emancipação nacional.

Coerente com o princípio de autodeterminação dos povos, tão sábia e brilhantemente defendido pelo Brasil e seu patriótico governo, espera o povo brasileiro as medidas diplomáticas cabíveis, suspendendo-se, inclusive, a visita do presidente norte-americano ao nosso país, pois seriam, no momento, afrontosas à pequenina nação irmã, cujo único crime foi o de se libertar por suas próprias mãos, quaisquer homenagens que viessem a ser prestadas ao seu agressor.

Sob a ridícula desculpa de que a minúscula Cuba seria uma ameaça militar para o gigantesco Estado norte-americano, na realidade, o que se está perpetrando é um atentado bélico à libertação dos povos da América Latina inclusive o Brasil.

Pode V.s<sup>a</sup> contar com todos os patriotas, e em especial, com todos os nacionalistas na luta contra as agressões, partam de onde partirem. Somente é livre e merece a liberdade o povo “de respeite e defenda a autodeterminação para si e para os demais”

Deus ilumine Vs<sup>a</sup> para continuar guiando os destinos de nossa pátria, como vem fazendo, sempre no sentido do atendimento das aspirações nacionais, sob a égide do direito e da justiça.

“Queira receber minhas respeitadas saudações.”(*Última Hora*, 23 de outubro de 1962, p. 5).

Neste caso, o nacionalismo deste cidadão chega a impedi-lo de observar melhor a situação que se apresenta. No caso dos mísseis não é apenas a questão da retomada de negócios perdidos, mas também a ameaça nuclear muito próxima da maior potência mundial. O autor deste telegrama preocupa-se em atacar os EUA, ao contrário dos demais jornais o *Última Hora* publica este tipo de manifestação.

Na página 6 o grande título afirmava: “Guerra pode começar hoje”. O jornal descreve a movimentação de navios, submarinos e armas dos EUA em direção a Cuba, afirmando que os EUA praticamente haviam declarado guerra a Cuba. Descreve as sete medidas divulgadas por Kennedy e ainda publica algumas explicações de Kennedy para tamanha reação.

Após enumerar as sete decisões que resolveu tomar, Kennedy insistiu que “é difícil discutir em uma atmosfera de intimidação”. Mas que enfrentaremos com energia contra esta última ameaça soviética e contra qualquer outra ameaça que se possa produzir independentemente ou em consequência das medidas que tomaremos esta semana. A toda iniciativa hostil em qualquer parte do mundo, dirigida contra a segurança e a libertação dos países a que nos dispusemos a defender e, em particular a Berlim ocidental responderemos com as medidas oportunas. (*Última Hora*, 23 de outubro de 1962, p. 6).

Neste caso, a referência negativa para o comunismo é, no discurso de Kennedy, reforçar que o comunismo é hostil e que é necessário se defender. Um pouco mais abaixo no texto, Kennedy justificou a ação:

Kennedy justificou a vigilância que os EUA vêm exercendo sobre Cuba dizendo que “os EUA tem provas formais da preparação de rampas de lançamento de foguetes em Cuba que não podem ter outro objetivo senão o de proporcionar uma força de choque contra o hemisfério ocidental”. Kennedy destacou que estas novas rampas estariam destinadas a projéteis balísticos de alcance médio capazes em direção a Washington, Canal do Panamá, Cabo Canaveral, e quem sabe até mesmo o México. (*Última Hora*, 23 de outubro de 1962, p. 6).

A ameaça comunista é clara no discurso de Kennedy publicado pelo jornal, contudo, suas chamadas para a notícia não têm o duplo sentido ou não induzem a interpretações errôneas. No final desta página, o jornal publica o que a URSS pensa sobre o tema com o título “O que diz a URSS”.

MOSCOU, 23 (FP- UH) – “As manobras norte-americanas que se desenvolvem na região do Caribe constituem uma aberta provocação com respeito a Cuba ameaçando a paz no mundo” publicou ontem a rádio Moscou. Aludindo à “história bélica” que vem reinando nos EUA e atmosfera secreta que rodeia as medidas norte-americanas o comentário diz que se trata de “um ensaio geral que pode caminhar para algo mais importante”. Concluindo diz que “os povos do mundo devem seguir com atenção as provocações dos dirigentes norte-americanos”. (*Última Hora*, 23 de outubro de 1962).

A notícia acima foi reproduzida na íntegra. O jornal publicou a posição Russa sem tecer qualquer comentário a respeito. Os russos se defendem e, como era de se esperar, acusam os americanos. A notícia é pequena e, diante de uma página inteira de um jornal, poderia passar despercebida se o título não desse um destaque maior.

Na página de notícias internacionais, duas matérias são destaques: “Congresso quer a invasão”. Essa se refere aos congressistas norte-americanos e esses estariam favoráveis a uma invasão por parte dos EUA caso Cuba não aceitasse o desmantelamento das bases russas. O jornal publica a matéria que reproduzimos a seguir:

WASHINGTON, 24 (FP-UH) – o Congresso norte-americano pela manifestação dos líderes dos dois grandes partidos, mostrou-se favorável a uma invasão a Cuba pelas forças militares dos EUA, caso esse país não aceite as imposições norte-americanas de “desmantelamento das bases de lançamento de foguetes em tempo razoável”. O senador republicano Everett Dirksen resumiu a opinião de seus colegas de partido ao afirmar que a

situação é tão tensa que “pode ocorrer qualquer coisa a qualquer momento”. Por sua parte o senador democrata Hubert Humphrey afirmou que os EUA não tolerarão que “Cuba conserve os foguetes de que dispõe ou que receba ainda mais”. Os dirigentes do Congresso norte-americano ressaltam que “os riscos de uma guerra nuclear são grandes porém consideram que os EUA devem correr este risco”. (*Última Hora*, 24 de outubro de 1962, p. 6).

O jornal publica a notícia do posicionamento dos EUA, demonstrando que os norte-americanos jamais aceitarão que Cuba possua qualquer foguete tão próximo deles. Ao lado desta notícia, com letras menores, o jornal publica o que a Rádio de Moscou afirmou sobre o tema, com o título “Assim atuava Hitler”.

MOSCOU, 24 (FP-UH) - “Assim atuava Hitler em véspera de agressão contra um estado livre e soberano” – comentou a Rádio Moscou em nota divulgada hoje. “O ministro da defesa norte-americano usa de falsidade para tentar induzir a opinião pública mundial ao erro mostrando clichês falsificados de rampas de lançamento de foguetes. O discurso de Kennedy mostrou que os EUA estão dispostos a ir até o fim na sua política agressiva com Cuba. Atualmente o governo de Washington está empreendendo grandes esforços a fim de convencer aos seus aliados da necessidade de uma frente comum e obter apoio incondicional temendo que falte argumento a Stevenson perante a ONU o presidente envia em seu auxílio McCloy, o universalmente famoso advogado da guerra fria. Este esforço para levantar uma frente unida contra Cuba é um bumerangue que se voltará infalivelmente contra os que o lançaram”. (*Última Hora*, 24 de outubro de 1962, p. 6).

O jornal publica quase lado a lado as notícias. Contudo, o grande destaque é dado à notícia sobre o congresso norte-americano. Interessante observar que os demais jornais também publicaram o processo de negociação, mas, em nenhum deles, foi encontrada uma matéria onde Moscou negue a existência dos foguetes da forma como a notícia acima o fez. Perguntamo-nos então qual a razão do jornal publicar tal notícia. Podemos inferir que seja em função de acreditar, realmente, que seja mais uma jogada norte-americana para retomar Cuba e os seus negócios.

Já segunda notícia trata do Brasil em relação a Cuba, e informa o seguinte: “Brasil é contra o emprêgo de fôrça”.

WASHINGTON, 24 (FP-UP) – “O Brasil apóia o bloqueio norte-americano a Cuba mas é contrário ao emprego de forças contra o território cubano” disse, o embaixador Penha Marinho, representante do

Brasil junto a OEA ontem à noite ao ser entrevistado por uma cadeia norte-americana de emissoras. O diplomata brasileiro disse haver uma diferença entre bloqueio e intervenção armada. “O bloqueio de Cuba é admissível e uma decorrência do artigo dois do tratado Interamericano de Defesa - prosseguiu o nosso embaixador para afirmar que “o Brasil pediu que o item referente à intervenção armada fosse votado em separado, tendo se absterido da votação desse parágrafo”. Para o sr. Penha Marinho, a atitude do Brasil foi a de “solidariedade para com os Estados Unidos e demais nações do Hemisfério”. (*Última Hora*, 24 de outubro de 1962, p. 6).

A postura do Brasil é de apoio a uma ação pacífica, não intervencionista. O país se mostra contrário ao comunismo e apoiando os EUA, no sentido de não permitir que nenhuma arma chegue até Cuba. Entretanto, permanece fiel a sua política de autodeterminação dos povos, impedindo que os norteamericanos tomem a ilha num assalto.



(*Última Hora*, 24 de outubro de 1962, p. central).

A charge acima está sem assinatura e foi publicada na página central do jornal *Última Hora*. Todavia, é bastante significativa. Em tempos de Guerra Fria e tensionamentos com ameaças nucleares, o símbolo norteamericano da liberdade assustada com a bomba na mão diz muito, no sentido de que as atitudes dos homens a estão envergonhando e assustando. É uma crítica a postura norteamericana frente aos embates.

O jornal do dia 25, já na coluna “Na hora H”<sup>40</sup>, iniciava com o título: “Cuba por Lippmann”, que dizia o seguinte:

O FAMOSO jornalista norte-americano Walter Lippmann, num artigo publicado anteontem no “jornal do Comercio” do Rio, comentou um trecho do depoimento do subsecretário de Estado George Ball:

“A organização militar, em suma, consiste de armas para o exército, mísseis antiaéreos, armas de defesa da costa, alguns barcos de patrulha de curto alcance, alguns caças interceptadores e cerca de 4.500 especialistas, técnicos e homens dedicados ao setor da construção. Para que tudo isso? Para atacar os Estados Unidos? Claro que não. Se usassem apenas armas convencionais, os Estados Unidos poderiam liquidar Cuba em algumas horas. Esta organização militar destina-se a invasão de um vizinho latino-americano? É possível, mas somente se Fidel Castro estivesse preparado para a enorme retaliação que logo sofreria. É obvio que Castro está se armando contra uma repetição do reide à Baía dos Porcos, em abril do ano passado. Tanques, defesas litorâneas, barcos de patrulha e equipamentos antiaéreos seriam exatamente os meios necessários para repelir outro desembarque de exilados cubanos.

A atual organização militar cubana não só não é capaz de ação ofensiva, como também não é capaz de ação defensiva contra os Estados Unidos”. (*Última Hora*, 25 de outubro de 1962, p. 2).

O autor desta coluna defende Cuba ao afirmar que a Ilha não dispõe de armamentos suficientes para tentar enfrentar Fidel Castro. Até o momento, não havíamos encontrado nenhum jornal que questionasse a existência de armamento nuclear (no caso dos foguetes) ou das bases para lançamento desses foguetes. Dessa forma, podemos supor que o jornal não é anticomunista. Na mesma página, o jornal publica uma matéria sobre um discurso que o governador Brizola pronunciou aos estudantes do Rio de Janeiro e que foi transmitido por uma cadeia de rádio e TV, sob o título: “Brizola no Rio: exemplo de Cuba assusta os EUA”.

RIO, 25 (UH) – “os americanos sabem que a experiência cubana vai aprovar e temem que o exemplo de Fidel Castro se estenda aos países espoliados da América Latina. Essa é a verdade que precisa ser dita e não as desculpas frágeis de que Cuba, uma pequenina ilha, se constitui numa ameaça aos poderosos Estados Unidos da América do Norte e do hemisfério ocidental”. – disse ontem à noite perante uma assembléia de estudantes o governador Leonel Brizola, em Palestra de duas horas de duração, transmitida por uma cadeia de rádio e TV. Frequentemente interrompido por brados de “Cuba sim, Ianques não”, o governador traçou um paralelo entre as situações (atuais) existentes em Cuba e no Brasil para afirmar que se “as

---

<sup>40</sup> Segundo Holfeldt e Buckup a coluna era assinada por Flávio Tavares e tratava do noticiário internacional. (2002, p.179)

coisas continuarem aqui como vão indo, estamos caminhando para uma solução que já foi encontrada por Fidel Castro”. (*Última Hora*, 25 de outubro de 1962, p. 2).

Este trecho do discurso nos oferece uma boa noção do pensamento de Leonel Brizola sobre o caso de Cuba. O governador do Rio Grande do Sul, que segue defendendo a autodeterminação dos povos, afirma que o embaixador Pena Marinho votou mal ao votar favorável ao bloqueio naval. Também denuncia a chegada de noventa e seis norte-americanos voluntários da paz.

O governador gaúcho leu, na oportunidade um recorte de jornal guanabarrino em que era noticiada a chegada de 96 Voluntários da paz, a bordo de um avião militar americano.

- “Sei que no nordeste do Brasil já existem milhares destes mercenários cuja missão entre nós é a de minar o nosso nacionalismo e agir como legítimos espiões. Não admitirei, enquanto for governador do Rio Grande do Sul, que esses homens ponham o pé no meu Estado, porque depois dêles vem a esquadra” afirmou Brizola acentuando: “Faço um apêlo aos meus patrícios de todo o Brasil que hostilizem ao máximo esses mercenários” – recomendando “pacíficos a princípio e, depois, com os meios que dispusermos, com violência se for necessário. Foi assim que Cuba de Batista começou para chegar a ser o que era até há pouco tempo. Isso não admitiremos aqui”. – iniciou considerando “perniciosa e ofensiva a soberania brasileira os americanos que aqui chegam, sem suas mulheres e seus filhos, trazendo somente a missão de perturbar a vida brasileira”. (*Última Hora*, 25 de outubro de 1962, p. 2).

Brizola alerta, neste discurso, o que ele acredita ser um perigo: a invasão silenciosa de americanos no Brasil, cujo objetivo é apenas a exploração do povo. Este tipo de enfoque não foi possível detectar nos demais jornais. O *Correio do Povo* e o *Diário de Notícias* falam de algumas manifestações estudantis a favor de Cuba, mas não com esta ênfase.

A partir do dia 25, o jornal busca uma abordagem democrática, dedicando uma página inteira a um ponto de vista diferente com referência ao bloqueio cubano. Assim, neste dia, o jornal publica três páginas sob o título “Do ponto de vista”, sendo uma para cada lado (EUA e URSS) e a terceira para o ponto de vista brasileiro.

A primeira página sobre o tema é o ponto de vista brasileiro, conforme podemos observar abaixo.



(Última Hora, 25 de outubro de 1962, p. 3).

Nessa página, o tema é a defesa da política externa brasileira através do discurso proferido por Jango durante a abertura da 51ª Conferência Interparlamentar, sediada em Porto Alegre, onde se encontravam reunidos os representantes de governos de todo o mundo. O jornal publica o seguinte:

Instalando o conclave, o presidente João Goulart chamou a atenção para o fato de que estavam presentes à conferencia deputados e senadores de todo o mundo, representando formas de governo e regimes diversos em uma coexistência pacífica. “Se isto acontece entre as pessoas – salientou – é lícito esperar que o mesmo suceda entre as nações não obstante se orientarem por diferentes filosofias de vida”. Todos os demais oradores fizeram veementes apelos com o mesmo objetivo. (Última Hora 25 de outubro de 1962, p. 3).

Na sequência desta introdução, o jornal informa o conteúdo do discurso de Jango e de vários representantes de diversos países defendendo a paz e o diálogo. Os destaques são para as falas dos representantes da URSS, da Polônia e do Japão. Interessante observar que, ou o representante norteamericano não compareceu ao evento, ou o jornal deliberadamente não publicou nada a respeito de sua presença e, seja como for, a posição norteamericana não ficou



expressa nesta página. Assim sendo, é lícito pensar que há uma tendência antiamericana no jornal.

Já a página 4, deste mesmo dia, foi toda dedicada ao ponto de vista de Cuba e de Moscou, conforme demonstramos na imagem a seguir:



(Última Hora 25 de outubro de 1962, p. 4).

A matéria que fala da América trata de listar diversos países que se solidarizam com Cuba, como podemos ler no trecho a seguir:

HAVANA, 25 (FP-UH) – Os diários e emissoras cubanas destacaram “a solidariedade da América Latina com Cuba repudiando as decisões” que possam ser tomadas pela Organização dos Estados Americanos. “As nações irmãs se preparam para a luta final, escreve o órgão comunista, “Hoy”. Em todas as partes do mundo os povos se levantam se solidarizando com a revolução cubana, repudiando o bloqueio imperialista. Entre estes destacam-se o Chile cujos trabalhadores declaram que o ataque a Cuba é o aviso para greve geral. Na Venezuela os patriotas só tem um lema: “Para cada cubano morto, cairá um ianque”. No Rio de Janeiro enorme multidão se congregou ontem em frente à chancelaria para apoiar Cuba. (Última Hora 25 de outubro de 1962, p. 4).

Lendo a citação acima, é possível observar que a imprensa cubana considera algumas manifestações de populares como representações das nações, como no caso do Brasil, que vota a favor do bloqueio e contra a invasão. No entanto, a mídia cubana divulga que o povo brasileiro está apoiando Cuba. Há uma profunda diferença entre a posição do país e algumas manifestações populares. Neste sentido, podemos afirmar que a imprensa cubana reproduzida pela Frace Press, através do jornal *Última Hora*, distorce as informações a favor do interesse cubano.

Na sequência da página, o jornal publica declarações do adido cultural russo em Londres, Andre Zarbov, onde afirma que as armas ofertadas a Cuba não são nucleares e que: “as fotografias aéreas das supostas rampas de lançamento em Cuba prova que os EUA se declaram culpados de violação do espaço aéreo”. A outra notícia trata de declarações ouvidas através da rádio de Moscou, nas quais os EUA são acusados de pirataria e a rádio repete que as armas enviadas a Cuba são defensivas, e que Moscou “não necessita transladar a outros países os poderosos meios militares que possui”.

A página dedicada ao ponto de vista dos EUA traz um contraponto em relação ao cubano, sendo que as páginas estão lado a lado na distribuição do jornal.



(Última Hora, 25 de outubro de 1962, p. 5)

O jornal também publica a relação dos países que apoiam os EUA, e esses se propõem participar com navios e armas na luta. São eles: Argentina, República Dominicana, Colômbia, Honduras, Costa Rica, Guatemala, Venezuela e Peru. Contudo, destaca-se nesta matéria sobre os países que colaboram com os EUA, um subtítulo que informa ações da OEA, como segue:

WASHINGTON, 25 (FP-UH) – Após haver dado seu apoio à “quarentena de Cuba decidida pela OEA o conselho de Organização dos Estados Americanos adotou ontem medidas complementares criando subcomissões especiais para atuar junto às outras nações latino-americanas para deter a propaganda subversiva proveniente de Cuba” (Última Hora, 25 de outubro de 1962, p. 5).

A OEA está combatendo o comunismo de todas as formas e a notícia acima demonstra que a propaganda comunista não é bem-vinda. Nesta página, o jornal deixa transparecer as ações de combate ao comunismo que estão sendo acionadas, seja pela OEA, seja pelos Estados Unidos ou outros países. Um exemplo disso, além da citação acima, é outra sobre o Canadá, que foi publicada ao lado desta sobre as decisões da OEA, onde informa que o Canadá não permitirá que aviões russos aterrissem em seu território ou sobrevoem seu espaço

aéreo em direção a Cuba. Também faz referência ao apoio da Grécia, da Alemanha e da França, informando que o Gen. De Gaulle determina que seu representante na ONU desse total apoio aos EUA. Apesar desses países não serem da América Latina, as informações sobre seus apoios estão diagramadas ao lado destes. Se o jornal tivesse interesse em destacar outros apoios aos EUA, deveria colocar tais informações sob outro título, demonstrando que fora do âmbito latinoamericano havia apoio. Entretanto, o jornal fornece a informação sem o devido destaque.

Já na notícia seguinte, o jornal publica as orientações de Washington aos jornais para que não forneçam tantos detalhes sobre as operações, evitando alimentar o inimigo de informações.

O jornal continua defendendo Cuba nas páginas seguintes e, na página 6, publica com letras grandes, no alto da página, uma entrevista com Maya d'Avila, cujo título é: "Maya D'Avila propõe Brigada Internacional para defesa dos Cubanos".

Em declarações a UH o Sr. Floriano Maya D'Avila ex-Procurador Geral do Estado e Presidente da Comissão Estadual de Solidariedade à Cuba sugeriu um movimento mundial, para a formação de uma brigada internacional de homens livres, dispostos ao sacrifício e que exemplifiquem na defesa de Cuba e de seu povo, uma nova lição de liberdade Humana. Afirmou que o mundo livre, este que não se subordina aos caprichos da "milionocracia", tem o dever de defender o povo cubano até o sacrifício. Salientou que a luta dos cubanos contra o imperialismo americano data dos primórdios de sua independência política. (*Última Hora*, 25 de outubro de 1962, p. 6).

Interessante observar o destaque que o jornal dedica à defesa de Cuba e a insistência em evidenciar o imperialismo americano. Esta é uma postura política nítida em favor de Cuba. O jornal, em oposição aos demais estudados, através de suas reportagens coloca os EUA como o lado mau, ruim, que deseja atacar outros países para poder explorar financeiramente os povos. Na sequência desta matéria, o jornal publica uma informação com letras menores, inserida na coluna "Pílulas"<sup>41</sup>, que informava o seguinte:

---

<sup>41</sup> Coluna inserida na página de política onde eram divulgadas pequenas notas sobre temas políticos.

Grande interesse para inscrições no Partido Socialista Brasileiro, em nosso Estado, fez seus dirigentes organizarem uma reunião para a próxima semana. Os socialistas gaúchos iniciarão uma grande campanha de alistamento para seus quadros, em consequência do elevado número de adesões que tem recebido ultimamente. (*Última Hora*, 25 de outubro de 1962, p. 6).

Nenhum outro jornal, dentre os estudados, publicou esta informação, somente o jornal *Última Hora* teve tal interesse. O aumento das adesões voluntárias ao Partido Socialista, pelo que é possível inferir do publicado, é um indicativo de que uma parte da população está inclinada ao socialismo.

Na página central, o jornal publica três grandes fotografias ilustrando as informações sobre uma manifestação a favor de Cuba, que terminou na frente do jornal *Última Hora*. Na mesma página, o jornal publica uma charge fazendo referência à postura norteamericana sobre Cuba e a defesa desta pela URSS.



(*Última Hora* 25 de outubro de 1962 – p. central).

A charge pertence a Jorge Ivan, que representa Kennedy como um demônio a incomodar o sono de Fidel Castro, e Krutchev, o anjo da guarda, que vela o sono tranquilo de Fidel. Novamente Kennedy é o lado ruim e Krutchev o lado bom, protetor.

No jornal do dia 26, dez páginas são dedicadas à questão da crise dos mísseis, sendo que são mantidas as três páginas dedicadas uma para cada lado da questão e a terceira para a posição brasileira. Na página para o ponto de vista brasileiro, o destaque fica para a postura de Jango em defesa da política externa independente: “Jango: Fidelidade à política externa de Independência”.

RIO, 26 (UH) - Ao assumir pessoalmente o comando dos entendimentos em torno da posição do Brasil na crise internacional, o presidente João Goulart quis deixar claro – e disso deu conhecimento a todos seus assessores e autoridades – que sua preocupação principal é “não se afastar um só milímetro da política exterior seguida pelo Brasil, desde o governo do Sr. Jânio Quadros”. (*Última Hora*, 26 de outubro de 1962, p. 3).

A declaração do presidente, destacada em negrito pelo jornal, é clara e concisa, reforçando a questão da independência e autodeterminação dos povos. Na sequência dessa notícia, no corpo geral da matéria, o jornal informa que o Brasil expulsou “três agitadores antifidelistas”, que pertenciam ao Conselho Revolucionário Cubano. Já o *Correio do Povo*, também se refere a essas pessoas; contudo, usa o termo “exilados cubanos.” E, segundo o jornal, seriam pessoas que buscam apoio da sociedade para salvar Cuba das mãos de Fidel Castro. A oposição de concepção sobre o mesmo caso é indiscutível, uma vez que o *Correio do Povo* se mostrou nitidamente anticomunista, e o jornal *Última Hora* tem se mostrado a favor de Cuba.

Na página dedicada ao ponto de vista cubano, o jornal publica uma notícia sobre o filósofo Bertrand Russel sob o título: “Bertrand Russel: Krutchev evitou a Guerra Nuclear”.

LONDRES, 26 (FP-UH) – Em declaração pública na noite passada o filósofo britânico Bertrand Russel declarou que deve-se pessoalmente a Nikita Krutchev o fato de se haver evitado uma guerra nuclear. Em uma crise particularmente grave o ministro soviético soube exercer a maior moderação, respeitou as promessas de abster-se de toda ação precipitada e não fazer nada que pudesse engendrar um conflito. Cuba, continua Russel, “prossegue ainda sob bloqueio norte-americano. A posição de Krutchev supõe agora uma obrigação moral por parte do governo norte-americano de aceitar sua posição com vistas a um encontro de cúpula”. (*Última Hora*, 26 de outubro de 1962, p. 4).

Nesta notícia Krutchev aparece como o grande pacificador que espera que Kennedy negocie a paz. Apenas para compararmos com o que o *Correio do Povo* publicou, vamos repetir abaixo um trecho da notícia sobre o mesmo, cujo título no *Correio do Povo* foi: “Kruschev preconiza encontro com Kennedy a fim de evitar a guerra”

MOSCOU, 24 (A.P.) – Nikita Kruschev disse, esta noite, que “uma reunião do mais alto nível seria útil para discutir as questões surgidas para eliminar a ameaça de guerra nuclear”. Kruschev fez tal declaração numa mensagem enviada ao filósofo britânico Sir. Bertrand Russel. O texto da mensagem foi transmitido pela rádio de Moscou. A mensagem de Kruschev, em resposta a uma solicitação de Russel para envidar esforços e evitar uma guerra nuclear dizia o seguinte: “Consideraríamos que uma reunião do mais alto nível seria útil para discutir todos os assuntos surgidos para eliminar a ameaça de guerra nuclear”. (*Correio do Povo*, 25 de outubro de 1962, capa).

O *Correio do Povo* não coloca o fato de Krutchev querer dialogar sobre a salvação da guerra nuclear, mas publica um trecho da mensagem de Krutchev, onde se mostra aberto a negociações; já o jornal *Última Hora* afirma que Russel declarou que foi Krutchev que evitou a Guerra ao ser moderado e querer o diálogo. Como é possível observar, o jornal *Última Hora* demonstra uma clara tendência a favor da URSS, oposta a posição do *Correio do Povo*. Neste sentido, podemos inferir que os jornais travam um debate ideológico frente à questão da crise dos mísseis.

Na página seguinte, o jornal publica o ponto de vista dos EUA e a grande manchete é: “EUA aceitam o diálogo sem suspensão do cerco”. Contudo, a matéria discorre sobre o pensamento americano, o qual está sintetizado em seis pontos que deverão ser levados a ONU. Num canto da página, sob o título “A resposta de Kennedy”, o jornal publica a resposta de Kennedy enviada ao secretário geral da ONU sobre as negociações no caso de Cuba. Nela, o presidente norteamericano se mostra aberto à negociações pela paz e coloca Adlai Stevenson como o primeiro interlocutor para negociar as primeiras propostas.

Na página sete, uma notícia chama a atenção: “Peritos ingleses duvidam das fotos”.

LONDRES, 26 (FP-UH) – Peritos militares Britânicos duvidam do valor das fotografias publicadas pelos norte-americanos, relativas a umas bases soviéticas em Cuba, afirma o jornal conservador “Times”, acrescentando que os especialistas de interpretação fotográfica do Ministério do Ar duvidam da autenticidade destes documentos. Outros peritos – segundo o jornal – afirmam que as fotos “ainda que autenticas, não oferecem

a menor prova positiva da presença de foguetes estratégicos”. (*Última Hora*, 26 de outubro de 1962, p. 7).

Novamente o jornal procura publicar informações com a intenção de demonstrar que os EUA estariam forçando a situação de Cuba apenas para poder atacar a Ilha.

No dia 27, na página 2 do jornal, foi publicada uma matéria sob o título “A ordem interna contra os fomentadores de guerra”. Um trecho desta é bastante significativo e, por isso, o reproduzimos a seguir:

O ambiente de confiança que pouco a pouco se forma, no mundo, com vistas ao desfecho sensato da crise cubana não deve ser alterado, em nossa frente interna, pela ação de fomentadores de guerra, aproveitadores de dificuldades e agitadores impatriotas – interessados em transferir para nosso território a histeria, a exacerbação e o terror psicológico, que tem sido, em grande parte, causas reais da perigosa evolução dos acontecimentos, nos últimos dias. Mais do que nunca, é necessário que o sentimento de unidade nacional férrea em torno do Governo seja fortalecido e ampliado, para que possamos, como país soberano, oferecer às partes em conflito uma contribuição positiva em benefício da preservação da paz mundial. (*Última Hora*, 27 de outubro de 1962, p. 2).

O *Última Hora* estava fazendo uma crítica ao anticomunismo internacional que vinha gerando pânico diante do caso cubano e estaria fazendo o mesmo na sociedade portoalegrense.

O jornal faz uma enquete com duzentas pessoas sobre o bloqueio a Cuba, publica os resultados e a relação das pessoas entrevistadas e seus votos. Na enquete do periódico sobre o bloqueio, 79% das pessoas são contrárias, 18% são a favor e 2% se abstiveram. Essa enquete mereceu página inteira ao lado de uma grande publicidade de cigarros. O tablóide procurou demonstrar que a população apoia Cuba e condena o bloqueio, numa clara demonstração de campanha a favor da soberania cubana.

O jornal do dia 29 aponta para a solução de paz, sendo a primeira chamada: “Fidel quer garantias dos EUA para a paz”. Nessa matéria Fidel Castro apresenta vários pontos que precisariam ser aceitos pelos EUA para preservar Cuba. A segunda: “Serão desmontadas as bases em Cuba”, nessa notícia o jornal informa que Krutchev aceita desmontar as bases de Cuba. Abaixo reproduzimos uma parte da matéria:



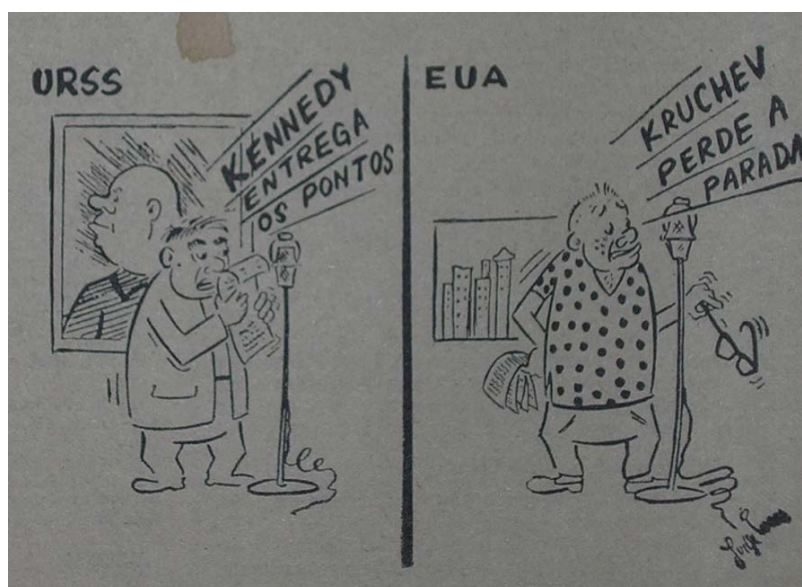
MOSCOU, 29 (FP-UH) - O primeiro-ministro soviético Nikita Krutchev, enviou mensagem ao presidente Kennedy concordando em desmontar as bases situadas em Cuba aceitando a garantia de Kennedy de não interferir na ilha a fim de que possa ser efetuada uma conferencia pela paz. (*Última Hora*, 29 de outubro de 1962, p. 6).

O jornal publica a postura de Krutchev numa matéria de duas colunas; contudo, a posição dos EUA, apesar de utilizarem duas colunas, ocupa a metade do espaço dado a URSS, cujo título é: “EUA aceitam proposta da URSS para negociar”.

WASHINGTON, 29 (FP-UH) – A decisão de Krutchev de desmontar as bases soviéticas em Cuba encontrou plena receptividade no governo norte-americano que expressou “sua sincera esperança de que os governos do mundo poderão, uma vez resolvida a crise cubana, dedicar sua atenção ao problema de terminar com a carreira armamentista e reduzir a tensão mundial”. (*Última Hora*, 29 de outubro de 1962, p. 6).

O jornal inclui as duas posições lado a lado e na mesma página, dedicando um espaço maior a URSS. O fato de o jornal dedicar um espaço maior a URSS já indica uma inclinação. Contudo, a meia página superior do jornal é toda dedicada a Cuba, sendo assim 75% desta página é dedicada aos comunistas. É um novo indicativo de que o *Última Hora* tem uma tendência ao socialismo.

No dia 30 o jornal publica outra charge de Jorge Ivan sobre a crise.



(*Última Hora*, 30 de outubro de 1962).

Segundo Jorge Ivan, não há perdedores sob este ponto de vista, haveriam muitos perdedores se a guerra fosse deflagrada.

Apesar dos jornais e rádios apresentarem as notícias como se fossem neutras, percebemos que, na verdade, não são nada imparciais. Segundo Garcia (1989, p. 11):

Não é mais tão fácil perceber que se trata de propaganda e que há pessoas tentando convencer outras a se comportarem de determinada maneira. As ideias difundidas nem sempre deixam transparecer sua origem nem os objetivos a que se destinam. Por trás delas, contudo, existem sempre certos grupos que precisam do apoio e participação de outros para a realização de seus intentos e, com esse objetivo, procuram persuadi-los a agir numa certa direção. E eles conseguem, muitas vezes, controlar todos os meios e formas de comunicação, manipulando o conteúdo das mensagens, deixando passar algumas informações e censurando outras, de tal forma que só é possível ver e ouvir aquilo que lhes interessa

Esse autor está falando da propaganda ideológica e seus mecanismos. Quando analisamos a forma como estes jornais estão apresentando os fatos aos seus leitores, é impossível não pensar que estejam fazendo propaganda ideológica. O *Correio do Povo* e o *Diário de Notícias*, no sentido de demonstrar os aspectos negativos do comunismo numa ampla campanha anticomunista, são categóricos, não deixando de usar discursos impregnados de dimensões valorativas. Já o jornal *Última Hora* não pode ser apontado como comunista, ao contrário, em determinados momentos defendeu a Ilha contra o bloqueio dos EUA. Sua posição mais à esquerda o levou a minimizar alguns aspectos negativos referentes ao comunismo e destacar os apoios e aspectos positivos. Assim, também fez sua propaganda ideológica.

Neste capítulo procuramos demonstrar a postura de cada jornal frente ao comunismo, tentando identificar em cada texto, as categorias de análise eleitas para balizar nosso trabalho. Novamente, elas apareceram ao longo dos textos do *Correio do Povo* e do *Diário de Notícias*, que demonstraram claramente serem jornais com tendências anticomunistas e que fizeram campanha contra o comunismo junto aos seus leitores. A análise e interpretação do discurso transmitido, através dos textos jornalísticos publicados como forma de tentar entender o universo midiático e suas performances textuais, é uma forma de decodificar o trabalho de transmissão lenta e gradual que os jornais fazem na sua interação junto à população.

Entretanto, o jornal *Última Hora* parece andar na contramão desses jornais e defende abertamente a autodeterminação de Cuba, acusando os EUA de ser imperialista e querer submeter os povos ao seu imperialismo.

## **5 - O Anticomunismo na Conjuntura Nacional**

### **5.1 – Contexto histórico e a trajetória política de João Goulart**

Para que possamos compreender melhor as nuances envolvendo o conceito que prevaleceu sobre a figura de João Goulart (Jango) durante o movimento da legalidade, ocorrido em 1961, é importante compreender quais as vinculações com o movimento operário e como se estabeleceu esta relação. Também é necessário pensar como os militares, políticos e a classe média da época entendiam as posturas de Jango. Igualmente é preciso ter-se em mente o panorama econômico do Brasil, seus avanços e retrocessos, objetivando aproximar o leitor da realidade da época. Procuraremos alcançar estes pontos propondo pincelar o que de mais importante ocorreu com João Goulart entre o primeiro governo de Getúlio Vargas e a Legalidade, a fim de subsidiar a análise e compreensão da ação dos meios de comunicação frente aos fatos.

Iniciaremos com uma apreciação sobre o movimento operário brasileiro que iniciava a sua organização política, conforme explica Antunes (1980, p. 48):

Suas primeiras formas de organização foram as Sociedades de Socorro e Auxílio Mútuo, que visavam auxiliar materialmente operários nos momentos mais difíceis como nas greves ou em épocas de dificuldades econômicas. A estas associações mutualistas sucederam as Uniões Operárias, que por sua vez, com o advento da indústria, passaram a se organizar por ramos de atividades, dando origem aos sindicatos.

Segundo Antunes, os sindicatos nasceram tendo como objetivo reivindicações salariais, jornada de trabalho, etc. O movimento sindical brasileiro nasce ligado ao anarquismo e ao socialismo. Este autor lembra também que desde o princípio os governos procuravam controlar o movimento sindical.

Por que ponderar sobre a questão do movimento operário? Porque acreditamos que a ligação dos sindicatos com a Esquerda (anarquista ou socialista), a expressiva votação do partido comunista e o papel desempenhado por Jango no segundo governo de Vargas - como Ministro do Trabalho – juntos vão alimentar o imaginário dos militares envolvidos nos fatos

do Movimento da Legalidade. Somente conhecendo como se estabeleceram as tramas do passado pode-se compreender melhor os processos históricos.

Sob o Estado Novo<sup>42</sup>, Getúlio Vargas trabalhou sua imagem para ser conhecido como um protetor dos trabalhadores. Segundo Boris Fausto, foi o trabalho intensivo dos meios de comunicação que contribuiu fortemente para a construção da imagem de Getúlio como o grande benfeitor dos trabalhadores, principalmente aquele realizado através do rádio. Alexandre Marcondes Filho, Ministro do Trabalho em 1942, fazia palestras semanais na “Hora do Brasil” e, nestas palestras, discorria sobre histórias reais, leis sociais, aposentados, operários, etc., “Com estes e outros elementos se construiu a figura simbólica de Getúlio Vargas como dirigente e guia dos brasileiros, em especial dos trabalhadores, como amigo e pai, semelhante na escala social ao chefe de família” (FAUSTO, 2002, p. 375).

Ainda no Primeiro Governo de Getúlio Vargas, foram criados os pilares do sindicalismo brasileiro, com o estabelecimento de leis e normas para regulamentarem as atividades dos trabalhadores. Durante esse Governo os sindicatos, que antes eram autônomos, passaram a ser cada vez mais dependentes do Estado.

Em 1930, Vargas cria o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio visando o enquadramento dos sindicatos. Para isso criou a Lei nº 19.770 que dispunha sobre a sindicalização das classes operárias e patronais. Nesse governo se estabeleceram leis de proteção aos trabalhadores, entre elas, as leis que regularam o trabalho das mulheres e dos menores, o limite de oito horas para a jornada de trabalho e as férias. Sobre essas determinações Fausto (2002, p. 336) diz o seguinte:

Embora as associações de industriais e comerciantes acabassem por aceitar a legislação trabalhista, elas a princípio combateram as medidas governamentais, especialmente aquelas que concediam direitos aos trabalhadores.

Os homens de negócios, a princípio, não aceitaram muito bem as novidades trabalhistas de Vargas. Contudo, pouca ou nenhuma opção de escolha tiveram nessa questão; já os operários, ao contrário, as aceitaram muito bem. Tal foi a aceitação que mesmo as

---

<sup>42</sup> No dia 10 de novembro de 1937, tropas da polícia militar cercaram o Congresso e impediram a entrada dos congressistas. O ministro da Guerra – general Dutra – se opusera que a operação fosse realizada por forças do Exército. À noite, Getúlio anunciou uma nova fase política e a entrada em vigor de uma carta constitucional, elaborada por Francisco Campos. Era o início do Estado Novo. (FAUSTO, 2002, p 364)

organizações operárias que se opunham a ter ligações com o Estado tiveram que ceder à pressão das bases e colaborar, buscando o reconhecimento do Estado e se enquadrando nas normas legais. Como podemos perceber, segundo Bresser Pereira (2003, p. 49) o decênio do pós-Guerra é um período de prosperidade econômica, que levou ao aumento da industrialização e do operariado.

O fim da Guerra coincidiria com a queda de Getúlio Vargas. Seu governo, embora ditatorial, tivera como uma de suas constantes o apoio à industrialização brasileira. O governo provisório que se segue, vendo-se de posse de tantas divisas, abre nossas portas a todo tipo de importação. Em meio ao desperdício, todavia, tem início a tão necessária reequipagem da indústria nacional. E com este fato começa um período de grande desenvolvimento para a economia brasileira e para a indústria em particular.

No governo de Eurico Gaspar Dutra que sucedeu Vargas, os militares sempre estiveram muito próximos do poder ou no poder. Segundo Boris Fausto (2002, p. 401), no período em que Dutra governou o Brasil (1946 a 1951), seu governo é associado ao respeito à legalidade. Seu respeito à Constituição era muito grande.

É comum lembrar que, em caso de dúvida sobre alguma decisão, o general perguntava ao que dizia o “livrinho” – a Constituição – e seguia o que aí estava escrito. Mas, quando se tratava dos comunistas e dos trabalhadores organizados, o legalismo era muitas vezes esquecido.

Bóris Fausto afirma que foi durante o governo do Marechal Dutra que se promulgou a Constituição de 1946. Entretanto, quando se tratava dos direitos dos trabalhadores, este não seguia a Constituição.

Enquanto a Constituinte estava reunida, o Presidente baixou um Decreto-Lei que regulamentava o direito de greve, mas esta regulamentação não permitia a greve em “atividades essenciais”. No entanto a definição de “essenciais” incluía quase todos os setores, a exceção de perfumarias. Foi no governo de Dutra que a repressão aos comunistas se intensificou. Sobre essa questão Fausto (2002, p. 402) afirma:

O PCB surgia em 1946 como o quarto partido do país. Elegera dezessete deputados e um senador e alcançara a maioria na Câmara de vereadores do Distrito Federal. Em São Paulo, os comunistas obtiveram o

terceiro lugar no total de votos nas eleições estaduais de 1947, superando a UDN. Calcula-se que o partido contava, em 1946, com cerca de 180 a 200 mil militantes.

Segundo Skidmore (1976), “o Partido Comunista estava facilmente encontrando terreno fértil para suas atividades. Os preços subiram rapidamente e os comunistas se infiltravam com sucesso na liderança de muitos sindicatos” (p. 93). Na Constituição havia uma cláusula que “vedava a existência de qualquer partido político cujo programa ou ação contrariasse o regime democrático”. (FAUSTO, 2002, p. 402). Assim, em 1947, o PCB foi declarado fora da lei por decisão judicial e cassado. Também os sindicatos ligados ao Partido sofreram intervenção. Falando dessas intervenções Fausto (2002, p. 403) diz: “Embora fosse real a influência dos comunistas em muitos sindicatos, era evidente que em nome do combate ao comunismo, o governo tratava de quebrar a espinha das organizações de trabalhadores contrários a sua orientação”. Já Skidmore (1976, p. 94), ao tratar do tema afirma que:

A supressão oficial do Partido Comunista coincidiu também com o início da guerra fria. Os anticomunistas brasileiros podiam, portanto, encontrar no exterior uma pronta justificativa para seus atos.

O governo Dutra valeu-se dessas circunstâncias para derrubar os líderes trabalhistas da ala esquerda. A confederação dos trabalhadores do Brasil, esquerdista, organizada em 1946, foi declarada ilegal e o governo federal “interveio” em 143 sindicatos (num total de 944) “para eliminar os elementos extremistas”.

Em janeiro de 1948, uma lei aprovada pelo Congresso Nacional determinou a cassação dos mandatos dos senadores, deputados e vereadores do Partido Comunista levando o PCB a clandestinidade. A Guerra Fria e o PCB na clandestinidade elevaram os comunistas em geral à categoria de algo muito ruim. Sobre o anticomunismo no Brasil, Sá Motta (2002, p. 5) afirma o seguinte:

No caso da “onda” anticomunista relacionada à guerra fria, pode-se dizer que no Brasil ela começou antes que nos Estados Unidos. Enquanto naquele país o rompimento efetivo com a URSS ocorreu a partir de 1947, com a Doutrina Truman e o Plano Mashall, por aqui a perseguição ao Partido Comunista começou um ano antes, quando se iniciou o processo de cassação do registro eleitoral do PCB. Quando o governo Dutra resolveu cortar relações diplomáticas com a URSS, em 1947, dando prosseguimento à sua ofensiva contra o comunismo, a chancelaria norte-americana considerou

a atitude precipitada, o que evidencia a autonomia das autoridades brasileiras no tratamento da questão.

Observando as afirmações de Sá Motta, podemos inferir que o anticomunismo brasileiro era fruto de uma construção nacional, e não algo importado dos EUA a partir da Guerra Fria. O General Dutra era bastante radical quando a questão eram os comunistas, contudo, em outros aspectos, seu governo poderia ser chamado de liberal como nos mostra Fausto (2002, p. 403)

Do ponto de vista da política econômica, o governo Dutra se iniciou seguindo um modelo liberal. A intervenção estatal foi condenada, e os controles estabelecidos pelo Estado Novo foram sendo abolidos.

Segundo Fausto (2002), apesar da situação do Brasil ser boa financeiramente, a política liberal fracassou, levando o governo Dutra a mudar sua orientação. Dutra acreditava que as liberdades de mercado levariam ao fim da inflação e ao desenvolvimento do País. Essa política levou ao esgotamento das divisas. Assim, o governo decidiu intervir e mudou o sistema, estabelecendo um sistema de licenças para importar. De acordo com Fausto (2002, p. 403),

Na prática, o critério das licenças favoreceu a importação de bens essenciais, como equipamento maquinaria e combustíveis, e restringiu a importação de bens de consumo. Levando-se em conta que o cruzeiro foi mantido em níveis altos em sua relação com o dólar, houve um desestímulo às exportações e um estímulo à produção para o mercado interno. A nova política econômica surgiu sobretudo como resposta aos problemas do balanço de pagamentos e da inflação, mas acabou por favorecer o avanço da indústria.

Esta nova política favoreceu o desenvolvimento da indústria brasileira e consequentemente do operariado e suas organizações sindicais. De acordo com Skidmore, (1976, p. 99) no fim do Governo Dutra, “o Brasil já podia ostentar um índice notável de crescimento econômico”.

Até este momento da história podemos observar que a política e os sindicatos andavam muito próximos, preocupando os militares e os anticomunistas em geral.



Em 1951, Getúlio Vargas sucedeu Eurico Gaspar Dutra na Presidência da República. Este organizou um ministério conservador tentando conduzir um papel democrático diante das diferentes forças sociais. “Entretanto, para o cargo estratégico de ministro da guerra, nomeou o general Estillac Leal, um antigo tenente, presidente do Clube Militar, ligado a corrente nacionalista do Exército”. (FAUSTO, 2002, p. 406).

Boris Fausto (2002) afirma que o exército estava dividido entre nacionalistas e seus opositores. Os nacionalistas defendiam a ideia do desenvolvimento econômico interno, autônomo, independente do capital estrangeiro. Seus adversários não davam importância ao desenvolvimento interno e defendiam a ideia de que deveria haver uma abertura controlada para o capital internacional. No campo internacional, os nacionalistas eram favoráveis a um distanciamento dos Estados Unidos. Já seus opositores defendiam o contrário: o Brasil deveria se alinhar aos EUA no combate mundial ao comunismo. O exército brasileiro vivia, nesse momento, um conflito interno muito forte. O autor afirma que, durante a eleição para o Clube Militar, a tendência adversária do nacionalismo ganhou com ampla margem de votos, o que significava que estavam se tornando majoritários no âmbito da oficialidade do Exército. Aqui já aparece claramente uma divisão de ideias no exército e essa será um fator muito importante quando Jânio Quadros renunciar em 1961.

Sobre o tema Skidmore (1976) afirma que a classe média sentia uma atração pelo nacionalismo econômico em função de que vislumbrava, com a industrialização, a modernização brasileira e, conseqüentemente, via também o país assumindo o controle da sua economia que seria beneficiada com o preenchimento de postos administrativos. Também assegura que o nacionalismo poderia ser muito útil como forma de construir um consenso popular. Era um sentimento que poderia unir os brasileiros de diversos setores, dando-lhes um senso de comunidade. A citação a seguir é longa, mas esclarecedora a respeito de outro ponto de vista sobre a questão do nacionalismo econômico.

Mas a estratégia do nacionalismo econômico tinha também seus perigos. Era perigosa porque podia aprofundar a divisão política do país. Se o nacionalismo tivesse sido meramente uma questão de xenofobia ou de simples ambições da classe média, seus perigos não teriam sido grandes. Infelizmente, contudo, os mais ativos instigadores políticos do nacionalismo eram também revolucionários internos, partidários da fórmula econômica do nacionalismo radical. Alguns eram intelectuais marxistas, outros membros do Partido Comunista, enquanto outros ainda eram esquerdistas radicais, que não se sujeitavam a qualquer disciplina política ou intelectual. Suas doutrinas dirigidas contra os investimentos estrangeiros e a política

capitalista com relação ao Brasil, enquadravam-se numa estratégia mais ampla, que visava a reestruturar radicalmente o sistema econômico e social dentro do país. Em outras palavras, esta campanha antiestrangeira destinava-se a ser o primeiro estágio de um processo de radicalização política, cujo objetivo final seria uma redistribuição radical do poder entre as classes. Desse ponto de vista, a questão das diferentes táticas a curto prazo não era importante. Quer a política imediata fosse a revolução ou a cooperação limitada com o “sistema”, o objetivo final permanecia implícito. (SKIDMORE, 1976, p. 144).

Ainda segundo esse autor, a opinião do centro, principalmente entre a classe média, preocupava-se com os propósitos finais da campanha. Inúmeros questionamentos eram levantados sem resposta imediata. Esta classe média era composta das classes tradicionais que se opunham à industrialização e alimentavam o medo de que o Brasil estivesse sendo levado para o colapso das classes. A direita aproveitava-se dos temores com as lembranças do Estado Novo e os melindres da burguesia ultrajada. Além disso, o advento da Guerra Fria aumentava as tensões e alimentava ainda mais os temores.

Getúlio Vargas tentou incentivar o desenvolvimento econômico e o controle da inflação, porém sem muito sucesso. De acordo com Bóris Fausto (2002), Getúlio modificou seu ministério e nomeou João Goulart para o Ministério do Trabalho.

Retomamos um pouco da história econômica e política do Brasil até aqui para que o leitor possa compreender melhor em que ambiente João Goulart (Jango) é inserido na política ficando “caracterizado” como um elemento ligado aos sindicatos.

João Goulart “ligara-se aos meios sindicais do PTB e surgia como uma figura capaz de conter a crescente influência comunista nos sindicatos.” (FAUSTO, 2002, p. 410). Ainda segundo o autor, esta indicação foi em função da confiança que Vargas tinha em Jango.

Apesar do papel que poderia desempenhar, Jango foi transformado em uma personagem odiosa pela UDN, cuja influência em um setor da classe média era ponderável, e pelos militares antigetulistas. Nestes círculos, ele era visto como defensor de uma “República Sindicalista” e como a personificação do peronismo no Brasil. (FAUSTO, 2002, p. 410).

É nesse momento da história que a imagem de Jango fica definitivamente ligada ao sindicalismo de esquerda. Segundo Skidmore (1976), “a nomeação de Goulart revelava o temor de Vargas de estar perdendo o controle da situação, especialmente em face do crescente radicalismo de esquerda despertado pela campanha da Petrobrás” (p. 149). Esse autor lembra

que Jango era um fazendeiro, criador de gado no Rio Grande do Sul, e que isto reforçava a opinião de que ele praticava política trabalhista com propósitos eleitorais.

Qualquer que fossem os motivos pessoais de Goulart era uma figura suspeita para a classe média. Por parecer o primeiro passo de uma campanha para cortejar o proletariado, a sua nomeação alarmou os industriais, os eleitores da classe média e os militares de inclinações conservadoras. Em seus espíritos, Goulart estava ligado à ameaça de um regime sindicalista, do tipo que Perón havia criado na Argentina. (SKIDMORE, 1976, p. 149)

É nítido que Jango despertava temor nessas classes. Em plena Guerra Fria, ter um Ministro do Trabalho, que poderia incentivar o país a caminhar na direção de uma “república sindicalista”, como pensavam alguns, era alarmante.

Para Ângela de Castro Gomes (2006), a posse de Jango não deve ser entendida como uma atividade político-administrativa semelhante a tantas outras por duas razões:

A primeira tem a ver com a escolha do nome do ministro, ou seja, com o que ele representava em função de sua curta trajetória política. Um ponto que foi potencializado pelas circunstâncias em que chegou ao cargo: no bojo de uma reforma ministerial que provocou polemica entre os contemporâneos e ainda provoca debates na literatura especializada que trata do período. Isso porque tal reforma, tem sido interpretada tanto como uma virada a esquerda do segundo governo Vargas, quanto uma maturação das intenções conciliadoras do mesmo governo, que insistia na busca de um consenso político, aproximando-se do PSD e até da UDN, o que deixava o PTB desprestigiado e descontente. Esta última perspectiva tem ganhado espaço na literatura acadêmica, o que implica pensar por que – sobretudo para os contemporâneos (militares e civis de vários partidos) – interessava ou era possível ver tal reforma como uma “radicalização popular” de Vargas. A resposta está em boa parte, como já se antecipou, nas ações do novo titular da pasta do trabalho.

A segunda razão se vincula ao contexto específico vivido pelo movimento sindical naquele momento, uma vez que, desde a posse de Vargas em 1951, ocorrera uma retomada das ações sindicais. Tal reativação interrompera um período de repressão – o do governo Dutra -, também marcado pela cassação do registro do Partido Comunista Brasileiro, que desde 1947/48 entrara na ilegalidade, mas vinha reorientando suas ações em relação ao movimento sindical, do qual se mantivera afastado. Uma aproximação potencializada pelas dificuldades que a economia atravessava e que eram sentidas pelos trabalhadores em virtude do aumento do custo de vida e da perda de valor do salário mínimo. Dessa forma, a situação política era tensa: problemas na economia e agitação sindical, por um lado; decréscimo do prestígio político de Vargas e do governo, por outro. (GOMES, 2006, p. 34).

Gomes nos lembra que Jango assume a pasta do trabalho durante um processo de mudanças no governo, mudanças que seriam necessárias para mudar os rumos que o país estava tomando. Nesse governo, já haviam ocupado a pasta do trabalho dois ministros, sem resultados. Segundo a autora, a esperança de Vargas era que Jango conseguisse reestabelecer o diálogo e o prestígio junto ao movimento sindical. Jango assume o ministério com a ameaça de uma greve dos marítimos, e caso a greve fosse deflagrada, pararia os portos do país, o que econômica e politicamente era grave.

Ângela de Castro Gomes (2006) afirma que Jango negociava e, muitas vezes, se antecipava às demandas dos trabalhadores, obrigando os empregadores a fazerem concessões. Segundo a autora, este tipo de atitude não era visto como uma forma de evitar conflitos, mas, ao contrário, uma maneira de estimulá-los. Assim, Jango não era o Ministro do Trabalho, mas dos Trabalhadores. Sob esta ótica, ele foi sistematicamente atacado e acusado pelas classes conservadoras de tentar implantar uma “República sindicalista”. O ponto alto deste processo de desgaste da imagem de Jango, diante dos empregadores, foi quando, após um estudo do ministério, propôs um aumento do salário mínimo de 100%. Segundo Gomes (2006), o Ministro da Fazenda Oswaldo Aranha foi contra a proposta e os parlamentares da UDN, que faziam oposição a Vargas e Jango, também diante do “desmedido da proposta”.

Não havia dúvidas de que Jango só podia ser um “manipulador da classe operária”, “um estimulador de greves”, “um amigo dos comunistas”, que tinha como plano – naturalmente, com o total assentimento de Vargas – a implantação de uma “República sindicalista” no Brasil. (Gomes, 2006, p. 52).

Essas acusações, associadas a outras que eram feitas a Vargas por seus opositores, aumentaram sensivelmente as tensões no governo. Houve ainda o manifesto dos coronéis, assinado por 82 deles, sendo que nesse era evidenciado o descontentamento que havia para com o governo diante do tratamento dado aos militares. Também afirmavam sobre a impossibilidade de um trabalhador ganhar o mesmo “salário” que um segundo-tenente do exército. O manifesto afirmava, que poderia haver esvaziamento do exército. No mesmo dia em que a proposta do aumento do salário mínimo foi oficializada, o documento foi divulgado. Nesse dia dois ministros pediram demissão: Jango, do Trabalho e o Ministro da Guerra. O objetivo de Jango era facilitar o governo de Vargas e dar continuidade a sua carreira política.

Apesar dos problemas econômicos e políticos, durante o segundo governo de Getúlio Vargas (1951-1954), o Brasil sofreu um processo de desenvolvimento das indústrias: automotiva, de material elétrico, de bens de capital, química, metalúrgica e siderúrgica, além das criações da Petrobrás e da Eletrobrás.

No início do segundo mandato de Vargas já havia dentro do país uma conscientização de que a economia brasileira deveria mudar. A diferença básica entre aquele momento e os anos anteriores era o fato da industrialização ter deixado de ser um expediente ocasional para transformar-se em uma política definida, no sentido de modificar drasticamente a estrutura existente. A razão fundamental desta mudança foi a tomada de consciência de que, no futuro, o Brasil não poderia alcançar elevado ritmo de crescimento se continuasse a se apoiar basicamente na exportação de seus principais produtos primários. Era necessário desenvolver-se e criar um parque industrial dentro do país, não somente para exportar, mas também para obter uma maior autonomia internacional e para acompanhar a tendência mundial do pós-guerra. (Haffner<sup>43</sup>, 2002, p. 25).

De acordo com o autor, através da política de industrialização bem definida, os brasileiros, na década de cinquenta, puderam incorporar modelos de consumo de países do primeiro mundo. Adquiriram novos hábitos, tais como o de comer fora ou passear no “shopping center”, ou “centro comercial”.

Os hábitos de higiene e limpeza, pessoal ou da casa, também se transformaram. Na casa, o detergente, junto com a bucinha de plástico, foi uma revolução; outros produtos de limpeza, também; o sabão em pó, também. Avanço houve, e significativo, na higiene pessoal, que se pode observar na difusão para as camadas populares do uso da escova de dente e da pasta, que substituiu o sabão, o bicarbonato de sódio, o juá do nordeste, o fumo de rolo em Minas, ou mesmo a cinza, esfregados nos dedos; (Novais, p. 568).

De um modo geral, a sociedade brasileira estava passando por uma grande transformação nos seus hábitos pessoais de higiene, no modo de vestir, etc.. A moda revolucionou os tecidos, o comprimento das saias, a roupa das crianças que fica mais semelhante com a roupa dos adultos e, principalmente, surge o Jeans. A indústria farmacêutica também acompanha esta evolução:

---

<sup>43</sup> Haffner, Jacqueline Angélica Hernandez. A Cepal e a industrialização brasileira (1950-1961) Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

Houve uma verdadeira revolução dos antibióticos, que começou no final dos anos 40, da penicilina, das sulfas, da streptomina, da baltracina etc., que combateram com sucesso duas doenças que eram o terror dos brasileiros, a tuberculose e a sífilis; mas também, as demais de origem venérea, a pneumonia, enfim, todo o espectro das moléstias infecciosas. Houve a revolução das vacinas, da tríplice, da Salk e depois da Sabin, contra a paralisia infantil, o temor de tantos pais e de tantas mães. (Novais p. 573-574).

Com tantas melhorias, é natural que a sociedade estivesse em movimento, com consequências sentidas também na migração interna, pois o campo repele e expulsa seus jovens e as cidades os atraem e os fixa porque oferece melhores oportunidades de trabalho e um futuro mais promissor, afinal as indústrias estão sendo estimuladas a contratar. Neste processo de migração, segundo Mendonça, os maiores beneficiários foram as indústrias de bens de consumo:

Os altos índices de crescimento do pólo urbano-industrial atraíram para as cidades um expressivo contingente populacional do campo, ampliando a massa total de poder aquisitivo. Ainda que os salários individualmente fossem baixos, o conjunto de trabalhadores aptos a consumir a produção industrial sofreu uma inchação, beneficiando, de fato, as indústrias de bens de consumo. (MENDONÇA, p. 54).

De acordo com Bresser, a partir de 1956 o Brasil viu-se diante de três grandes ameaças a seu desenvolvimento: a inflação, o declínio das relações de troca e a crise da infraestrutura.

Para Bielschowsky (1988)<sup>44</sup>, o pensamento econômico desenvolvimentista, amadurecido nos dez anos anteriores a Juscelino, atinge seu auge e o projeto de industrialização planejada torna-se difundido na literatura econômica brasileira.

Mais ainda, pode-se dizer que ganhava predomínio sobre o neoliberalismo. Este, embora esboçasse reação, apresentava-se enfraquecido, numa situação defensiva. Na ofensiva passaria a estar o pensamento econômico socialista, que contribuiria, nesse período de auge, para disseminar alguns elementos essenciais da crise posterior do

---

<sup>44</sup> Bielschowsky, Ricardo . Pensamento Econômico Brasileiro, 1988

desenvolvimentismo, ocorrida entre 1961 e 1964. (BIELSCHOWSKY, 1988, p. 401).

No período que antecede Juscelino, temos a entrada do capital estrangeiro na economia nacional, e seus produtos são largamente oferecidos à população. Devido ao desenvolvimento econômico que experimentavam, os brasileiros acreditavam que estavam vendo o nascimento de uma nova civilização dos trópicos.

Entre 1945 e 1954, vivemos os momentos decisivos do processo de industrialização, com a instalação de setores tecnologicamente mais avançados, que exigiam investimentos de grande porte; as migrações internas e a urbanização ganham um ritmo acelerado. (Novais, p. 2).

Isto só foi possível porque, segundo Bresser, melhoraram as relações de troca do Brasil, o que proporcionava ao país as divisas necessárias ao desenvolvimento.

Após o suicídio de Vargas, concorrem a Presidência da República Juscelino Kubitschek, Juarez Távora, Ademar de Barros e Plínio Salgado. Juscelino venceu o pleito com 36% dos votos. Nesta época eram eleitos separadamente o Presidente e o Vice, sendo Jango eleito vice de Juscelino, com uma votação pouco acima da que Juscelino alcançou.

Segundo Fausto, após as eleições iniciou-se uma campanha contra a posse. Dentro do exército alguns generais não admitiram a eleição conjunta de Juscelino e Jango. Os militares já tinham problemas quanto à aceitação de Jango no poder. Quando faleceu o presidente do Clube Militar, durante a cerimônia fúnebre, o Coronel Mamed fez o elogio do morto e aproveitou para criticar a eleição de Juscelino e Jango. O Marechal Lott não gostou e pretendia tomar uma atitude, contudo estava submetido às normas constituintes.

O ministro da Guerra - General Lott – pretendia punir o coronel, tratando de limitar a politização das forças armadas. Entretanto, por ser membro da direção da Escola Superior de Guerra, Mamed submetia-se diretamente à autoridade do presidente da República. O problema estava em suspenso quando Café Filho sofreu a 3 de novembro, um ataque cardíaco, que o obrigou a abandonar provisoriamente o poder. Em seu lugar, como determinava a Constituição, assumiu o presidente da Câmara dos Deputados, Carlos Luz. Como ele se recusasse a punir o coronel Mamed, Lott demitiu-se do Ministério da Guerra.

A partir daí, ocorreu o chamado “golpe preventivo”, ou seja, uma intervenção militar para garantir a posse do presidente eleito e não para

impedi-la. A principal personagem da ação ocorrida a 11 de novembro de 1955 foi o general Lott, que mobilizou tropas do exército do Rio de Janeiro. As tropas ocuparam edifícios governamentais, estações de rádio e jornais. Os comandos do exército se colocaram ao lado de Lott, enquanto os ministros da marinha e aeronáutica denunciavam a ação como “ilegal e subversiva.” (FAUSTO, p. 421).

Após este golpe, a situação manteve-se muito belicosa. O exército cercou as bases da aeronáutica e da marinha, impedindo um confronto. Carlos Luz foi deposto e refugiou-se na marinha. O Congresso Nacional reuniu-se, considerou Carlos Luz impedido. Nereu Ramos, presidente do Senado, assumiu. Café Filho, dez dias após e já recuperado, pretendeu reassumir seu cargo de presidente da República. Contudo, foi considerado impedido pelo Congresso, e Nereu permaneceu no cargo.

A pedido dos ministros militares, logo depois, o Congresso aprovou o estado de sítio por trinta dias, prorrogado por igual período. Essa série de medidas excepcionais garantiu a posse de Juscelino e Jango, a 31 de janeiro de 1956. (FAUSTO, 2002, p. 422).

O governo de Juscelino pode ser considerado como um governo de tranquilidade política e crescimento econômico. Entretanto, a ação das forças armadas não desapareceu do cenário político, estes pretendiam manter o regime democrático e, principalmente combater ao comunismo.

Como é sabido, o desenvolvimentismo defendido e posto em prática por Kubitschek trouxe, é inegável, a modernização da infra-estrutura e o incremento da industrialização do país; políticas que tiveram continuidade – sem glamour – nos governos seguintes de uma forma ou de outra. (SIMÕES, 2000, p. 13).

A autora liga o nome de Juscelino ao desenvolvimentismo no Brasil, e está correta porque foram anos com altos índices de crescimento.

A política econômica de Juscelino foi definida no Programa de metas. Ele abrangia 31 objetivos, distribuídos em seis grandes grupos: energia, transportes, alimentação, indústrias de base, educação e a construção de Brasília, chamada de meta-síntese. (FAUSTO, 2002, p. 425).



Fausto afirma que o governo promoveu uma ampla atividade do Estado, tanto no setor de infraestrutura como no incentivo à industrialização. Na memória dos brasileiros o governo de Juscelino está associado ao otimismo, crescimento e desenvolvimento. Entretanto o governo de Juscelino teve que enfrentar grandes gastos para sustentar o programa de industrialização e a construção de Brasília. De acordo com o autor o déficit que era de menos de 1% do PIB em 1954, passa para 4% em 1957. A inflação crescia e o governo tentava elaborar um plano para detê-la, apesar de não prever grandes sacrifícios a população brasileira provocou fortes reações contrárias. Isto se deu em função de que muitos setores estavam ganhando muito com a inflação, uma vez que as dívidas ainda não estavam sujeitas a correção monetária. Neste caso “a inflação tornava extremamente atraente o recurso aos empréstimos, sobretudo os obtidos em condições privilegiadas nos bancos e órgãos de financiamento do Estado.” (FAUSTO, 2002, p. 433).

## **5.2 Porto Alegre na década de sessenta.**

Para saber como era Porto Alegre nesta época, faremos uso, além da pesquisa bibliográfica, do olhar dos jornais sobre a cidade, cientes de que será sempre uma percepção cujo ângulo se coadune com os interesses do jornal. Monteiro (2004), num texto que trata das transformações dos espaços urbanos, das formas de sociabilidade pública e da cultura urbana da cidade de Porto Alegre ao longo do séc. XX, afirma que:

Na década de sessenta, ocorre o processo de metropolização de Porto Alegre. O crescimento acelerado da periferia da cidade ao longo das principais avenidas – Farrapos, Assis Brasil, Protásio Alves e Bento Gonçalves entre outras – em direção aos municípios vizinhos, criou grandes vazios urbanos. A cidade seguia sua saga de conquistas de terras ao Guaíba através do aterro para a formação da Avenida Beira Rio. (MONTEIRO, 2004, p. 62).

A cidade é uma capital com ares do interior, o progresso chegava à capital dos gaúchos, sem agredir seus costumes.

De manhã cedo, o leiteiro deixava as garrafas de leite Deal na porta das casas. O padeiro não esperava a freguesia. Enchia a camioneta e dava uma volta pelo bairro no fim da tarde, vendendo pão meio, de quarto, pão sovado e massinha doce. Tocando seu apito inconfundível, o amolador de facas circulava pelas calçadas a bordo de sua bicicleta/oficina. A carrocinha da Prefeitura rondava ameaçadora pelas ruas de paralelepípedo, recolhendo os cachorros vira-latas e assustando os cãozinhos de estimação. (GUIMARAENS, 2001, p. 18).

A descrição que Rafael Guimaraens nos oferece da cidade no início da década de sessenta, indica que os hábitos populares ainda não haviam sido transformados pelo progresso: o pão e o leite ainda são comprados na porta de casa.

Porto Alegre entrava nos anos 60, a década que mudou o mundo, como uma adolescente que rapidamente se torna mulher e se depara com novos dilemas e vicissitudes. Da pacata província emergia uma quase metrópole. Vivia-se bem na capital gaúcha, pelo menos para os padrões da época. A expectativa de vida na cidade ficava em 43 anos e 7 meses. Mas a infra-estrutura urbana começava a se tornar insuficiente para dar conforto aos moradores da cidade. Entre 1950 e 1960, a população subiu de 380 mil para 635.125 habitantes. Nesses dez anos, quase 90 mil forasteiros chegaram a Porto Alegre. (GUIMARAENS, 2001, p. 18).

Segundo Guimaraens, a cidade enfrentava sérios problemas de abastecimento de água em 1961, e crescia desordenadamente em direção à Zona Norte e à Zona Leste. Proliferavam loteamentos clandestinos, e as quatro hidráulicas da cidade (Moinhos de Vento, Tristeza, São João e Lomba do Pinheiro) já não davam conta da demanda da população.

Outro problema apresentado pela cidade era o crescente número de automóveis circulando na cidade, fruto da ação do governo de JK, que incentivou a indústria automobilística.

O porto-alegrense estava apaixonado por carros. Pelas ruas da cidade, circulavam quase 40 mil automóveis e, a cada mês, 400 novos carros eram emplacados. O trânsito enlouquecido produzia 3.500 acidentes e 86 mortes por ano. No primeiro semestre de 1961, nada menos que 51 pessoas morrerem atropeladas ou em acidentes automobilísticos em Porto Alegre. Faltavam sinaleiras, e a Divisão de Transito não tinha dinheiro para colocá-las. Entre material e mão-de-obra, o custo de uma sinaleira chegava a Cr\$ 40 mil. (GUIMARAENS, 2001, p. 25).

A cidade concentrava a maior parte da sua economia no centro, principalmente o setor de serviços. O centro estava, e ainda está, espremido contra o Lago Guaíba em um canto da cidade. No centro estão os hotéis, bancos, lojas e o Mercado Público. Em função disso circulavam pelo centro pelo menos 30 mil automóveis no início da década de 60.

A inflação era outro tormento dos portoalegrenses e dos brasileiros neste início de década. O Plano de Metas, estabelecido por JK, trouxe muitas transformações e entre as suas consequências esta a forte inflação que já se anunciava.

### **5.3 A Renúncia e a Legalidade**

O Brasil entra em nova campanha presidencial, no entanto, o país enfrenta um índice inflacionário alto.

Foi entre estes graves problemas, remanescentes da antiga linha política, a par da adequação do sistema administrativo e constitucional e da direção da política econômica, que surgiu Jânio Quadros como figura política de estatura nacional. Quadros entrou no cenário político como um corpo estranho, por excelência. Por não estar ele definitivamente identificado como um líder anti-Vargas (embora ninguém o considerasse jamais um getulista) foi visto como um tipo capaz de transcender as linhas estabelecidas do conflito. Isto pareceu, então, muito mais possível devido à sua bandeira eleitoral carismática. (SKIDMORE, 1976, p. 231).

A eleição foi bastante agitada. É importante lembrar que, de acordo com o sistema eleitoral vigente, o povo poderia votar em Presidente da República separado do Vice-Presidente. Desta forma, são eleitos voto popular Jânio Quadros para a presidência e João Goulart para a vice-presidência, ambos para um mandato de quatro anos, iniciando em 1961.

Segundo Sá Motta (2002), o período entre 1961 e 1964 é um período onde ocorre o segundo grande surto anticomunista no Brasil e, para ele, as razões para este surto são tanto de ordem externa como interna. No âmbito externo, a Revolução cubana lança a América-Latina para o centro da Guerra Fria, fazendo com que os norte-americanos se mantivessem atentos para intervir e, se necessário, impedir uma onda comunista. No plano interno, havia o crescimento das organizações de esquerda, como: a Ação Popular (AP); o Partido Comunista do Brasil (PCB); as Ligas Camponesas e a Política Operária (POLOP), estes começavam a

“empolgar novos contingentes sociais”. Para Sá Motta, “o crescimento do apelo das propostas radicais devia-se ao impacto da Revolução Cubana, que teve o efeito de estimular a ação, tanto de comunistas como de anticomunistas”. (p. 233).

No início do governo de Jânio Quadros, a inflação manteve seu crescimento

Se a política externa de Jânio Quadros era de franca aproximação com o bloco comunista, sua orientação econômica seguia a bula do Fundo Monetário Internacional. Ao contrário do que dizia na campanha eleitoral – “o tostão vai vencer o milhão” – a moeda nacional levava uma goleada nos meses JQ. Em sete meses o cruzeiro sofreu uma desvalorização de 100% em relação ao dólar. (GUIMARAENS, 2001, p. 30).

Boris Fausto afirma que Jânio Quadros vinha tentando administrar o país sem contar com uma base política de apoio. “Além disso, a política externa independente causava preocupações, assim como a simpatia presidencial pela reforma agrária”. (p. 440.).

De acordo com Sá Motta (2002, p. 233.), o governo de Jânio Quadros fora uma “desagradável surpresa para os que votaram nele esperando derrotar a esquerda e o getulismo.”.

Na noite de 24 de agosto de 1961, Lacerda – que tinha sido eleito governador da Guanabara – fez um discurso transmitido pelo rádio, denunciando uma tentativa de golpe janista articulado pelo ministro da justiça Oscar Pedroso Horta. Estranhamente, teria sido convidado a aderir a ele. Pedroso Horta negou a acusação. Logo no dia seguinte, Jânio renunciou à presidência da República, comunicando a decisão ao Congresso Nacional. (FAUSTO, 2002, p. 440).

Rege a Constituição brasileira que deveria assumir a Presidência da República João Goulart, vice-presidente eleito pelo voto popular. Contudo, Jango tinha a imagem associada a ideia da República sindicalista, da proximidade com as classes operárias, com a esquerda em geral e com o comunismo especificamente. Os militares, que já haviam se manifestado nas eleições em que Juscelino e Jango foram eleitos, tiveram nova oportunidade. Coincidentemente, Jango encontrava-se em visita à China Comunista e, por isso, Ranieri Mazzilli, Presidente da Câmara dos Deputados, assume a Presidência da República.

Segundo Joaquim Felizardo, Jango recebeu a notícia em Cingapura, no amanhecer do dia 26, através de um telefonema da Associated Press que queria ouvi-lo sobre o que estava acontecendo no Brasil.

Sucedeu-se a renúncia ao veto dos ministros militares, o que deu início a um movimento, primeiramente no Rio Grande do Sul, se espalhando pelo País, conhecido como Movimento da Legalidade, chefiado por Leonel Brizola, governador do Estado. Foram 12 dias de lutas e resistência e, nesse movimento, se engajaram todos os setores da sociedade gaúcha.

Num gesto de audácia, a comprovar sua perspicácia política, o governador Brizola organizou a “Rede Radiofônica da Legalidade”, à qual aderiram todas as emissoras de rádio do Rio Grande do Sul (algumas delas pouco antes haviam sido fechadas por ordem do governo federal) e centenas de emissoras de outros Estados. A “legalidade” tornou-se irresistível. (SILVEIRA, 1991, p. 13).

O que a posse de Jango significava? Que sentimento provocava nestes que se opunham a sua posse? Segundo Skidmore, seus opositores consideravam um retrocesso a 1950, a perda do que haviam ganho os antigetulistas pela intervenção do exército em 1945. Apesar de ter perdido com a eleição de Getúlio em 1950, ganhado novamente em 1954, outra vez perdido em 1955 e aparentemente ganhado pelas urnas em 1960, estava agora novamente perdido. Segundo esse autor, a chave para a compreensão desta luta está na análise dos sentimentos políticos dentro do exército. Mesmo não concordando com as posições políticas de Jango, parte do exército era pela legalidade, ou seja, pelo cumprimento da Constituição, que declarava que o Vice substituiria o Presidente.

Art. 79. Substitui o Presidente, em caso de impedimento, e sucede-lhe, no de vaga, o Vice-Presidente da República.

§ 1º Em caso de impedimento ou vaga do Presidente e do Vice-Presidente da República, serão sucessivamente chamados ao exercício da presidência o Presidente da Câmara dos Deputados, o Vice-Presidente do Senado Federal e o Presidente do Supremo Tribunal Federal.

§ 2º Vagando os cargos de Presidente e Vice-Presidente da República, far-se-á eleição sessenta dias depois de aberta a última vaga. Se as vagas ocorrerem na segunda metade do período presidencial, a eleição para ambos os cargos será feita, trinta dias depois da última vaga, pelo Congresso Nacional, na forma estabelecida em lei. Em qualquer dos casos, os eleitos deverão completar o período dos seus antecessores. (Constituição de 1946 – disponível no site [www2.camara.gov.br/internet/legislacao](http://www2.camara.gov.br/internet/legislacao)).

Como podemos observar, a Constituição é clara quanto à substituição da presidência, nesse caso, alguns membros do exército estavam dispostos a ignorar a Constituição em função do temor criado pela figura de Jango. No imaginário do Exército, Jango pretendia criar uma “República sindicalista” no Brasil nos moldes da Argentina de Perón. Em seu governo, os comunistas teriam como chegar rapidamente ao poder.

Os ministros militares pretendiam repetir o que havia sido feito em 1955, quando Nereu Ramos foi mantido no poder até que Juscelino Kubitschek pudesse assumir. Nesse caso, pretendiam convocar novas eleições, atitude com a qual o Congresso não concordou e propôs uma alternativa viável: a criação do sistema parlamentarista.

Os ministros militares não se tranquilizaram. Em 29 de agosto publicaram um manifesto, expondo suas razões para continuar a considerar a posse de Goulart como inaceitável por motivos de segurança nacional. O manifesto foi mais longe do que os termos usados pelos coronéis em fevereiro de 1954, quando forçaram a demissão de Jango como Ministro do Trabalho de Getúlio. Acusava Jango de ser um notório agitador dos meios operários e de ter entregue a “agentes do comunismo internacional” posições-chaves nos sindicatos, assim como ter enaltecido o sucesso dos comunistas populares durante sua recente visita à China Comunista. O manifesto terminava ressaltando que a presidência de Jango poderia favorecer a subversão nas forças armadas transformando-as assim em “simples milícias comunistas”. Era um sintoma do temor constante por parte dos militares de que um movimento operário “sindicalista” pudesse destituir as forças armadas da sua posição de grupo mais poderoso no cenário político brasileiro. (SKIDMORE, 1976, p. 257).

Os ministros militares estavam dispostos a tudo para impedir que Jango assumisse. Com relação à posse de Jango, a história nos deixou claro que somente o parlamentarismo acalmaria os ânimos e permitiria ao Vice-Presidente assumir o cargo de Presidente a que teria direito legal. Jango na presidência significava a volta do esquema populista e a possibilidade da formação da República Sindicalista, e isto os militares não pretendiam admitir. Entretanto, os militares não estavam coesos como transparece na atitude do Comandante do III Exército – General Machado Lopes – que passou a apoiar a posse de Jango.

O veto militar desencadeou uma ampla resistência popular liderada por Brizola em que se afirmou a vocação democrática de Porto Alegre. Antes mesmo que nascesse o movimento da Legalidade, trabalhadores e

estudantes já estavam nas ruas manifestando sua disposição de resistir ao golpe. (GUIMARAENS, 2001, p. 69).

A cidade fervia e a população estava totalmente envolvida com a questão. Os portoalegrenses se aglomeravam na frente do Palácio Piratini em apoio a Brizola, governador do Estado. Este decretou o encampamento da rádio Guaíba e estabeleceu uma cadeia de estações de rádio pró-Jango, conhecida como Rede da Legalidade

A Brigada Militar colocou barricadas e, mesmo com armamento obsoleto, instalou ninhos antiaéreos no telhado do Palácio Piratini. Armas requisitadas junto à fábrica Taurus eram distribuídas à população. (GUIMARAENS, 2001, p. 69).

Os portoalegrenses estavam prontos para um confronto armado, defenderiam o Vice-Presidente a todo custo. Com o apoio do comandante do 3<sup>o</sup> Exército, General Machado Lopes, outros apoios se sucederam e os Ministros militares tiveram que apoiar uma solução alternativa. Jango aceitou a proposta parlamentarista e, chegando ao Brasil pelo sul do país, “retornou a uma Porto Alegre dividida. Uns comemoravam a vitória da Legalidade, mas outros consideravam o parlamentarismo uma derrota”. (GUIMARAENS, 2001, p. 71).

Nossa proposta de trabalho, neste capítulo, é identificar como os jornais apresentaram o episódio à população, como o imaginário sobre o anticomunismo foi moldado, quais foram os elementos mais destacados. Pretendemos, principalmente, evidenciar como Jango foi apresentado à população e se os temores anticomunistas foram manifestados.

## **5.4 - Movimento da Legalidade visto pelos jornais**

### **5.4.1 - Correio do Povo**

No dia 25 de agosto, o jornal publica uma matéria assaz interessante, cujo título é: “Incidente Jânio-Lacerda: Política exterior do Brasil está interessando apenas os comunistas”. Nessa matéria, o jornal informa que um senador e dois deputados da UDN, após conversarem com o governador da Guanabara, “manifestaram-se convictos” de que o incidente entre

Lacerda e Jânio Quadros havia sido superado. O incidente em questão é a respeito da denúncia de Lacerda de que Jânio estaria armando um golpe. Contudo, o jornal afirma que a impressão dos parlamentares perdeu o efeito após a publicação, pela Tribuna da Imprensa, da notícia de que Lacerda falaria numa grande cadeia de rádio e televisão sobre a crise causada pela política externa de Jânio Quadros. Uma parte do texto informa o seguinte:

Esse depoimento de Lacerda explicará as razões ainda não de todo afastada de sua decisão de renunciar ao governo do estado para liderar um movimento de oposição a política exterior do governo. Ao voltar de São Paulo, Lacerda afirmou que a política externa do Sr. Jânio Quadros está interessando apenas aos comunistas. (Correio do povo, 25 de agosto de 1961, p. 7).

O destaque do título está nas palavras de Lacerda e não na reunião com os parlamentares, ou mesmo no engano causado por Lacerda a estes políticos. Esta escolha de palavras denota uma intenção clara de apoiar as palavras de Lacerda e combater o comunismo.

Na última página desse mesmo dia, o jornal publica a seção “Na câmara e no Senado”, onde são publicados os pronunciamentos que o jornal julga serem os mais relevantes. Nesse dia publicou o pronunciamento, bastante enérgico e categoricamente contra o comunismo, do Padre Calazans da UDN. Reproduzimos abaixo uma parte deste discurso.

Disse admitir o reatamento de relações comerciais com os países comunistas, embora possa provar que não advirão resultados práticos de tal reatamento. Mas não admite o reatamento de relações diplomáticas. Reviveu, então, detalhes da campanha de Jânio, dizendo que o atual presidente sempre afirmou que não reataria relações diplomáticas, admitindo reatamento econômico. Perguntou então: “Qual o presidente que seria eleito se dissesse que iria condecorar “Che” Guevara?”. Passou então a fazer a descrição do que considera crimes de Guevara e de todos aqueles que agora são alvo das homenagens brasileiras, por seu presidente.

A questão da condecoração do comunista Che Guevara não foi aceita por muitos parlamentares. Além do padre Calazans, Lacerda também não aceitou tal feito. Nesse discurso o anticomunismo está explícito, em primeiro lugar porque o parlamentar é um padre e, em segundo lugar, porque entre tantos discursos o jornal elegeu especificamente este para



publicar. A escolha denota a intenção de divulgar o pensamento de Calazans e, obviamente, o jornal somente publica o discurso se concorda com a ideia.

O *Correio do Povo*, ao anunciar a renúncia de Jânio Quadros mostra a clara surpresa geral que o fato provocou. Na capa do jornal temos a seguinte chamada: “Abalado o país com a surpreendente renúncia de Jânio Quadros à Presidência da República”

Está o Brasil vivendo, desde ontem, mais um destes momentos desconcertantes que, em nosso país e em toda a América Latina, costumam, periodicamente, sustar a marcha normal de nossa incipiente democracia. Renunciou o Presidente Jânio Quadros, após menos de sete meses de governo, sem que se possa aquilatar, nitidamente, quais as razões imediatas, quais os processos, enfim, que determinaram com tanta subtaneidade esta gravíssima decisão. (*Correio do Povo*, 26 de agosto de 1961, capa).

O jornal no primeiro parágrafo já deixou claro que acredita que a democracia está ameaçada, pois, ainda sem saber os motivos da renúncia, expõe o pensamento de que não será fácil mantê-la. Podemos inferir que esta conclusão se dê porque na posse de Juscelino o exército já havia se manifestado contra Goulart. Neste caso o jornal temeria por uma ação semelhante, afinal o Vice-Presidente é novamente Jango. No corpo desta matéria o periódico tentou explicar a crise afirmando que tudo se iniciou quando Jânio Quadros condecorou Ernesto Che Guevara com a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul. Associando, assim, a condecoração de um comunista com a queda de um presidente.



(*Correio do Povo*, 26 de agosto de 1961 – capa).

O jornal, nesta matéria cujo título reproduzimos acima, citou o artigo 78 e 79 da Constituição que tratam da substituição do Presidente. Junto à matéria, há uma foto de Jango de perfil e com camisa clara. O olhar da foto é tranquilo e o cabelo bem penteado, tentando passar uma imagem positiva ao leitor. A primeira vista parece que o jornal deseja que se cumpra a Constituição, independente do homem que possa assumir o cargo.



(Correio do Povo, 26 de agosto de 1961 – capa).

A fotografia é um documento importante, captura “a verdade” do momento que está ocorrendo à ação. Neste caso, o Vice-Presidente apenas de camisa e sem formalidades, o que aproximaria a sua imagem àquela que ele construiu quando Ministro do Trabalho, ou seja, o de uma pessoa acessível à população. Entretanto, esta imagem pode ter outro sentido para os conservadores, que podem nela ver a imagem do perigoso sindicalista, informal, não condizente com a figura de um Vice-Presidente. Afonso Arinos tentou impedir a renúncia, e o jornal publicou da seguinte forma:

“Congresso é concitado a recusar a renúncia, senão é o caos e Guerra civil”

BRASILIA, 25 (CP) - O Ministro Afonso Arinos enviou a seguinte mensagem aos ministros militares e ao chefe da Casa Militar da Presidência da República: “Os ministros militares não podem tomar conhecimento do documento da renúncia antes do Congresso Nacional. E o Congresso Nacional, por sua grande maioria é concitado a recusar a renúncia. Senão é o caos e a guerra civil. (a) Afonso Arinos”

Hoje cerca das 15 horas, todos os líderes partidários da área governista ou da área da oposição no Senado começaram a ser urgentemente convocados ao gabinete do Presidente da Casa.(...) (Correio do Povo, 26 de agosto de 1961, capa).

Até agora vimos que o jornal está tentando cobrir todos os envolvidos, falando da renúncia, da postura da Constituição, do Senado, etc.. O próprio jornal publica que Pedroso Horta, a mando de Jânio, comunicou o fato em primeira mão a Lacerda e depois aos demais governadores, antes de comunicar ao Congresso Nacional. O editorial do jornal demonstra preocupação com o futuro do governo e o temor de uma ditadura.

Sabia-se, era certo, da crise política em processo, gerada pelos ataques a política externa adotada pelo governo brasileiro. Mas nada levava a supor que houvesse razões profundas e irremovíveis para um dramático gesto de renúncia, que, em tais condições, como não podia deixar de acontecer, estremeceu e emocionou a nação, máxime em torno do tom da mensagem de renúncia do Sr. Jânio Quadros, dizendo-se vencido pela reação e esmagado por “Forças terríveis”.

O Brasil, três lustros incompletos depois da sua reconstitucionalização, após um longo período ditatorial, que lhe perturbou e atrasou a evolução política, sempre orientada, malgrado certos hiatos e descaminhos, logo porém superados, pela incoercível vocação democrática e liberal do povo brasileiro, vê-se agora, mais uma vez, diante de uma emergência de crise política, pontilhada de incertezas e temores e sob o abalo de uma mudança de chefia de governo. (Correio do Povo, 26 de agosto de 1961).

A perplexidade diante dos fatos repercute em todas as partes do jornal onde os temores de uma ditadura aparecem no editorial, afinal os militares já não aceitavam Jango como vice-presidente, imagine então como presidente. Também temiam por uma instabilidade social, como aconteceu com o suicídio de Vargas. Todas essas ideias e percepções ainda estavam nas mentes das pessoas. O editorial lembra, contudo, da vocação dos brasileiros para a democracia.



(Correio do Povo, 26, de agosto de 1961 p. 10).

O título da legenda é: “Condecoração de Guevara ‘pivot’ da crise”. Nela, o jornal afirma que Jânio foi muito criticado em todo o País e que, se afirmava que ao condecorar Che, Jânio estaria aplaudindo o sistema do “Paredon”. Melhor explicitando, Jânio estaria aplaudindo o comunismo na pior acepção do conceito, uma vez que, em abril daquele mesmo ano, Cuba havia sido vítima da invasão da Baía dos Porcos e os comunistas fuzilaram muitos dos invasores capturados. Para muitos anticomunistas, condecorar Che Guevara com a Ordem Máxima Brasileira, logo após estes eventos, era uma afronta aos valores mais sagrados da democracia.

A política externa brasileira, objetivando a aproximação do Brasil com os países comunistas e visando diminuir a dependência econômica com os EUA, levou os anticomunistas a interpretar este posicionamento como uma tendência ideológica à esquerda. Esta, livre interpretação, acendeu os ânimos quando Jânio renunciou, pois o Vice-Presidente era Jango, considerado mais a esquerda que Jânio.

“Rigorosa prontidão nos quartéis do exército, aeronáutica, marinha e BM”. Esta é a chamada que trata do temor da desordem em todo o território nacional, assim o Exército, a Marinha, a Aeronáutica e a Brigada Militar ficaram de prontidão, conforme noticiado no jornal de 26 de agosto. Logo abaixo desta notícia, o jornal coloca outra que fala da troca de notas entre o Governo Brasileiro e a União Soviética, deixando clara a aproximação do Brasil com aquele país comunista. O título da matéria é: “Ampla divulgação da agência ‘Tass’ sobre as notas trocadas por Jânio Quadros e o governo Soviético”. A construção está nítida e pode-se deduzir que o jornal quis aproximar a imagem do governo ao comunismo. Reavivar aquilo

que foi considerado perigoso pelos anticomunistas, negociar com os comunistas, abrir fronteiras comerciais.

Por fim, na contracapa, o jornal publica em letras bem grandes “Clima de perfeita ordem em todo o território do Rio Grande do Sul”. Também coloca duas fotografias de uma multidão em frente ao Palácio Piratini organizada e tranquila. A matéria fala da surpresa de todos ao receberem a notícia que o secretariado do Governo, assim que soube foi chegando ao Palácio para uma reunião e publica uma declaração do governador a favor da legalidade. Observemos que os jornais somente publicaram notícias sobre a renúncia no dia 26, portanto, a população tomou conhecimento primeiramente através do rádio para posteriormente ler nos jornais. Tanto que todos que já obtinham a informação foram diretamente para frente do Palácio Piratini, buscando maiores informações. Assim os jornais, que também souberam junto com a população, através do rádio ou por telefone, puderam registrar o fato para publicar junto com a notícia da renúncia no dia seguinte perfazendo uma cobertura mais completa do evento. Esta agilidade de informações o jornal não dispõe. Na década de sessenta, é através do rádio que a população terá as notícias em primeira mão. Contudo, os jornais vespertinos publicaram uma edição extra informando da renúncia no dia 25, tão logo ela se tornou conhecida. Este foi o caso do Jornal *Última Hora*.

Abaixo a nota distribuída por Brizola aos Jornais.

Ao Rio Grande e Ao Brasil

O Governo do Estado do Rio Grande do Sul cumpre o dever de assumir o papel que lhe cabe nesta hora grave da vida do país.

Cumpre-nos reafirmar nossa inalterável posição ao lado da legalidade constitucional. Não pactuaremos com golpes e violências contra a ordem constitucional e contra as liberdades públicas. Se o atual regime não satisfaz, em muitos de seus aspectos, desejamos seu aprimoramento e não sua supressão, o que representa uma regressão e o obscurantismo.

A renúncia de S. Exa. O Presidente Jânio Quadros veio surpreender a todos nós. A mensagem que S. Exa. Dirigiu ao povo brasileiro contém graves denúncias sobre pressões de grupos, inclusive do exterior, que indispensavelmente precisam ser esclarecidas. Uma nação que preza sua soberania não pode conformar-se passivamente com a renúncia do seu mais alto magistrado sem uma completa elucidação destes fatos. A comunicação do Sr. Ministro da Justiça apenas notifica o Governo do Estado da renúncia do Sr. Presidente da República. Por motivos dos acontecimentos, como se impunha, o Governo deste Estado dirigiu-se a S. Exa. Vice-presidente da República, Dr. João Goulart pedindo seu regresso urgente ao país, o que deverá ocorrer nas próximas horas.

O ambiente no Estado é de ordem. O Governo do Estado, atento a esta grave emergência, vem tomando todas as medidas de sua responsabilidade, mantendo-se inclusive em permanente contato e entendimentos com autoridades militares federais.

O povo gaúcho tem imorredouras tradições de amor à pátria comum e de defesa dos direitos humanos. E seu governo, instituído pelo voto popular – confiemos os rio-grandenses e os nossos irmãos de todo o Brasil – não desmentirá estas tradições e saberá cumprir o seu dever.

(a) Leonel Brizola

Governador do Estado

(Correio do Povo, 26 de agosto de 1961, contracapa).

Nessa nota Brizola, ao afirmar sua defesa da legalidade no Brasil, já vislumbra problemas, tanto que fala da necessidade do retorno imediato de Goulart. Também é possível perceber alguma apreensão quanto a possíveis desordens, uma vez que cita que está tudo em ordem no Rio Grande e que está em contato com autoridades federais. Esta apreensão pode ser em função do que aconteceu quando Vargas se suicidou e, por desconhecer a reação popular, Brizola pode ter se adiantado frente às possíveis perturbações. Contudo, na data da publicação da nota, o governador sabia que os ministros militares já haviam tomado a decisão de não permitir a posse de Jango.

As notícias até esta data especulam sobre os motivos da renúncia de Jânio Quadros. A condecoração de Guevara e do soviético Iuri Gagárin seriam agravantes. A relação com Lacerda também é apontada como problemática. Temos nas linhas dos jornais a identificação clara do problema: o anticomunismo, ou melhor, a aproximação do governo com os comunistas. Guevara era um dos líderes da Revolução Cubana, uma revolução que levou a ilha de Cuba para o lado comunista, sendo a ilha vista como um foco de comunismo na América Latina. Lacerda apontado como um forte opositor e um anticomunista declarado, se opunha abertamente a política exterior de Jânio Quadros.

No dia 27, o jornal estampa na capa uma grande manchete: “Nega Washington as acusações de que foi de algum modo responsável pela renúncia de Jânio”. A notícia é sobre as declarações oficiais do governo americano que se defende acusando Fidel Castro de difundir informações de má fé. Garante que sempre teve boas relações com o governo de Quadros e que manifesta preocupação com “a marcha dos acontecimentos”. Ainda nesta página, uma notícia fala de Fidel Castro acusando o imperialismo pela renúncia de Jânio e decretando a greve de 15 min. em todo o território cubano em apoio a Jânio Quadros. Apesar de Fidel Castro estar tentando oferecer reciprocidade ao Brasil que defendeu a autodeterminação de

Cuba na ONU, estas declarações podem se tornar um fator a mais nos ataques dos anticomunistas. O editorial do dia 27 demonstra o pensamento do jornal sobre os fatos.

### INTERESSE DA NAÇÃO

Em meio a estas horas de perplexidade que vive a nação voltamos ao que dissemos em nosso editorial de ontem. “O essencial é que, em tudo que aconteceu e venha a acontecer, se preserve o regime e se resguardem as liberdades individuais, sob a égide da Constituição e das instituições que ela consagra, a fim de que o povo possa trabalhar em paz e segurança, acoberto de aventuras e desatinos”.

Essa deve ser, indiscutivelmente, fora de qualquer outra alternativa, a aspiração de todos os bons patriotas. Em que pese à gravidade dos acontecimentos sobre cuja evolução ainda não se pode fazer prognóstico seguro, o que em primeiro lugar se impõe é a garantia da ordem, e dentro dos quadros institucionais, sem a mínima quebra sequer da tranqüilidade em que a nação precisa viver. (Correio do Povo, 27 de agosto de 1961, capa).

É possível perceber que o jornal está preocupado ainda com possíveis alterações no regime. Os temores do jornal têm fundamento, pois quando Juscelino foi eleito Presidente e Jango eleito Vice-Presidente foi necessário um golpe preventivo para garantir a posse de ambos. Agora, com o veto dos ministros militares a posse de Jango, as perspectivas de um golpe militar e institucionalização de uma ditadura eram bem reais.

Mazilli envia uma mensagem ao Congresso, que é publicada pelo jornal no dia 29 de agosto. A mensagem diz o seguinte:

“Acabo de assinar mensagem comunicando ao Congresso nacional que, no exame da atual situação política criada pela renúncia do Presidente Jânio Quadros, os ministros militares na qualidade de chefes das forças armadas, responsáveis pela ordem interna do país, manifestaram a absoluta inconveniência por motivos de segurança nacional, do regresso ao país do vice-presidente da República, João Belchior Marques Goulart.

Desejo informar a nação que se as duas casas do Congresso houverem por bem reconhecer os motivos invocados na mensagem considero-me incompatibilizado para candidatar-me a substituição de Jânio Quadros no exercício efetivo da Presidência da República. Estou certo de que a nação há de reconhecer que a atual conjuntura exigiu e exigirá de mim o mais nobre e alto desinteresse nas investidas pessoais, ao lado do sagrado dever de defender as instituições democráticas. Neste instante, renovo a minha fé nas vigorosas virtudes cívicas do nosso povo que, coerente com sua gloriosa história, saberá mais uma vez manter as tradições

de devotamento a ordem e ao regime. (a) Rainieri Mazilli, 28 de agosto de 1961” (Correio do Povo, 29 de agosto de 1961, p. 13).

A inconveniência citada pelos militares é o fato de Goulart ter sua imagem associada ao sindicalismo. O que está subentendido nesta notícia é o resgate daquela imagem da pessoa que deseja transformar o país numa República Sindicalista. Nas notícias informativas, o periódico não expressa nenhuma opinião sobre a figura de Jango. Contudo, não deixa de diagramar o jornal de forma a criar uma concepção de que o governo Jânio e Jango era extremamente próximo do comunismo. Como exemplo, temos esta notícia que diz o seguinte:

#### Jânio Classificado como dos mais hábeis governantes da América

Bogotá, Colômbia, 28 (AP) – O jornal “El Tiempo”, porta-voz do liberalismo, qualificou de “inusitada” a renúncia de Jânio Quadros, porém, acrescentou que sua posição havia ficado difícil “pelo próprio desconcerto, muitas vezes audaz, de sua política, especialmente sua política exterior”. Acrescentou que a política neutralista de Quadros, “mais que neutralista, era de aproximação com as potencias comunistas”. Segundo “El Tiempo”, João Goulart “logicamente quererá ir mais longe do que Quadros quis e não pode ir”. O jornal formulou votos pela estabilidade constitucional e pela paz no Brasil, pois que a “America toda se preocupa, em alto grau, pela normalidade daquele país eminente no concerto de seus povos e um dos de maior influência na vida continental”. (Correio do Povo, 29 de agosto de 1961, capa).

Eis uma manifestação clara e precisa do medo de que Jango aprofunde a aproximação com a esquerda comunista e implante no País o regime comunista, levando a ideologia para toda a América Latina. O jornal “El Tiempo” reconhece a aproximação de Jânio com a esquerda e as dificuldades por ele encontradas. Já Goulart é colocado como alguém mais ameaçador por ser mais radical. O Correio coloca, no mesmo enquadramento da notícia, o apoio de Moscou e de Havana, fazendo nítida ligação entre o governo de Quadros com estes países que acusam os EUA de estarem por trás da renúncia.

A problemática que o *Correio do Povo* procura evidenciar está no reforço da ideia de aproximação com os países comunistas e que Goulart com certeza aprofundaria. O Correio não emitiu, até o momento, nenhuma opinião acusatória neste sentido. No entanto, construiu a ideia ao aproximar as matérias numa diagramação proposital.



Uma notícia chama a atenção “Requisitada pelo Governo, Rádio Guaíba transmite desde domingo do palácio”. A notícia fala da encampação da Rádio Guaíba e da forma como foi feita e, assim, está montada o que será o início da Rede da Legalidade. Abaixo desta notícia, no pé da página, outra informa que para defender a entrada da Barra de Rio Grande foram afundados dois “batelões” e posteriormente serão mais dois. As luzes na entrada da Barra estão apagadas, dificultando assim a entrada de qualquer navio à noite. A matéria afirma que dois navios de guerra saíram do Rio em direção ao Rio Grande. Até esta data, o jornal fala da resistência em favor da legalidade e o Governador é apontado como um defensor das liberdades democráticas do País.

O jornal dá ênfase às atividades do Governador Leonel Brizola sem esquecer-se de publicar a postura de outras autoridades, todas procurando um acordo de paz e consenso. Numa matéria intitulada “Opinam os Governadores: Tinha o Presidente condições para resistir a quaisquer pressões”, são arroladas as diversas opiniões dos governadores de Pernambuco, Alagoas, Bahia e Espírito Santo

O clima de guerra civil é uma realidade inegável, pois de um lado estão as forças que se opõem e não aceitam a volta de Jango ao Brasil e, de outro, aqueles que exigem o respeito à Constituição independente da postura política de Jango. O Jornal passa a demonstrar a sua imparcialidade publicando tudo sobre os dois lados em questão. A repressão ao comunismo feita no Rio de Janeiro, sob a forma da invasão a casa de Luis Carlos Prestes, é um exemplo disto. Outro exemplo é a publicação no dia 30 sobre a decisão do III Exército de apoiar Brizola pela legalidade e a discussão na Câmara dos Deputados protagonizada pelo Deputado Rui Ramos. Nesta notícia Rui Ramos assegura que o Marechal Denys afirmou que Jango seria preso caso entrasse em território brasileiro. Sendo assim, Rui Ramos solicita a prisão do Marechal Denys por estar declarando a Guerra Civil e solicita a Ranieri Mazzilli que o demita e prenda como criminoso.

No jornal também aparece o apoio de operários gaúchos à causa da Legalidade numa matéria intitulada “Operários fazem coleta em favor da legalidade”. Há ainda o registro do apoio do governador do Espírito Santo à causa, o que demonstra que o jornal procura cobrir todos os lados da questão.

Na última página do jornal, lugar que normalmente é dedicado às notícias nacionais, há uma matéria entre, tantas outras, sobre a legalidade que chama a atenção: “Parlamentarismo Salva o Regime”. Trata-se de uma declaração do deputado Tarso Dutra

afirmando que o sistema parlamentar seria o único sistema capaz de salvar o Brasil. Na notícia ele afirma o seguinte:

A crise, a profunda crise em que mergulharam os poderes constituídos, e constitucionais, trouxe na sua crosta o amadurecimento da consciência histórica do Brasil em redimir-se de todos os erros e males que o incorrigível personalismo presidencial causou à nossa pátria. A vida pública brasileira já está respirando o clima saudável de uma nova era política que vai dar à nação, definitivamente, sua carta de civilização democrática.

Regime de responsabilidade política e de valores humanos para o serviço da pátria, o parlamentarismo será a única solução para a grave perturbação que avassala o país prevenindo as instituições nacionais de quaisquer ocorrências que criem dificuldades ao progresso do país e ao aperfeiçoamento da nossa vida democrática. (Correio do povo 30 de agosto de 1961, contracapa).

O parlamentarismo surge como uma espécie de tábua de salvação, evitando a ditadura militar e a posse de Jango como presidente. Quando se trata de crise dos poderes constituídos, esta é grave, afinal se os poderes de uma nação não podem ser exercidos o que resta é o caos, e este caos está sendo alimentado por aqueles que se opõem a volta de Jango.

Também o medo de uma ditadura militar assombra a todos, sendo que o Brasil já havia passado por uma ditadura com Getúlio Vargas, cujo personalismo era inegável, e não havia disposição para vivenciar outra, desta vez do tipo militar.

O jornal do dia 31 publica notícias que falam de “violência contra órgãos do governo rio-grandense em Brasília e no Rio”. Esta notícia foi publicada a partir de uma emissão radiofônica de Brizola feita no Palácio Piratini e irradiada para todo o Brasil. Nela, o Governador protesta veementemente porque a Procuradoria do Estado do Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro, foi invadida e afirma:

Invasão na procuradoria representa violação a todas as garantias constitucionais, além de significar uma afronta aos brios do povo gaúcho, que se vê neste e noutros fatos de inequívoca gravidade provas de não mais existir, em toda a sua plenitude, ordem legal no país. (a) Leonel Brizola, Governador do Estado do Rio Grande do Sul. (Correio do povo, 31 de agosto de 1961, p. 9).

O jornal publica imagens de canhões antiaéreos, prontos para proteger a Capital, e de soldados que estavam no aeroporto de Porto Alegre para prender o General Osvaldo Cordeiro de Farias no desembarque, uma vez que ele viria para assumir o comando do III Exército. Na página 12, ao mostrar imagens de soldados abrindo trincheiras no centro da Cidade, o jornal torna público o clima de guerra civil criado com a renúncia de Jânio Quadros.

Na contracapa do jornal do dia 31, no alto da página a chamada diz: “João Goulart deverá estar hoje no Brasil.”. Nessa notícia, o primeiro tema trata do desligamento do General Machado Lopez do Ministério da Guerra passando o III Exército a agir por conta própria. O desligamento do III Exército e sua adesão completa a causa da legalidade foi lida pelas emissoras a disposição do Governo do Estado e trouxe calma à população, segundo o que afirma a matéria. Sobre João Goulart, apenas um pequeno trecho é escrito, e diz que ele é esperado em Buenos Aires para depois vir ao Brasil.

Na continuação dessa matéria um subtítulo chama a atenção “**Movimento legalista e Cuba**”. Esta notícia fala da pergunta de um representante da UPI ao Governador Leonel Brizola:

A esta altura o mundo todo tem conhecimento da campanha nacional pela legalidade que o Rio Grande do Sul está comandando. Por isto perguntou-lhe o correspondente da UPI se havia qualquer identidade entre o Rio Grande do Sul e Cuba. Afirmou o Governador: “Formalmente, não, trata-se da solução de um episódio político na vida brasileira, que diz respeito a questões de dignidade nacional, isto é, a defesa da ordem legal contra a imposição da ditadura militar do tipo Jimenez. Agora, se perdurar o desatino, essa loucura dos ministros militares, não há dúvida de que o desdobramento desse episódio poderá nos conduzir a uma situação em que os problemas relacionados com a situação social Latino-Americana passem a empolgar. Isto porque os grupos econômicos monopolistas que operam na América Latina já estão favorecendo os golpistas”.

A pedido do correspondente americano, o governador deu um exemplo: “O caso do jornal “O Globo”, do Rio de Janeiro, é típico, pois ele é a expressão, em nosso meio, dessas forças caracterizadamente da direita. O Sr. João Goulart, como todos seus seguidores políticos, como toda a opinião pública do país, não discute tais problemas. Todavia, cumpre insistir, que o conjunto de opinião, em tese, não tem bússola dirigida para Nova York ou Moscou, mas para Brasília. (Correio do Povo, 31 de agosto de 1961, p. 13).

As declarações de Brizola são esclarecedoras sobre a postura de Jango e do próprio Brizola, evitando qualquer ligação com a esquerda. Contudo, a pergunta do correspondente da

UPI demonstra claramente que a agência noticiosa norteamericana faz, deliberadamente, determinado tipo de ligação entre o Movimento pela Legalidade e a Revolução Cubana.

#### **5.4.2 - Diário de Notícias.**

O *Diário de Notícias*, no dia 26 de abril coloca na capa do jornal duas fotos, sendo uma de Mazzilli e outra de Jango. Sobre a de Mazzilli está escrito “Presidente Interino” e sobre a de Jango “Presidente Efetivo”. Abaixo das fotos, uma matéria que diz, “Constituição manda empossar Jango”. A capa é toda dedicada a renúncia de Jânio Quadros, onde Lacerda é apresentado como o grande vilão sob o grande título: “JQ vítima de Lacerda”. O texto, que justifica tal título, diz o seguinte:

São Paulo, 25 (Meridional) – Falando hoje à noite, pelo rádio e pela TV o ministro da Justiça do Sr. Jânio Quadros, Sr. Pedroso Horta responsabilizou o governador Carlos Lacerda, da Guanabara, pela renúncia do presidente, da mesma maneira como fora o culpado da morte do Sr. Getúlio Vargas.

Depois de uma longa explanação em que fez um histórico da crise que culminou com a renúncia do presidente, afirmou o Sr. Pedroso Horta.

- Há sete anos e um dia, um presidente dava um tiro contra seu próprio coração. Hoje, o presidente Jânio Quadros renuncia, em conseqüência da atitude de um homem, que é o governador Carlos Lacerda.

O ministro da justiça desmentiu, categoricamente, todas as acusações do Sr. Carlos Lacerda, de que o convidara para um golpe de estado, e revelou que falava em São Paulo porque fora ele, Pedroso Horta, proibido de falar através do rádio e da TV no estado da Guanabara. (*Diário de Notícias*, 26 de abril de 1961, capa).

Essa notícia trata das afirmações de Pedroso Horta acusando Lacerda de ser o grande culpado pela renúncia de Jânio. O Ministro procura esclarecer as acusações de Lacerda em defesa de Jânio Quadros. A associação entre Jânio e Getúlio deve-se ao fato de Lacerda ser acusado, nos dois casos, de ser o “pivô da crise”. Tanto Jânio como Getúlio foram acusados por Lacerda de estarem se aproximando da esquerda. Em tempos de Guerra Fria, qualquer aproximação com a esquerda, estando o político na presidência, seria questionável pelos opositores desta.

Ainda nessa página, há uma matéria sobre a postura dos Estados Unidos, cujo título é: “EUA preocupados preferiram calar”. No corpo da matéria chama a atenção um trecho em que é afirmada a preocupação com o que acontece no Brasil em função das suas dimensões.

Particularmente houve interesse para que a sucessão de Quadros se realizasse mediante um processo estritamente constitucional. Foi dito que isto era importante para o próprio Brasil, e como exemplo para outras nações Latino-americanas influenciadas por aquele país. A influência do mesmo, expuseram os funcionários, é considerável, já que o Brasil é a maior nação da América - Latina. (*Diário de Notícias*, 26 de abril de 1961, capa.).

É de fundamental importância esta declaração dos funcionários do governo norte-americano, demonstra claramente a preocupação dos norte-americanos com as tendências políticas que o país pode vir a apresentar e, logicamente, influenciar os demais países do continente.

Na página dois, o jornal publica uma matéria com Carlos Lacerda, onde este acusa Jânio Quadros de ir além de promessas eleitorais de manter relações amistosas e comerciais com todos os países. Lacerda afirma sobre Jânio o seguinte: “se entregara a um namoro com as ditaduras comunistas”, e acrescenta: “Não há sofisma nesse mundo que possa disfarçar uma realidade: a imensa maioria do povo brasileiro repele o comunismo”. Lacerda afirma ainda que, o que derrubou Jânio Quadros, foi a sua política externa.

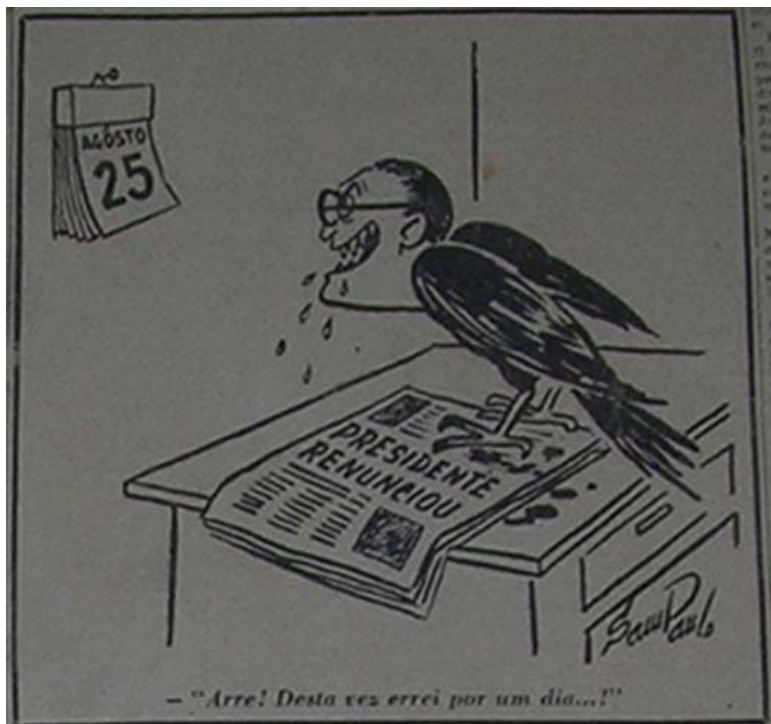
Como já examinamos no capítulo anterior, o *Diário de Notícias* publica, diariamente em suas páginas, caricaturas que merecem uma análise mais detalhada.

Sobre Lacerda estar associado à figura de um corvo, Sá Motta (2006, p.33-34) diz o seguinte:

Lacerda inspirou um apodo crítico que encontrou rápida e fácil acolhida na linguagem da caricatura: o corvo. A ave é vista no imaginário ocidental como bicho agourento, sinistro e, geralmente, companheiro de bruxas. A ideia casava-se com a imagem de destruidor de presidentes atribuída a Lacerda, que tivera importante participação na crise final do governo Vargas, culminada em suicídio, e na renúncia de Jânio Quadros. Na verdade, o apelido surgiu ainda antes do suicídio de Vargas, através de uma caricatura desenhada por Lan a partir de sugestão do jornalista Samuel Waimer. Após a morte trágica de Vargas, a associação entre a imagem de Lacerda e o corvo consolidou-se, e ficou ainda mais convincente pela sua participação na renúncia de Quadros. Como os dois eventos – suicídio e

renúncia – ocorreram em agosto, mês tido por aziago, a imagem de Lacerda agourento ganhou mais força.

Como exemplo do que Motta nos informa, temos a charge abaixo que pertence a SamPaulo e foi publicada no jornal *Diário de Notícias*.



(Correio do Povo, 26, de agosto de 1961 p. 3).

A caricatura acima, publicada no dia 26 de agosto na página 3, está se referindo a Lacerda como um corvo, animal agourento que prenunciava, babando, a renúncia do presidente, numa clara atitude de agressividade, tal qual seria a postura de Lacerda frente a Jânio. O jornal está associando a renúncia de Jânio a Lacerda, que havia denunciado que um golpe estaria sendo arquitetado no Palácio do Governo, e repete isto após a renúncia. Também faz referência a Getúlio Vargas na frase que é dita pelo “corvo”, pois Lacerda também era acusado de ser o responsável pela morte de Getúlio. Sobre Lacerda e a derrubada de dois presidentes, Skidmore afirma o seguinte:

Carlos Lacerda, o demolidor de presidentes e então Governador da Guanabara (o grande Rio) liderou a ataque. Desnorreado com a reviravolta

de Quadros, afastando-se de qualquer controle da UDN, Lacerda tentou colocar o presidente em descrédito perante a classe média e os militares. Era a mesma técnica que empregara anteriormente contra Vargas e que havia tentado contra Kubitschek. Contra estes dois conseguira utilizar a pecha de corrupção. Contra Quadros usou a política externa “independente” (SKIDMORE, 1976, p. 247).

Lacerda vinha num crescente processo de ataque a Quadros e a sua política externa. Skidmore (1979) afirma que Quadros passou a se identificar mais com os “nacionalistas” e que isto significava estar identificado com o antiamericanismo. Segundo o autor, “Lacerda tentava identificar o presidente, perante a classe média e os quadros militares superiores, com uma posição nacionalista geralmente associada aos populistas de esquerda.” (p. 248).

No dia 27 de agosto, na capa do *Diário de Notícias*, uma notícia se destaca: “UPI: ultimato militar a Jango”. A matéria trata de um despacho da UPI, distribuído no dia anterior, que diz o seguinte:

O Ministro da Guerra Odílio Denys, conferenciou com o chefe do estado maior das forças armadas, Cordeiro de Farias e com o senador Carlos Antonio Caiado de Castro amigo pessoal do vice-presidente da República, João Goulart.

Fontes chegadas ao Ministério da Guerra informaram que Denys tenta convencer Castro para que solicite a Goulart aceitar o ultimato militar e não assumir a presidência da República.

Caiado de Castro, hoje militar reformado, fora chefe do Gabinete Militar do Presidente de Getúlio Vargas.

Fontes do Ministério da Guerra declararam esta noite que Denys dissera a Castro que se Goulart tentar recorrer à força sua ação poderá provocar uma guerra civil.

Informou-se que existe um plano militar para convocar eleições presidenciais, possivelmente, por intermédio do congresso, dentro de 90 a 120 dias.

Enquanto se dirigia para a Reunião secreta com o Ministro da Guerra, Castro declarou à UPI que “a renúncia de Quadros era prevista no Congresso há algum tempo devido ao fato do presidente tratar de governar por sua conta e passar por cima do Congresso, usando métodos ditatoriais”. (*Diário de Notícias*, 27 de agosto de 1961, capa).

Este ultimato dá a tônica da questão, ou seja, o Vice-Presidente não será aceito como Presidente pelos militares, como define a Constituição. Os militares, que há muito tempo

temiam as posturas políticas de Goulart, desde quando Jango era Ministro de Getúlio Vargas, viam, neste momento, a oportunidade de se livrar definitivamente de Jango.

O jornal também publica a euforia da China Nacionalista ante a renúncia de Jânio Quadros. O Título da matéria é: “Causou euforia na China Nacionalista notícia da renúncia de Jânio Quadros”. Um trecho da notícia fala o seguinte:

Fontes chinesas não ocultam sua preocupação ante o regresso ao Brasil do vice-presidente João Goulart, que acaba de realizar uma visita à China Comunista. Assinalam não obstante, que Goulart “não assumiu nenhum compromisso com o bloco comunista durante a sua viagem”. (*Diário de Notícias*, 27 de agosto de 1961, p. 3).

Ao divulgar a euforia da China Nacionalista o jornal está destacando, ao mesmo tempo, a inquietação do mundo capitalista ante o governo de Quadros e a alegria diante da renúncia. Assim, fica subentendido que a política externa de aproximação com os comunistas era um temor generalizado. O jornal se preocupa em divulgar os receios dos demais países com relação ao fato de Goulart poder se aproximar dos comunistas na forma de acordos e se tornar mais radical que Jânio Quadros. Reflete as preocupações dos anticomunistas que estão na ordem do dia, sem deixar de também divulgar notícias daqueles que apoiam a legalidade. O jornal também apoia a legalidade, na verdade, a Constituição, em função de temer um golpe militar mais do que teme a posse de João Goulart. O editorial do dia 27 é esclarecedor, seu título: “Acatamento às leis e a Constituição”.

A existência de uma carta constitucional é o que distingue, de direito uma democracia dos governos unipessoais e de força. A Carta Magna, consubstanciando as conquistas do pensamento moderno, estatui direitos e deveres traçando, assim, as normas da boa convivência entre os cidadãos. Nos dias de hoje, especialmente num grande país, violada a Constituição está aberto o caminho para a desordem e a violência, para o arbítrio e, conseqüentemente, a resistência aos poderes discricionários, gerando-se, desta forma, as convulsões que só trazem sacrifícios inúteis e sem qualquer proveito para o progresso e o bem-estar da coletividade.

Temos, nos últimos anos, encontrado sérias dificuldades para estruturar a vida política do país em bases sólidas, livres dos azares provocados por eventuais descontentamentos. Uma democracia, para ser verdadeira, há de encontrar, na própria substância do regime, a força indispensável para defender-se e resistir qualquer crítica. A lei, para que tenha valor, deverá impor-se pelo consentimento dos cidadãos e não será o paradoxo de derogá-la para que ela seja cumprida. Seria incrível – e mesmo incompreensível nos tempos de hoje – que para defender-se a democracia



fosse necessário liquidá-la rompendo-se a Constituição que a estabelece e normatiza. (*Diário de Notícias*, 27 de agosto de 1961, p. 4).

Este editorial defende a Constituição, condena qualquer atitude que signifique romper com a Carta Magna, mesmo que para isso Jango seja o novo presidente. Devemos lembrar que o *Diário de Notícias*, sendo de Assis Chateaubriand, é um jornal que deveria ter relações ao menos razoáveis com Jango, afinal Chateaubriand havia sido convidado a assumir a embaixada do Brasil no Reino Unido, em 1957, quando Jango era Vice-Presidente.

Na página 6, o jornal pincela um pouco de tudo e, tomando por base esta página podemos listar diversas pequenas notícias que visam abarcar todos os eventos, numa tentativa de imparcialidade. No final desta, uma pequena notícia fornecida pela UPI diz: **“Fidel lamenta perder um de seus defensores”**. O título indica que a matéria falará de Fidel referindo-se a Jânio Quadros como seu defensor. Fidel sempre foi visto como o representante do comunismo nas Américas, portanto o título sugere que Quadros seria um defensor do comunismo. Contudo ao ler a matéria percebemos que no corpo desta, Fidel diz que lamenta perder Quadros por ele ser um forte defensor do princípio de autodeterminação dos povos. Ao final da notícia, o mais próximo que se pode chegar de “defensor de Fidel”, é uma fala de Castro onde ele se refere à tentativa de invasão dos EUA, e que, naquele momento, o Brasil se posicionou contra uma invasão e a favor da autodeterminação. O trecho da notícia fala o seguinte:

Cuba, a quem Quadros defendeu firme e tenazmente diante da política intervencionista dos estados Unidos, se sente solidária com ele e com o povo brasileiro nesta hora difícil. Fazendo votos para que os operários, camponeses, estudantes, os militares honestos e o grande povo do Brasil possam resistir com êxito ao bote traiçoeiro do imperialismo e a reação e que saiam vitoriosos desta dura prova. (*Diário de Notícias*, 27 de agosto de 1961, p. 6).

A defesa da autodeterminação dos povos é uma questão levantada pelo Brasil desde o Barão de Rio Branco, portanto não é novidade esta postura nacional. Há uma larga diferença entre defender a autodeterminação dos povos e defender o regime de Fidel, como fica subentendido no título desta matéria. Assim, está registrado a intencionalidade de quem publicou a notícia, isto é, associar o nome de Quadros ao comunismo.

Na capa do jornal do dia 29, está estampado que o Congresso Nacional negou o pedido de impedimento de Jango enviado por Rainieri Mazzilli, ficando claro que os ministros militares não aceitam a presidência de Jango, alegando motivos de segurança nacional. No final da notícia, aparece uma declaração do Marechal Denys onde ele afirma à agência noticiosa UPI, se opor a Goulart em razão “da forma de governo que representa.” Analisando a afirmação do Marechal e conhecendo o histórico político de Jango podemos afirmar que a política praticada por Jango nos governos de Getúlio e Juscelino não foi vista com bons olhos pelos militares. O medo da República Sindicalista é claro nas declarações deste tipo. Contudo, Skidmore (1979) afirma que:

Denys era um ferrenho opositor do legado de Getúlio, em matéria de política interna e estava decidido, juntamente com seus colegas Moss e Heck – que com ele concordavam – a impor tais pontos-de-vista após a renúncia de Jânio. (SKIDMORE, 1979, p. 256).

Assim, obtemos alguns elementos para compreender o processo de oposição a Jango, que era acusado pelos militares de ser um agitador.

Outra forma de associação com comunistas que o jornal estabelece é percebida na diagramação da página, pois, muito próximo desta notícia, tem outra que diz: “Rússia põe a culpa nos EUA”. Na notícia, a UPI repassava as informações obtidas através de um despacho da Tass, agência noticiosa oficial russa, e essa afirmava que Quadros teria contrariado os interesses dos EUA ao não apoiar as sanções contra Cuba e ao tomar medidas para normalizar as relações do Brasil com a Rússia e outros países socialistas.

O jornal tenta explicar as causas da renúncia e, na página 2 do mesmo dia 29, publica uma matéria cujo título diz: “A renúncia começou com a ação de Lacerda no reatamento com a URSS”, contendo uma cronologia deste evento. Neste momento o jornal está, assim como os demais, tentando dar uma explicação aos leitores e a política externa, e para isso, as acusações de Lacerda parecem ter os argumentos mais lógicos. Quando os jornais falam de política externa, discorrem sempre sobre as questões de aproximação com países comunistas, como a URSS ou a China comunista.

Na página seguinte, SamPaulo retrata muito bem a questão em debate sobre a posse de Jango, numa charge que diz muito.



(*Diário de Notícias*, 29 de agosto, p.3).

O chargista está retratando uma mobilização geral de todos os setores da sociedade contra a ilegalidade. Unem-se governo, estudantes, operários, igreja, povo, intelectuais. Interessante observar que SamPaulo ao retratar a sua percepção, pela ótica do Rio Grande do Sul, consegue resumir de forma brilhante o sentimento nacional.

Nem todos os anticomunistas declarados são contra a posse de Jango. Por exemplo, Plínio Salgado, do PRP, é a favor da Constituição e da posse de João Goulart, conforme notícia publicada na mesma página 3, sob o título: “Plínio com Mazzilli: o PRP quer a posse de Jango”. Nessa matéria, Alberto Hoffmann, presidente do PRP do Rio Grande do Sul, dá uma entrevista ao *Diário de Notícias* onde declara que Plínio Salgado conversou por telefone com Rainieri Mazzilli, afirmando que os integralistas são a favor do cumprimento da Constituição e, portanto, da posse de Jango. Não podemos esquecer que o PRP apoiou a candidatura do Marechal Lott e Jango, conforme nos informa Carla L.Silva:

O PRP oficialmente apoiou as candidaturas do Marechal Henrique Teixeira Lott (PSD) para presidência da República e de João Goulart para Vice-Presidência (PTB), conforme deliberação do Diretório Nacional do PRP em 6 de setembro de 1960. (SILVA, 2000, p. 62).

O PRP é radicalmente anticomunista e, apesar da política externa de Jânio ter aproximado o Brasil dos países comunistas, os integralistas mantiveram-se apoiando o

governo eleito, afinal eles faziam parte deste governo. A posse de Goulart significaria manter a política de Jânio, e provavelmente tender mais à esquerda, entretanto, e acima de tudo, o partido demonstrou ser a favor da Constituição.

O editorial do *Diário de Notícias* de 29 de agosto afirma claramente que a Constituição deve ser respeitada para evitar uma guerra civil. Também se refere à posição de Dom Vicente Scherer, que deve ser pensada pelos dirigentes do país no sentido de preservar a ordem e a serenidade. Neste editorial, o jornal defende a legalidade sob o título “Legalidade e respeito às Leis”. O trecho final deste edital é interessante.

Os atuais acontecimentos devem levar todos os brasileiros à meditação, pois seja qual for a solução para a crise em que nos debatemos, a verdade é que estamos vendo, pela realidade dos fatos, que uma eventual ameaça à Constituição traz em seu bojo outra ameaça mais séria – a ameaça da guerra civil que ninguém deseja e que, ensangüentando a Pátria, ceifará a vida de seus jovens e enlutará milhares de lares.

Está, pois, em tempo – em tempo de que os homens de bom-senso dando cumprimento à Carta Constitucional, evitem o mal maior e garanta, assim, a paz de que tanto necessitamos para resolver nossos problemas e construir um Brasil Próspero. (*Diário de Notícias*, 29 de agosto de 1961, p. 4).

O temor de uma guerra civil e a insistente luta em defesa da Constituição são a tônica dos editoriais do jornal. Em nenhum momento percebemos a defesa do direito de Jango no sentido de apoio político. Contudo, percebemos o apoio ao cumprimento da Constituição apesar de Jango.

A página 9 é toda dedicada à questão da legalidade, e um grande título diz: “Definição do III Exército relaxou a tensão nas tropas de prontidão”. Esta matéria dava conta de que o exército estava relaxado e calmo diante dos acontecimentos, e nada alertava para um confronto. Outros pequenos títulos tratam do mesmo tema “protocolo verbal entre o governador Brizola e o General Machado Lopez”. Esta notícia informa a adesão de Machado Lopez à causa da legalidade. O título que merece atenção diz: “ ‘Times’: ‘Jango pode ser demasiado esquerdista para o nosso gosto, mas, golpe militar não é a solução.’ ” (Anexo 22). Este título parece resumir o pensamento de muitos que são à favor da legalidade apesar da postura política de Jango, como deve ser o caso de Plínio Salgado, por exemplo. A matéria enviada pela UPI, fala sobre o editorial do “The New York Times”.

A renúncia do presidente Jânio Quadros acarretou rapidamente as complicações perigosas que eram de temer. Torna-se difícil não compartilhar das críticas publicadas pelos jornais brasileiros. Jânio Quadros desertou de seu posto. Contava com meios constitucionais de continuar no poder, e pelo que se sabe, ninguém tentou obrigá-lo a renunciar.

Depois de se referir à posição do Ministro da Guerra Odylio Denys, que se opõe que o vice-presidente tome posse da presidência diz o editorial que “Goulart pode ser demasiado esquerdista para nosso gosto mas que um golpe militar para impedir que um vice devidamente eleito assuma a presidência, de nenhuma maneira constitui uma solução ideal”. (*Diário de Notícias*, 29 de agosto, p. 12).

O jornal reflete muito bem o que ocorre na sociedade brasileira, e em especial no Rio Grande do Sul. O que se pode perceber até agora é que a Igreja, onde poderia haver forte oposição, defende a legalidade por não aceitar uma guerra civil, por pior que possa parecer um presidente ao estilo de Goulart. Ele é o homem eleito pelo povo que deve assumir o cargo segundo a Constituição. Apenas militares da Marinha, da Aeronáutica e alguns do Exército, bem como civis de forte atuação política mantêm o país dividido em clima de guerra civil.

Na página seguinte o jornal descreve, hora a hora, os movimentos do Palácio Piratini sob um grande título “LB levanta o Rio Grande pela legalidade” e um sub-título “Piratini: 24 horas de dramática vigília cívica”. Nessa página o jornal se propõe a descrever cada minuto do Palácio Piratini. Cada pessoa que entra nele, e cada um que trás novidade é descrito e, se possível, entrevistado. Os pronunciamentos são reproduzidos e até o descanso do governador é descrito.

Na capa do *Diário de Notícias* de 30 de agosto, temos uma foto de Brizola cercado de assessores, sob o título “Brizola: impedimento de Jango será guerra civil”. (Anexos 23 e 24).

Numa entrevista coletiva de 40 minutos, iniciada ontem às 22h15min o governador Leonel Brizola afirmou:

“Nossa atitude não é revolução é de resistência pela preservação da ordem jurídica do país. Entendemos que um golpe nas instituições, como significaria qualquer ato ou procedimento por parte do presidente constitucional, significaria, não apenas desonra nacional, mas também, atirar o país no caos, na desordem e na guerra civil. Nossa atitude de resistência e de defesa da ordem constitucional é inarredável. Nem que seja para sermos esmagados. Se formos esmagados entendemos que nosso gesto servirá para lavar a honra da Nação. Contra o “bonapartismo” e contra os grupos econômicos nacionais e estrangeiros, especialmente contra trustes e monopólio norte-americanos que estão, através de seus órgãos e agências noticiosas e seus negócios no Brasil defendendo soluções ilegais e humilhantes para o povo brasileiro. Não aceitamos qualquer outra solução

que não seja a investidura do presidente constitucional. A democracia brasileira vigente não nos satisfaz, mas se ruim com ela, pior sem ela. Temos que fazer o seu aperfeiçoamento e não a sua supressão. E se os grupos golpistas impuserem soluções que compreendam a investidura do presidente constitucional, não tenhamos dúvidas que será inevitável a guerra civil. Estes grupos golpistas estão cometendo um verdadeiro desatino, uma loucura. (*Diário de Notícias*, 30 de agosto, capa).

Brizola deixa bem claro no seu discurso que não aceita a intervenção dos militares, que está disposto a defender a Constituição, nem que seja com a guerra civil. Mesmo os jornais publicando a posição de ambos os lados e posicionando-se a favor da legalidade, em editorial, o periódico oportuniza uma discussão muito rica junto aos leitores. Trata-se da discussão sobre o que está sendo defendido: entre os favoráveis a legalidade, a defesa está focada na Constituição; entre os que são contra a posse de Jango, a questão está na figura do Vice-Presidente. São questões completamente diferentes, pois muitos defendem a Constituição, apesar de Jango, pelo simples fato de não querer uma ditadura militar no país.

As notícias chegam à população através dos jornais e através das rádios, uma vez que Brizola encampou a rádio Guaíba, e as demais emissoras aderiram a “rede da Legalidade” em todo o País, retransmitindo as notícias que saíam diretamente do Palácio Piratini. Na página 3 deste mesmo dia, a charge de SamPaulo deixa claro que os gaúchos podem parecer calmos, mas estão prontos para a briga, ou seja, a qualquer momento os gaúchos podem começar a lutar em defesa da legalidade. A ideia de luta armada está colocada todos os dias em todos os jornais do país e a população gaúcha, de um modo geral, está se preparando para enfrentar uma luta em favor da Constituição. Na Charge, um gaúcho ouve através do rádio de pilha as notícias e, pela sua expressão, não gosta do que ouve, ficando pronto para brigar.



(*Diário de Notícias*, 30 de agosto, p. 3).

A calma do Rio Grande é aparente, o estado está mobilizado para a luta em defesa da Constituição. Quem mobiliza o povo é o Governador do Estado através da Rede da Legalidade.

A capa do jornal *Diário de Notícias* de 31 de agosto de 1961 diz: “Comissão especial rejeitou o impedimento de JG.” A notícia fala que a comissão especial, que estava analisando o pedido dos Ministros militares pelo impedimento de Jango, rejeitou o pedido destes, contudo encaminhou um pedido de alteração da Carta Constitucional, limitando os poderes do presidente. Nesta solicitação, a comissão propõe a instituição do parlamentarismo. Logo abaixo desta notícia, há outra com a declaração de Jango afirmando: “Jango: espero chegar no Brasil amanhã (hoje)” e logo abaixo: “- Não desejo que haja guerra civil no país.”. A primeira notícia falava dos diversos destinos de Jango e do seu desejo de estar no Brasil logo. Também afirmava que o voo do Presidente com destino a Buenos Aires faria várias escalas e não tocaria em solo brasileiro. A notícia sobre o fato de Jango não desejar guerra civil apresentava-se bastante manchada, o que dificulta a leitura. No entanto, é possível identificar que se trata

de uma entrevista em que Jango deixa claro que aceitará o que o Congresso propõe para evitar uma guerra civil.



(*Diário de Notícias*, 31 de agosto de 1961, p. 4)

O chargista faz referência a uma experiência anterior de se implantar o parlamentarismo, e a charge demonstra que a ideia de implantação do parlamentarismo no Brasil já é bastante antiga, cheia de teias de aranha. Boris Fausto nos fala a este respeito, lembrando que, no Segundo Reinado, houve uma tentativa de parlamentarismo, entretanto adverte que a Constituição de 1824 não tinha nada de parlamentarista.

De acordo com seus dispositivos, o Poder Executivo era chefiado pelo Imperador e exercido por ministros de Estado livremente nomeados por ele. Esse critério é diverso do parlamentarismo, pois nesse sistema o ministério – chamado de gabinete – depende essencialmente do Parlamento, de onde sai a maioria de seus membros. (FAUSTO, 2002, p. 179).

A crise brasileira, estabelecida a partir da não aceitação por parte dos militares da posse do Vice-Presidente, é acompanhada por todas as nações. Uma notícia chama a atenção; seu título diz: “Brasil ganha triste notoriedade em todo o mundo com sua crise”.



Segue ressoando no exterior a crise brasileira. Especialmente Washington se mostra atento à direção que poderá tomar, embora, segundo as declarações oficiais decidido a manter uma atitude de absoluta não intervenção. (*Diário de Notícias*, 31 de agosto, p. 9).

Qual seria a razão para Washington intervir num país que discute se assume o Vice-Presidente ou se chama outra eleição? Interessante tomar conhecimento do que abertamente se fala na imprensa internacional e nacional, ou seja, em intervenção norte-americana, como se o Brasil não fosse suficientemente capaz de resolver seus problemas políticos. O medo do comunismo nesta época era tão grande que uma intervenção norte-americana poderia acontecer independente da doutrina de não intervenção. Infelizmente este temor não era apenas dos norte-americanos ou dos militares, pois muitos políticos de direita, como Carlos Lacerda, estavam nos limites do impensável, ou seja, rasgar a Constituição e simplesmente não permitir a posse de Goulart. O problema é que isto poderia abrir brechas para uma ditadura militar ou civil e era o que os demais políticos pareciam não desejar. Para piorar a situação e alimentar ainda mais o temor comunista, na mesma matéria e em sequência, o jornal publica:

Alguns jornais estrangeiros, particularmente os de Londres, fazem pertinentes análises da situação brasileira, e Fidel Castro, em discurso televisionado, no encerramento de um congresso de produção do Governo de Havana, incita o povo brasileiro a lutar contra os militares “nas montanhas”. (*Diário de Notícias*, 31 de agosto de 1961, p. 9).

Mais uma vez o “monstro do comunismo” nas Américas, Fidel Castro, faz declarações fortes e sugere a guerra civil, coisa que ninguém no Brasil deseja. A intenção do jornal é colocar as declarações de Fidel no corpo da notícia, aumentando a tensão, porque assim está logicamente fazendo uma ligação com o início da matéria sobre a possibilidade de invasão norte-americana que ficou subentendida. No quadro abaixo o jornal procura demonstrar o quanto pode ser neutro.



### **Jango já foi presidente**

O Sr. João Goulart cuja ascensão à suprema magistratura do país está sendo objeto de controvérsia, já exerceu anteriormente as funções de Presidente da República. Em Junho de 1956 quando o Sr. Juscelino Kubitschek foi ao Panamá participar da Conferência dos Cheefs de Estados Americanos, o Sr. João Goulart em sua qualidade de Vice-presidente substituiu o Presidente do dia 20 até o dia 23 daquele mês.

(*Diário de Notícias*, 31 de Agosto de 1961, p.10)

Nesta página, uma nota pequena lembra que Jango já foi presidente, e o leitor desavisado pode pensar que assim o jornal está a favor de Jango. Na verdade o jornal é a favor da Constituição e do cumprimento do que prescreve a Carta Magna, já tendo se manifestado em editorial a este respeito.

Na capa do *Diário de Notícias* de 1º de setembro, o título é: “Chefes militares cedem para o parlamentarismo”, e o jornal dedica boa parte do seu espaço à matéria. A notícia fala que os ministros militares aceitaram o parlamentarismo e que este será do tipo alemão, ou seja, o Brasil passará a ser uma República Parlamentarista na qual “o presidente é nomeado pelo congresso; o primeiro ministro seria também nomeado pelo congresso e terá suas [sic] atribuições que no regime presidencial cabem ao Executivo”. Na verdade o que o jornal quer dizer é que o presidente passa a ter poderes simbólicos, pois quem realmente governa é o primeiro ministro. Os ministros militares se reuniram e este sistema de governo foi aceito. As demais notícias que acompanham esta são todas referentes ao tema.



(*Diário de Notícias*, 1º de setembro de 1961, p. 3).

SamPaulo resume bem como os gaúchos deveriam estar se sentindo diante da solução encontrada para empossar Jango. A proposta do parlamentarismo do tipo alemão é, para os gaúchos, uma mudança das regras durante a partida. Para que João Goulart fosse aceito por aqueles que não o queriam na presidência, somente com a implantação do regime parlamentarista no Brasil seria possível a aceitação, pois passaria a ser figura simbólica e não efetiva. Novamente o jornal defende a legalidade de forma humorada.

No editorial deste dia, o jornal defende a solução pacífica e acusa Lacerda de ser ditatorial na Guanabara, faz referência a João Goulart como uma pessoa que está pedindo a conciliação para evitar a guerra civil e apela aos homens que estão na “distante Brasília” que sejam tolerantes e patriotas.

Nilson Lage (2001), referindo-se à escolha das palavras na construção de um texto, diz:

Os juízos que se quer transmitir são reiterados, até com ingenuidade, e aceitos por força do hábito. Constrói-se o mito e o grupo dominante o manipula em seu proveito. (LAGE, 2001, p. 76).

Segundo Lage, a construção do mito se faz muito discretamente, através de textos e discursos repetidos inúmeras vezes, a tal ponto que é aceito. É o caso de Fidel Castro, nos textos até aqui apresentados, que sempre aparece como impiedoso, contra a liberdade, que

ataca mulheres e crianças e fuzila homens (no caso da invasão da Baía dos Porcos), quer a guerra e não a paz, etc..

Da mesma forma, a imagem de Goulart é construída muito lentamente, associada ao sindicalismo e aos trabalhadores. Um exemplo claro deste processo está na matéria a seguir: “Brizola opõe formal desmentido a notícia do oferecimento de Cuba.”. (Anexo 29).

O governador Leonel Brizola logo após a saída do Sr. João Goulart, do gabinete de planejamento, as 23h15 min., disse que tinha uma entrevista especial a conceder. Iniciou dizendo:

“Os senhores sabem que estão divulgando através das rádios censuradas do Rio de Janeiro e São Paulo como parte da “Guerra Fria” que a nossa emissora da Legalidade teria falado em um oferecimento de armas e soldados da parte de Cuba divulgando um telegrama da Associated Press. Façam a gentileza de desmentir isso categoricamente. Nunca houve tal oferecimento.”

A seguir lembrou um episódio da história rio-grandense no momento em que o ditador Rosas fez ao Gen. Davi Canabarro um oferecimento de soldados para ajudá-lo na Revolução Farroupilha. Naquela época Davi Canabarro e Bento Gonçalves responderam: “O primeiro soldado estrangeiro que pisar em solo brasileiro fornecerá o sangue com o qual será assinada a paz com o imperador.”

Afirmou então o governador Brizola.

“A nossa posição hoje é exatamente a mesma. E não poderia deixar de ser. Nossa bússola não se inclina nem para Washington nem para Moscou, mas sim para Brasília que é o nosso rumo. Peço-lhes, ainda uma vez, divulguem o mais formal desmentido àquela notícia. Este nosso movimento não é comunista, não poderia ser.” (*Diário de Notícias*, 2 de setembro, p. 2).

Brizola, no seu pronunciamento, procura desmentir boatos de que Fidel Castro estaria oferecendo homens e armas para uma luta armada a partir do Rio Grande do Sul. Também deixa claro que o Movimento pela Legalidade não entra nas disputas da Guerra Fria quando diz que a “bússola não se inclina nem para Washington, nem para Moscou, mas sim para Brasília”, indicando que este movimento está inserido na questão da defesa da Constituição Brasileira. Contudo os boatos ocorreram, e mesmo sabendo que houve o desmentido, o que fica é o boato. E não é um boato qualquer porque a Revolução Cubana ainda assusta a classe média e os militares. Associar o Movimento da Legalidade ao comunismo é uma forma de minar suas bases, ou seja, a população anticomunista e, principalmente, a classe média.

Na página do editorial, encontramos um texto apelando para o bom senso e compreensão daqueles que não queriam Jango na presidência, a fim de evitar uma guerra civil. Também localizamos ao lado deste editorial um artigo assinado por Libero Malavoglia, intitulado “A Muralha”. Trata-se de um texto sobre a construção do Muro de Berlim, erguido em agosto de 1961, que inicia assim:

A crise de Berlim desenrola-se segundo uma lógica própria dos momentos de emergência em que toda coisa, por absurda que possa parecer, encontra as suas justificações, reais ou aparentes, no fato de que os contendores já afastados da voz da consciência e da responsabilidade preocupam-se tão só em realizar manifestações de força das quais podem surgir às piores complicações.

Este pensamento introdutivo, sugerido pela realidade dos fatos, não inverte naturalmente as posições de cada qual, nem modifica a substância da tensão internacional e das suas origens que residem no objetivo da União Soviética de impor a sua vontade unilateral e, portanto uma solução unilateral ao problema de Berlim, num menosprezo pelos tratados internacionais e por todo o direito.

É típica, a este propósito, a construção da muralha destinada a fechar qualquer passagem entre Berlim Oriental e Berlim Ocidental deixando os berlinenses no desespero e na dor, as famílias divididas, os negócios interrompidos e a incerteza suspensa à beira do abismo. E se por um lado é certo que os maiores expoentes da política internacional demonstram estar tranqüilos, concedem-se férias e falam concordemente sobre o próximo início das tratativas no sentido de encontrar um ponto de convergência, por outro não é menos certo que a situação em Berlim complica-se cada dia mais, suscitando protestos e contraprotostos, alarmas justificadas e tremendas preocupações. (*Diário de Notícias*, 3 de setembro, p. 4).

É importante observar dois movimentos feitos pelo jornal: um deles diz respeito a diagramação da página; o outro a intencionalidade do fato. O tema de todo o jornal é a legalidade, o assunto Muro de Berlim teve seu ápice em 13 de agosto e, com a renúncia de Jânio Quadros, deixa de ser notícia importante. Entretanto, mereceu novamente um artigo no meio de diversos outros sobre a legalidade na página do editorial, o que significa que a intenção do jornal era a de manter o tema anticomunismo na lembrança do público. O artigo cita a construção do Muro como algo que separa famílias, interrompe negócios, causa dor e sofrimentos, enfim coisas que qualquer pessoa teme. Também lembra que a União Soviética ignora tratados e acordos internacionais. Neste processo de inserção de uma matéria, que faz referência ao anticomunismo no meio de outras em que a discussão é a legalidade, pode levar o leitor a questionar ou associar o que ocorre no Brasil com o comunismo.

Na capa do *Diário de Notícias* do dia 6 de setembro, um título chama a atenção “Juracy denuncia: Comunistas em ação subversiva na Bahia”. O texto fala da greve dos trabalhadores da Petrobrás e termina com um comunicado do Governador Juracy Magalhães. O texto diz o seguinte:

Salvador, 5 (Meridional)- Continuam em greve os trabalhadores da Petrobrás e das docas dos portos baianos, levando o general Almeida Freitas, comandante da 6ª região militar a distribuir a seguinte nota oficial:

“Tomarei todas as providências para garantir o patrimônio nacional, a ordem e a tranquilidade da família. Convoco neste momento grave para a nação brasileira, os patriotas contrários a ditadura e os verdadeiramente democratas para que cooperem para os meios que alcancem a manutenção da ordem pública no governo legal. Atitudes impensadas e o abandono do trabalho contribuem para a confusão geral. Assim devemos proceder e cooperar para não vermos nossa nação mergulhada na guerra civil, o que somente serviria aos inimigos da pátria. Espero daqueles que desejam o bem de nosso país que não perturbem a ordem nacional e que o novo governo, prestes a ser instalado, possa atuar com acerto e tranquilidade em benefício do povo. Isso consiste na sua maior contribuição e no seu verdadeiro patriotismo”.

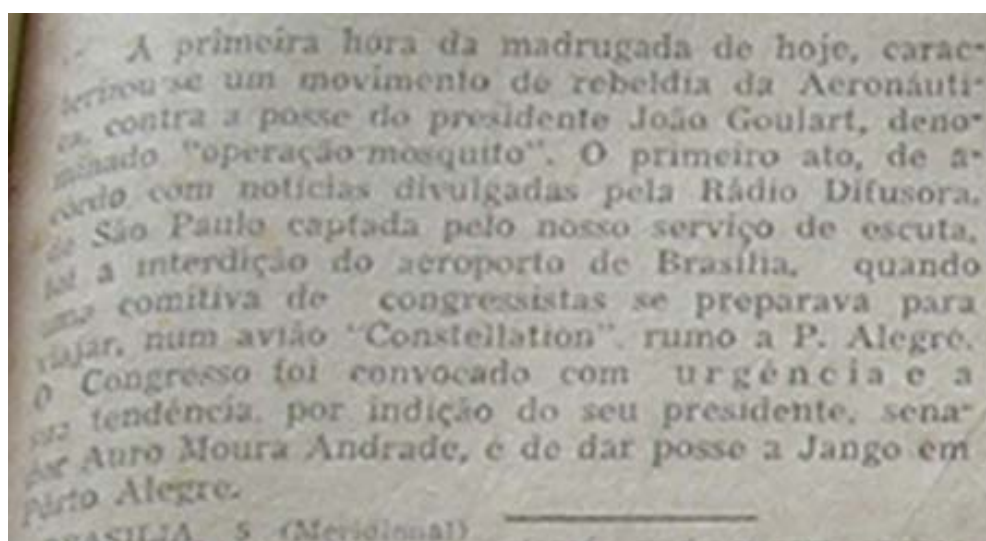
Por seu turno o governador Juracy Magalhães, depois de haver mantido uma conferência de duas horas com o comando militar distribuiu a seguinte nota:

“O governador do estado, em reunião com o comando militar da região trocou impressões sobre a agitação comunista que se pretende instalar na Bahia com a finalidade demonstradamente subversiva”. (*Diário de Notícias*, 6 de setembro de 1961, capa).

A nota emitida pelo comando militar fala em defesa do patrimônio e da família, mais uma vez o imaginário anticomunista leva a questões de ameaça a família. A família brasileira não poderia ser afetada pela greve, a não ser que ele não estivesse se referindo a greve, mas a alguma coisa além da greve. A única família afetada é a daqueles que se envolveram na greve e esta, provavelmente, concorda com o grevista, não prescindindo de defesa de militar alguma. Também se refere à ditadura, ora estamos no regime presidencialista e, neste momento histórico, modificando a Constituição para parlamentarismo. Oficialmente não há nada que indique a possibilidade de uma ditadura. Também faz referência a abandono de trabalho, mas greve não é abandono de trabalho, é paralisação de atividades. O comando militar quer minimizar a importância desta paralisação. A nota sutilmente ameaça com a guerra civil se não houver cooperação por parte dos trabalhadores. Para finalizar a nota, pede que o novo governo seja aceito para o bem do País e o governador emite uma nota

informando que oficialmente que existe infiltração comunista na Bahia, e esta pretende subverter a ordem. As duas notas foram publicadas juntas e deixam claro que os comunistas estão por trás da greve da Petrobrás. Se os comunistas estão no movimento de greve a nota dos militares faz sentido. Eles se propõem a proteger o patrimônio, porque seria a primeira coisa que os comunistas tomariam, e a segunda coisa a ser afetada é, logicamente, a família, daí a necessidade desta ser protegida. Quando o comando militar se refere à ditadura está se referindo a ditadura do proletariado, ou algo semelhante como “República do Sindicalismo”. Na diagramação desta página, a foto colocada exatamente acima desta notícia era a de Jango abanando da porta do “Caravelle” que o traria a Porto Alegre. Novamente podemos inferir que há alguma intencionalidade nessa composição de página.

A Aeronáutica não aceitava a posse de Jango e estabeleceu a operação Mata-mosquito, conforme o primeiro parágrafo da notícia de uma das capas do dia 5 do *Diário de Notícias*. O título da matéria é: “Operação Mata-mosquito” da FAB contra Jango. Logo abaixo do título temos uma foto de militares com armas antiaéreas no Palácio.



(*Diário de Notícias*, 5 de setembro de 1961, capa).

Sobre o caso da resistência ao fato de Jango assumir a presidência, o jornal publica uma charge de SamPaulo que é muito significativa. O chargista se manifesta fazendo referência à ida de Jango para Brasília enfrentar os militares da Aeronáutica, que são a grande resistência para que ele assuma a presidência, afinal, para eles, Jango ainda é uma ameaça. Ao aceitar o parlamentarismo, Jango pagou para ver o que seria decidido pelos militares. Ao ir a

Brasília enfrentou a aeronáutica, “não foi no ‘cachorro’” como diz a frase acima do desenho. Os militares poderiam perder os apoios obtidos até este momento histórico, caso não aceitassem o parlamentarismo, uma vez que o congresso não aceitou a proposta de impedimento de Jango.



(*Diário de Notícias* 6 de setembro de 1961, p. 3).

O jogo acima é de Jango contra a aeronáutica e ele, com cartas boas na mesa, paga para ver, jogando todas as cartas. O riso é a melhor forma de atingir o não letrado, e Sam Paulo sabe como abordar as questões políticas de uma forma clara. Nesta imagem a Aeronáutica parece surpresa e intimidada por um Jango feliz por vencer. Apesar da resistência da Aeronáutica, Jango embarcou e prosseguiu viagem. Nesse caso, a crítica do chargista é direcionada à aeronáutica, demonstrando o apoio que o jornal deu à posse de Jango.

### 5.4.3 - Última Hora

Outro jornal que tratou de publicar notícias sobre a legalidade foi o *Última Hora*, numa edição extra do dia 25 de agosto, na qual o jornal publica na capa “Gaúchos de novo no poder: Jango”. Também é publicado um trecho da Constituição que garante a posse do Vice-Presidente no caso de vagar o cargo de Presidente da República e o chamamento de novas



eleições em 60 dias para eleger o novo Vice-Presidente. Na página 2, outro título chama a atenção: “III Exército vai garantir a Legalidade”. Logo abaixo um pequeno texto explica.

Assim se pronunciou o General José Machado Lopes, Comandante do III Exército, sobre a renúncia do Presidente Jânio Quadros: “Lamentavelmente ainda não recebemos esclarecimentos sobre o que está ocorrendo. O III Exército pode garantir para a população de Porto Alegre e de todo o território sob sua jurisdição que a ordem será mantida. Todas as tropas estão de prontidão. Aguardo instruções”.

O Sr. Clóvis Pestana, ministro da viação, que acompanhava o gen. Machado Lopes, ainda supreso com a notícia da renúncia do Sr. Jânio Quadros, limitou-se a declarar que não retornaria para o Rio: “Aguardarei aqui os acontecimentos. Estou tranquilo.” (*Última Hora*, 25 de agosto de 1961, p. 2).

Na interpretação do Jornal, o III Exército apoiava a legalidade, contudo neste momento o Gen. espera instruções de Brasília e não do governador Brizola. Assim como os demais jornais fazem livre interpretação de outras notícias tentando mostrar os problemas do comunismo, o jornal *Última Hora* fez o mesmo ao afirmar que o III Exército apoiava a legalidade neste momento, no dia 25.

A capa do jornal de 26 de agosto sobre o tema é interessante. O jornal publica uma enorme chamada: Novo presidente já saiu de Singapura rumo ao Brasil! Jango a UH: “MEU DEVER É ASSUMIR!”. Logo abaixo, as fotos de Janio, Mazzilli e Jango com os dizeres “- ONTEM – HOJE – AMANHÃ -” respectivamente como podemos observar na imagem a seguir:



(*Última Hora*, 26 de agosto de 1961, capa).

Para o jornal, não há dúvidas de que a posse de Jango deve ser o caminho correto a ser seguido.

Na página 4, a grande manchete era a de que a renúncia havia unido a Assembléia Legislativa, ou seja, todos os partidos estariam apoiando a legalidade. No jornal deste dia, na seção “pílulas” desta página, onde o jornal publica pequenos trechos sobre um tema, encontramos a reprodução de uma espécie de diálogo entre Brizola e Helio Carlomagno.

Cada dia me torno mais radical e noto a influencia perniciosa do imperialismo americano – afirmou aos Deputados o Sr. Leonel Brizola. “No governo, comecei a abrir os olhos para este fato, desde que o empobrecimento de Rio Grande me chamou a atenção. Por isto é necessário esclarecer sobre os grupos estrangeiro de que fala o Sr. Janio Quadros – completou.

Isto tudo tem íntima relação com os ideais da Revolução Cubana – comentou LB aos deputados. “Pode-se discutir e até discordar de Fidel Castro, mas eles é que abriram os olhos dos povos latino-americanos” – acrescentou, enquanto o Sr. Hélio Carlomagno afirmava que até os países africanos sofreram a influência de Cuba.

Nosso caminho é o mesmo trilhado por Cuba – assegurou o Deputado Moab Caldas durante a reunião entre executivo e legislativo. “Constatai “in loco” o que foi feito naquela ilha e a espoliação só terminará quando tomarmos o mesmo rumo assegurou. (*Última Hora*, 26 de agosto de 1961, p. 4).

Estes são trechos de diálogos e discursos para deixar qualquer anticomunista preocupado, principalmente num momento tão tenso para o País. Estas opiniões não foram encontradas nos outros jornais trabalhados, o que nos mostra que este jornal não parece ser de tendência anticomunista. Na verdade, o texto está demonstrando a percepção de Brizola sobre os interesses comerciais norte-americanos. Estes são muito maiores do que se pensa e não trazem benefício algum a quem trabalha com eles, ao contrário, segundo Brizola, fica empobrecido.

Na página 5, o grande título da página é: “Renúncia surpreende o mundo: Deixou o poder maior amigo de Fidel”. O jornal está se referindo a postura de Jânio Quadros frente ao caso cubano de insistir na autodeterminação dos povos. Nesta notícia também é colocada a preocupação norte-americana frente ao caso, e um dos subtítulos diz: “Wall Street: Jango é o perigo.”. A seguir um trecho do texto:

Por sua vez, o alto mundo financeiro de Wall Street, manifesta antes de tudo apreensão e temor pelo futuro das relações do Brasil com os Estados Unidos. Este temor se baseia no fato de que o Sr. João Goulart, substituto constitucional do ex-presidente é considerado “ainda mais simpático às esquerdas do que o próprio Janio”. Este último, ainda que não correspondesse às esperanças dos círculos de Wall Street face sua aproximação com Fidel Castro e ao restabelecimento de relações comerciais com países do leste europeu e China Popular, satisfazia aos interesses dos monopólios como consequência da política de estabilização monetária adotada desde o início de seu governo. Jango, entretanto desde o início de sua carreira, em 1952, como Ministro do Trabalho, é “marcado” pelo grande mundo econômico e financeiro dos Estados Unidos e suas últimas declarações em Moscou e Pequim favoráveis ao comércio com todos os povos, provocaram certo mal-estar e mesmo alguma ira entre os homens que, de Wall Street, conduzem a política econômica do mundo ocidental. (*Última Hora*, 26 de agosto de 1961, p. 5).

É possível perceber, lendo o texto, que Jango provoca sentimentos bastante fortes nos homens que comandam o mundo financeiro norte-americano. Se, como Vice-Presidente ele se mostra favorável a negociar com todos os povos, independente de postura política, como Presidente ele realizará esta façanha quebrando o monopólio de comércio norte-americano e

obrigando estes a se adequarem às leis de livre comércio, coisa que não é interessante. Jango é perigoso para Wall Street porque não teme se aproximar de países da “cortina de ferro” para negociar. O texto também lembra que João Goulart iniciou sua carreira como Ministro do Trabalho e sabemos que a atuação de um Ministro do Trabalho pouco pode afetar as negociações de Wall Street, o que deixa subentendido nesta referência é a aproximação de Jango com os sindicatos e as esquerdas.

O jornal dedica a capa do dia 27 ao “Golpe contra Jango”. Coloca uma foto de Jango de perfil e uma manifestação do jornal, tipo editorial, com o título “Constituição ou Guerra civil”. No texto o jornal fala sobre o não cumprimento da Constituição, ou seja, “o golpe é uma bofetada na face do Brasil”, defende a posse de Jango e afirma que impedir a sua posse é rasgar a Constituição e que acima de qualquer divergência partidária ou pessoal. O povo do Rio Grande une-se em torno da legalidade.

No corpo do periódico, na página central, o jornal destaca o encontro do Deputado Ruy Ramos com o Gen. Denys. O grande título que ocupa as duas páginas que compõem a página central diz: “O estopim da reação contra golpe foi o encontro Ruy Ramos-Denys”. Esta matéria é composta de cinco fotografias: uma do Marechal Denys, de um lado e outra de Ruy Ramos de outro, e três de soldados em seus postos armados protegendo o Palácio Piratini. No corpo desta matéria consta um subtítulo: “Denis na linha do Golpe”, que diz o seguinte:

No relatório ao governador Brizola o Sr. Ruy Ramos destaca ainda dois pontos de seu encontro com o marechal Odílio Denys:

“O ministro da Guerra parece estar, francamente na linha do golpe. Sem sombra de dúvida, não está, disposto, igualmente, a permitir a posse do Sr. João Goulart na presidência, sendo forçado, até, a detê-lo se chegar ao Brasil, em nome da “segurança nacional” e da “serenidade pública”.

- Ao afirmar que o sr. Leonel Brizola desejava do ministro da Guerra um pronunciamento definitivo sobre a situação, afirma o Sr. Ruy Ramos ter sentido que Denys não estava, inclusive, seguro de sua própria posição. Dizendo que preferia uma solução conciliatória, Denys chegou a admitir a posse de Jango, sugerindo que constituísse um ministério de coalisão nacional que “libertasse” o vice-presidente do que chamou de “pressão da esquerda subversiva”. Tomando o conteúdo de todas as palavras do ministro como um “verdadeiro desafio”, o deputado sublinhou que aceitava a situação colocada nestes termos, exclamando: “aceito o desafio”. (*Última Hora*, 27 de agosto de 1961, capa).

Lendo este trecho do texto não é difícil perceber que os militares têm receio da “esquerda subversiva” que age pressionando Jango, e que esta seria uma das razões para ele ser um problema de segurança nacional. Observemos que o jornal não deixa de colocar a opinião dos militares sobre o caso, contudo, a ênfase da matéria é a legalidade. Também transparece no texto o imaginário anticomunista dos militares, pois, estes temem a influência da esquerda no governo.

No dia, 28 o jornal publica uma matéria informando que o Marechal Lott foi preso por trinta dias pelo Marechal Denys, cujo título é: “Trinta dias para Lott”. No corpo dessa matéria publica novamente uma posição do Marechal Denys sob o título “Comunismo ou democracia”, que diz o seguinte:

Logo após haver expedido a nota oficial, confirmando a prisão de Lott, o Ministro da Guerra concedeu Rápida entrevista aos jornalistas em sua residência. “Chegou a hora de optar entre o comunismo e a democracia” – declarou inicialmente, aduzindo após que pouco tinha a acrescentar, reafirmando que nada tem contra a pessoa do Sr. João Goulart, “mas contra a forma de governo que ele representa”. O Marechal Odílio Denys, desde sua residência, cercado por diversos oficiais de seu Estado-Maior, esteve sempre inteirado dos acontecimentos em todo o território nacional. Finalizando o breve contato com os jornalistas, Denys disse lamentar a pena de prisão, imposta ao Marechal Lott, de quem é amigo pessoal. (*Última Hora*, 28 de agosto de 1961, p. 3).

Novamente o comunismo é a tônica do discurso dos militares. Jango está definitivamente associado à esquerda e ao regime comunista. Não é mais a aproximação com os sindicatos que preocupa os militares, mas a instauração do comunismo como forma de governo a exemplo de Fidel Castro.

Na página 5 do dia 28, a manchete é: “Crise do Brasil preocupa o mundo: ‘Princípio ou fim?’ ”. A matéria é da FP de Nova York e diz que as notícias continuam repercutindo na imprensa norteamericana.

O “New York Times” considera inquietantes as notícias chegadas do Brasil, afirmando ainda que no Umbral de um período confuso a demissão de Jânio Quadros é um “começo, não um fim”. O “Times” se nega, entretanto a tecer comentários em torno da posse do Sr. João Goulart, dizendo somente que “talvez existisse entre o presidente e o vice-presidente um pacto político, visando alguma manobra de caráter mais profundo e não determinado”. (*Última Hora*, 28 de agosto de 1961, p. 5).

Podemos observar que a ideia de manobra política está tentando ser estabelecida pelo jornal “The Times”; a concepção que pode ser percebida é a de que estariam tentando articular um golpe. Numa interpretação das palavras do “Times”, o leitor que teme o comunismo pode pensar em uma manobra no sentido de levar o país mais à esquerda, ao regime comunista. E neste caso a questão é grave, pois o Brasil é uma referência importante para a América Latina.

O *Última Hora* publica uma notícia em que acusa Lacerda de articular o Golpe, o título é: “Agitador de Lacerda esteve na cidade: 5 dias em ação”

O golpe vinha sendo articulado há muito tempo pelo governador Carlos Lacerda. Um emissário do corvo esteve em Porto Alegre, a fim de obter apoio de universitários para uma ação “violenta” contra o governo de Jânio Quadros, sob o pretexto de luta contra a infiltração comunista no governo.

#### Emissário

O emissário foi Martin Afonso Xavier Silveira Jr., que se hospedou por cinco dias no hotel Plaza, sendo pessoa que fazia encontros diários com o consulado norte-americano e no próprio Instituto Cultural Brasileiro Norte-americano.

#### Movimento de direitista

Martin Afonso Xavier da Silveira encontrou-se com todos os presidentes de Centros Acadêmicos da capital, sendo repelido face as suas propostas, no sentido de ser realizado um movimento de protesto contra Jânio. No centro acadêmico da Faculdade de Arquitetura chegou a falar claramente num movimento de direita, afirmando que Gustavo Corção e Paulo de Tarso estavam a serviço do comunismo, com o apoio a Jânio Quadros.

Às 13 horas do dia 25 Martin Afonso como nada conseguisse junto aos universitários de Pôrto Alegre, regressou ao Rio. (*Última Hora*, 28 de agosto p. 13).

O jornal acusa Lacerda de organizar o golpe contra Jânio e também denuncia um movimento direitista anticomunista se organizando a partir de Lacerda. Neste caso, o jornal serve de fonte, informando sobre o movimento anticomunista e também se manifestando diante do fato, pois os termos utilizado na notícia deixam claro que o jornal não concorda com o fato.

Na página 9 do dia 28, o título diz “Cid Sampaio: ‘Receberemos João Goulart como legítimo representante do Brasil’”, Trata-se da declaração do governador de Pernambuco sobre aceitar João Goulart como Presidente do Brasil. A matéria diz o seguinte:

Recife, 28 (UH) – “Se de volta do exterior, o senhor João Goulart fizer escala em Recife, será recebido como primeiro mandatário da nação e legítimo presidente de todos os brasileiros”, com esta declaração incisiva Cid Sampaio, governador de Pernambuco, iniciou uma proclamação para todo o nordeste. Falando através de uma cadeia de emissoras, Cid Sampaio declarou: “Em meu estado não existem comunistas, udenistas, trabalhistas ou pessedistas, numa hora como a presente. Aqui existem pernambucanos e estes reconhecem o Sr. João Goulart, o Presidente da República”. O governador pernambucano repudiou tôdas as tentativas de golpe e conclamou o povo nordestino a cerrar fileiras em torno da Legalidade concluindo: “Não acredito que ninguém de bom senso pense em outra solução que não seja a posse do presidente João Goulart”. (*Última Hora*, 28 de agosto de 1961, p. 9).

É importante observar que, ao apoiar a posse de Goulart, o governador deixa claro que a questão ideológica deve ser superada em prol da defesa da questão legal. Este trecho do discurso que o jornal reproduz é uma mensagem direta àqueles que temem a posse de Goulart.

O Jornal *Última Hora* adota uma postura de divulgação das notícias sobre a legalidade um pouco diferente dos demais jornais. Enquanto o *Correio do Povo* e o *Diário de Notícias* se preocupam em buscar as causas da renúncia de Quadros, apontando a aproximação com as esquerdas, a condecoração de Guevara e as negociações com os países de esquerda como possíveis causas, o *Última Hora* não tem esta preocupação. O periódico volta-se para o Movimento da Legalidade, preocupado em publicar os apoios que este obteve em todo o Brasil. Tanto que publica com maior destaque os apoios dos estudantes, dos operários, professores, pracinhas, servidores, além dos políticos do Rio Grande do Sul.

No dia 29, o jornal destaca a insubordinação dos sargentos da FAB que não obedeceram às ordens superiores de bombardear o Palácio Piratini.

#### FAB impediram oficiais de bombardear Piratini

Suboficiais e sargentos da Base de Gravataí impedira, ontem, que Pôrto Alegre fosse bombardeada por aviões da 5ª zona Aérea, obedecendo a determinação do Ministro da Guerra. Colocando-se firmemente ao lado da causa legalista, os subalternos não acataram as ordens de carregar com bombas e artilharia os jatos que deveriam decolar em missão de combate visando – ao que tudo indicava – a destruição do Palácio Piratini, onde o

governador Leonel Brizola, acabava de receber o apoio do III Exército. (*Última Hora*, 29 de agosto de 1961, p. 3).

Como podemos observar, o jornal tenta mostrar que os apoios são de toda ordem. Esta página do jornal foi dedicada a diversas manifestações em apoio à legalidade, inclusive um editorial falando que voltaram os tempos de dignidade e honra ao referir-se ao acerto entre Brizola e o comandante do III Exército.

Na contra capa do dia 29, o jornal publicou as declarações do Arcebispo Dom Vicente Scherer, apoiando a legalidade, com uma enorme foto do religioso e a transcrição, na íntegra da declaração do arcebispo. No pé da página, há uma nota em destaque informando ao leitor que o jornal defendeu a legalidade desde o primeiro dia.

Na sessão Pílulas, o jornal publica o seguinte:

Para o marechal Denys, três são os homens perigosos do PTB; Almiro Afonso, Fernando Santana e Bocayuva Cunha. O primeiro – define o ministro da guerra – é o próprio Luis Carlos Prestes. O segundo um grande agitador e o terceiro, um transviado com tradição. (*Última Hora*, 30 de agosto, p. 4).

O anticomunismo no imaginário dos militares é perceptível nessa declaração do Marechal Denys. A comparação com Prestes determina o nível de envolvimento com a esquerda, atribuído ao político Almiro pelo militar. O título maior desta página é: “Temperani: Mazzilli moço de recados dos Ministros Militares”. A matéria fala das declarações do deputado Temperani Pereira que critica Ranieri Mazzili de não se impor como presidente interino, limitando-se a ser um garoto de recados dos Ministros Militares. Também afirma que o Congresso não aceitará o “impeachment” de Jango e que “para nós só existe impedimento à luz da Constituição. Nunca à luz das supostas inconveniências que vem sendo alegadas pelos grupos interessados no golpe.”. Temperani está se referindo aos militares anticomunistas que, sob a alegação de que Jango seria mais esquerdista que Jânio Quadros, faria do Brasil uma República sindicalista, tentando impedir a sua posse.

O jornal *Última Hora* denuncia o que chama de “Silêncio de Ferro”, na página central do dia 30 de agosto na qual discorre sobre o fato das notícias do Rio Grande do Sul, não conseguirem atravessar a fronteira.



Brasília anda às tontas e o resto do país se afoga numa onda de mentiras. A censura emudeceu os jornais independentes e reforçou o desatino dos colaboracionistas. Ninguém sabe de ninguém e o povo sabe ainda menos. O Rio Grande do Sul é uma ilha no meio do oceano. Há um delírio de policiamento em todo o Brasil, com arbitrariedades espantosas, que nem jornais nem emissoras, nem agências noticiosas podem documentar. E através do Silêncio de Ferro, soam os passos da ditadura, tentando iludir ainda mais a nação. (*Última Hora*, 30 de agosto, p. central).

Tendo o jornal como fonte, podemos perceber que nesta denúncia, os anticomunistas tentam isolar a agitação do Rio Grande do Sul, na tentativa de atenuar o Movimento da Legalidade para o restante do País. Na sequência de informações desta página, o jornal fala da chegada de deputados ao Rio Grande

O silêncio chegou a tal ponto, que dois deputados federais, Temperani Pereira e Bocayuva Cunha, viajaram para Pôrto Alegre, decididos a examinar a situação. Descer do avião foi ter uma surpresa, que crescia com as horas, até chegar ao estarrecimento. Informaram os parlamentares que nem mesmo o Ministro da Justiça do governo Mazzilli, Sr. Martins Rodrigues tem conhecimento da situação. Desconhece o senhor Ministro o que acontece, não apenas no Rio Grande do Sul, mas em todo o Brasil. A censura terminou confundindo o próprio governo que age agora por suposições e boatos. (*Última Hora*, 30 de agosto, p. central).

As declarações dos parlamentares ao jornal demonstram que o Governo está enganado frente à situação real do país, pois os militares, juntamente com aqueles que são contra a posse de Jango, conseguiram erguer uma barreira de censura no país, visando impedir o crescimento do Movimento da Legalidade. O jornal denuncia tal feito por ser claramente a favor da legalidade.

O jornal publica partes de um discurso proferido por Brizola na Rede de Emissoras da Legalidade, cujo título da matéria é: “Brizola: Golpe não será dado pelo telefone”. Um dos subtítulos da notícia é: “mentiras dos golpistas”

“Através da mentira alguns órgãos de imprensa censurados e de notas oficiais, os círculos e os oficiais golpistas estão espalhando inverdades sobre o nosso movimento de resistência. Inclusive o oficialismo da Guanabara que não está a altura do povo que representa, proclama que estamos querendo fazer uma revolução comunista. O governador da

Guanabara é instrumento de grupos econômicos de nações estrangeiras. O nosso movimento é como o dos paulistas que lutaram contra a invasão francesa. Como os gaúchos que lutaram contra a invasão espanhola. Não estamos orientados por Moscou, como ele está por Nova York. Somos homens livres. Além disto outras inverdades estão sendo espalhadas.(...) (*Última Hora*, 30 de agosto, p. 12).

O discurso de Brizola, acima publicado, demonstra que os anticomunistas estão se manifestando de todas as formas possíveis, criando notícias que não são verdades e censurando a divulgação dos acontecimentos nos meios de comunicação. A defesa que Brizola faz publicamente do Movimento da Legalidade é um indício destas acusações.

O editorial do jornal *Última Hora* do dia 31 é esclarecedor, não somente pela opinião do jornal, mas também pelo que ele discorre ao se posicionar sobre o manifesto dos ministros militares se opondo a posse de Jango.

#### Falso Zelo

Finalmente chegou a hora do estorrecimento. Hora triste e deplorável, onde o Brasil inteiro assiste ao assassinato da verdade. Pobre verdade, encostada num muro e fuzilada impiedosamente pelos ministros militares. Foi a primeira vítima do golpe. Primeiro atentado consumado pela ambição desvairada que consome certos militares insaciáveis. Quando o Brasil inteiro procurava uma justificativa ao menos plausível ao menos sensata, ao menos explicável para a atitude dos ministros militares, eis que aparece um manifesto pueril, ingênuo e absurdo, deficiente até mesmo para uma ditadura de ferro, que dominasse todas as mentes e impusesse sua vontade.

Inicia o manifesto lançado ontem pelos 3 ministros militares a todo o país, com uma inverdade monstruosa, com os ministros afirmando que a Constituição deve ser violada por dever constitucional. Paradoxo alucinante, que reflete bem a confusão dos senhores ministros. Continua confessando que os ministros estão impacientes com a demora do Congresso em consentir no acinte. Revela, em seguida, que o presidente provisório, para vergonha nossa, tem alma fraca e conivente. E só depois disso remete contra o presidente constitucional numa arenga descabida que tenta pintar o senhor João Goulart, como um reles agitados a soldo do comunismo internacional. Mentira estorrecedora que já mereceu repúdio da nação.

Na lista aterradora de mentiras, douradas mas reconhecíveis, que os senhores ministros enfileiram, não faltou também a acusação de que Jango facilitou a entrada de comunistas em postos oficiais do governo. Fosse verdade tamanha mentira, onde estava o zelo dos senhores ministros, quando o atentado foi cometido? Onde a lista de nomes para ser mostrada a toda a nação? Onde as provas? Não existem provas, não existem nomes assim como não existe zelo nos senhores ministros. infantilidades dessas, só demonstram a imaginação poética dos seus autores, que distantes do povo e dos problemas nacionais, vivem e sonham numa mirabolante torre de cristal.

Por fim, o delírio maior. Dizem os ministros militares que Jango cometeu o crime de fazer elogios à União soviética e a China Comunista. Quando e em que data, um visitante oficial não se viu compelido pelo protocolo, a ter gentilezas a casa visitada? Princípio comesinho que a gente brasileira respeita em sua vida diária, desde o homem mais abastado ao mais empobrecido. Cavalheirismo muito brasileiro que muito nos honra e de onde vem esta nossa capacidade de fazer amigos. Mas é explicável que não seja entendido por homens embotados pela própria ambição, preocupados em transformar virtudes em defeitos e defeitos em preceitos constitucionais. Não espanta que quem queira ultrajar a Constituição desconheça as regras de cavalheirismo.

A conclusão é ofensiva. Não apenas ao presidente constitucional, não apenas ao povo, mas às próprias forças armadas, que são acusadas de fraqueza moral e ideológica. Porque, segundo os senhores ministros militares, bastaria a posse de Jango para que “as próprias forças armadas se transformassem em simples milícias comunistas”. Ultraje inominável, repellido pelas atuações passadas e presentes de nossos soldados, que nunca, em tempo algum, consentiram em pactuar com qualquer intromissão estrangeira, material ou ideológica, de esquerda ou de direita. Como se esses bravos soldados de nossa pátria, pudessem consentir com o aviltamento de sua honra, baluarte inabalável de nossa nacionalidade.

Não foi um manifesto, foi um punhado de lama, que não atinge a legalidade. O movimento constitucional é limpo e aberto. Não esconde intenções nem usa de artifícios para explicar suas finalidades. Por isso mesmo, não pode ser detratado pela alucinação de maus patriotas desesperados, que tentam enfrentar a opinião pública com um saco cheio de calúnias e injúrias. A legalidade tem a seu lado homens insuspeitos, brasileiros cristãos, que encontraram na sua fé a coragem suficiente para fazer valer o seu direito. Brasileiros livres e conscientes, que repugnam tanto as ideologias estrangeiras, quanto as ditaduras nacionais. Brasileiros de todos os partidos que lutam justamente para preservar intactos os princípios da democracia, ameaçados agora pelos corvos do regime.

Mesmo porque, não se discute o presente ou o passado do senhor João Goulart, mas o futuro de nossos direitos constitucionais, que devem ser preservados a todo custo. Porque somente através deles é que o povo brasileiro poderá continuar exercendo seus direitos e cumprindo seus deveres. E só em plena posse de suas prerrogativas de povo livre é que o povo poderá ter forças e condições, para manter o Brasil brasileiro e independente, capaz de eleger seus dirigentes, sem consultar a opinião de Washington ou de Moscou, mas apenas confiando na sua própria capacidade de julgamento. E essa capacidade está sendo provada e nenhum ministro militar pode nos tirar com golpes ou manifestos. (*Última Hora*, 31 de agosto, editorial).

O jornal faz duras críticas aos ministros militares, que pretendem ignorar a Constituição em função do temor que têm sobre Jango. Ao defender Jango, explicando a postura dele em visita oficial aos países comunistas como um ato de cordialidade e cavalheirismo natural a todo visitante, procura minimizar o que poderia ser um fator de acirramento de crise. Também defende e explica o Movimento pela Legalidade, e neste

momento posiciona-se claramente frente ao processo sucessório. Além de argumentar que o povo tem condições de fazer suas escolhas sem ter que consultar as potências mundiais, neste ponto, o jornal procura repetir o pensamento de Brizola, que afirma estar voltado para Brasília e não para Moscou ou Washington. Contudo, a Guerra Fria transparece neste tipo de afirmação, onde esquerda e direita estão sempre se opondo. Assim, o Jornal *Última Hora*, além de demonstrar a sua opinião a favor da legalidade, expõe o anticomunismo dos militares como fruto de ambição desvairada e de insensatez.

O vespertino publica uma notícia sobre uma entrevista que Leonel Brizola deu a um repórter norteamericano sob o título: “**LB contesta jornalista Americano**”

“Procuramos solucionar o episódio da vida política brasileira, um problema interno que diz respeito, de perto, a uma questão de dignidade nacional, na defesa da ordem contra a imposição de alguns chefes militares” – afirmou o governador Brizola, ontem à tarde, quando, ao visitar a sala de imprensa do Piratini, foi interpelado por um jornalista norte-americano, que tentou inutilmente enredá-lo, procurando, de forma ridícula, insinuar que o movimento iniciado por LB refletia uma nítida infiltração comunista através de Cuba. O jornalista ianque afirmou a Brizola que Fidel havia garantido, em Havana, que o movimento em prol da legalidade estava vinculado ao seu país. A pergunta causou estranheza aos jornalistas brasileiros e estrangeiros presentes ao encontro informal, uma vez que nenhuma notícia de Cuba fez menção a esta suposta vinculação somente descoberta pelo jornalista citado. O governador manteve-se calmo e atencioso e completou sua resposta, fazendo uma verdadeira definição:

- “Se a determinação golpista de alguns círculos civis e militares perdurar, o desdobramento deste episódio poderá nos conduzir a uma situação definida: os problemas sociais da América Latina empolgarão a opinião pública. E se os trustes e monopólios internacionais continuarem a apoiar os que hoje querem o golpe, a situação poderá evoluir para solução já escolhida na própria América Latina. (*Última Hora*, 31 de agosto de 1961, p. 10).

Esta mesma notícia foi publicada pelo *Correio do Povo*, contudo o enfoque é um pouco diferente. Observemos que os termos se parecem, mas o sentido é diferente. Apresentamos a seguir o texto do *Correio do Povo* para tornar possível a comparação:

“Formalmente, não, trata-se da solução de um episódio político na vida brasileira, que diz respeito a questões de dignidade nacional, isto é, a defesa da ordem legal contra a imposição da ditadura militar do tipo Jimenez. Agora, se perdurar o desatino, essa loucura dos ministros militares, não há dúvida de que o desdobramento desse episódio poderá nos conduzir a uma situação em que os problemas relacionados com a situação social

Latino-Americana passem a empolgar. Isto porque os grupos econômicos monopolistas que operam na América Latina já estão favorecendo os golpistas”. (Correio do Povo, 31 de agosto de 1961, p. 13).

Tanto o *Correio do Povo* como o jornal *Última Hora* traduzem as palavras de Brizola como alguém que defende a solução dos problemas brasileiros sem intervenção externa e acusa os interesses econômicos estrangeiros como impulsionador do golpe. O *Última Hora* chama de trustes<sup>45</sup> e monopólios internacionais o que o *Correio do Povo* chama de grupos econômicos monopolistas. Um, na sua linguagem, é direto e enérgico, enquanto o outro jornal parece mais suave, comedido. Enquanto o ÚLTIMA HORA no título da matéria afirma que “LB contesta jornalista americano”, o *Correio do Povo* usou o título “Movimento Legalista e Cuba”, fazendo uma referência à possibilidade de haver ligação entre um e outro, assim o leitor é levado a interrogar o que estaria por trás do Movimento da Legalidade. Percebemos as intenções diferentes no anúncio das notícias.

Em meio a estas discussões sobre a defesa da legalidade, ou a possibilidade de mudar o sistema de governo de presidencialista para parlamentarista, a URSS realiza um teste atômico, e o jornal ÚLTIMA HORA publica a seguinte notícia:

URSS reinicia explosões atômicas: Pânico no ocidente –

A bomba que a União Soviética fez explodir ontem, em local ignorado da Ásia central, pertence à escala dos kilótons e não de megáttons, embora seja mais potente que a lançada há 16 anos em Hiroshima e maior que a bomba atômica de capacidade média. O reinício das experiências nucleares causou verdadeiro pânico entre os círculos diplomáticos ocidentais, preocupados com os progressos realizados pela URSS, em um setor de que, em 1945, os EUA eram os únicos detentores de toda verdade e poderio. (*Última Hora*, 2 de setembro, p. 5).

O jornal foi bastante feliz na sua colocação, pois consegue definir muito bem o que parece ser, aos olhos de um observador ocidental, o fim de sua hegemonia em termos de exclusividade na posse da bomba atômica. A palavra pânico, usada na notícia, não deve ser considerada exagerada, pois os anticomunistas tem se mostrado, até então, bastante radicais.

O jornal *Última Hora* se posiciona como um defensor da legalidade, contudo suas notícias chamam a atenção por destacarem apoios de sindicatos, estudantes, professores,

---

<sup>45</sup> Truste: Sindicato de especuladores para suprimir a concorrência e impor os preços; monopólio. Açambarcamento. Cf. Luft, Celso Pedro. Minidicionário Luft, São Paulo, Ática, 2000

políticos. Um exemplo do que estamos afirmando, se encontra na página 6 do dia 2 de setembro de 1961, com um enorme título que se destaca “Caxias mobilizou 8 mil voluntários”. Abaixo desta grande chamada, ao longo da página, há pequenos subtítulos, como observamos:

“Intensa atividade” – “Comício Monstro” – “Voluntários: exames médicos” – “Lei seca - dificuldades de verbas” – “Secundaristas voltam as aulas” – “Novo Hamburgo: Indústria enfrenta falta de numerário” – “Escassez de gêneros: armazéns podem suprir” – “São Leopoldo: Retrato de Jango na Prefeitura” – “Rio-Grandinos querem defesa da costa” – “Radio-técnicos com a legalidade” – “Mensagem dos professores” – “Viagens aéreas para Pelotas paralisadas” – “Continua mobilização” – “Avião da FAB Lança Panfletos” – “Emissora da legalidade no ar” – “Política externa independente” – “Batalhão transviário dirige-se a Jango” - “orla marítima saúda Jango” – “Energia arregimenta interior do Estado” – “São Leopoldo: CRD Pleno funcionamento” – “Sindicato da energia: alistados todos os números” – “Novo Hamburgo na linha de frente” – “Santa Maria: Comando Sindical Reúne com General Bevilacqua” – “Carnaval à chegada de Jango” – “Recife: greve a qualquer momento” – “Marítimos em greve pela posse de Jango”. Todos estes sub-títulos apontam para movimentos em favor de João Goulart na presidência da República. Os demais jornais estudados também fizeram menção a greves e manifestações populares à favor de Jango, contudo sem tanta ênfase. O jornal em questão publicou, durante todo o período da legalidade, pequenas notícias semelhantes a estas citadas. O estilo do jornal é de publicar pequenas notas e, durante o Movimento da Legalidade, o jornal procurou cobrir ao máximo todo tipo de apoio.

Diante do exposto, podemos concluir que João Goulart está sendo barrado pelos militares por ser considerado muito esquerdista, por ter se aproximado dos sindicatos ainda como ministro, entretanto as greves das associações de operários e estudantes, a divulgação das mesmas, mesmo que para demonstrar o apoio a Jango, somente serve para confirmar junto aos anticomunistas os tipos de apoios que o futuro presidente possui.

O Movimento da Legalidade foi um movimento que mobilizou o país e, ao observarmos o trabalho desenvolvido pela imprensa escrita, podemos afirmar que todos os jornais estudados apoiaram a legalidade em função de estarem sustentados na Constituição. No Rio Grande do Sul a unanimidade em relação à questão constitucional é indiscutível e não haveria espaço para posição contrária frente ao movimento que aqui se iniciou. Todos os

jornais temem uma guerra civil, não concordam com a luta entre irmãos. Podemos identificar este pensamento principalmente nos editoriais e também nas matérias publicadas.

Entretanto, os jornais abertamente anticomunistas, não deixaram de expressar a sua postura, principalmente diante de um evento tão importante. A diagramação das páginas dos jornais, a associação de ideias, os artigos anticomunistas, tudo isso compõe a concepção do jornal. A agenda de discussões dos leitores estava estabelecida pela importância do acontecimento que envolveu todo o país e porque os jornais forneceram o máximo de informações aos leitores. Aproveitando que eles estavam sendo muito procurados, diversos textos sobre os perigos do comunismo foram inseridos nos jornais, levando, desta forma, o leitor a pensar sobre o tema. O anticomunismo dos militares ultrapassou os muros dos quartéis e pode ser sentido nas páginas dos jornais, inclusive no jornal *Última Hora*, que discordava enormemente dos militares. O *Última Hora* publicou contestações sobre o pensamento dos militares, nos fornecendo elementos para estas conclusões.

Os recentes eventos sobre Cuba e o Muro de Berlim estão muito vivos nas mentes da população e alimentaram o imaginário anticomunista no Brasil. Questões como a proteção da família, o temor em relação aos comunistas, o medo de transformar o Brasil numa Cuba e a infiltração comunista, pontuaram os jornais e foram a tônica dos discursos. A Guerra Fria transpareceu nas discussões quando os russos acusaram os EUA de estarem por trás do que acontecia no Brasil e os americanos se defenderam de tais acusações. O apoio de Fidel Castro ao Brasil sendo usado como forma de acusar Jânio de esquerdista e minar o Movimento da Legalidade, tanto que Brizola teve que se dirigir a imprensa e declarar publicamente que o Movimento da Legalidade era um movimento nacional e não participava da Guerra Fria.

## 6 - Considerações Finais

Na análise dos jornais, além de observarmos a forma como se expressavam a respeito dos Soviéticos, de Fidel Castro, Kruchev e o comunismo, também percebemos e procuramos destacar as diagramações e montagens feitas pelos jornais. Identificamos as articulações montadas no espaço gráfico, na página, nas associações de ideias com títulos de duplo sentido, as charges e a distribuição das notícias pelo corpo do jornal, tudo isso visando chamar a atenção para as construções simbólicas feitas pelos jornais.

Após analisarmos detidamente as fontes, avaliando os textos e a composição das páginas dos jornais, foi possível chegar a algumas conclusões que foram sendo esboçadas ao longo dos capítulos. Em muitos momentos das leituras, encontramos textos em que a intenção do jornal estava manifestada, explicitada. Já em outros casos, somente avaliando o conjunto de elementos que compunham a mensagem - o texto, diagramação de página e fotografia - foi possível uma análise. Isso é o que Moraes (2007) chamada de leitura do latente ou implícita. Este tipo de leitura, mais exigente e aprofundada, foi feita nestas fontes.

Através do estudo do conjunto de mecanismos impressos, utilizados no combate ao comunismo, foi possível compreender como, neste período, o tema foi trabalhado. Segundo Philippe Áries (1998, p. 169), “o historiador busca as chaves das estratégias comunitárias, dos sistemas de valor, das organizações coletivas, isto é, de todas as condutas que constituem uma cultura rural e urbana, popular ou elitista.”. Como historiadores, nosso propósito consistiu exatamente na busca das “chaves das estratégias” estabelecidas pelos jornais para falarem sobre comunismo e anticomunismo para seus leitores. Tomando por base a teoria do agendamento, é possível afirmar que estas estratégias tenham levado o pensamento das corporações jornalísticas a respeito do comunismo à população e, desta forma, contribuído na discussão dos conceitos a respeito do comunismo.

A partir do uso da análise textual discursiva foi possível compreender um pouco melhor o universo midiático. Desconstruímos e reconstruímos os textos, fizemos interpretações e estabelecemos o nosso metatexto. Como historiadores, estamos conscientes que este trabalho está sujeito a múltiplos fatores que incluem a própria subjetividade do pesquisador. O Jornal, na função de informar, preocupa-se em também construir uma ideia, um conceito que lhe é próprio e faz parte da política da empresa. Os discursos, como já afirmamos, devem estar inseridos no contexto sócio-histórico para fazerem sentido aos



leitores. Como demonstramos no capítulo sobre a invasão da Baía dos Porcos, ou no caso da crise dos mísseis, Fidel Castro, por exemplo, foi apontado como a grande ameaça para a América Latina, pois estaria aliado aos Russos. Ele seria a personificação do mal. Estaria permitindo a infiltração dos comunistas na América Latina através de Cuba. *Correio do Povo* e *Diário de Notícias* transmitiram, diariamente, este tipo de informação durante todo o processo de divulgação da Invasão da Baía dos Porcos. O anticomunismo manifesta, neste caso, aquilo que Silva (2001, p. 34) afirma sobre os jornais:

É possível pensar que os jornais fossem um espaço para efetivos debates ideológicos, e que em verdade, os debatedores defendiam interesses específicos, de manutenção de certos estratos sociais no poder, configurando-se uma questão ideológica.

Concordamos com a observação de Silva (2001), em função da análise que fizemos nos jornais e, pudemos perceber que, enquanto dois jornais eram francamente anticomunistas, o terceiro jornal procurava trabalhar no sentido contrário, por vezes, em completa oposição.

Baczko(1985, p. 311) afirma que: “O imaginário social torna-se inteligível e comunicável através da produção dos ‘discursos’ nos quais se efectua a reunião das representações colectivas numa linguagem”. Os jornais, *Correio do Povo* e *Diário de Notícias*, produziram uma série de discursos sobre o perigo comunista, onde cada um destes discursos apresentou uma face deste perigo, identificadas através das categorias de análise. Assim, pode se afirmar que contribuíram para difusão do imaginário negativo sobre os comunistas.

No seu agir diário, os jornais passaram a transmitir, através de suas publicações, seus valores e conceitos sobre o comunismo confirmando o que o Lage (2001) afirma sobre os juízos serem aceitos por força do hábito. Segundo Baczko, (1985, p. 311)

A potência unificadora dos imaginários sociais é assegurada pela fusão entre verdade e normatividade, informações e valores, que se opera no e por meio do simbolismo. Com efeito, o imaginário social informa acerca da realidade, ao mesmo tempo que constitui um apelo à ação, um apelo a comportar-se de determinada maneira.

Tomando por base a afirmação de Baczko, podemos afirmar que os jornais trabalharam de forma a fundir a verdade, normatividade, informações e valores. Cada um na sua linha de trabalho. Outro autor de colabora com a ideia de construção do imaginário na mídia é Arbex Júnior<sup>46</sup> (2003). Para ele os jornais realizam:

Um longo e “suave” processo de sedimentação de valores que acabam constituindo uma determinada percepção de como as coisas deve ser no mundo. Ela é parte constitutiva do processo de construção e domesticação do imaginário coletivo levado a cabo pelas corporações da mídia. (2003, p. 46)

Segundo este autor, a população formada por analfabetos e semianalfabetos obtém informações quase que exclusivamente pela mídia. A população adquire sua formação cultural precariamente ao longo dos séculos, estabelecida por uma cultura escravista e sucessivas ditaduras, portanto, é suscetível a estas modulações da mídia. Todos os jornais estudados agiram no sentido da sedimentação de valores, construção de conceitos pró ou contrários ao comunismo.

Segundo o Nilson Lage (2001, p. 76), no texto da notícia são feitas algumas construções que servem para manter e preservar ideais:

O mito como unidade do discurso: signo lingüístico apropriado para significar outra coisa, de modo que instaura uma duplicidade de entendimentos, inocenta as violações à regra social e a mantém viva ainda quando desmentida pelos fatos. (LAGE, 2001, p. 76)

O comunista é simbolizado como um ser que se infiltra sem ser percebido e destrói tudo que toca. Esta representação foi perceptível nas entrelinhas dos jornais. Referências à traição, ao esfacelamento da família, desrespeito as religiões, desejo de guerra foram alguns dos aspectos identificados ao longo das leituras. Mesmo não havendo no seio da sociedade um inimigo a ser acusado, a simples existência de uma potência, cujo regime é o comunismo, bastou para que os jornais explorassem os medos, os fantasmas da população em relação ao comunismo. Se o que o jornal produz faz sentido, então a tendência do leitor é aceitar e, nesse caso, a soma dessas aceitações levará a uma hegemonia de conceitos entre leitor e meio de

---

<sup>46</sup> ARBEX JÚNIOR, José. O Jornalismo Canalha: a promíscua relação entre a mídia e o poder – São Paulo: Editora Casa Amarela, 2003.

comunicação. Caso o tema seja repetido inúmeras vezes, passará para a “categoria das verdades”. Quando mais de um jornal escreve sobre o mesmo tema com a mesma tendência ideológica, é possível supor que, a gama de leitores que os dois jornais alcançam juntos, é o suficiente para constituir-se em “verdades”. Nesse sentido, *Correio do Povo* e *Diário de Notícias* trabalharam juntos no combate ao comunismo. Rememorando as informações contidas na tabela do IBOPE sobre o alcance dos jornais, no capítulo 1, temos a abrangência dos jornais por classe social. Neste caso, podemos observar que esses dois jornais alcançam todas as classes sociais, mas, principalmente, as classes A, B, C com índices bastantes relevantes. O jornal *Última Hora* também atinge essas classes, porém, num grau muito inferior se considerarmos o somatório dos dois juntos, *Correio do Povo* e *Diário de Notícias*. Os jornais anticomunistas foram bastante incisivos nas suas argumentações, eram em maior número e alcançavam um maior número de leitores. Também neste trabalho foi possível identificar que o *Correio do Povo*, que sempre foi conhecido pelo seu jargão de fundação que é “*sempre dizer a verdade e ser apolítico*”, no afã de defender sua postura ideológica posicionou-se contrário ao comunismo, abrindo mão do seu conhecido jargão. Durante os eventos da Crise dos Mísseis e da invasão da Baía dos Porcos, o jornal procurou trabalhar reforçando o imaginário social anticomunista, afirmando, no contexto de suas matérias, que o comunismo é ruim, totalitário, que alimenta o ódio e deseja a guerra. Transmitindo aos leitores que deveriam resistir a ele, informando nas notícias opinativas ou construindo uma diagramação de página nas notícias informativas que levasse o leitor a uma associação sobre os malefícios do comunismo. Trabalhou seus discursos principalmente sobre três eixos, sendo eles: o comunismo é imposto às pessoas; o comunismo está vinculado ao totalitarismo, à falta de liberdade; e o comunismo é oposto à propriedade privada, destrói a família e as tradições.

Já o *Diário de Notícias* não tinha o jargão do *Correio do Povo* e era conhecido como um jornal que se posicionava politicamente contrário ao comunismo. Este cumpriu seu papel e se posicionou francamente contra o comunismo. Em suas matérias era possível perceber o sentido de demonstrar ao leitor os malefícios do comunismo. Tanto quanto o *Correio do Povo*, o *Diário de Notícias* publicou matérias opinativas, diagramou o jornal de forma a transmitir ao leitor a mensagem de oposição ao comunismo. O *Diário* trabalhou intensamente os temas sobre a importância de se combater o comunismo e o apresentou aos seus leitores como algo traiçoeiro, que é imposto ao povo. Também associou esse sistema ao totalitarismo, a falta de liberdade. O jornal não deixou de apresentar o comunismo como algo ruim em oposição ao bem e também aproveitou o ensejo para opor o comunismo às questões de família e religião.

Entretanto, o jornal *Última Hora* foi o contraponto dos jornais apresentou a outra face dos processos que envolveram a discussão do comunismo. Discutiu os mesmos fatos sob uma ótica diferente, menos avessa ao comunismo e mais preocupada em minimizar aquilo que os demais jornais apontavam como ruim. É perceptível, nas páginas do jornal *Última Hora*, uma simpatia pela causa socialista. Trataremos a seguir destas questões que estamos afirmando.

No caso da Invasão da Baía dos Porcos, o *Correio do Povo*, por exemplo, enfocou o fuzilamento dos prisioneiros e o apelo internacional para que Fidel Castro parasse com o que parecia ser uma carnificina aos olhos do ocidente não comunista. O *Diário de Notícias* também teve a mesma preocupação em divulgar os fuzilamentos dando ênfase para a traição e para o fuzilamento de um amigo de Fidel que fora companheiro de luta, e que, por discordar da sua política, havia sido caçado e fuzilado. Estes dois jornais demonstram, assim, o lado cruel e desumano do comunismo. Entretanto, o jornal *Última Hora*, sobre o mesmo tema dos fuzilamentos, publica que Fidel Castro faz uma consulta popular sobre o caso e isenta o Primeiro Ministro de Cuba da responsabilidade, afirmando que os fuzilamentos são uma exigência do povo que deseja justiça depois de tanta luta e grita “Paredon”. Assim, o jornal *Última Hora* demonstra sua total oposição aos pontos de vista dos demais jornais, apresenta uma Ilha que vem lutando contra a opressão dos Estados Unidos há muito tempo. Este jornal é o único jornal que se lembra da história de Cuba desde a sua independência e faz referência a exploração capitalista que havia em Cuba.

Já no processo de análise da Crise dos mísseis, percebemos que o anticomunismo foi muito mais acirrado. Os jornais *Correio do Povo* e *Diário de Notícias*, a cada dia, demonstraram aos leitores que o perigo para existência da raça humana vinha do lado comunista. A situação apresentada mostrava aos leitores que os russos eram expansionistas e pretendiam tomar a América Latina usando Cuba como “cabeça de ponte”. A imagem de Kennedy foi mostrada como o grande defensor da América Latina, sendo Fidel Castro a personificação do mal. Foi através da instalação de Mísseis nucleares em Cuba que o prenúncio de explosão de bombas nucleares, ameaçando a existência da raça humana, se tornou real. Estes jornais não mediram esforços em apresentar a belicosidade dos soviéticos, publicando fotos de navios que supostamente transportariam armas. Na diagramação das páginas dos jornais, com associação de fotografias e títulos com letras em destaque, foram usados para convencer o leitor daquilo que estava sendo explicitado nas mensagens. Sempre que o *Correio do Povo* e o *Diário de Notícias* faziam referência ao lado comunista, Kruchev, Fidel Castro ou qualquer país comunista, estava associado a esta referência, algum elemento

que reportava às categorias de análise, tais como, o comunismo totalitário em oposição à democracia. Também, durante a divulgação das notícias referentes ao evento, percebemos que a postura defendida por Kennan: a política de contenção transpareceu nas páginas destes jornais. Identificamos que, de acordo com os jornais, somente com um poderio bélico igual ou superior ao da União Soviética, os EUA poderiam manter o equilíbrio e evitar a guerra. Nesses jornais anticomunistas, é perceptível a importância do poderio Bélico dos EUA para conter a expansão dos comunistas.

Em se tratando de tema nacional temos uma grata surpresa. Após a renúncia de Jânio Quadros, os jornais aproveitaram para acusar a política externa independente como a causa de tal ato. A condecoração de Guevara foi a primeira causa apontada, seguida da política de aproximação comercial com os russos. O anticomunismo transparece, também, quando o jornal publica o apoio de Fidel Castro ao Movimento da Legalidade, sem explicar adequadamente que este apoio é devido ao fato do Brasil ter defendido a autodeterminação dos povos, quando houve a Invasão da Baía dos Porcos. Contudo, os três jornais foram unânimes em defender que o Congresso Nacional cumprisse a Constituição. Apesar de serem jornais conservadores, nenhum acusou Jango de ser um comunista. Entretanto, pudemos perceber que a defesa da Constituição não significava apoio irrestrito a Jango. Significava apenas que os jornais compreendiam que o desrespeito às leis do país abriria uma brecha muito grande para a instalação de uma ditadura, coisa que ninguém desejava. Jango não deixou de ser visto pelos jornais conservadores como uma pessoa mais à esquerda, que seguiria a política externa de Jânio Quadros, mas, o respeito à Constituição, era muito mais importante que qualquer posicionamento político de Jango. Nesse sentido, todos apoiaram o Movimento da Legalidade, visando unicamente o cumprimento da Constituição.

Assim, segundo a proposta de Moraes, usando o método intuitivo e demonstrando os processos que os jornais realizaram, podemos afirmar que o *Correio do Povo* e *Diário de Notícias* são anticomunistas e trabalharam difundindo suas ideias ao público leitor

Avaliando os textos e as construções que os jornais fizeram, foi possível identificar e destacar as categorias de análise selecionadas ao longo deste processo. Os textos e suas composições, por serem discursos que, de um modo geral, são carregados de dimensões valorativas, conduzem o leitor a um determinado juízo de valor. Assim, temas, como a associação do comunismo à violência e à guerra, foram uma constante. Também as questões relativas a traição, divisão das famílias, proibição da propriedade privada, são elementos que

havíamos percebido ao fazermos a leitura flutuante, superficial dos textos, mas que ao analisarmos mais detidamente se confirmaram.

A mídia tem influência na sociedade, a teoria do agendamento é uma prova de que os temas não são ignorados pela população, principalmente por serem temas de grande importância e por estarem em todos os jornais. Neste caso, é possível inferir que o anticomunismo foi discutido na sociedade juntamente com os fatos que envolviam e provocavam as discussões. Também podemos afirmar que os analfabetos não ficaram alheios aos acontecimentos, no caso de Porto Alegre. Se considerarmos que estes jornais faziam parte de companhias jornalísticas que possuíam rádios, e que estas reproduziam as suas matérias, é de se pensar que os analfabetos foram alcançados pelas informações. Podemos supor que a postura do jornal *Última Hora* ficou restrita ao seu público leitor e a eventuais discussões que levassem as informações para fora deste âmbito, uma vez que não dispunha de uma rádio para transmitir seus posicionamentos.

## BIBLIOGRAFIA

ABRAMO, Perseu. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Ed. Perseu Abramo, 2003.

ABREU, João Batista de. *As manobras da Informação: análise da cobertura jornalística da luta armada no Brasil (1965/1979)* – Rio de Janeiro, Niterói: EdUFF; 2000.

ANCONI, Eliane. *Antecedentes Históricos de uma revolução anunciada*. In: *Revolução Cubana: História e Problemas atuais*. Osvaldo Coggiola (org) – São Paulo, SP: Ed. Xamã, 1998

ANTONINI, Eliana Pibernat. *Para dizer da cultura e das práticas significantes*. In: *Cultura midiática e tecnologias do imaginário: metodologias e pesquisas*. Escosteguy, Ana Carolina (org.) – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005

ANTUNES, Ricardo L. C. *O que é sindicalismo*. Coleção Primeiros Passos, São Paulo, SP, Editora Brasiliense, 1980.

ARBEX JUNIOR, José. *Showrnlismo a notícia como espetáculo* – São Paulo: Casa Amarela, 2<sup>a</sup> ed., 2002

ARÓSTEGUI, J; BUCHRUCKER, C e SABORIDO, J. *El Mundo Contemporâneo: História y Problemas*. Ed Biblos, BBAA; Crítica, Barcelona, 2001. pg. 523.

BACZKO, Bronislaw. *Imaginação Social* In: *Enciclopédia Einaudi, V.5 Antropos-homem*, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985.

BAHIA, Juarez. *Jornal História e Técnica*. São Paulo: Livraria Martins Editôra, 1967

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz . *O governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil, 1961-1964*. 7<sup>a</sup> ed. Revista e ampliada. Rio de Janeiro: Revan; Brasília, DF: Ed.UNB, 2001.

BANDERA, Vinicius. *Debate econômico do anos 60*. In: *Revolução cubana: história e problemas atuais*. Osvaldo Coggiola (org.) – São Paulo: Xamã, 1998.

BARBOSA Filho, André. *Gêneros Radiofônicos: os formatos e os programas em áudio*. São Paulo: Paulinas, 2003- (Coleção comunicação-estudos)

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977.

BARROS, Jefferson. *Golpe Mata Jornal: desafios de um tablóide popular numa sociedade conservadora*. Porto Alegre, RS: Já Editores, 1999.

BEDESCHI, Giuseppe. *Comunismo*. in: BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. 11ª Ed. Brasília: Editora da UNB, São Paulo: Imprensa oficial do Estado, 2000 – Vol 1

BELTRÃO, Luiz, *Jornalismo Interpretativo*. Porto Alegre: Sulina, 1976.

\_\_\_\_\_, *Jornalismo Opinativo*. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BERGER, Peter I. *A Construção Social da realidade: Tratado de sociologia do conhecimento*; Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1976.

BIELSCHOWSKY, Ricardo. *Pensamento Econômico Brasileiro 1930-1964*, 1988

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. 11ª edição, Brasília: Editora da UNB, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000 (Vol. 1 e 2)

BONET, Luciano, *Anticomunismo*, in: BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. 11ª Ed. Brasília: Editora da UNB, São Paulo: Imprensa oficial do Estado, 2000 – Vol 1

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão, seguido de: A influência do jornalismo e os Jogos Olímpicos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BRAYNER, Natália Guerra & Magalhães, Nancy Alessio. *Impactos da história de Brasília*. In: Costa, Cléria Botelho da & Magalhães, Nancy Alessio *Contar história, fazer história - História, cultura e memória*. Paralelo 15 editores, Brasília, DF. 2001.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. *Desenvolvimento e Crise no Brasil*, São Paulo Ed. 34, 2003.



BURKE, Peter. *A escrita da História: Novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

\_\_\_\_\_. Uma história social do conhecimento: de Gutemberg a Diderot. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003.

CAPARELLI, Sergio. *Comunicação de Massa sem massa*. São Paulo: Summus, 1986

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *A imprensa na história do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CASALECCHI, José Ênio. *O Brasil de 1945 ao golpe militar*. São Paulo: Contexto, 2002

CHAUÍ, Marilena de Souza. *O que é Ideologia?* – 2ª ed. rev. e ampliada. São Paulo: Brasiliense, 2001.

CHILCOTE, Ronald H. *O partido comunista Brasileiro*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982

COLTON, J. & R PALMER. *História Contemporânea*. Madri, Akal Editor, 1980.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. *Pesquisa Histórica e análise de conteúdo: pertinência e possibilidades*. In: Estudos Ibero-Americanos. Porto Alegre: PUCRS, V XXVIII, N. 1, junho de 2002.

COSTA, Cléria Botelho da & Magalhães, Nancy Alessio. *Contar História, cultura e memória*. 2001, Paralelo 15 editores, Brasília, DF.

DANTON, Jobin. *Espírito do jornalismo*. São Pulo: Edusp.Comp-Arte, 1992.

DARNTON, Robert. *História da Leitura*. In: Burke, Peter (org). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

\_\_\_\_\_. *O beijo de Lamourette*, Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DE FLEUR, Melvin L.. *Teorias de Comunicação de Massa*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1971.

DE GRANDI, Celito. *Loureiro da Silva: O charrua*. Porto Alegre: Literalis, 2002.

DEUTSCHER, Isaac. *Mitos da Guerra Fria*. In: Horowitz, David (org.) *Revolução e Repressão*. Zahar Editores, Rio de Janeiro, RJ.1969.

DINES, Alberto. *O papel do Jornal: Tendência da Comunicação e do jornalismo no mundo em crise*. Rio de Janeiro: Ed. Artenova, 1974.

DOCKHORN, Gilvan Veiga. *Quando a ordem é segurança e o progresso é desenvolvimento (1964-1974)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

DULLES, Jonh W.F. *Anarquistas e Comunistas no Brasil, 1900-1935*; Tradução de César Parreiras Horta. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977.

DUTRA, Eliana de Freitas. *O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. *Cultura midiática e tecnologias do imaginário: metodologias e pesquisas*. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2005.

ESCOSTEGUY, Jorge. *Cuba hoje: 20 anos de revolução*. São Paulo: Ed. Alfa-Omega. 1979.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 10 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002

FERREIRA, Marieta de Moraes (coordenação). *João Goulart: entre a memória e a história – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006*

FERREIRA, José Roberto Martins. *Os novos bárbaros: análise do discurso anticomunista do Exército brasileiro*. São Paulo: PUCSP, 1986. Mestrado em Ciências Sociais.

FLORES, Onici. *A leitura da charge*. Canoas: Ed. ULBRA, 2002.

FONSECA, Joaquim da, *Caricatura: a imagem gráfica do humor*, Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999

FRANÇA, Vera Regina Veiga, *Construção Jornalística e dizer social* in: Sérgio Dayrell Porto (org) *O Jornal: da forma ao sentido*.– 2.ed. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

GALVANI, Walter. *Olha a Folha: Amor, traição e morte de um jornal*. Porto Alegre: Sulina, 1996.

GALVANI, Walter. *Um século de poder: os bastidores da Caldas Júnior*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

GARCIA, Nelson Jahr. *O que é propaganda ideológica*, Ed. Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1989, São Paulo, SP.

GOMES, Ângela de Castro. *Memórias em disputa: Jango, ministro do trabalho ou dos trabalhadores?* In: *João Goulart: entre a memória e a história* – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006

GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas*. Porto Alegre, Editora Ática, 1998.

GUARESCHI, Pedrinho A. (org) *Os construtores da informação: meios de comunicação, ideologia e ética*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_ *Comunicação e Poder: a presença e o papel dos meios de comunicação de massa estrangeiros na América latina*. Petrópolis: Vozes, 1983.

GUERCIO, Maria Rita e Carvalho, Dorisney. *Revolução cubana histórias e problemas*. In: *Revolução cubana: história e problemas atuais*. Osvaldo Coggiola (org.) – São Paulo: Xamã, 1998.

GUIMARAENS, Rafael. Porto Alegre, agosto de 61. Porto Alegre, Editora Libretos, 2001.

HAFFNER, Jacqueline Angélica Hernandez. *A Cepal e a industrialização brasileira (1950-1961)* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002

HALLIDAY, Fred. *Repensando as Relações Internacionais*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1999.

HART, Armando. *Revolução e progresso cultural*. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986.

HAUSSEN, Dóris. O poder de mobilização do rádio. In: Meditsch (org) *Radio e Pânico: a guerra dos mundos, 60 anos depois*. Florianópolis: Insular, 1998

HEIN, L. Lothar C., *Guerra Fria Conceitos e problemas*. In: *Revista do núcleo de Estudos Contemporâneos da UFF*; Artigo. <http://www.historia.uff.br/nec/textos/text10.pdf>; acesso 30/09/2008

HOBSBAWM, Eric. J. *Era dos Extremos*, São Paulo :Cia. Das Letras, 1995.

HOHLFELDT, Antonio e BUCKUP, Carolina. *Última Hora: populismo nacionalista nas páginas de um jornal*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

HOVLAND, Carl I. in: STEINBERG, Charles S. (org). *Meios de Comunicação de Massa* . São Paulo: Editora Cultrix, 1970

<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/iq171020018.htm>, acessado em 06/07/2007

<http://www.associados.com/> acessado em 12/07/2007

<http://www.bn.com.br/radios-antigos/transcom.htm>, acessado em 06/07/2007.

<http://www.ipeadata.gov.br/ipeaweb.dll> acessado em 28 de agosto de 2007.

<http://www.pcb.org.br/index.html> - Acesso em fevereiro de 2007.

<http://www.terra.com.br/istoe/biblioteca/brasileiro/comunicacao/comunicacao02.htm>, acesso em 28/06/07

<http://www2.camara.gov.br/internet/legislacao/> - Acessado em 11/02/2009.

JAMBEIRO, Othon (org). *Tempos de Vargas: O radio e o controle da informação*. Salvador: EDUFBA, 2004

JOBIM, Danton. *Espírito do Jornalismo*. São Paulo: Edusp: Com-Arte, 1992.

KENNAN, George. Las fuentes de La conducta soviética: por X, Foreign Affair. Em Espanol, [HTTP://www.foreignaffairs-esp.org/](http://www.foreignaffairs-esp.org/) acessado em 30/11/2006 e 01/10/2008.

KOSSOY, Boris. O relógio de Hiroshima: reflexões sobre os diálogos e silêncios das imagens. In *Revista Brasileira de História: História e manifestações visuais*. ANPUH, Vol. 25, nº 49, Jan-Jun, 2005.

LAGE, Nilson. *Ideologia e técnica da notícia*. Florianópolis: Insular, Ed. Da UFSC, 2001. 3ª Edição

LOPEZ, Luiz Roberto. *João Goulart*. 2ª ed. Porto Alegre: IEL, 1996.

MACHADO, José Antônio Pinheiro. *Meio Século de Correio do Povo: Glória e agonia de um grande jornal*. Porto Alegre: L&PM Editores S/A

MARQUES, Adhemar Martins, BERUTTI, Flávio Costa, FARIA, Ricardo de Moura. *História do tempo presente*. São Paulo: Contexto, 2003.

MCLUHAN Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Editora Cultrix São Paulo, 1974

MEDINA, Cremilda. *Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial*. 2.ed. São Paulo: Summus, 1988

MEDITSCH, Eduardo (org). *Teorias do Radio*. Florianópolis: Insular, 2005.

MELO, José Marques. *A opinião no Jornalismo Brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985.

MOLINARI FILHO, Germano. *Controle ideológico e imprensa: o anticomunismo n'O Estado de São Paulo (1930-1937)*. São Paulo: PUCSP, 1992. Dissertação de Mestrado em História

MONTEIRO, Charles. Porto Alegre no século XX: crescimento urbano e mudanças sociais, in: Dornelles, Beatriz (org.), Porto Alegre em destaque: História e Cultura, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004

MORAES, Roque e GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise Textual Discursiva. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt, HAGEN, Acácia Maria Maduro (orgs) *Sobre a rua e outros lugares: Reinventando Porto Alegre*. Porto Alegre: Caixa Econômica Federal, 1995

MOREIRA, Sonia Virginia. *O Radio no Brasil*. Rio de Janeiro, Rio Fundo ed., 1991.

MORIN, Violette, *Aplicação de um método de análise da imprensa a viagem de Khrouchev à França*, In: Revista “Communications” nº 1. Centre d’Etudes des Communications de Masse. Paris: 1960. , publicado pela Série Jornalismo e Editoração

MOTTA, Luiz Gonzaga. Teoria da Notícia: As relações entre o real e o simbólico. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (orgs). *O Jornal: da forma ao sentido*.– 2.ed. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002,

MOTTER, Maria Lourdes. *História e Imprensa*, In:Revista Comunicações e Artes, Ano 15, no 24 - setembro/dezembro- 1990.

MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (orgs). *O Jornal: da forma ao sentido*.– 2.ed. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002,

NAPOLITANO, Marcos. *O Regime Militar brasileiro: 1964-1985*. São Paulo: Editora Atual, 1998.

NORA, Pierre. O retorno do fato. In: Le Goff, comp. História: novos problemas; Trad. De Theo Santiago. Rio de Janeiro, F. Alves, 1976

OLIVEIRA, Rodrigo, S. “Perante o Tribunal da História” – O Anticomunismo da ação integralista brasileira (1932-1934). Dissertação de mestrado, PUCRS, 2004, pg.50.

PADRÓS, Enrique S., RIBEIRO, Luis Dario, Gertz, René.(orgs) *Segunda Guerra mundial: da crise dos anos 30 ao armagedon*. Porto Alegre: Folha da História/CD-AIB/PRP/ Livraria Palmarinca editora, 2000.

PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e companheiros: história e memória do PCB*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995

PENNACCHI, Andrea. George kennan e a política de contenção da Guerra Fria. <http://sitemason.vanderbilt.edu/files/g77IKQ/Pennacchi%20Andrea.doc> acessado em 01/10/2008.

PESAVENTO, Sandra J. *Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário*. In: Revista Brasileira de História – ANPUH, Ed. Contexto, Vol.15, nº 29, São Paulo-SP, 1995.

PINHEIRO, Luiz Adolfo. *JK, Jânio e Jango: três jotas que abalaram o Brasil*. Brasília : Letrativa, 2001.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *A revolução faltou ao encontro: os comunistas no Brasil*. 2<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

RIBEIRO Ana Paula Goulart, *Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950*. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n- 31, 2003, p.147-160

RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: Editora da UNESP, 1993.

RODEGHERO, Carla Simone. *O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)*. Passo Fundo: EDIUPF, 1998.

\_\_\_\_\_. *Rindo do inimigo: o riso e o combate católico ao comunismo*. In: Anos 90 . Revista do programa de pós-graduação em história.UFRGS., n. 12, Porto Alegre: Gráfica pallotti, dez. 1999.

RODRIGUES, Adriano Duarte. *Delimitação, Natureza e Funções do Discurso Midiático*. In: PORTO, Sérgio Dayrell e MOUILLAUD, Maurice (org), *O Jornal da forma ao sentido*– 2.ed. 2002, Brasília: Editora Universidade de Brasília.

RUDIGER, Francisco Ricardo. *Tendências do Jornalismo* – 3 ed. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2003.

SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. Em guarda contra o 'perigo vermelho': o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva:FAPESP, 2002.

\_\_\_\_\_. *Jango e o Golpe de 1964 na caricatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ED., 2006

SIKMORE, Thomas E. *Brasil: de Getúlio a Castelo Branco (1930-1964)*, 5ª Ed. Rio de Janeiro, RJ, Ed. Paz e Terra, 1976.

SILVA, Carla Luciana e outros. *Velhos Integralistas: a memória de militantes do Sigma*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2000.

\_\_\_\_\_. *Onda Vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934)* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

SILVA, Hélio. *1964 Golpe ou contragolpe?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

SILVA, Sônia da. *Contributo para uma história das agências Noticiosas Portuguesas*. 2006, <http://www.bocc.ubi.pt/pag/texto.php?html2=silva-sonia-agencias-noticiosas-portugal.html>. Acessado em 20/10/2008.

SILVEIRA, Norberto C. G. *Reportagem da Legalidade – 1961/1991*. Porto Alegre: NS Assessoria em Comunicação LTDA, 1991.

SIMÕES, Josanne Guerra. *Sirênico Canto – Juscelino Kubitschek e a construção de uma imagem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977.

SPINDEL, Arnaldo. *O que é o comunismo*. Coleção primeiros passos, Editora Brasiliense, São Paulo, 1981.

STEIN, Ernildo. *História e ideologia*. 2a ed. Porto Alegre: Edit. Movimento, 1981.

STEINBERG, Charles, e HOVLAND, Carl I. *Meios de Comunicação de Massa*, Ed. Cultrix, São Paulo-SP, 1970



STEPHANOU, Alexandre Ayub. *Censura no Regime militar e militarização das artes*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2004.

THOMÉ, Luis Tougunha. *Na onda do progresso: o papel do Rádio no desenvolvimento do Rio Grande do Sul*. Ed. Alternativa Consultoria. Porto Alegre, 2001.

TORRES, Andréa Sanhudo. *Imprensa: política e cidadania*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

VALENTINA da Rocha Lima, *Problemas metodológicos da historia oral*, Salvador, FGV, CPDOC, mar. 1983. mimeo.

VILLA, Marco Antonio. *JANGO: um perfil (1945-1964)* São Paulo, Editora Globo, 2004.

VILLALOBOS, Marco Antônio Vargas. *A Guerrilha do Riso: Carlos Nobre x ditadura militar brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000.

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. *Da Guerra Fria à crise(1945-1989): as relações internacionais do século 20 (terceira parte) – 3 ed. rev. e ampl.* Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1996.

\_\_\_\_\_. *Os dez anos que abalaram o século 20: a política internacional de 1989 a 1999*. Porto Alegre: Novo século, 1999.

WEBER, Regina. *O trabalhador fabril em gestação: depoimentos sobre os anos 30 e 40 no interior do Rio Grande do Sul*. Ijuí : Ed UNIJUÍ, 1998

## **ACERVOS PESQUISADOS**

Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.  
Arquivo Histórico de Porto Alegre Museu Moisés Velinho  
Arquivo Edgard Leuenroth, Centro de Pesquisa e Documentação Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas Universidade Estadual de Campinas.

## **JORNAIS PESQUISADOS**

Correio do Povo  
*Diário de Notícias*  
*Última Hora*